



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais**

**EDGARD DA COSTA FREITAS NETO**

**Redes de Sociabilidade, Redes de Poder: Maçonaria e Diplomacia Track 2 na  
África Francófona**

**SALVADOR - BA**  
**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais**

**EDGARD DA COSTA FREITAS NETO**

**Redes de Sociabilidade, Redes de Poder: Maçonaria e Diplomacia Track 2 na  
África Francófona**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Relações  
Internacionais da Universidade  
Federal da Bahia

**SALVADOR - BA**  
**2019**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FREITAS NETO, EDGARD DA COSTA  
REDES DE SOCIABILIDADE, REDES DE PODER: Maçonaria e  
Diplomacia Track 2 na África Francófona / EDGARD DA  
COSTA FREITAS NETO. -- Salvador, 2019.  
196 f.

Orientador: Daniel Tourinho Peres.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação em  
Relações Internacionais) -- Universidade Federal da  
Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências -  
IHAC, 2019.

1. Diplomacia. 2. Track 2. 3. Maçonaria. 4. Redes  
Sociais. 5. África. I. Peres, Daniel Tourinho. II.  
Título.

**EDGARD DA COSTA FREITAS NETO**

**REDES DE SOCIABILIDADE, REDES DE PODER: MAÇONARIA E  
DIPLOMACIA TRACK 2 NA ÁFRICA FRANCÓFONA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

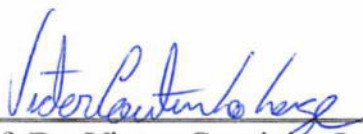
Aprovada em 16 de dezembro de 2019.

**Banca examinadora**



---

Prof. Dr. Daniel Tourinho Peres



---

Prof. Dr. Victor Coutinho Lage



---

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

## DEDICATÓRIA

A

Valentina, minha filha, que nasceu e cresceu junto com este trabalho

Lino Coelho do Valle, meu sogro, o maior “goteira” de São Jorge dos Ilhéus.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Grande Arquiteto do Universo, que me deu a **força** necessária para tentar fazer um trabalho, que entrego com a **beleza** e **sabedoria** que me foram possíveis.

A minha esposa Marina e minha filha Valentina, que suportaram a maior parte do custo emocional deste trabalho: cada minuto dedicado a ele foi um minuto a menos com vocês. E cada minuto longe de vocês foi uma eternidade.

Aos meus pais, Raimundo e Zuleide Freitas, que sempre me apoiaram e incentivaram, e ao meu irmão Arthur, pelas observações críticas em várias discussões. E meus sogros, Lino e Civa que, na parte final da redação, se esforçaram em assegurar para mim um ambiente o mais tranquilo possível para a escrita.

Aos irmãos do Capítulo Itabuna da Ordem DeMolay nº 40 e da Loja Maçônica Fraternidade, Auxílio e Verdade nº 187, junto aos quais, anos atrás, comecei a imaginar esse trabalho.

Aos amigos e conhecidos que de várias formas (que eles mesmos desconhecem!) colaboraram com este trabalho: minha tia Vera Freitas, pela revisão do texto. Fred Moraes, Kaio Abreu, Evelyne Pina, Felipe Côrte-Real, Kenny Ismail, Luiz Barreira, Daniel Kläy, Davi Miranda, Marcos Alberto, Rodrigo Peñaloza, William Almeida de Carvalho, Max Stábile e Rafael Ribeiro, por sempre estarem disponíveis para me ajudar, das mais diversas formas. Agradeço também a Alain Bauer e aos professores Guillermo de los Reyes, Paul Rich, Martha Keith Schuchard e Jessica Harland-Jacobs pela gentileza em esclarecer dúvidas e indicar fontes, e aos membros do *listserv* [freemasonry] pelas discussões. Agradeço imensamente a Cid Póvoas, que me ajudou na confecção dos grafos de rede apresentados neste trabalho. Agradeço ainda a Alexandra Elbakyan, sem cujos esforços este trabalho não teria sido possível.

Aos colegas da Turma 2017 do PPGR1 com quem tive o prazer de conviver e com eles aprender: Stela Ananda, Giselle Amorim, Vitória Moreira, Deuinalom, Tiago Scher, Lucas Lopes, Maria Garcia, Marília Ávila, Adalto Rafael, Bárbara Nunes, Claudia, Leonardo, Raianna e Rodrigo. Os laços formados no curso, sejam eles “fortes” ou “fracos” são sem dúvida permanentes.

Ao meu orientador, prof. Daniel Tourinho, pelas considerações e palavras de apoio e incentivo.

Aos professores do curso, em especial Daniel, Marcos, Sachetta, Denise, Renata, Victor e Elza.

Aos funcionários da instituição, por toda a ajuda.

**Falk:** *Percebes, amigo, que você já é meio franco-maçom? Você reconhece, afinal, que existem verdades que ficam melhores se não ditas.*

**Ernst:** *Sim, mas elas poderiam ser ditas.*

**Falk:** *Ora, só que o sábio não fala daquilo que ele sabe ser melhor não-dito.*

**Gotthold Lessing – Ernst und Falk (1778 – Tradução livre)**

*The Quarries are hotter than Hiram's forge,  
No one is safe from the dog-whip's reach.  
It's mostly snowing up Lebanon gorge,  
And it's always blowing off Joppa beach;  
But once in so often, the messenger brings  
Solomon's mandate: "Forget these things!  
Brother to Beggars and Fellow to Kings,  
Companion of Princes - forget these things!  
Fellow-Craftsmen, forget these things!"*

**Rudyard Kipling – Banquet Night (1926)**

## RESUMO

O presente trabalho busca investigar a possibilidade do uso de redes maçônicas de sociabilidade como elemento de condução de processos de Diplomacia Track 2. A partir de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, a natureza e a operacionalização dos processos Track 2 são apresentadas, seguidas de uma revisão dos mecanismos de funcionamento e análise das redes sociais. As redes maçônicas são estudadas de um modo geral, detalhando-as no contexto da África Francófona. A hipótese de que as redes maçônicas podem ser usadas em iniciativas Track 2 é ao fim confirmada a partir de casos concretos analisados.

Palavras-Chave: Diplomacia Track 2; Redes Sociais; Maçonaria; África; Francofonia.



## **ABSTRACT**

The present work seeks to investigate the possibility of the use of Masonic networks of sociability as a driving element of Diplomacy Track 2 processes. Based on a literature review on the subject, the nature and operation of the Track 2 processes are presented, followed by a review of the functioning mechanisms and analysis of social networks. Masonic networks are studied in general, detailing them in the context of Francophone Africa. The hypothesis that Masonic networks may be useful in Track 2 initiatives is finally confirmed from the concrete cases analyzed.

Keywords: Track 2 Diplomacy; Social Networks; Freemasonry; Africa; Francophone

## **LISTA DE DIAGRAMAS**

DIAGRAMA 1 - Diagrama Sankey detalhando obediências estrangeiras e os países africanos em que mantém lojas (até janeiro de 2019) - 148

DIAGRAMA 2 - Diagrama em constelação com as obediências estrangeiras e os países africanos em que mantém lojas (até janeiro de 2019) - 149

DIAGRAMA 3 - Diagrama em constelação das relações de reconhecimento entre obediências africanas entre si e com europeias (até janeiro de 2019) - 150

## SIGLAS

**ACS** – *American Colonization Society*

**AEF** – *Afrique Equatoriale Française* (África Equatorial Francesa)

**AOF** – *Afrique Occidentale Française* (África Ocidental Francesa)

**CEMAC** – Comunidade Econômica e Monetária da África Central

**CLIPSAS** - *Centre de Liaison et d'Information des Puissances Maçoniques signataires de l'Appel de Strasbourg* (Centro de Ligação e de Informação das Potências Maçônicas Signatárias do Apelo de Estrasburgo)

**CMI** – Confederação Maçônica Interamericana

**CMSB** – Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil

**COMAB** – Confederação Maçônica do Brasil

**CPMAM** – *Conférence des Puissances Maçoniques d'Afrique et de Madagascar* (Conferência das Potências Maçônicas Africanas e de Madagascar)

**CR** – *Compte-Rendu* (Relatório Anual) da Grande Loja da França

**DOM-TOM** - *Départements d'outre-mer et territoires d'outre-mer* (Departamentos e Territórios Ultramarinos Franceses)

**ECOSOC** – *United Nations Economic and Social Council* (Conselho Econômico e Social das Nações Unidas)

**FDP** – *Forces Democratiques et Patriotiques* (Forças Democráticas e Patrióticas – Milícia Cobra)

**GBRB** – *Grand Bénin de la République du Bénin* (Grande Benin da República do Benin)

**GFEQA** – *Groupe Fraternel d'Étude des Questions Africaines* (Grupo Fraternal de Estudo das Questões Africanas)

**GLB** – *Grande Loge du Bénin* (Grande Loja do Benin)

**GLBF** – *Grande Loge du Burkina Faso* (Grande Loja de Burkina Faso)

**GLC** – *Grande Loge du Congo* (Grande Loja do Congo-Brazzaville)

**GLCI** – *Grand Loge de Côte d'Ivoire* (Grande Loja da Costa do Marfim)

**GLdC** – *Grande Loge du Cameroun* (Grande Loja de Camarões)

**GLdM** – *Grand Loge du Maroc* (Grande Loja do Marrocos)

**GLF** – *Grande Loge de France* (Grande Loja da França)

**GLFF** – *Grande Loge Féminine de France* (Grande Loja Feminina da França)

**GLG** – *Grande Loge du Gabon* (Grande Loja do Gabão)

**GLLP** – Grande Loja Legal de Portugal

**GLN** – *Grand Loge du Niger* (Grande Loja do Níger)

**GLNF** – *Grande Loge Nationale Française* (Grande Loja Nacional Francesa)

**GLNG** – *Grand Loge Nationale Guinéenne* (Grande Loja Nacional Guineense [Conakry])

**GLNM** – *Grand Loge Nationale de Madagascar* (Grande Loja Nacional de Madagascar)

**GLNMa** – *Grand Loge Nationale Malienne* (Grande Loja Nacional Malinesa)

**GLNT** – *Grand Loge Nationale Togolaise* (Grande Loja Nacional Togolesa)

**GLRRM** – *Grand Loge Régulière du Royaume du Maroc* (Grande Loja Regular do Reino do Marrocos)

**GLS** – *Grand Loge du Sénégal* (Grande Loja do Senegal)

**GLSG** – *Grande Loge Symbolique du Gabon* (Grande Loja Simbólica do Gabão)

**GLSTM** – *Grand Loge Symbolique et Traditionnelle de Madagascar* (Grande Loja Simbólica e Tradicional de Madagascar)

**GLUC** – Grande Loge du Cameroun

**GLUCam** – *Grande Loge Unie du Cameroun* (Grande Loja Unida de Camarões)

**GLUCI** – *Grand Loge Unie de Côte d'Ivoire* (Grande Loja Unida da Costa do Marfim)

**GLUM** – *Grand Loge Unie du Maroc* (Grande Loja Unida do Marrocos)

**GM** – Grão-Mestre

**GOB** – Grande Oriente do Brasil

**GOC** – *Grande Orient du Congo-Brazzaville* (Grande Oriente do Congo Brazzaville)

**GOdF** – *Grande Orient de France* (Grande Oriente da França)

**GOL** – Grande Oriente Lusitano

**GOLAC** – *Grand Orient et des Loges Associées du Congo* (Grande Oriente e Lojas Associadas do Congo)

**GRM** – *Grand Rite Malgache* (Grão-Rito Malgaxe)

**JB** – *Jahrbuch* (Lista de Lojas reconhecidas pelas Grandes Lojas Unidas da Alemanha [VGLvD])

**LoL** – *List of Lodges* (Lista de Lojas reconhecidas pela Conferência das Grandes Lojas da América do Norte)

**MINURCA** – Missão das Nações Unidas para a República Centro-Africana

**OEA** – Organização dos Estados Americanos

**OMMDH** – *Ordre Maçonnique Mixte le Droit Humain* (Ordem Maçônica Mista Direito Humano)

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**OPEP** – Organização dos Países Produtores de Petróleo

**OTAN** – Organização do Tratado do Atlântico Norte

**PDG** – *Parti Démocratique Gabonaise* (Partido Democrático Gabonês)

**RDC** – República Democrática do Congo (Congo-Kinshasa)

**REAA** – Rito Escocês Antigo e Aceito

**REHFRAM** – *Rencontres Humanistes Fraternelles Africaines et Malgaches* (Reunião das Fraternidades Humanistas Africanas e Malgaxes)

**UA** – União Africana

**UGLE** – *United Grand Lodge of England* (Grande Loja Unida da Inglaterra)

**UNOCI**- Missão das Nações Unidas na Costa do Marfim

**VGLvD** – *Vereinigte Großlogen von Deutschland* (União das Grandes Lojas da Alemanha)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>“<i>TODOS OS HOMENS TÊM DIREITO AOS VOSSOS BONS OFÍCIOS</i>”: UMA INTRODUÇÃO À DIPLOMACIA TRACK TWO</b>	<b>20</b>
2.1	UMA DIPLOMACIA SEM DIPLOMATAS?	20
2.2	A POSIÇÃO DA DIPLOMACIA TRACK 2 PERANTE AS CORRENTES DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS	29
2.3	BASES PRÁTICAS DA DIPLOMACIA TRACK 2	37
2.4	OS AGENTES DE TRACK 2	46
2.5	CONCLUSÕES PRELIMINARES	52
<b>3</b>	<b>“<i>DO PONTO AO SÓLIDO</i>”: A GEOMETRIA DAS REDES SOCIAIS</b>	<b>54</b>
3.1	ELEMENTOS DAS REDES SOCIAIS	55
3.2	O PAPEL DOS “LAÇOS FRACOS”	63
3.3	A ANÁLISE DE REDES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	67
3.4	REDES SOCIAIS E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS	69
3.5	CONCLUSÕES PRELIMINARES	75
<b>4</b>	<b>“<i>UM AMIGO EM CADA NAÇÃO, UMA CASA EM CADA LATITUDE</i>”: A MAÇONARIA COMO REDE TRANSNACIONAL</b>	<b>77</b>
4.1	O QUE É A MAÇONARIA?	80
4.2	BREVE HISTÓRIA DE UMA REDE TRANSNACIONAL	97
4.3	A FORMA DA REDE MAÇÔNICA	101
4.4	CONCLUSÕES PRELIMINARES	113
<b>5</b>	<b>“<i>ESTABILIDADE E FORÇA</i>”: AS REDES MAÇÔNICAS NA ÁFRICA FRANCÓFONA</b>	<b>115</b>
5.1	TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO	115
5.2	REDES MAÇÔNICAS EM UM MUNDO “PROFANO”	122
5.3	A MAÇONARIA NA ÁFRICA FRANCÓFONA	126
5.4	DAS “ÁFRICAS FRANCESAS” À “FRANÇAFRIQUE”...	132
5.5	...E DA “FRANÇAFRIQUE” À “AFRICAFRANCE”	139
5.6	ESTRUTURAÇÃO DA REDE MAÇÔNICA AFRICANA	142
5.7	A REDE MAÇÔNICA EM DUAS SOCIEDADES: GABÃO E CONGO-BRAZZAVILLE	152
5.8	MAÇONS E CONFLITOS NA ÁFRICA FRANCÓFONA	158

5.9	CONCLUSÕES PRELIMINARES	161
6	<b>“OPUS SUPERROGATORUM”: À GUIA DE CONCLUSÃO</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>165</b>
	ANEXO A: LISTA DE ORGANIZAÇÕES MAÇÔNICAS NA ÁFRICA	184
	ANEXO B: LISTA DE OFICIAIS DA GRANDE LOGE DU GABON (2016-2018)	186
	ANEXO C: LISTA DE MEMBROS DO GFEQA (2015)	190
	ANEXO D: LISTA DE GESTORES DE ALGUMAS OBEDIÊNCIAS MAÇÔNICAS AFRICANAS (2014-2017)	192

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO

Em um dia de agosto de 1999 a *Radio France* anunciou que a sede do *Grand Orient de France* (GOdF) iria abrigar uma reunião diferente. Espaço tradicional de reunião de maçons parisienses desde o século XIX, que se reúnem nos seus templos adornados por símbolos esotéricos antigos para praticar rituais seculares, o edifício localizado no número 16 da *Rue Cadet* em Paris serviu de espaço para a negociação entre principais facções envolvidas na Segunda Guerra Civil do Congo<sup>1</sup>, que desde junho de 1997 devastava o país localizado na África Central.

Não seria a primeira vez que a Maçonaria era mencionada em uma tentativa de pacificação do conflito. Na edição de 03 de julho de 1997, o semanário de análise de inteligência *La Lettre Du Continent* relatou a existência de uma ação conjunta de várias organizações maçônicas francesas e africanas para tentar interromper a espiral de violência que, então, principiava.

Sentaram-se à mesa representantes de Pascal Lissouba, de um lado, e de Denis Sassou N’Guesso do outro. Entre eles, representantes de duas organizações maçônicas francesas, o GOdF e a *Grande Loge Nationale Française* (GLNF), organizações maçônicas francesas às quais ambos os líderes eram ligados: Lissouba, membro de uma Loja do GOdF e N’Guesso, Grão-Mestre de uma organização ligada ao GLNF.

Primeiro presidente eleito através de eleições diretas na República do Congo, em 1992, Lissouba aplicara um autogolpe de estado (preemptivo, em suas razões) antes das eleições marcadas para 1997, em que despontava como favorito o ex-presidente General Denis Sassou N’Guesso, que governou o país de 1979 a 1992 (e a quem havia sucedido quando de sua eleição). Milhares de pessoas haviam morrido desde então, vítimas dos combates entre as milícias étnicas “*Ninja*”, leais a Lissouba e apoiadas pela vizinha República Democrática do Congo (RDC), e “*Cobra*”, leais a N’Guesso, estas últimas apoiadas por forças do Chade e Angola e milícias *hutus* de Ruanda.

---

<sup>1</sup> Diante do fato de que existem dois estados chamados “Congo” na África Equatorial, ambos na bacia do rio homônimo – a República do Congo, com capital Brazzaville, e a República *Democrática* do Congo (antigo Zaïre), com capital Kinshasa – nos referiremos doravante ao último como Congo-Kinshasa (ou RDC) e ao primeiro como Congo ou Congo-Brazzaville.



Tal como ocorrera anteriormente com as tentativas de mediação organizadas pela ONU e por países vizinhos, nenhum acordo de paz foi obtido: As tropas de N'Guesso estavam em posição muito vantajosa, em termos materiais e táticos, para que houvesse um diálogo nivelado entre as partes. Ao menos um resultado concreto dali se verificou, entretanto: a libertação, pela milícia Cobra, de seis prisioneiros – três congolese e três franceses – que estavam em vias de ser fuzilados<sup>2</sup>.

A guerra chegou a termo quatro meses depois, com a vitória das forças de N'Guesso, que segue (até 02 de março de 2019) presidente do país, o exílio de Lissouba em Paris e a assinatura de um acordo de paz, ainda que frágil, entre as facções.

O fato de que a Maçonaria possa ter desempenhado um papel – ainda que pequeno – na mediação do conflito levanta uma questão interessante: como uma organização esotérica ocidental, que na maior parte das vezes é vista como uma mera excentricidade de senhores aposentados, pôde desempenhar *algum* papel numa guerra civil africana?

Ainda que aparentemente pequeno, um eventual papel de uma organização como a Maçonaria não pode ser desprezado *a priori* como objeto de estudo no âmbito das Relações Internacionais, desde que se tenha em mente a advertência de Walter Benjamin:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.<sup>3</sup>

Desta forma, acontecimentos aparentemente pequenos do passado podem se revelar de interesse para o pesquisador, na medida em que se encadeiam na construção de fatos reputados maiores e podem servir para iluminar aspectos do presente.

A Maçonaria nunca se constituiu num tópico exatamente popular entre historiadores. Suas menções eram mais frequentes entre apologistas e detratores, os

---

<sup>2</sup> A ocorrência, o objetivo e o resultado da reunião foi atestada em diversas fontes, dentre as quais destacamos: *Lettre du Continent* de 03/07/1997, Wauthier (1997), Bauer (2004), Hugeux & Koch (2008). Em troca de e-mails com o autor em janeiro de 2018, Alain Bauer, ex-Grão-Mestre do GOdF, que estava presente na reunião de 1999, confirmou os fatos em linhas gerais, mas se recusou a revelar detalhes e os nomes dos envolvidos alegando dever de sigilo.

<sup>3</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1993. P.223

primeiros inclinados a ver nela a origem de todas as coisas boas e, os segundos, seu rigoroso oposto<sup>4</sup>. De resto, era ignorada ou mencionada *en passant* como um dado menor numa biografia ou em um evento social. Inseridos em uma sociedade, Maçons e a Maçonaria ou seriam os mestres titereiros dos acontecimentos históricos, ou absolutamente irrelevantes.

Guerras Civis nunca são um assunto exclusivamente interno de um país. Grandes redes de interesses e mercadorias abastecem o conflito com suprimentos de ideias e materiais – às vezes, também de soldados. Parte da população civil atravessa as fronteiras para fora na qualidade de refugiada, e ajuda humanitária internacional – ou tropas - atravessa as fronteiras para dentro. Ou seja, guerras fratricidas até podem ter suas causas mediatas e imediatas localizadas exclusivamente no plano interno: suas *consequências*, entretanto, normalmente atravessam fronteiras. Assim, se certos conflitos podem ser considerados como puramente intestinos, a guerra civil (como uma espécie de conflito) definitivamente não o é.

Neste sentido o senso comum tende à crença de que apenas os Estados, através de seus agentes (políticos, diplomatas ou militares) em missões oficiais, têm capacidade de exercer influência no rumo das coisas, em especial quando o nível de violência estiver mais alto, precisamente por terem a capacidade de agir como “*mediadores com músculos*”, com capacidade de oferecer recompensas ou punições tangíveis para as partes envolvidas diretamente no conflito<sup>5</sup>.

Tanto a doutrina como a práxis no campo das Relações Internacionais, entretanto, vêm reconhecendo o valor da atuação paralela de atores não-estatais nas relações internacionais, especialmente na mediação de conflitos. Esta atuação percorreria um *caminho secundário*, paralelo ao caminho primário percorrido por

---

<sup>4</sup> Dois exemplos sintéticos dessas correntes: o historiador maçônico José Castellani, em sua obra “**A Ação Secreta da Maçonaria na Política Mundial**” (São Paulo: Landmark, 2012) aponta dezenas de episódios anedóticos (muitas vezes sem comprovação histórica) em que maçons (reais ou meramente apontados como tais) tiveram participação, para daí deduzir uma “*participação da Maçonaria*” nesses eventos e, assim, demonstrar suas virtudes; Gustavo Barroso, influenciado largamente pelo discurso anti-maçônico em voga na Alemanha, Itália e Espanha na década de 1930, parte do mesmo método para chegar a conclusões diametralmente opostas. Ver, neste sentido, BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil**. 4 vols. Porto Alegre: Revisão Editora, 1993.

<sup>5</sup> “Mediadores com músculos” são aqueles capazes de exercer poder de recompensar ou de coagir. Cf. CROCKER, Chester; HAMPSON, Fen Olser e Aall, Pamela. **Why mediation matters: ending intractable conflicts**. in BERCOVITCH, J. KREMENYUK, V., ZARTMAN, I (eds). **The SAGE Handbook of Conflict Resolution**. Londres: SAGE, 2009, p. 502

diplomatas, políticos e militares *em missão oficial*<sup>6</sup>. A estes diferentes *caminhos* deu-se o nome de Diplomacia “*Track One*” e “*Track Two*”.

Através dos mecanismos da *Track Two* será possível reconstruir e avaliar como a Maçonaria – aqui tratada em um espectro amplo que envolve não apenas sua faceta estritamente institucional mas também o prestígio de alguns maçons individuais – pôde desempenhar um papel em determinados conflitos no continente africano em especial nas décadas de 1990 e 2000.

A mediação por terceiros no plano dos *meios de resolução pacífica dos conflitos* não é exatamente uma novidade. A doutrina do Direito Internacional Público, por exemplo, reconhece a figura dos “bons ofícios” (*bonnes offices*), que são uma

tentativa amistosa de terceira potência, ou de várias potências, no sentido de levar estados litigantes a se porem de acordo. Podem ser oferecidos, pelo estado ou estados que procuram harmonizar os litigantes, ou podem ser solicitados por qualquer destes ou por ambos.

O estado ou estados que os oferecem ou que aceitam a solicitação de exercê-los não tomam parte direta nas negociações, nem no acordo a que os litigantes possam chegar: sua intervenção visa apenas pôr em contato os litigantes ou colocá-los num terreno neutro, onde possam discutir livremente.<sup>7</sup>

Os doutrinadores do Direito Internacional, entretanto, reconhecem mais semelhanças do que diferenças entre os bons ofícios e a mediação, mas sustentam uma diferença substancial: nesta, o terceiro participaria de modo ativo na tentativa de costura dos termos de um acordo, e não apenas se limitaria a pôr os contendores em contato, como no caso da primeira<sup>8</sup>.

O que se convencionou chamar de Diplomacia *Track Two*, entretanto, não permite uma distinção rígida, categórica entre os institutos, pois não se constitui numa atuação oficial em sentido estrito. A premissa adotada é a de que “*conflitos de interesse, diferenças ideológicas e fatores psicológicos contribuem para a escalada e perpetuação dos conflitos por criarem barreiras para a ocorrência e percepção de*

<sup>6</sup> No contexto do trabalho consideraremos a atuação oficial de Organizações Internacionais como a ONU, OEA, UA, OTAN etc., como parte da diplomacia *Track One*.

<sup>7</sup> ACCIOLY, Hildebrando. **Manual de Direito Internacional Público**. 20ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012. p. 1.166

<sup>8</sup> Cf. ACCIOLY, *op cit*. Na mesma linha: HUSEK, Carlos Roberto. **Curso de Direito Internacional Público**. 11ª ed. São Paulo: LTr, p. 183-184 e SOUZA, Salmo Caetano. A natureza dos bons ofícios e da mediação. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**. v. 104, p. 449-475. 2009

*mudança*”<sup>9</sup>. A remoção ou redução destas barreiras criam novas possibilidades de negociação, e às vezes estas barreiras só podem ser atacadas por caminhos informais.

A hipótese que se formula, aqui, é a de que a Maçonaria, como uma rede transnacional, possui capilaridade suficiente no continente africano, em especial na África centro-ocidental francófona, para que se possa ser considerada como um mecanismo de diplomacia *Track 2*, seja através da instituição, seja através do prestígio pessoal de membros.

A metodologia utilizada consistiu basicamente na revisão bibliográfica sobre as diversas facetas do tema. Além disso, a partir dos dados coletados, foi possível construir diagramas de redes sociais maçônicas, úteis para ilustrar os aspectos presentes da rede.

O **Capítulo 2** consiste numa revisão da chamada Diplomacia *Track 2*. A partir da literatura disponível sobre o tema, foi possível definir *Track 2* como um gênero de atuação oficiosa com intuito de se atingir objetivos de caráter transnacional. Esta atuação pode se dar em conjunto com agentes oficiais e no nível das elites e classes intermediárias (quando se chama *Track 1.5*) ou no nível das bases. Esta atuação pode ter como objetivo o gerenciamento, a resolução ou a transformação de um conflito.

Dentre as características observadas por atores (individuais ou coletivos) em processos *Track 2* se verificou que uma condição necessária para que haja a possibilidade de sucesso é o reconhecimento do valor daquele ator pelos contendores. Um dos caminhos observados é a existência de laços comuns entre os beligerantes e o mediador. Desta maneira, buscou-se no **Capítulo 3** analisar a maneira como as redes sociais se estruturam na formação de laços entre unidades (indivíduos ou organizações), dentro daquilo que se chama “análise de redes sociais”.

A partir dos aportes teóricos seminais de Georg Simmel e de Mark Granovetter, os elementos básicos das redes sociais são, assim, apresentados, demonstrando de que maneira as redes operam como conduítes de informações e valores imateriais, constituindo e sendo constituídas pelas unidades que a compõem.

---

<sup>9</sup> DAVIDSON, William D.; MONTVILLE, Joseph V. Foreign Policy according to Freud. **Foreign Policy**. Nº 45, 1981, p. 155

Uma rede social específica, a Maçonaria, é analisada no **Capítulo 4**. Ainda utilizando-se de elementos de análise sociológica das sociedades secretas de Simmel, é apresentada uma definição e uma história sumária da Maçonaria. Buscou-se limitar o fenômeno maçônico a um tipo de prática social de cunho ritualístico e fraternal com certas características intrínsecas invariáveis e um conjunto de características extrínsecas variáveis, com dois grandes blocos de atração ideológica, a *ortodoxia* e a *heterodoxia*.

A maneira como a Maçonaria se espalhou pelo continente africano é objeto do estudo do **Capítulo 5**. A forma como a organização maçônica foi utilizada pelo projeto colonial francês na África subsaariana, e depois apropriada pelas elites nacionais locais, é objeto de discussão. Buscou-se demonstrar também, o viés antimaçônico, na medida em que ele pode formar o imaginário de possíveis participantes de processos *Track 2*, circunstância em que o uso dos mecanismos maçônicos fica fragilizado. Também são apresentados casos em que a Maçonaria foi utilizada em tentativas de mediação de conflitos locais. Três diagramas de redes sociais – um Sankey e dois em constelação – oferecem uma visualização gráfica das relações de reconhecimento entre as obediências maçônicas.

O **Capítulo 6** apresenta as conclusões do trabalho. A força, e as fraquezas, da rede maçônica africana, como instrumento de atuação *Track 2*, é discutida à luz dos elementos já apresentados.

Três anexos são exibidos ao fim do trabalho, contendo dados específicos de algumas das redes maçônicas observadas durante o estudo.

## CAPÍTULO 2

“Todos os homens têm direito aos vossos bons ofícios”.

### Uma introdução à Diplomacia *Track Two*

#### 2.1 UMA DIPLOMACIA SEM DIPLOMATAS?

Já de há muito tempo – pelo menos desde que a Paz da Vestfália (1648) estabeleceu os marcos da noção moderna e ocidental de Relações Internacionais<sup>10</sup> – a diplomacia é concebida um ofício (*craft*)<sup>11</sup> praticado eminentemente pelos *Estados* através de agentes especificamente designados para tal. O período que lhe antecedeu – ao menos no Ocidente – era marcado pela *personalização* dos estados através de seus agentes – especialmente os monarcas. É o advento da dissociação do estado da pessoa dos seus cabeças que marca o estado-nação no sentido moderno<sup>12</sup>. Os diplomatas, nestes tempos anteriores, eram normalmente enviados e mensageiros constituídos *ad hoc* ou representantes locais, como era o caso dos próxenos gregos<sup>13</sup>.

Os diplomatas modernos são normalmente servidores de carreira de aparelhos estatais, especificamente designados para o exercício da Diplomacia. Estes aparelhos, os *Corpos Diplomáticos*, possuem no mais das vezes uma identidade própria que, se não é perene, tende a mudar de modo muito mais lento do que os ventos da política interna.

A identidade própria é muitas vezes expressa através do fato de que esses aparelhos são por vezes identificados por metonímias: *Itamaraty*, no Brasil; *Quai d’Orsay*, na França; *Foggy Bottom*, nos EUA, apenas para mencionarmos alguns. Esta

---

<sup>10</sup> NATHAN, James. **Soldiers, Statecraft and History: coercive diplomacy and International Order**. Santa Barbara: Praeger, 2002, p. 2

<sup>11</sup> Aceitamos aqui como adequada a ponderação de Colin Powell de que “(...) *Diplomacia é um ofício mais do que uma ciência ou uma arte. Nas ciências tanto os materiais como os métodos estão além da livre escolha do cientista. Na arte, nem materiais nem os métodos estão além da livre escolha do artista. Um ofício se põe no meio-termo: o material é dado pelo mundo tal como o encontramos, mas os métodos através dos quais o estadista pode talhar esse material oferecem amplas, senão irrestritas, opções*”. POWELL, Colin. *The Craft of Diplomacy*. In MITKOPF, Eugene; McCORMICK, James (eds). **The domestic sources of American foreign policy: insights & evidence**. 5 ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2008, p. 221. (tradução livre)

<sup>12</sup> ONUF, Nicholas. **Making Sense, Making Worlds. Constructivism in Social Theory and International Relations**. New York, Routledge, 2013 p. 24

<sup>13</sup> As relações de proxenia em assuntos de paz e de guerra são mencionadas diversas vezes por Tucídides no clássico “**História da Guerra do Peloponeso**” (Brasília: Ed. UnB, 2001. Ver, especificamente, em II, 29, 85; III, 2, 52, 70; IV, 78; V, 43, 59, 60, 76; VI, 89 e VIII, 92).

identidade também é exprimida através do zelo histórico em manter os *não iniciados* fora dos assuntos diplomáticos do Estado.

Não é impreciso falar numa dicotomia entre *iniciados* e *não iniciados* nesta seara, mormente quando é notório que a diplomacia é um ofício exercido entre luzes e sombras. Os *iniciados*, aqui, seriam os membros da carreira (a “*carrière*”, no dialeto “iniciático” do Itamaraty<sup>14</sup>), que passaram por um longo processo de seleção, aprendizagem e graus de hierarquia, detentores dos saberes e práticas do *ofício* e “protetores” dos seus segredos – que são também os segredos do Estado. O segredo, ademais, é parte indissociável do ofício diplomático, seja “*por tradição ou por necessidade*”, como bem ponderou Duroselle<sup>15</sup>.

Os demais são, para os efeitos da diplomacia, *profanos*, que devem ser mantidos afastados dos negócios do Estado a menos que por ele convocados para alguma missão específica. A imiscuição destes nos assuntos de relações exteriores era tradicionalmente entendida como perniciosa, ou até mesmo perigosa.

No Brasil, por exemplo, a Constituição Federal de 1988 estabelece que compete privativamente à União manter relações com Estados estrangeiros ou com Organizações Internacionais (Art. 21, I). Nos Estados Unidos, o *Logan Act* de 1799 – redigido em resposta às diligências de George Logan, um cidadão da Pensilvânia que foi à França em 1798 por vontade própria encontrar-se com autoridades daquele país para tentar desescalar uma crise instalada com o governo americano – criminalizou a interferência de particulares na política externa do país<sup>16</sup>.

Não obstante estas ressalvas, cidadãos, servidores públicos e organizações não governamentais e da sociedade civil têm praticado diplomacia – ao menos *algum* tipo de diplomacia – de forma não oficial, muitas vezes a pedido, mas outras vezes de modo autônomo, e normalmente na função de mediadores de conflitos instalados.

Por exemplo, durante a crise dos reféns na Embaixada americana em Teerã, que se arrastou de 04 de novembro de 1979 a 20 de janeiro de 1981, tanto os iranianos

---

<sup>14</sup> Lima Barreto satirizou de modo impiedoso os usos e costumes da diplomacia brasileira no Capítulo VII seu hoje clássico “Os Bruzundangas” Cf. LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Os Bruzundangas**. Belo Horizonte: Garnier, 1998

<sup>15</sup> DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo Império perecerá: Teoria das Relações internacionais**. Brasília: ed. UnB, 2000, p. 114

<sup>16</sup> cf CHATAWAY, Cynthia J. Track II Diplomacy: From a Track I perspective. **Negotiation Journal**. Vol. 14, nº 3, julho de 1998, pp. 269-287

quanto os americanos se valeram dos *bons officios* de Hector Villalón, um expatriado argentino residente em Paris que, a partir de laços em comum com Sadegh Ghotbzadeh<sup>17</sup>, então um dos principais auxiliares do Aiatolá Khomeini, ajudou a intermediar o início das conversas secretas entre representantes dos EUA e do Irã que acabaram por redundar na libertação dos reféns<sup>18</sup>.

Os *quacres*, membros de uma seita protestante conservadora e pacifista, presente majoritariamente nos EUA, desempenharam um papel ativo e relevante na mediação da Guerra de Biafra, violento conflito intestino que sangrou a Nigéria entre 1967 e 1970. Na qualidade de representantes de uma religião sem adeptos na zona de conflito, discretos e modestos, os quacres não detinham qualquer poder econômico ou militar, ou qualquer outro interesse em jogo. Apesar de não disporem de “músculos”, os quacres lograram abrir e manter aberto um canal de diálogo entre os contendores, o que se revelou fundamental para a posterior pacificação do conflito.<sup>19</sup>

Também a Comunidade de Santo Egídio de Roma, uma organização católica leiga, foi reconhecida como um dos principais artífices do diálogo interfaccional que conduziu ao fim da guerra civil de Moçambique ao se valer de sua penetração e prestígio na sociedade moçambicana e seus contatos com outros atores de influência internacional para mediar os diálogos de paz entre os beligerantes<sup>20</sup>.

Outros casos são registrados: a atuação oficiosa de intelectuais e acadêmicos israelenses e palestinos que conduziu aos acordos de Oslo<sup>21</sup>; a atuação de Irineu Evangelista de Sousa, futuro Barão e Visconde de Mauá, na costura das relações diplomáticas do Império brasileiro com a facção *Colorada* no Uruguai, na década de 1850<sup>22</sup> ou, mais recentemente, a curiosa atuação do jogador de basquete aposentado

---

<sup>17</sup> Ambos foram defendidos (em processos não relacionados) pelo mesmo advogado francês no ano de 1978, através de quem se conheceram.

<sup>18</sup> SALINGER, Pierre. **America held hostage: the secret negotiations**. Garden City: Double Day, 1981

<sup>19</sup> ROTHCHILD, Donald. Unofficial mediation and Nigeria-Biafra war. **Nationalism and Ethnic Politics**, v. 3, n. 3, 1997, p. 37-65

<sup>20</sup> Cf. PAVIA, José Francisco L. Z. A multi-track diplomacy na prevenção e resolução dos conflitos em África: o caso de Moçambique. **Lusitana. Política Internacional e Segurança**. Nº 6/7, 2012. Pp. 11-50

<sup>21</sup> Cf. ÇUHADAR, Esra; DAYTON, Bruce. Oslo and Its Aftermath: Lessons Learned from Track Two Diplomacy. **Negotiation Journal**. V.28, nº 2. Abril de 2012. Pp. 155-179

<sup>22</sup> Cf. RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil. 1750-2016**. Rio de Janeiro: Versal, 2017, pp. 188-189



Dennis Rodman na aproximação entre o Presidente dos EUA, Donald Trump e o Supremo Líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un<sup>23</sup>.

Apesar de não ser um fenômeno novo ou inédito, o fenômeno da atuação de terceiros nos processos diplomáticos paralelos passou a despertar mais interesse da academia a partir da década de 1980, quando o diplomata americano Joseph Montville e o psicólogo William Davidson desenvolveram a noção de que a diplomacia poderia ser desenvolvida em duas vias (*tracks*)<sup>24</sup>, uma oficial e outra oficiosa.

A formação das *Relações Internacionais* como disciplina acadêmica não é senão uma criação recente, remontando de fato à primeira metade do século XX. Neste contexto não é de se admirar que o reconhecimento da possibilidade de atuação diplomática de agentes não ligados a organizações governamentais (aí incluídas organizações intergovernamentais e internacionais) e/ou o uso de métodos extraoficiais seja matéria de análise ainda mais recente.

O fim da Guerra Fria colocou em evidência uma miríade de conflitos étnicos e nacionais que anteriormente eram interpretados apenas à luz do conflito ideológico entre as superpotências, meros “*conflitos por procuração*” (*proxy wars*) delas.

Exaurida a disputa entre os grandes blocos ideológicos perderam-se os principais referenciais, os *brokers* dos acordos de convivência, paz e guerra, permitindo ao mesmo tempo a deflagração de conflitos há muito reprimidos e mais liberdade para novos atores entrarem em cena na diplomacia.

A diplomacia é vista tradicionalmente como um dos elementos de projeção do poder de um estado. O grande representante do pensamento realista clássico, Hans Morgenthau, considera o Estado “*ponto de referência final da política externa contemporânea*”, sendo o seu interesse – o que quer que signifique *interesse nacional* – o “*padrão constante com base no qual a ação política deve ser julgada e entendida*”<sup>25</sup>. Para realistas clássicos como Morgenthau, o principal interesse dos

---

<sup>23</sup> Cf. PARK, Michael K. Long shot: the prospects and limitations of sports and celebrity athlete diplomacy. **InMedia** nº 6. Dezembro de 2017. Disponível em <http://journals.openedition.org/inmedia/855>. Acesso em 05 de maio de 2019.

<sup>24</sup> DAVIDSON, William D; MONTVILLE, Joseph V. Foreign Policy according to Freud. **Foreign Policy**, n.45 (inverno, 1981-1982), pp.145-157. Neste trabalho optamos por utilizar a expressão original em inglês *track* ao invés de qualquer das traduções possíveis em língua portuguesa por considerar que o substantivo possui uma ambiguidade – pode significar, em português, *trilho* ou *trilha*, *estrada* ou *caminho*, dentre outras acepções possíveis – que se revela útil na compreensão do conceito. Alternativamente, por questões de estilo, poderemos utilizar a palavra *via*.

<sup>25</sup> MORGENTHAU, Hans. **A Política entre as Nações**. Brasília: UnB, 2003, p. 19

Estados, num ambiente de anarquia, é a segurança, enxergando o mundo sob uma ótica pessimista, influenciada por Hobbes, na qual os Estados buscam a hegemonia.

Morgenthau conceituou *poder* como a possibilidade de se determinar as ações do outro, o que “*engloba todos os relacionamentos sociais que se prestam a tal fim, desde a violência física até os mais sutis laços psicológicos mediante os quais a mente de um ser controla a outra*”<sup>26</sup>. Foge completamente ao escopo do presente trabalho o estudo da violência (ou a ameaça do seu uso) como meio de exercício do poder. Mas o aspecto psicológico – *rectius*, persuasivo –, como único elemento à disposição da diplomacia oficiosa, revela-se como primordial para a compreensão das possibilidades e do campo de atuação desta diplomacia de vias alternativas<sup>27</sup>.

Partindo de sua concepção realista, Morgenthau observou que “*a diplomacia que termine em guerra terá falhado no seu objetivo mais primário, que é a promoção do interesse nacional por meio de métodos pacíficos*”<sup>28</sup>. O professor teuto-americano sustentou ainda quatro *facetas* da diplomacia tradicional: precisa determinar seus objetivos à luz do *poder* (real e o potencial) disponível, deve avaliar os objetivos e o poder disponível (novamente, o real e o potencial) das outras nações, determinar a compatibilidade entre todos estes objetivos e, por fim, empregar os *meios apropriados* para a consecução dos objetivos determinados<sup>29</sup>.

Outros realistas, como Kenneth Waltz, vão girar o eixo da análise dos estados como agentes para as estruturas sistêmicas nas quais os estados estarão inseridos, observando a maior relevância das grandes potências nas alterações da balança de poder, relegando aos demais estados papéis secundários, pois “*a estrutura de um sistema muda conforme muda a distribuição de capacidades entre as unidades do sistema*”<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> MORGENTHAU, *op cit*, p. 18

<sup>27</sup> Entendemos, no caso, que a ‘persuasão’ por força de ameaças bélicas, como a notória “Diplomacia das Canhoneiras” (*Gunboat Diplomacy*), não poderia ser equiparado a uma persuasão, propriamente dita, mas como coerção pura e simples, ainda que vista como uma alternativa à guerra em larga escala, como propõe James Cable (*in Gunboat Diplomacy 1919-1991: Political applications of limited naval force*. 3 ed. Londres: Palgrave Macmillan, 1994, p.13). Bem assim, o chamado “Diálogo Mélio” narrado por Tucídides no livro V (84-116) da sua *História da Guerra do Peloponeso* (*op cit*, p. 346-354) não trata de uma negociação em sentido estrito, se entendermos como negociação a possibilidade de concessões mutuamente benéficas.

<sup>28</sup> MORGENTHAU, *op cit*, p. 967-968

<sup>29</sup> *Idem*, p. 968

<sup>30</sup> WALTZ, Kenneth. *Theory of International Politics*. Reading: Addison-Wesley, 1979, p. 97

Mas as bases puramente materiais de análise têm suas limitações. Montville e Davidson observaram que os aspectos psicológicos das interações entre os agentes tinham tanta relevância e importância quanto as condições materiais na gênese, escalada e desescalada de um conflito. A partir da observação de alguns episódios históricos – por exemplo, o conflito greco-turco sobre Chipre, o conflito árabe-israelense e as tensões entre os EUA e a União Soviética – os autores sustentaram que medos ancestrais, preconceitos arraigados, traumas passados, incompatibilidades ideológicas, incompreensão do sistema de valores implicavam em obstáculos formidáveis para a diplomacia tradicional.

Esta diplomacia tradicional – por eles chamada *Track 1* – é representada pelos pronunciamentos oficiais dos chefes de estado e governo, por visitas oficiais, debates, anúncios etc., regidos pelos protocolos diplomáticos em vigor, submetidos aos limites práticos da política interna e externa, pelos compromissos previamente assumidos e pelas instituições que os governam.

Em seu auxílio vem a proposta da diplomacia *Track 2*, entendida como uma “*interação oficiosa, não estruturada (...) de mente aberta, muitas vezes altruística e estrategicamente otimista*”, baseada na premissa subjacente de que conflitos podem eventualmente ser resolvidos apelando-se à capacidade humana de responder à boa vontade e à razoabilidade<sup>31</sup>.

Em um texto posterior, Montville sustenta que esta interação entre membros de grupos adversários tem o condão ajudar no “*desenvolvimento de estratégias, influenciar a opinião pública e organizar recursos humanos e materiais*”, na busca pela resolução do conflito, mas que

“não é de modo algum substituto dos relacionamentos ‘*track 1*’ oficiais, formais, governo-a-governo ou líder-a-líder. Ao invés, a atividade *track 2* é própria para auxiliar as lideranças oficiais ao compensarem as restrições impostas sobre elas pela necessidade, psicologicamente compreensível, que os líderes têm de ser ou parecer fortes, desconfiados, indômitos em face de seus inimigos. Se há uma grande tensão um conflito político um líder que se arrisque pela paz sem que seus apoiadores estejam preparados para isso pode perder seu suporte político ou, como já aconteceu mais de uma vez ao redor do mundo, a própria vida”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> DAVIDSON; MONTVILLE *op cit*, p. 155

<sup>32</sup> MONTVILLE, Joseph. The arrow and the olive branch: a case for track two diplomacy. In VOLKAN, Vamik *et al.* **The Psychodynamics of International Relationships: Unofficial diplomacy at work**. Lexington Books, 1991, pp. 162-163. Tradução livre. Não é possível deixar de lembrar, após ler a

Para Montville, um processo diplomático *Track 2* envolve três processos distintos, mas interdependentes. O primeiro consiste na realização de ‘*workshops*’, reuniões entre líderes dos polos em conflito ou seus representantes com o objetivo de criar ou desenvolver relações pessoais funcionais entre eles naquele microcosmo, promover a compreensão do conflito na ótica do adversário e, a partir daí, buscar desenvolver estratégias comuns de se lidar com o conflito como um problema compartilhado cuja resolução (pacífica) pressupõe esforços recíprocos e cooperativos.<sup>33</sup>

O segundo processo envolve a sensibilização subsequente da opinião pública, visando a reduzir o senso de vitimização de cada parte e ‘reumanizar’ o adversário, propiciando as condições para que as lideranças possam, de forma segura, adotar publicamente passos em direção à pacificação sem minar suas bases de apoio social.

O terceiro processo é também o único que seria, na visão de Montville, dispensável – apesar de extremamente importante. Seria o desenvolvimento econômico cooperativo entre as partes, que forneceria incentivos, suporte institucional e uma *continuidade* aos processos políticos e psicológicos precedentes.<sup>34</sup>

Deve-se frisar que não existe um consenso doutrinário do que seria exatamente um processo *Track 2*, muito por força do seu caráter oficioso e informal. A professora Diana Chigas, por exemplo, observa que

“qualquer um que tente ajudar os disputantes a resolver suas diferenças, mas o faz como um amigo ou terceiro não oficial é um ‘intermediário informal’. No nível intergrupar ou internacional, o termo engloba vários termos diferentes: ‘Diplomacia *Track 2*’, diplomacia cidadã, diplomacia *Multi-Track*, diplomacia suplementar, pré-negociação, consulta, resolução interativa de conflitos, diplomacia *back-channel*, *brainstorming* conjunto, trabalho de coexistência. Embora diferindo em ênfase, agenda e abordagem teórica, essas iniciativas compartilham muitos objetivos comuns. Eles tentam produzir um ambiente discreto, sem juízos de valor, não coercitivo e seguro, capaz de produzir um processo no qual os participantes sintam-se à vontade para compartilhar percepções, medos e necessidades, e para explorar ideias para resolução, livres das restrições que as posições governamentais trazem. O processo é

---

observação de Montville, do caso de Anwar el Sadat, presidente egípcio que assinou com Israel um tratado de paz em Camp David em 1978, após um esforço diplomático conduzido pelo presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter. Tendo concluído a paz com Israel *antes* de sensibilizar suas bases, e por isso rejeitado tanto pela esquerda secular quanto pelos conservadores muçulmanos, Sadat acabou assassinado em um atentado promovido por jihadistas no ano de 1981.

<sup>33</sup> MONTVILLE, *op cit*, p. 163.

<sup>34</sup> Idem, p. 164

projetado para encorajar o desenvolvimento da compreensão mútua de diferentes percepções e necessidades, a criação de novas ideias e fortes relações de solução de problemas.”<sup>35</sup>

A concepção original de Montville de duas vias (*tracks*) de diplomacia foi posteriormente aprofundada por outros autores. John McDonald e Louise Diamond conceberam um conceito de diplomacia multivias (*multi-track diplomacy*), identificando nove vias que constituiriam um sistema sinérgico de diplomacia: governos, profissionais na resolução de conflito, comércio, cidadãos (pessoas físicas), pesquisa, treinamento e educação, ativismo pacifista, religião, financiamento e a mídia e a opinião pública.

Este sistema foi exibido na forma de um polígono octogonal (lembrando vagamente uma rosa-dos-ventos) em que todas as vias se apresentavam interconectados pela intercessão no centro. A mídia e a opinião pública eram representadas por um círculo concêntrico a todas as linhas retas.

A premissa de Diamond e McDonald é a de que a atuação coordenada do máximo das vias maximiza também as possibilidades de sucesso do processo de mediação de um conflito.<sup>36</sup>

Em sua tese de doutorado na Universidade George Mason, em que analisava os esforços para resolução de conflitos na Abecásia, Ossétia do Sul e Transinístria, que sacudiram o Cáucaso logo imediatamente ao fim da União Soviética, a pesquisadora Susan Allen Nan cunhou, em 1999, o conceito de “*Track 1.5*” para definir as interações diplomáticas que se utilizavam *simultaneamente*, em coordenação, de elementos e agentes oficiais e oficiosos. Em um texto posterior, a diplomacia Track 1.5 se caracterizaria

“(…) como uma maneira não usual de atividades oficiosas contribuírem com os esforços de paz oficiais. O *Track 1.5* traz a força da diplomacia *Track 1* – o engajamento direto de representantes oficiais seniores das partes em conflito – junto com a força da diplomacia *Track 2*, os *workshops* informais, ‘*off the records*’ em resolução do conflito. A diplomacia de *Track 1.5* pode desenvolver um ‘núcleo duro’ de negociadores de ambos os lados com habilidades de negociação e

<sup>35</sup> CHIGAS, Diana. Track II (Citizen) Diplomacy. in BURGESS, Guy; BURGESS, Heidi **Beyond Intractability**. Conflict Information Consortium, Universidade do Colorado. Agosto de 2003. Disponível em <http://www.beyondintractability.org/essay/track2-diplomacy>. Acesso em 01/05/2019, 15:49

<sup>36</sup> JONES, Peter. **Track Two Diplomacy in Theory and Practice**. Stanford: Stanford University Press, 2015, pp. 18-19

análise de conflito aprimoradas, pode compartilhar entendimento e relacionamento pessoal entre as partes, bem como *insights* substanciosos na matéria conflituosa que os divide.

Esta combinação de fatores seria muito difícil de ser desenvolvida quer pela Track 1 ou pela Track 2, individualmente. A diplomacia tradicional Track 1 se ressentida da falta da capacidade de construção de relacionamentos, discussões informais, preliminares e substanciais, bem como a análise de conflito e as habilidades de negociação que os workshops informais podem trazer. Falta à diplomacia track 2 tradicional, usualmente, o envolvimento direto de negociadores oficiais das partes em conflito. A diplomacia de track 1.5 (...) é alavancada pelo engajamento direto de negociadores oficiais e pelos relacionamentos, habilidades e capacidades de pensamento criativo construídos no processo de paz do conflito Geórgio–Sul-Osseta.<sup>37</sup>

Em um outro trabalho<sup>38</sup> feito em conjunto com Daniel Druckman e Jana El Horr, Nan revisou 24 casos de intervenções oficiosas em conflitos; os autores observaram uma tendência de interação entre atores oficiais e oficiosos diretamente relacionada com as possibilidades de sucesso do processo. Eles identificaram processos Track 2 com trabalhos feitos no nível das bases e de agentes intermediários, associando os processos de Track 1.5 com os trabalhos feitos ao nível das elites.

Jeffrey Mapendere, comentando a complementaridade entre as vias diplomáticas aqui discutidas, observou que “*as definições de Diplomacia Track 1 e Track 2 não cobrem todas as atividades encontradas correntemente no campo da pacificação*”<sup>39</sup>. Ele sustenta, na esteira de Nan, que

“A principal característica que distingue a Track 1.5 da Track 1 é que o terceiro [que ingressa no processo] não é um representante de uma instituição política. Os esforços de resolução de conflitos em pura Track 1 são facilitados ou mediados por representantes de governos ou representantes de organizações políticas como a ONU ou grupos regionais. A mediação do Presidente Clinton entre Yasser Arafat e Ehud Barak foi pura Track 1, ao passo que a mediação do ex-primeiro-ministro finlandês, Martti Ahtisaari, em Aceh é Track 1.5.

De outro lado, a principal característica que distingue a Track 1.5 da Track 2 é a das partes no processo. Na diplomacia Track 2 as partes envolvidas no processo de resolução do conflito não são representantes oficiais das partes em conflito, mas cidadãos influentes. Este não é o caso da diplomacia Track 1.5, onde as partes envolvidas no processo são representantes oficiais dos beligerantes.

<sup>37</sup> NAN, Susan Allen. Track One-and-a-Half Diplomacy: Contributions to Georgian-South Ossetian Peacemaking. In FISHER, Ronald J. (ed) **Paving the Way: Contributions of Interactive Conflict Resolution to Peacemaking**. Lanham: Lexington Books, 2005. P. 162-163 (tradução livre)

<sup>38</sup> NAN, Susan Allen; DRUCKMAN, Daniel; EL HERR, Jana. Unofficial International Conflict Resolution: Is There a Track 1½? Are There Best Practices? **Conflict Resolution Quarterly** Vol. 27 n. 1, Outubro de 2009, pp. 65-82

<sup>39</sup> MAPENDERE, Jeffrey. Track one and a half diplomacy – the complementarity of tracks. **COPOJ – Culture of Peace Online Journal**. V. 2 N.1, 2006, PP. 66-81

Desta forma, a Diplomacia Track 1.5 pode ser também chamada de ‘diplomacia híbrida’, pois é a fertilização cruzada entre Track 1 e Track 2 que dá à terceira parte a agilidade diplomática de ir das técnicas de resolução de conflito Track 1 para as de Track 2 de acordo com a situação.”<sup>40</sup>

Não se verifica na literatura uma pretensão específica de “refutar” ou demonstrar o erro desta ou daquela interpretação do fenômeno Track 2. Como visto, autores como Montville posicionam a prática no nível das elites, como interações oficiosas entre agentes; Mapendere, ao invés, posiciona as práticas Track 2 no nível da sociedade civil, complementando a posição de Nan sobre um “Track 1.5”.

Dada a pluralidade de posições e a falta de um consenso estabelecido com precisão, podemos definir a via *Track 2* como todo gênero de atuação *oficiosa* de agentes, estatais ou não, no âmbito de relações internacionais ou transnacionais. Não é um processo rígido, sendo marcado pela informalidade de práticas que visam antes de tudo produzir canais de diálogo para influenciar a política doméstica. Este processo pode ser desenvolvido tanto no nível das elites governantes e funcionários de primeiro escalão dos governos e delegações diplomáticas, como no nível intermediário (funcionários de escalão inferior ou nas classes médias) ou mesmo exclusivamente no nível das bases populares (*grassroots*). Chamamos *Track 1.5* uma espécie desta atuação quando ela ocorre através de agentes não estatais *em conjunto* com agentes estatais em vista à resolução de um conflito.

As práticas Track 2 enfatizam muito mais as relações interpessoais do que propriamente institucionais e envolvem *normalmente* (mas não de modo exclusivo) um terceiro agente num papel de mediação. Os agentes, ainda que estejam como *representantes* de organizações, corpos políticos ou outra coletividade assemelhada, atuam *pessoalmente*: se valem, ou aceitam, do prestígio pessoal; da confiança, da sinceridade como chave para “destravar” um conflito instalado.

## **2.2 A POSIÇÃO DA DIPLOMACIA TRACK 2 PERANTE AS CORRENTES DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

As linhas teóricas que demarcam o fenômeno da diplomacia de vias não são rígidas. A literatura existente pouco se interessou em posicionar este fenômeno como sendo *realista*, *liberal*, *construtivista* ou qualquer outro das macro ou micro escolas de Relações Internacionais. Peter Jones, revisando os fundamentos teóricos da

---

<sup>40</sup> MAPENDERE, *op cit*, p. 70

diplomacia Track 2, observa que “*realistas, liberais e construtivistas vêem o mundo em termos diferentes, de forma que avaliam a natureza e a utilidade da Track 2 de modo diferente*”<sup>41</sup>.

As escolas realistas dão pouca atenção ao indivíduo, eis que a unidade básica de suas análises são os estados ou os sistemas internacionais. Organizações não governamentais, indivíduos proeminentes, religiões, empresas, redes de ativismo ou de sociabilidade de alcance supranacional escapam da análise do paradigma realista, que não encontra outra posição para explicá-los senão como expressões do agir de algum estado.<sup>42</sup>

É evidente, assim, que a utilização de atores não estatais em processos diplomáticos, em especial no campo da resolução de conflitos, encontra uma posição mais confortável, por exemplo, entre as escolas liberais e construtivistas do que entre as realistas, dada a premissa realista de que os estados – vistos como atores unitários, racionais, em busca da maximização do próprio poder – são a unidade básica de ação no cenário internacional, donde se depreende que eventuais atores não estatais não passariam de *longa manus* dos Estados na busca de seus objetivos (ou, antes, limitados em suas capacidades quer pelos estados quer pelo sistema internacional). As escolas realistas, ademais, são marcadas pela noção competição entre os estados, não atribuindo relevância à cooperação e ao altruísmo senão quando instrumentalizados, e.g., na formação de alianças de um estado contra um inimigo.

As escolas liberais, ao revés, são marcadas por certo otimismo, pela ideia de progresso e de cooperação como *alternativa* ao conflito. Esta tríade encontra eco diretamente no pensamento de Montville, já citado, na sua concepção original de Track 2. Os Estados, nas concepções liberais, não são vistos como unidades coesas. Atores outros que não os estados, como as Organizações Não Governamentais e as Organizações Trans e Internacionais são vistos como capazes de influenciar a política internacional.

---

<sup>41</sup> JONES, *op cit.* p. 3

<sup>42</sup> Isto não quer dizer, evidentemente, que os Realistas ignoram o papel da cultura na formação dos interesses. Morgenthau, por exemplo, afirma (*op cit.*, p. 18) que o interesse que determina a ação política depende do contexto político e cultural, que também determinam o conceito de poder. Adiante (p. 120), ele sustenta o *imperialismo cultural* como uma das três modalidades de imperialismo (isto é, expansão), em que se objetiva “*não a conquista do território ou o domínio da vida econômica, mas sim o controle da mente dos homens como instrumento para alterar as relações de poder entre duas nações*” (p. 124-125). Um dos exemplos que ele cita de imperialismo cultural é a “*mission civilisatrice*” francesa (p. 128).



James Rosenau, por exemplo, fala em “bases micro” da “ordem global macro”, identificando nos indivíduos força causal na política global, originada principalmente nas modernas facilidades de comunicação que tornam os indivíduos mais “visíveis” do que nos tempos passados, o que faz, dentre outras coisas, que o equilíbrio entre macro e micro possa ser alterado por súbitas mudanças de apoio das bases aos níveis macro<sup>43</sup>. A atuação de indivíduos e organizações não governamentais poderia, assim, alterar desde baixo o equilíbrio político de um estado e, por extensão, das relações internacionais.

Um dos expoentes da chamada “Escola Inglesa” de Relações Internacionais, Hedley Bull reconhece que organizações transnacionais são atores capazes de atuar no cenário internacional, mas que seriam incapazes de pôr em xeque o sistema de estados dos quais, em última análise, dependem. Exemplificando com o caso das empresas multinacionais, ele sustenta que

“[...] Os estados soberanos têm demonstrado uma grande capacidade de enfrentar as empresas multinacionais, negando-lhes completamente o acesso a suas operações (...) ou impondo restrições às suas atividades. (...) Nos casos em que as organizações transnacionais conseguem acesso ao território e ao mercado de um país não está claro que disso resulte necessariamente uma redução do poder do estado em questão, ou um prejuízo aos seus objetivos. (...) Ora, as empresas multinacionais nem remotamente desafiam o estado no exercício dessas funções. O escopo de suas operações, e até mesmo a sua sobrevivência estão condicionados às decisões tomadas pelos estados.”<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Cf. ROSENAU, James; CZEMPIEL, Ernst-Otto. **Governance without government. Order and change in world politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, pp. 272-294. Rosenau não tinha como prever o advento das redes sociais na internet, como o *Twitter*, ferramenta de comunicação que teve um efeito gigantesco na catálise dos eventos conhecidos como “Primavera Árabe”, de 2011, que vindicaram o acerto de sua ponderação de que com “a complexidade das dinâmicas pós-industriais, a constante expansão da interdependência econômica, o impacto da revolução microeletrônica, as viagens de imigrantes, refugiados, turistas, e uma variedade de outras fontes, é possível de se ver que pessoas de todos os cantos do mundo adquiriam mais capacidade analítica e capacidades catéticas que seus antepassados, talentos que lhes possibilitam melhor discernir onde eles se enquadram no curso de eventos distantes, a apreciar as virtudes do agir coletivo e, assim, estarem presentes nos cantos do mundo naqueles momentos em que a agregação de microações pode significar relevantes macrorresultados.” (p. 283, tradução livre). Evidentemente, o estado ainda é um agente poderosíssimo, como evidenciou a repressão havida contra alguns dos movimentos da Primavera Árabe. A respeito, cf. TÜFEKÇI, Zeynep. **Twitter and tear gas: the power and fragility of network protest**. New Haven: Yale University Press, 2017.

<sup>44</sup> BULL, Hedley. **A sociedade anárquica: Um estudo sobre a ordem na política mundial**. São Paulo: Ed. Unb, 2002, pp. 303-306, *passim*.

Bull considera que a diplomacia, propriamente, é um termo aplicável apenas às relações entre estados e organizações internacionais, não se estendendo a indivíduos atuando de maneira extra-oficial<sup>45</sup>.

Via de regra, os liberais, como os realistas, colocam os Estados em posição proeminente sobre quaisquer outros atores. Aqueles, todavia, enfatizam a cooperação de modo distinto destes. Enquanto os realistas veem a cooperação como um subproduto das necessidades de segurança – uma aliança entre estados, por exemplo, contra um inimigo comum – os liberais veem na cooperação um mecanismo de superação das desconfianças e conflitos.

Para alguns liberais de linha institucionalista, como Keohane, a cooperação não implica ausência de conflito, muito ao contrário, representa normalmente um esforço para *superar* um conflito real ou potencial. A existência do conflito impele à cooperação, que implica em ajustar, por meio de um processo coordenado de negociação, o comportamento dos atores conforme as preferências de uns e de outros. O processo cooperativo é um processo de manutenção dos regimes existentes, o que é sempre menos custoso do que a criação – mormente se *manu militari* – de um novo regime.<sup>46</sup>

Joseph Nye fala do chamado “poder suave” (*soft power*), contraposto ao “poder duro” (*hard power*) da força militar ou econômica, que é baseado em incentivos e ameaças (*carrots and sticks*). Este poder – sendo poder a capacidade de fazer com que alguém faça o que você deseja – pode decorrer da admiração e do desejo de emulação que uma nação pode ter por outra. Poder suave seria a capacidade de se fazer atrativo através do compartilhamento de valores. A política é encarada aí como uma competição por atratividade, legitimidade e credibilidade<sup>47</sup>.

No contexto do pensamento liberal, indivíduos e organizações não governamentais (ONGs) são reconhecidos como atores passíveis de relevância no cenário internacional. Podem atuar *com* os Estados, *contra* os Estados ou *à revelia* dos Estados<sup>48</sup>. Na primeira hipótese, dentro de uma concepção institucionalista,

---

<sup>45</sup> BULL, *op cit*, pp. 187 - 2010

<sup>46</sup> KEOHANE, Robert. **After Hegemony: cooperation and discord under the world political economy**. Princeton: Princeton University Press, 1984, p. 53-54

<sup>47</sup> NYE JR, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. Nova York: Public Affairs, 2005

<sup>48</sup> SLAUGHTER, Anne-Marie. **Recueil des Cours n. 285**. Academia de Direito Internacional de Haia. Haia: Martinus Nijhoff, 2001. P.96 e seguintes

atuam em pesquisa e desenvolvimento de políticas públicas, monitorização da implementação destas políticas, representando minorias e grupos de interesse, fornecendo subsídios informacionais etc.

Na segunda, podem criar e canalizar pressão internacional contra um determinado governo, através da militância (*advocacy*) transnacional, inclusive no aspecto simbólico, “*atraindo atenção para um tema anteriormente ignorado e aumentando sua ressonância moral e apelo emocional*”<sup>49</sup>. Também podem formar redes de alianças e contato, criando assim caminhos alternativos para o fluxo de informação e contrainformação em face de regimes autoritários. Por fim, esses atores não estatais podem simplesmente atuar independentemente do estado, mobilizando forças de mercado e valores em prol de pautas gerais ou específicas.

A importância das ONGs, desta forma, cresceu sobremaneira. A Organização das Nações Unidas (ONU), principal Organização Internacional (OI) do mundo contemporâneo, possui um Conselho – o Conselho Econômico e Social (ECOSOC) – que admite ONGs para funções consultivas. Organizações como os Médicos Sem Fronteira e a Cruz Vermelha Internacional, duas organizações notórias em oferecer serviços de saúde a populações vítimas de tragédias naturais ou conflitos contemporâneos, oferecem um panorama vívido de como a atuação de um agente não estatal acaba por fugir da lógica realista e, neste particular, confirmam (em tese) a liberal. Como ponderou Anne-Marie Slaughter

“Realistas não têm um argumento pela intervenção humanitária *per se*. Eles não conseguem incluir preocupações humanitárias nas equações de segurança, não importa o quanto doa o coração. Parar violações massivas de direitos humanos ou alimentar os famintos não aumenta o poder de um estado.”<sup>50</sup>

No mundo contemporâneo, entretanto, quando esses variados atores não estatais vão além das *ações* meramente humanitárias e se engajam na propagação de valores e ideias, recaem num ponto em que as teorias liberais não lhes alcança. Estudando redes de ativismo transnacional e comentando sua posição em face do Liberalismo, Margaret Keck e Kathryn Sikkink observam que

“Liberais presumem atores egoístas (*self-interested*) e avessos ao risco, e, portanto, sua teoria de como indivíduos e grupos alteram suas preferências deve ser baseada em mudanças de contexto que conduzam a mudanças no cálculo de riscos. [Mas] Estudamos

<sup>49</sup>SLAUGHTER, op. cit, p. 108

<sup>50</sup> Idem. P.82

indivíduos e grupos motivados primordialmente por ideias e princípios e que, se não assumem riscos frequentemente, ao menos não são infensos a ele. Compartilhamos a assunção liberal de que governos representam (de modo imperfeito) uma parcela da sociedade doméstica, e que indivíduos influem nos governos através de instituições políticas e práticas sociais que ligam o estado e a sociedade. Mas o liberalismo, tal como é hodiernamente formulado, não possui ferramentas para compreender como indivíduos e grupos, através de suas interações, podem constituir-se em novos atores e transformar compreensões sobre interesses e identidades. Argumentamos que indivíduos e grupos podem influenciar não apenas as preferências de seus próprios estados via representação como também as preferências de indivíduos e grupos em outros locais, e mesmo de outros estados, através de uma combinação de persuasão, socialização e pressão.”<sup>51</sup>

É certo que a cooperação ajuda a fomentar interesses comuns, mas dificilmente atores não estatais que se engajam *contra* seus governos, ou *à revelia deles*, encontram explicação dentro da lógica liberal, em especial para sustentar pautas que vão além das instituições democráticas e livre comércio, como direitos das minorias ou questões ambientais específicas, pautas que muitas vezes sequer eram cogitadas pelos Estados *antes* de serem mobilizadas pelas ONGs.

Esta militância, ao promover novas ideias, identidades e valores, desafiando os antigos, é capaz assim de mover a “*Janela de Overton*”<sup>52</sup> numa sociedade e, assim, *construir* novos interesses nacionais e estatais. Esta noção de que as relações ideacionais constroem os interesses é mais próxima da corrente chamada *construtivista*.

O *construtivismo* representa uma *abordagem* de estudo das relações sociais baseado, segundo Nicholas Onuf, na proposição de que todos os seres humanos são animais sociais, e que não é senão pelas nossas relações sociais que somos

---

<sup>51</sup> KECK, Margareth; SIKKINK, Kathryn. **Activists Beyond Borders: Advocacy networks in international politics**. Ithaca: Cornell University Press, 1998 p. 233-234. Tradução livre.

<sup>52</sup> A “*Janela de Overton*” é um conceito batizado em homenagem a Joseph Overton (1960-2003), que se refere ao alcance das ideias consideradas aceitáveis pela opinião pública e sua maleabilidade. Overton, presidente de um *Think Tank* conservador pró-livre mercado, sugeria que ideias poderiam ir do “impensável” à categoria de política oficial através de sua inserção (ou reinserção) nos debates públicos, e vice-versa. Na lógica de Overton, a gradual aceitação de ideias antes rejeitadas no debate público “puxa” outras ideias afins de posição marginal para cada vez mais ao centro, ao passo em que “empurra” as opostas do centro para posições cada vez mais marginais. A premissa de Overton não era de que os agentes *políticos* – *rectius*, os detentores de poder político institucional -, necessariamente, puxariam o alcance da janela, mas, antes, que a mudança social precede a mudança política. Cf. LEHMAN, Joseph G. An Introduction to the Overton Window of political possibility. **The Mackinac Center for Public Policy**, 08 de abril de 2010. Disponível em <https://www.mackinac.org/12481> . Acesso em 06/05/2019.

humanos<sup>53</sup>. A isto se quer dizer que as relações sociais constituem as pessoas, que por sua vez formam o mundo. Estas relações, constituídas que são pelas crenças, práticas sociais, regras estabelecidas, bem como a guerra e a violência, não decorrem de fatos autoevidentes da natureza humana, mas de ideias e valores que permeiam a(s) sociedade(s).

Cynthia Enloe, por exemplo, partindo de uma análise feminista das relações internacionais, demonstra como as mulheres influenciam a política internacional para além daquelas que ocupam posições de mando, mas também nas posições subalternizadas pelo patriarcado – citando os exemplos dos papéis de trabalhadoras, ativistas e esposas que, pelo exercício de “suas funções” (tal como definidas numa sociedade patriarcal) permitem aos homens o exercício das “suas”:

“‘O internacional é pessoal’ implica que governos dependem de certos tipos de relações alegadamente privadas de modo a conduzir seus negócios estrangeiros. Governos dependem de mais que receitas de impostos e agências de espionagem. Eles também precisam de esposas dispostas a prover seus maridos diplomatas de serviços não pagos, de forma que eles possam desenvolver relações de confiança com outros maridos diplomatas. Não precisam apenas de material bélico, mas também de um fluxo contínuo de serviços sexuais femininos, bem como da gratidão das esposas militares para convencer seus soldados de sua masculinidade. Para operar na arena internacional os governos buscam noutros governos o reconhecimento de suas soberanias, mas também dependem de ideias sobre dignidade masculina e sacrifício feminino para sustentar este senso de autonomia nacional.”<sup>54</sup>

Outro exemplo do papel que as ideias e valores podem desempenhar no desenrolar das Relações Internacionais é exemplificado pela mútua incompreensão entre a missão diplomática de *Lord Macartney* na China e o Imperador Qianlong em 1793, primeiro encontro formal entre os dois maiores impérios do mundo de então, com cosmovisões radicalmente opostas. Macartney recusava submeter-se a tradições como o *kowtow* (prática de se prostrar e se arrastar aos pés do Imperador) e desdenhava dos costumes do dia a dia da Corte. Os chineses, d’outra banda, estavam convencidos da própria perfeição, um Império mais antigo que o Romano, o mais extenso e o mais populoso do mundo, de modo que não conseguiam aceitar o Rei

---

<sup>53</sup> ONUF, *op cit*, p. 3.

<sup>54</sup> ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: making feminist sense of international politics**. 2ª ed. rev. e atual. Berkeley: University of California Press, 2014. P.351. Tradução livre.

George III como um “igual”, mas antes alguém que lhes devia prestar vassalagem. Em um longo livro dedicado a este episódio, Alain Peyrefitte assim resume o problema:

“Cada lado se gabava da própria superioridade A China considerava sua civilização superior por natureza, e esperava sua expansão às custas dos bárbaros inferiores. Os britânicos consideravam sua civilização superior porque era moderna: fundada na ciência, na livre circulação de ideias e na maestria das trocas comerciais. A incompreensão e o desdém mútuo tornaram a comunicação genuína impossível”<sup>55</sup>

Os preconceitos e valores portados pelos indivíduos marcaram a impossibilidade de comunicação entre os Estados. “*Tivesse Macartney feito suas ofertas de modo diferente ou se o Imperador as tivesse interpretado de outro modo*”, cogita Peyrefitte, talvez os destinos de todo o mundo pudessem ter sido diferentes: “*Ao invés, o embate entre a arrogância e a autossuficiência furtaram à humanidade incalculáveis riquezas*”.<sup>56</sup>

Se se reconhece tal poder na menor das unidades possíveis de análise política – o indivíduo – é evidente, assim, que a capacidade que atores não estatais têm de moldar e promover valores e comportamentos é passível de gerar efeitos domésticos, internacionais e transnacionais.

Deste curto panorama emerge que as premissas que sustentam as práticas *Track 2* encontram mais suporte no âmbito do construtivismo (e em um grau diferenciado, no liberalismo) do que no âmbito do realismo. Esta percepção é importante se assumimos que a *comunidade epistêmica*<sup>57</sup> a que um agente pertença influencia decisivamente na sua percepção quanto à validade e à utilidade das práticas *Track 2*, como bem demonstra a pesquisa de Cynthia Chataway sobre as

<sup>55</sup> PEYREFITTE, Alain. **The Immobile Empire**. New York: Knopf, 2013, p.723. Tradução livre.

<sup>56</sup> PEYREFITTE, *op cit*, p. 739. Tradução livre.

<sup>57</sup> Por *comunidade epistêmica* adotamos a definição de Haas como sendo “*uma rede de profissionais com reconhecida expertise em um domínio particular e autoridade sobre o conhecimento relevante para a formação de políticas em determinada área ou assunto. Conquanto uma comunidade epistêmica possa ser composta de profissionais de uma variedade de disciplinas e experiências, eles têm (1) um conjunto comum de crenças e princípios normativos, que proveem a fundamentação valorativa para a ação social dos membros da comunidade; (2) crenças causais comuns, que decorrem se suas análises das práticas que conduzem ou contribuem para um conjunto central de problemas em sua área de domínio e que a partir daí servem de base para elucidar as múltiplas ligações entre ações políticas possíveis e os resultados desejados; (3) noções comuns de validade – critérios intersubjetivos, definidos internamente para ponderar e validar o conhecimento naquele domínio de expertise; e (4) práticas políticas comuns, ou seja, um conjunto de práticas associado a um conjunto de problemas aos quais suas competências profissionais são direcionadas. (...)*”. HAAS, Peter M. Introduction: epistemic communities and international policy coordination. **International Organization**. Vol. 46. Nº 01, dezembro de 1992 (pp. 1-35), página 3. Tradução livre.

percepções dos diplomatas “oficiais” acerca da diplomacia Track 2 – com opiniões que variam entre a hostilidade e o entusiasmo<sup>58</sup>.

### 2.3 BASES PRÁTICAS DA DIPLOMACIA TRACK 2

Não obstante a inexistência de uma “Teoria Geral da Diplomacia Track 2” o fato é que atores não estatais se engajam de modo oficioso em atividades que de uma forma ou outra afetam a política internacional. Muitos destes práticos – ou analistas destas práticas – desenvolveram um arcabouço de *condições práticas* para o seu exercício.

Peter Jones, em sua extensiva análise das práticas de Track 2, chama a atenção para quatro aspectos que considera cruciais para aqueles envolvidos em mediações de conflito, quais sejam: a) as “teorias de mudança” que os motivam; b) o modo como interpretam o conflito e como se reportam a ele; c) o momento de lançar uma iniciativa Track 2; e d) as questões éticas e culturais que emergem de uma iniciativa deste tipo<sup>59</sup>.

Jones sustenta que o que chama de “Teorias de Mudança” são arcabouços multiníveis (“*multilevel frameworks*”) que os agentes já trazem consigo sobre como suas ações podem promover mudanças nos níveis individual, intergrupar ou nas sociedades envolvidas em um conflito, e não teorias pensadas ou estruturadas com precisão e detalhe<sup>60</sup>.

Ele traz à baila alguns posicionamentos teóricos para ilustrar os diferentes tipos de teoria de mudança. O primeiro, preconizado por Marc Howard Ross, possui seis deferentes abordagens para a tentativa de resolução de conflitos étnicos, quais sejam:

- a. **“Relações Comunitárias”** – a partir da noção de que a polarização, desconfiança e hostilidade intergrupar são fatores que exacerbam conflitos preexistentes, pelo que se deve buscar a melhoria na comunicação e a promoção da tolerância para (re)construir a autoestima comunitária e, assim, influir no conflito ao aumentar a capacidade da comunidade de dialogar e resolver problemas de interesse comum entre as partes;

---

<sup>58</sup> CHATAWAY, *op cit.*

<sup>59</sup> JONES, *op. cit.*, p. 54

<sup>60</sup> *Idem*, p. 55. Jones sustenta que as ações de Track 2 podem ter por objetivo persuadir indivíduos ou grupos maiores ou menores de indivíduos, indo de algumas elites em particular à comunidade mais ampliada.

b. **“Negociação baseada em princípios”** – A incompatibilidade entre posições e a noção do conflito como jogo de soma zero, pelo que acordos de soma positiva podem ser buscados através da identificação de interesses comuns que podem oferecer ganhos mútuos, aumentando assim a percepção de que acordos são possíveis e podem trazer benefício mútuo para as partes;

c. **“Necessidades humanas”** – O atendimento insuficiente (ou não atendimento) das necessidades humanas<sup>61</sup> como gerador de conflito, pelo que o reconhecimento de um núcleo comum, básico, de necessidades pode ser promovido por um terceiro.

d. **“Identidade”**- A percepção de risco a uma identidade por conta de sofrimentos passados ainda não resolvidos como geradora de conflitos, pelo que a abertura de canais de diálogo de forma a diminuir medos e, através de processos de interação simbólica e ritual, reinterpretar o processo político e promover a transição do luto passado.

e. **“Falhas de comunicação intercultural”** – O reconhecimento das dificuldades de comunicação entre grupos culturais com diferenças substanciais no modo de se comunicarem, permitindo a desconstrução de narrativas históricas, a criação de metáforas e meios de superar as barreiras comunicativas que melhorarão a comunicação entre as partes;

f. **“Transformação do conflito”** – Ross argumenta que em sociedades muito divididas, o estabelecimento do foco do processo de paz nas lideranças estabelecidas pode significar um obstáculo para a paz, devendo o foco, ao invés, se direcionar ao relacionamento intergrupar, com lideranças de classes médias e de base.

Outro referencial mobilizado por Jones é aquele trazido por Anderson, Chigas e Woodrow, que propõem catorze teorias de mudança:

---

<sup>61</sup> Diante do sentido equívoco da palavra “necessidade” é importante ressaltar que ROSS se refere não às necessidades físicas, materiais, como alimento, de modo exclusivo, mas também *reconhecimento, justiça distributiva, identidade, autonomia, dignidade, pertencimento etc.* cf. ROSS, Marc Howard. Creating the conditions for peacemaking: theories in practice in ethnic conflict resolution. **Ethnic and Racial Studies** v. 23 n. 6 (2000), p. 1013.



**a. Mudança Individual:** transformação das consciências, atitudes, comportamentos e capacidades de muitos indivíduos para criar uma “massa crítica”<sup>62</sup> de ativistas pela paz através de treinamentos, workshops, reuniões e grupos de discussão;

**b. Conexões e relacionamentos saudáveis:** Formação de redes (*networks*), processos de construção de relacionamentos, esforços conjuntos em atividades práticas de resolução de problemas como forma de “quebrar” o isolamento, divisões, preconceitos e estereótipos entre ou nos grupos;

**c. Desmobilização de recursos bélicos:** campanhas para cortar ou contingenciar despesas militares, para aumentar a objeção de consciência e resistência ao serviço militar e promoção de embargos e boicotes contra a venda internacional de armas, dentre outros mecanismos que visam a diminuir o fluxo de material bélico em contextos de conflito armado.

**d. Redução da violência:** A implementação de tréguas, zonas desmilitarizadas, introdução de tropas de paz, missões de observação, promoção de métodos não violentos para consecução de fins políticos ou socioeconômicos etc. como mecanismo para diminuir a intensidade da violência e, assim, abrir espaço para possibilidades de diálogo;

**e. Justiça Social:** Campanhas de longo prazo para mudanças sociais ou estruturais, processos de verdade e reconciliação etc., para atingir as questões subjacentes de injustiça, opressão, exploração, de ameaças à identidade etc., diminuindo assim os catalisadores de conflitos;

**f. Boa governança:** Novos arranjos constitucionais que permitam uma distribuição mais equitativa do poder político, criando instituições mais estáveis;

**g. Elites Políticas:** influenciar as elites políticas, buscando inverter a percepção de custo/benefício em manter a situação de conflito, propiciando incentivos para que as elites alterem seus cálculos políticos;

---

<sup>62</sup> Sobre o conceito sociológico de “massa crítica”, ver ROGERS, Everett. **Diffusion of Innovation**. 5ª ed. Nova York: Simon & Schuster, 2003, p. 376 e seguintes

**h. Mobilização de bases:** mobilização popular através do ativismo e da mídia, por exemplo, até que se atinja força suficiente para que os políticos sintam-se pressionados a procurar a paz;

**i. Acordos de Paz:** Negociações oficiais (Track 1) e oficiosas entre representantes das partes (Track 1.5) e diálogos com setores influentes da sociedade para que apoiem negociações (Track 2);

**j. Ação econômica:** utilização de ferramentas socioeconômicas como boicotes e embargos para gerar incentivos à negociação;

**k. Atitudes Públicas:** utilização dos meios de comunicação de massa para promover tolerância, moldar comportamento tolerante, promover atos simbólicos de solidariedade e unidade e dar visibilidade ao diálogo intergrupala para reverter sentimentos públicos de preconceitos, estereótipos e intolerância que estão na raiz dos conflitos;

**l. Justiça Transicional:** Instalação de Comissões da Verdade e Reconciliação, processamento judicial de crimes de guerra, processos comunitários e tradicionais de reconciliação como modo de lidar com o luto e o trauma social e (re)construir a paz;

**m.Reintegração Comunitária:** Negociação e resolução de conflitos envolvendo o regresso e a reintegração de ex-combatentes, refugiados, vítimas, expropriados para que o convívio com seus vizinhos seja harmonioso;

**n. Cultura de Paz:** promoção de uma cultura de paz, erradicação da pobreza, promoção de direitos humanos e igualdade de gênero, participação democrática, tolerância e liberdade no fluxo informacional como forma de transformar normas, valores e comportamentos sociais e culturais para rejeição da violência e apoiar o diálogo e a negociação, abordando as causas fundamentais do conflito com condição necessária para uma paz duradoura<sup>63</sup>.

Jones sustenta que sua experiência prática no campo da Track 2 caminha no sentido da tese de Ilana Shapiro de que as teorias de mudança operam em três níveis,

---

<sup>63</sup> Todos os itens citados foram adaptados de JONES, *op cit*, pp. 58-59

cada qual com respectivos subníveis. O primeiro seria no nível individual, em que se busca persuadir aqueles diretamente envolvidos nas negociações a mudarem percepções, comportamentos, preconceitos uns em face dos outros. É um processo que pode se dar em níveis cognitivos, comportamental e pode promover mudanças intelectuais e emocionais.

O segundo seria uma mudança no nível dos relacionamentos, forjando novas redes de relacionamento, propiciando a superação de dificuldades de comunicação e projetando-as como mecanismo de mudanças em suas respectivas comunidades. A terceira seria uma mudança nos níveis estruturais/institucionais/sistêmicos, buscando aperfeiçoar ou reformar as instituições existentes ou provê-las de mecanismos adicionais que lhes permita atacar as questões subjacentes do conflito.<sup>64</sup>

O segundo dos aspectos levantados por Jones que devem ser levados em conta ao se estabelecer um processo Track 2 é o de se definir qual a pretensão do processo: gerenciar, resolver ou transformar o conflito?

O gerenciamento de conflito parte da percepção de que conflitos podem ser o resultado inevitável de diferenças culturais, de valores ou sobre recursos. Se estas diferenças não podem ser erradicadas, sustenta Jones, podem ao menos ser gerenciadas com o fito de conter o conflito, reduzir a violência e melhorar a vida dos envolvidos até que o decurso do tempo se encarregue de alterar as percepções, propiciando um compromisso definitivo.

Já a noção de resolução do conflito parte da premissa de que as partes envolvidas em um conflito enraizado não irão se comprometer com questões que ponham em risco suas identidades. Torna-se necessário, aí, que as partes reconsiderem seus pontos de referência em busca de uma base comum, que permita sair de uma posição de soma zero para uma soma positiva, para que com o passar do tempo novos significados e novas possibilidades possam ser oferecidas aos povos em questão.

Por fim, a transformação do conflito parte da premissa de que o campo da mediação deve ir além do gerenciamento ou da resolução, mas buscar a transformação das estruturas mesmas das sociedades em conflito, modificando

---

<sup>64</sup> JONES, *op cit*, p.60

relações, interesses, discursos e, se necessário, a própria constituição da sociedade se ela dá sustentáculo para a perpetuação do conflito.

O terceiro aspecto da abordagem de Jones diz respeito ao momento de se iniciar um processo Track 2. Jones se vale do conceito de maturação (*ripeness*) do conflito. A noção aqui sustentada é a de que o conflito não está maduro para resolução senão quando ao menos um dos beligerantes chega ao ponto de perceber que os custos de continuar a luta são superiores aos eventuais benefícios que qualquer dos lados pode obter. A esta circunstância, considerada um “impasse mutuamente danoso” (*mutually hurting stalemate*), o autor considera que deve ser possível de se identificar uma saída aceitável.<sup>65</sup>

Um conflito normalmente está maduro para a mediação no seu princípio ou quando já bastante avançado. Na primeira hipótese os antagonistas ainda não escalaram as hostilidades a um nível que dificulte a formalização de compromissos. Na segunda, ambos já dispenderam recursos em demasia no conflito, e estariam (em tese) mais abertos a restaurar um relacionamento.

A maturação, entretanto, não é uma condição capaz de se reconhecer *per se*, sendo normalmente necessário que alguém – seja um terceiro completamente alheio ao conflito, seja um mediador, seja um prestador de bons ofícios – promova as conexões entre as partes e explore possibilidades de alternativas para o conflito.

É possível, Jones alerta, que um conflito esteja maduro, mas que nenhuma das partes seja capaz de reconhecer tal fato, ou que o conflito esteja tão enraizado que nenhuma das partes veja margem de manobra, ou que nenhum potencial mediador se interesse em se apresentar, seja pelo fato de o conflito não atingir nenhum de seus interesses ou, pior, pela possibilidade de a continuidade do conflito ser benéfica aos seus interesses.

Neste contexto, Jones mobiliza o conceito de prontidão (*readiness*) cunhado por Dean Pruitt, que é definida como sendo a extensão da disposição de algum dos beligerantes em formular compromissos. A negociação, neste contexto, depende de haver primeiro algum grau de prontidão nas partes e, *a partir daí*, algum grau de

---

<sup>65</sup> JONES, *op cit*, p. 66

maturação<sup>66</sup>. O conceito de prontidão é importante para as práticas Track 2, sustenta Jones, pois

“(...) diminui os níveis de exigência para a entrada de um terceiro. Pode variar de coisas tangíveis usadas para induzir a maturação (ou seja, sanções e incentivos [*sticks and carrots*], os quais normalmente estão no domínio dos Estados quando mediadores) até a busca por indivíduos em ambos os lados que estejam prontos para contemplar a mudança e participar de reuniões exploratórias informais. É nessas reuniões que visões podem mudar e novas ideias emergirem, contribuindo para o que Pruitt considera ser um elemento central da maturação, ‘uma ampla coalização de pessoas de todos os lados do espectro político que estejam dispostas à negociação’”<sup>67</sup>

Maturação e prontidão, sustenta Jones, são posições que partem de paradigmas teóricos distintos, a primeira se dirigindo a uma análise realista dos fatores estruturais que levariam os beligerantes à mesa, e em direção às quais um terceiro tentará conduzi-los, ao passo que a segunda parte de tradições sociopsicológicas e construtivistas, um terceiro tenta criar um ambiente de contato informal entre pequenos grupos de indivíduos (pre)dispostos ao diálogo. Não obstante fundamentos distintos, os conceitos não são opostos, mas complementares.

A quarta e última dimensão abordada por Jones é o campo da cultura e da ética. O aspecto cultural tem três subníveis. O primeiro, mais superficial, envolve o conhecimento prévio das normas básicas de etiqueta ao se lidar com pessoas de outras culturas.

O segundo depende do conhecimento dos padrões culturais que as várias sociedades exibem, os quais podem variar das de “alto contexto” – toda a variedade de sinais e padrões de comunicação não verbais – às de “baixo contexto”, ou seja, culturas que valorizam a comunicação verbal direta.

Este tipo de conhecimento é muito importante quando se trata de comunicação entre sociedades de um ou outro contexto, de forma que a incompreensão destes contextos acaba por gerar ruídos na comunicação que podem tanto estar na raiz dos conflitos como postos como obstáculos à sua superação<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> PRUITT, Dean G. Whither Ripeness Theory?. **Institute for Conflict Analysis and Resolution**. Fairfax: George Mason University, 2005

<sup>67</sup> JONES, *op cit* p. 68-69

<sup>68</sup> Vide, por exemplo, a anedota dos carneiros usada como exemplo por Clifford Geertz no primeiro capítulo de seu **A interpretação das culturas** (Rio de Janeiro: LTC, 2008).

O último nível é o da “simetria antropológica”, definida como o pertencimento de uma pessoa a múltiplas culturas simultaneamente. Trata-se de uma circunstância que pode ajudar o processo Track 2, na medida em que permite traçar intersecções até então não observadas entre os grupos antagônicos e que permitem ao moderador usar estes laços para manter o processo em marcha, reduzindo impasses, a partir de suas observações de que grupos menores compostos por membros de uma mesma subcultura têm mais probabilidade de bem trabalhar um problema do que grupo maior e mais eclético.

Jones oferece um exemplo interessante deste mecanismo. Em determinado processo Track 2 de que foi participante anos antes, envolvendo questões marítimas entre Índia e Paquistão (dois estados notoriamente rivais), Jones observou três subgrupos entre os dois conjuntos macro: indianos e paquistaneses oriundos da mesorregião do Punjab, na fronteira entre os dois países e que, a despeito das religiões distintas, têm mais elementos culturais em comum entre si do que com seus compatriotas de outras regiões; da mesma forma, oficiais navais indianos e paquistaneses que haviam ingressado em suas forças antes de uma determinada data, e que fizeram os mesmos cursos junto à *Royal Navy* britânica, e assim tiveram experiências comuns desses treinamentos; e oficiais com especializações semelhantes no âmbito da guerra naval, e.g., submarinistas de ambas as marinhas, que têm mais em comum entre si do que com os oficiais especializados em meios de superfície<sup>69</sup>.

Se, como estabeleceu Geertz, o conceito de cultura é semiótico, pois “*o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*”<sup>70</sup>, então os participantes de um processo Track 2 devem estar atentos e abertos a procurar interpretar e buscar o significado dos fenômenos culturais que se lhe apresentam a partir do conflito como chaves para que possam transitar no cipoal de significados em torno de um conflito.

O aspecto ético é abordado por Jones nos termos do problema da neutralidade e imparcialidade do mediador. A neutralidade é definida como uma posição política determinada a em não tomar partido de qualquer dos lados, ao passo que a

---

<sup>69</sup> JONES, *op cit*, p. 73

<sup>70</sup> GEERTZ, *op cit*, p. 4.

imparcialidade é a não discriminação das partes. A questão que se põe é se os mediadores devem ser sempre imparciais.

Existe um entendimento tradicional, de senso comum, que mediadores devem ser considerados imparciais como *conditio sine qua non* para obter a confiança das partes e, assim, aumentar as chances de sucesso da mediação.

Algumas pesquisas recentes, argumenta Jones, mostrariam que mediadores parciais (*biased*) teriam mais sucesso que os imparciais em acordos de paz duradouros na medida em que estes tenderiam a não obter soluções para os problemas na raiz dos conflitos, ao passo que aqueles, *por possuírem um compromisso com ao menos uma das partes*, teriam condições de ir além do mero gerenciamento do conflito e propiciar as condições institucionais para a sua resolução ou a transformação<sup>71</sup>.

Jones considera, por sua experiência, que a eventualidade de um mediador não ser imparcial deve ser conhecida de antemão por todos os participantes, sem o que o prejuízo à sua reputação poderá ser irreversível. Conquanto afirme agir da forma mais imparcial possível, Jones diz que isto não significa *neutralidade* em face da disputa ou das táticas empregadas, e.g, em face de táticas que atinjam deliberadamente a civis, apesar de notar que conflitos são eminentemente complexos e que raramente uma das partes está inteiramente certa ou errada.

Lidar com criminosos de guerra representa um desafio ético normalmente inescapável, em especial em conflitos étnicos, já que as negociações normalmente têm que envolver os beligerantes. Neste caso, o mediador se verá diante do desafio de ter que ponderar seus objetivos: parar o conflito e prevenir vitimizações futuras é mais urgente do que garantir justiça às vítimas já existentes? Um mediador deve recusar a presença de alguém envolvido em crimes de guerra?

Os Acordos de Nairobi (1999), frutos de uma iniciativa *Track 2* do ex-presidente americano Jimmy Carter através de sua ONG (The Carter Center), envolveu quatro grandes grupos: O governo de Uganda, o governo do Sudão, o grupo “Exército da Resistência do Senhor” (*Lord’s Resistance Army - LRA*) e o Exército de Libertação do Povo do Sudão (*Sudan’s People Liberation Army – SPLA*). Os quatro estiveram envolvidos em conflitos de fronteira desde meados dos anos 90: o governo de Uganda

---

<sup>71</sup> JONES, *op cit*, p. 78

patrocinava ações do SPLA contra o governo do Sudão, e este patrocinava ações do LRA contra o governo de Uganda. SPLA e LRA também lutavam um contra o outro diretamente. Tropas dos quatro cometeram inúmeros crimes de guerra no curso do conflito<sup>72</sup>. Como negociar um acordo nestas condições sem se ver na contingência de ter que apertar mãos ensanguentadas?<sup>73</sup>

Apesar de o problema não possuir uma solução simples, manualesca, o moderador de um conflito pode também tomar como ponto de partida os poderes de que dispõe: se não possui a capacidade de conceder anistia ou determinar prisões, então a questão da justiça transicional, apesar de *poder* fazer parte de *um* esforço Track 2, dificilmente poderá ser objeto *deste* processo específico<sup>74</sup>.

Todo este arcabouço prático e teórico não representa um catecismo ou uma tabuada a serem seguidos de modo automático pelos participantes de processos track 2. Antes, estes devem ter a sensibilidade para observar que se cada conflito tem uma dinâmica distinta, os operadores devem ter sensibilidade para interpretar a teia de significados por trás do conflito. A questão de *quem* conduz um processo *Track 2*, assim, ganha importância.

## 2.4 OS AGENTES DE TRACK 2

Processos de Track 2 não se criam espontaneamente. Como visto anteriormente, eles dependem da prontidão de agentes dispostos a tirar os beligerantes da inércia e do estágio de maturação do conflito. Estes agentes, na maior parte das vezes, são terceiros, não partícipes do conflito. Não se trata de uma condição absoluta, entretanto, mas preferível.

Isto porque um dos objetivos chave de um processo Track 2 é o de criar, ou aperfeiçoar, o diálogo entre as partes através de um processo de comunicação controlada, permitindo que as partes possam eventualmente recuar de suas posições.

A comunicação é controlada no sentido de que o papel do terceiro é o de conduzir o diálogo para caminhos produtivos, evitando que se degenere em uma barganha inútil ou em bate-boca. A comunicação controlada permite que o diálogo

---

<sup>72</sup> Cf. LUCIMA, Okello (ed). **Protracted conflict, elusive peace: Initiatives to end the violence in northern Uganda**. Londres: Conciliation Resources, 2002

<sup>73</sup> Em 2011 a região Sul do Sudão, fronteira com Uganda, se tornou um país independente após anos de guerra civil. A SPLA se tornou a espinha dorsal do novo governo e de suas forças armadas.

<sup>74</sup> JONES, *op cit*, pp. 82-83



flua dos pontos menos complicados para os mais complicados, criando condições para a paulatina resolução de problemas<sup>75</sup>.

Não existe, *a priori*, nenhum requisito *objetivo* para que alguém possa se oferecer para iniciar ou mediar um processo Track 2. Como já visto, processos passados contaram com pessoas das mais variadas origens. Políticos aposentados, diplomatas de carreira, professores, religiosos – até um astro aposentado da NBA! – já estiveram envolvidos em tais processos. Mas não há exatamente um consenso sobre quem, *exatamente*, seria melhor como terceiro mediador, havendo os que defendem ser este um papel de indivíduos ou de grupos muito pequenos ou de grupos maiores, multidisciplinares<sup>76</sup>.

Evidentemente, estes processos trazem grandes responsabilidades para os participantes, afinal em muitos casos o que está em jogo são vidas humanas. Desta forma, é preferível que o terceiro possua algumas qualidades e conhecimentos. Dentro da concepção traçada no início deste capítulo, pode-se dizer que um processo Track 2 pode ser um *ofício* para aqueles que o fazem de modo sistemático ou profissional, pode ser uma *arte* para aqueles que calham de ter a disposição certa e o talento certo no momento e no lugar certos.

Engenho e arte não bastam, todavia, para que alguém se arrisque num processo razoável de Track 2. A partir dos escritos do diplomata aposentado Harold Saunders, Peter Jones enumera quais seriam as qualidades essenciais de um terceiro num processo Track 2:

1. Sensibilidade com a dimensão humana dos problemas e a habilidade de lidar com os participantes neste nível;
2. Comprometimento com o processo geral de reconciliação entre os grupos;
3. Sensibilidade para a singularidade cultural de cada grupo envolvido no processo;

---

<sup>75</sup> *idem*, pp. 87-89

<sup>76</sup> JONES, *op cit*, p. 96

4. Habilidade para transmitir interesse (*caring*) e comprometimento genuínos no nível interpessoal;
5. Expectativas realistas sobre o passo em que as pessoas mudam;
6. Algum grau de experiência em conflitos similares e a capacidade de instrumentalizar esta experiência no caso vertente;
7. Habilidade para ajudar as pessoas a identificar elementos comuns em suas experiências e pontos de vista;
8. Senso de processo político, para enxergar o quadro como um todo, manter o foco no objetivo e não permitir distrações
9. Habilidade para ajudar os participantes a organizar seus pensamentos;<sup>77</sup>

Já Jean Paul Lederach (também citado por Jones, mas aqui citado diretamente), outro estudioso e prático de Track 2 sustenta quatro disciplinas desejáveis nos terceiros e sem as quais acredita que o processo de construção da paz seja impossível:

1. A construção de uma rede de relacionamentos entre as partes, cuja centralidade fornecerá o contexto e o potencial para romper o ciclo de violência;
2. Prática da 'curiosidade paradoxal', ou seja, o interesse em conhecer e compreender argumentos de visão de mundo do outro, reconhecendo a complexidade das relações e rompendo com o dualismo que alimenta os conflitos;
3. A criação de espaços para o agir criativo, propiciando o desenvolvimento de possibilidades
4. Disposição para arriscar, já que, numa situação de conflito enraizado, a violência é o elemento conhecido, ao passo que a paz seria o desconhecido, pelo que se aventurar nela é assumir riscos.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> JONES, *op cit*, pp. 94-95

<sup>78</sup> Cf. LEDERACH, John Paul. **The Moral Imagination: The art and soul of building peace**. Oxford: Oxford University Press, 2005, pp 31-39

Uma característica essencial do terceiro é que ele deve ter a *confiança* das partes. Como visto anteriormente, a sua parcialidade não é um problema em si mesmo se as outras partes dela sabem de antemão e a aceitam. A confiança é um elemento estritamente subjetivo e não quantificável.

Ela se ressalta como um elemento indispensável para que os laços pessoais se tornem efetivos na resolução de conflitos. Comentando sobre o conceito da confiança como *fundamento* do desenvolvimento social, Alain Peyrefitte sustenta que ela tem

" a vantagem de ressaltar a total interdependência entre o pessoal e o social: a confiança em si mesmo, a confiança no outro - é o mesmo movimento da alma. Elas não podem ser pensadas nem experimentadas uma sem a outra. Não há confiança sem credibilidade. *Confiance oblige*. Não posso, nem ninguém pode, ter e manter confiança em mim mesmo, se eu não for digno dessa confiança: 'correto', isto é, rigoroso, firme, fiel a meus compromissos, a meu projeto, a meus deveres. E, concedendo espontaneamente minha confiança a outrem, poderei mantê-la apenas se ele se mostrar igualmente digno."<sup>79</sup>

A existência de laços de conhecimento entre os interlocutores pode se revelar uma condição necessária para a persuasão, por possibilitar laços de confiança mais firmes entre eles. Por exemplo, partindo do papel histórico de Jean Monnet<sup>80</sup> na articulação entre diversas figuras históricas para a formação da Comunidade Econômica Europeia (antecessora da atual União Europeia), Duroselle assim comenta:

"Trata-se [*a confiança*] aí de uma qualidade humana que é provavelmente impossível de ser definida cientificamente. Em todo caso, o 'meio' que ele emprega é quase completamente independente, no que concerne ao peso do poder público. Ele é o homem que convence vários poderes públicos que sua solução devia ser adotada. (...) Persuasão implica laços de confiança. É por esse motivo que ela depende da rede de amizades que constituem os 'grupos reais'. Entre a 'equipe decisória' de um país e a 'equipe decisória' de outro, é necessário que haja laços. Pode ser que esses laços se constituam por intermédio de um embaixador oficial, que se torna amigo de vários membros da 'equipe decisória' do país no qual está acreditado (...). Dito de outro modo, não pode haver a persuasão se não há confiança. Em nossos dias a prática cada vez mais constante de encontros de cúpula pode chegar a criar amizade entre dois líderes - tal como de

<sup>79</sup> PEYREFITTE, Alain. **A Sociedade da Confiança: Ensaio sobre as origens e a natureza do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 449

<sup>80</sup> Nascido em 1888 e falecido em 1979, Monnet nunca ocupou um cargo eletivo, tendo alternado, ao longo de sua vida, entre funções estatais de pouca publicidade e funções na iniciativa privada. É reconhecido como um dos principais artífices da Comunidade Econômica Europeia (CEE), uma das antecessoras da atual União Europeia (EU), utilizando seus laços pessoais com diversos líderes e autoridades europeus para costurar as bases dos primeiros tratados da CEE.

Gaulle e Adenauer -, entre duas equipes decisórias e estabelecer entre eles a confiança que permite a utilização da persuasão como meio de alcançar o objetivo.”<sup>81</sup>

A confiança pode ser institucional ou pessoal. *Alguém* tem que ser o depositário da confiança das partes. É necessário que as partes confiem no mediador, pois é ele a pedra-chave<sup>82</sup> para a construção da confiança entre as partes. Jones elabora o conceito de uma “escada” de relações de confiança e desconfiança, assim estruturada:

1. Confiança baseada em cálculo: percepção de que todos cumprirão suas promessas por temerem as consequências negativas ou anteciparem as consequências positivas;
2. Desconfiança baseada em cálculo: percepção de que o outro não cumprirá suas promessas, pois irá calcular que os benefícios do descumprimento superarão os do cumprimento<sup>83</sup>;
3. Confiança baseada em conhecimento: senso de confiança baseada na repetida observação do comportamento do outro em situações nas quais se mostrou digno da confiança depositada;
4. Desconfiança baseada em conhecimento: senso de desconfiança baseado na observação do comportamento do outro em situações nas quais não honrou sua palavra;
5. Confiança baseada na identificação: uma forma de confiança mais desenvolvida que as precedentes, que se forma da habilidade de se identificar com e compreender, valorizar o outro em um grau tal que as partes passam a compartilhar necessidades e escolhas em relação ao tópico em questão

---

<sup>81</sup> DUROSELLE, *op cit.*, p. 144-145

<sup>82</sup> Estabelecemos aqui uma analogia com as construções de arcos usados nas pontes de pedra. Nos arcos as tensões entre as peças conduzem ao colapso da estrutura se não houver uma peça central, uma pedra-chave, de formato distinto das demais, capaz de transmitir lateralmente as tensões e, assim, manter a estrutura estável.

<sup>83</sup> Esta é uma desconfiança que pode emergir de uma aplicação radical e cínica dos postulados realistas. A postura preconizada por Nicolau Maquiavel n’**O Príncipe** (São Paulo: Hedra, 2010, p. 177/179), ao recomendar que “*Não pode, e nem deve, portanto, um senhor prudente observar a palavra dada quando tal observância se lhe volta contra e quando desapareceram os motivos que fizeram-no prometer. E se os homens fossem todos bons, este preceito não seria bom: mas porque são maus e não a observariam contigo, tu, então, não tens que observar a palavra dada para com eles; nem faltarão ocasiões legítimas para um príncipe poder dourar a inobservância.*” é um impedimento concreto para o estabelecimento de relações de confiança, indispensáveis, como visto, para a construção da paz.

6. Desconfiança baseada na identificação: A percepção em uma ou ambas as partes de que os objetivos de ambos são radicalmente incompatíveis.<sup>84</sup>

O desafio do mediador num processo Track 2 não está tanto em se utilizar da confiança para construir, ele próprio, propostas, mas principalmente para permitir que os antagonistas superem a desconfiança mútua e, *a partir da confiança que depositam no mediador*, possam construir um diálogo entre si e produzirem, eles próprios, propostas, as quais seriam mais genuínas do que as que o terceiro poderia produzir. Desta maneira, compete ao mediador promover intervenções substantivas no diálogo, evitando a dispersão e a queda em círculos viciosos de acusações mútuas.

A paciência é ressaltada por Jones como uma virtude necessária para que um ponto médio entre a rigidez e o laxismo na pauta seja atingido. O mediador deve agir apenas de modo pontual. Ele deve observar o processo e pode ajudar em questões, por exemplo, de interpretação de conteúdo, em especial para superar as barreiras alto e baixo contexto acima mencionadas.<sup>85</sup>

Resta, por fim, estabelecer com base em qual poder um terceiro pode se estabelecer como mediador. Não lhe bastam a prontidão e as qualidades ou gozar da confiança das partes. Ingressar no terreno pantanoso de um conflito depende da anuência das partes, e elas não darão tal anuência senão se enxergarem que o mediador tenha legitimidade decorrente de um poder que detenha.

Este poder pode ser sua *expertise* em uma determinada área, como na resolução de conflitos; pode ser um poder *de referência*, baseado no valor que as partes atribuem aos seus relacionamentos com o mediador; pode ser um poder de *legitimação*, baseado na percepção pelas partes de que o mediador representa uma instituição que eles não podem ignorar. Pode decorrer, também, de possuir o poder de *recompensar* ou o poder de *punir*.

Estes dois últimos são poderes mais próprios dos Estados do que de agentes não estatais. Mas este poder *coercitivo* não é o único no tabuleiro. De fato, por exemplo, o Papa João Paulo II tinha em 1979 exatamente o mesmo número de

---

<sup>84</sup> JONES, *op cit*, p. 100

<sup>85</sup> JONES, *op cit*, p. 107

Divisões que seu antecessor Pio XI tinha em 1935, quando desdenhado por Stálin: zero<sup>86</sup>.

Não obstante não possuir nenhuma divisão (ou meios navais), João Paulo II logrou mediar o conflito entre Argentina e Chile, ambos então governados por violentíssimas ditaduras militares, em torno do controle do Canal de Beagle, na Patagônia, pelo que estavam em vias de iniciar uma guerra. Sendo ambos países de maioria católica, argentinos e chilenos tinham no Papa uma figura de referência e legitimidade.<sup>87</sup>

Trata-se um exemplo ilustrativo, obviamente, na medida em que a mediação no caso do Canal de Beagle, pelas definições aqui adotadas, é puro Track 1 (afinal, a despeito de não possuir nenhuma Divisão – ao menos no sentido material - o Papa é também um chefe de Estado).

## 2.5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

No curso deste capítulo, pôde-se observar que as pretensões de exclusividade de o Estado ser o único agente relevante nas Relações Internacionais não se sustenta. Outros atores têm com ele dividido o palco, ainda que em atuações mais discretas.

A atuação destes agentes se dá em um outro nível, distinto do da diplomacia oficial, ainda que eventualmente essa atuação possa se dar em conjunto. A esses níveis chamamos Track 2 e Track 1, respectivamente. Esses agentes – que podem ser pessoas físicas, religiões, ONGs, empresas etc., tanto podem atuar de forma indireta, influenciando de modo orgânico as sociedades, como de modo direto, intervindo como mediadores em conflitos instalados.

Quanto mais enraizados os conflitos maiores são as possibilidades de as partes neles envolvidas se verem arrastadas para um impasse. Nesta condição, estando o conflito maduro e havendo uma terceira parte pronta para oferecer seus bons ofícios,

---

<sup>86</sup> A versão mais antiga desta anedota é contada por Winston Churchill no Vol. 1 das suas **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. (Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017, p. 94). Churchill faz uma observação espirituosa no sentido de que o Papa poderia, talvez, ter a seu dispor Legiões invisíveis aos olhos de Stálin. O sucesso da influência de João Paulo II junto ao movimento “Solidariedade” na Polônia, instrumental no longo processo de fragmentação do império soviético, deu talvez uma irônica razão à observação de Churchill.

<sup>87</sup> Cf. GERTNER, Villar A. The Beagle Channel frontier dispute between Argentina and Chile: Converging domestic and international conflicts. **International Relations**, V. 28 nº 2, 2014, pp. 207–227.

sendo esta reconhecida como tendo poderes suficientes pelas partes, é possível que se tente instalar um processo Track 2.

Nos próximos capítulos exemplificaremos como uma rede de sociabilidade pode servir a este processo.

### CAPÍTULO 3

#### “DO PONTO AO SÓLIDO”:

#### A GEOMETRIA DAS REDES SOCIAIS

A ideia de *relacionamento* é intrínseca ao campo das Relações Internacionais. É o que lhe dá substância. Mas, como demonstrado no capítulo precedente, a ideia subjacente ao adjetivo “*internacional*” é enganosa, à primeira vista, vez que não são apenas as nações, através dos Estados e seus agentes, que atuam através do globo.

A noção contemporânea de “redes sociais” está diretamente atrelada às plataformas digitais da *internet*, tais como o *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter*. Trata-se, todavia, de um fenômeno muito mais antigo e mais amplo, mas que só no século XX passou a atrair o interesse dos estudiosos.

Em recente publicação o historiador Niall Ferguson observou que existe uma tendência de sobrevalorizar o papel das hierarquias no estudo da história, normalmente apresentada como a sucessão de reis, presidentes, generais, países e seus respectivos feitos, ignorando o papel dos anônimos e de suas redes de relacionamento. Como perguntou Brecht, sarcasticamente: “*Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas? / Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?*”<sup>88</sup>. Cynthia Enloe perguntaria: *e as mulheres, onde estão elas, que criaram as condições nas quais o trabalho foi desenvolvido?*

As perguntas de Brecht e Enloe remetem à divisão do trabalho em sentido amplo, incluindo o doméstico. A divisão do trabalho é extremamente complexa e envolve a sobreposição de dezenas, quiçá centenas, de redes sociais, muitas das quais se formam de modo espontâneo, que cooperam entre si mesmo inadvertidamente, como bem demonstrou Leonard Read no seu ensaio “*Eu, o Lápis*”<sup>89</sup>. Empresas, famílias, exércitos, canteiros de obras e governos são redes sociais. O papel das redes sociais nos eventos passados é, entretanto, normalmente ignorado ou minimizado, exceto por teóricos da conspiração. Segundo Ferguson,

---

<sup>88</sup> BRECHT, Bertolt. **Questions from a worker who reads** (1935). Disponível em <https://www.marxists.org/subject/art/literature/brecht/>. Tradução livre do primeiro terceto.

<sup>89</sup> READ, Leonard. I, **Pencil: My Family Tree as Told to (1958)**. Atlanta: Foundation for Economic Education, 2019.



“Há aqueles (em especial no Vale do Silício) que duvidam que a história tenha muito a lhes ensinar numa época de inovações tecnológicas tão velozes. De fato, muito do debate que acabei de resumir pressupõe que as redes sociais sejam um fenômeno novo e que há algo sem precedentes sobre a sua ubiquidade atual. Isso está errado. Mesmo enquanto falamos sem parar sobre elas, a realidade é que a maioria de nós tem apenas uma compreensão muito limitada de como as redes funcionam, e quase nenhum conhecimento de onde elas vieram. Em grande medida, não percebemos quão predominantes elas são no mundo natural, ou o papel vital que têm desempenhado na nossa evolução como espécie, ou como têm sido parte integral do passado humano. Como resultado, tendemos a subestimar a importância das redes no passado, e partir do pressuposto errôneo de que a história não tem nada a nos ensinar sobre esse assunto<sup>90</sup>

Ferguson aponta que existe uma tensão entre hierarquias e redes, apesar de considerar que uma hierarquia é “*apenas um tipo especial de rede*”<sup>91</sup> que se distingue das demais pelo alto grau de formalidade e a pretensão de controle do fluxo informacional.

Muitas das redes do passado seguem existindo. Abordaremos nos próximos capítulos especificamente uma delas, talvez a mais antiga e longeva, a *Maçonaria* e o seu papel potencial como agente de processos *Track 2* na África. Mas, antes, é necessário compreender os elementos fundamentais das redes sociais, e como eles impactam nas Relações Internacionais.

### 3.1 ELEMENTOS DAS REDES SOCIAIS

Segundo Ferguson, o estudo das redes remonta ao século XVIII, quando o matemático suíço Leonhard Euler (1707-1783) investigou o chamado problema das sete pontes de Königsberg. Construída no Rio Pregel, contendo duas ilhas e, na época, sete pontes, discutia-se então se seria possível um caminho que permitisse cruzar cada uma das pontes apenas uma vez para chegar ao ponto de partida. Desenhando o que hoje é reconhecido como o primeiro grafo da história, Euler demonstrou que, de fato, era matematicamente impossível fazer o trajeto. O grafo desenhado por Euler possuía quatro nós – os bancos do rio e as duas ilhas - e sete laços (ou arestas), especificamente as pontes. Euler observou que dois desses nós

---

<sup>90</sup> FERGUSON, Niall. **The Square and the Tower: Networks, hierarchies and the struggle for global power**. Londres: Penguin Books, 2018, p. 14. Tradução livre

<sup>91</sup> Idem, p. 39

tenham um número ímpar de laços, impedindo, por conseguinte, que um deles pudesse ser ao mesmo tempo ponto de chegada e de partida<sup>92</sup>.

O que se chama de análise de redes sociais emerge como uma metodologia de pesquisa a partir da contribuição intelectual de sociólogos, psicólogos e economistas que voltaram sua atenção para o fenômeno das relações sociais nas metrópoles modernas, em que as aglomerações distanciam os indivíduos uns dos outros

O pioneiro no estudo das redes sociais foi o sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918). A partir de uma série de textos condensados no livro "*Soziologie*", de 1908, Simmel traçou os primeiros elementos na identificação e no estudo das redes sociais<sup>93</sup>.

Seguidor de Kant, e se espelhando no questionamento do filósofo de Königsberg "*como é possível a própria natureza?*"<sup>94</sup>, Simmel questiona: "*como é possível a sociedade?*". A distinção entre ambas as perguntas, ele sustenta, é que

“se o que responde esta são as formas de conhecimento através das quais o sujeito realiza a síntese dos elementos factuais para que se constitua a ‘natureza’, ao passo que o que responde aquela são as condições postas *a priori* nos próprios elementos que se ligam para que se constitua a síntese ‘sociedade’”<sup>95</sup>.

Uma sociedade, para Simmel, existe onde vários indivíduos interagem entre si.

“Esta interação sempre se origina de impulsos específicos dentro de propósitos específicos ou em prol deles. Impulsos eróticos, religiosos ou puramente sociais, propósitos de defesa ou de ataque, os atos de comércio, a necessidade de assistência ou instrução e incontáveis outros propósitos atraem os seres humanos para o companheirismo, correlacionando seus assuntos uns com os outros, em atividade uns com os outros, ações uns contra os outros, atividades que tanto lhes afetam quanto lhe fazem sentir os efeitos. Estas interações indicam precisamente que os indivíduos com essas necessidades e propósitos motivadores se tornam uma unidade, de fato, ‘sociedade’”<sup>96</sup>

A posição de Simmel se aproximaria, *cum grano salis*, daquilo que posteriormente veio a ser conhecido como individualismo metodológico, que é a

---

<sup>92</sup> FERGUSON, *op cit*, p. 24

<sup>93</sup> Desta obra utilizaremos como fonte a tradução para o inglês feita por Anthony J. Blasi, Anton K. Jacobs e Mathew Kanjirathinkal. (**Sociology: Inquiries into the Construction of Social Forms**. 2 vols. Leiden: Brill, 2009).

<sup>94</sup> KANT, Immanuel. **Prolegómenos a toda metafísica futura**. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 96 (§36)

<sup>95</sup> SIMMEL *op cit* p. 42

<sup>96</sup> *Idem*, p. 22

concepção de que toda ação é essencialmente humana<sup>97</sup>. Disto não decorre, entretanto, que os fenômenos sociais não existam, como reconhece mesmo um radical individualista como Ludwig von Mises:

“(...) ora, a controvérsia quanto à anterioridade do conjunto ou de seus componentes é inútil. Logicamente as noções de um conjunto e suas partes são correlativas. como conceitos lógicos, ambos estão desvinculados do tempo. (...) Não se contesta que, na esfera da ação humana, as entidades sociais têm existência real. Ninguém se atreveria a negar que nações, estados, municipalidades, partidos, comunidades religiosas são fatores reais determinantes do curso dos eventos humanos. O individualismo metodológico, longe de contestar o significado desses conjuntos coletivos, considera como uma de suas principais tarefas descrever e analisar o seu surgimento e o seu desaparecimento, as mudanças em suas estruturas e em seu funcionamento. E escolhe o único método capaz de resolver este problema satisfatoriamente. Inicialmente, devemos dar-nos conta de que todas as ações são realizadas por indivíduos.”<sup>98</sup>

Simmel reconhece que uma sociedade é mais do que “*a mera soma*” dos indivíduos que a compõem, identificando na interação funcional deles a sua unidade. Para ele, a Sociologia é como a Geometria, seria uma *geometria social*. Assim como Euclides estabeleceu que o ponto é uma figura sem dimensão, de que nada é parte<sup>99</sup>, para Simmel o indivíduo solitário não é de interesse da Sociologia. A geometria se forma a partir da ligação entre pontos: do ponto à linha, desta ao plano, do plano ao sólido. A *geometria social* serve assim de metáfora para as ligações entre as pessoas: do indivíduo à díade, da díade à tríade, da tríade à sociedade como um todo<sup>100</sup>.

“*A ideia de sociedade*”, ele escreve, possuiria dois significados distintos: “*É tanto o complexo de interações individuais (...) como também a soma das formas de relacionamento através dos quais os indivíduos formam a sociedade no primeiro sentido*”<sup>101</sup>. A distinção entre a geometria e a sociologia é que ao invés de formas

<sup>97</sup> cf. WEBER, Max. **Economy and Society: a new translation**. Cambridge: Harvard University Press, 2019, p. 95 e ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 491-494.

<sup>98</sup> VON MISES, Ludwig. **Ação Humana: Um tratado de economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010, p. 69-70

<sup>99</sup> EUCLIDES. **Os Elementos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, *passim*

<sup>100</sup> Simmel ressalva, todavia, que a analogia da Sociologia com a Geometria – ambas disciplinas, em sua concepção, auxiliares – não se aplica para além do propósito declarado de esclarecer os problemas fundamentais da Sociologia (*op cit*, p. 27).

<sup>101</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 26

geométricas e ângulos, os elementos da análise sociológica seriam as interações sociais<sup>102</sup> que são, assim, as condições *a priori* da “sociedade”.

Ao longo de sua obra, Simmel aponta alguns exemplos destas condições. A primeira, e mais relevante neste momento, é a da determinação quantitativa dos grupos.

A quantidade de pessoas em uma determinada interação social impacta diretamente em sua qualidade. Como o próprio Simmel exemplifica, um jantar com dois amigos não é a mesma coisa, em termos de logística e intimidade, do que um com trinta<sup>103</sup>. Mas a definição de grandeza é intrinsecamente complicada, ele reconhece: “*com quantos grãos se tem um ‘monte’(heap)?*”, pergunta, retoricamente<sup>104</sup>. As relações sociais são impactadas pelo aspecto quantitativo de uma maneira distinta do aspecto proporcional. Para fins de imposição de uma tirania, exemplifica, um exército de cem mil em uma população de dez milhões de habitantes tem o feito distinto de cem soldados numa cidade com cem mil ou um soldado num vilarejo com cem pessoas<sup>105</sup>.

Simmel parte então da análise mais simples das formas de interação, a díade, ou seja, uma relação entre *dois* participantes – *rectius*, unidades<sup>106</sup>. A díade se assenta exclusivamente em um e no outro participantes. A retirada de um destrói a interação, o que não ocorre em outras: Na *tríade*, a retirada de um ainda deixa no lugar uma *díade*<sup>107</sup>.

A díade é a forma de interação que permite o máximo de intimidade – transparência – entre seus membros<sup>108</sup>. É também na díade que a individualidade é

---

<sup>102</sup> Os tradutores para a língua inglesa chamam a atenção (SIMMEL, *op cit*, p. xv) para o fato que a palavra originalmente usada por Simmel, “*Vergesellschaftung*” fora anteriormente traduzida em outras edições como “sociação” (*sociation*), mas que se refere a duas situações distintas: a *interação social* propriamente dita e a *criação social*, conforme o contexto, formas que passariam a ser usadas doravante.

<sup>103</sup> *Idem*, p. 73

<sup>104</sup> *Ibid*, p. 76

<sup>105</sup> *Ibid*, p. 62

<sup>106</sup> As noções de díade e tríade, aqui apresentadas, são relacionadas a unidades, não necessariamente a indivíduos humanos. Se uma rede de relações for tomada como uma unidade – um estado, por exemplo – nada impede a transposição desta noção para estas abstrações coletivas. Simmel, aliás, o faz frequentemente nos textos ao construir os exemplos com que explica as noções que apresenta.

<sup>107</sup> *Ibid*, p. 83

<sup>108</sup> *Ibid* p. 85

preservada ao máximo, já que não existe uma maioria que possa se sobrepor como uma *unidade* sobre um dos membros<sup>109</sup>.

A agregação de um novo membro na interação a transforma em uma *triade*. Para Simmel, a inclusão de membros adicionais não altera a divisão essencial entre tríades e díades<sup>110</sup>: aquelas continuam tendo a possibilidade de perder membros e permanecerem como interações sociais, ao passo que esta, não.

Tríades (aqui entendidas no sentido lato supra, ou seja, interações entre três ou mais unidades) permitem a formação de coalizões. Por exemplo, m pai e uma mãe, observa Simmel, tendem a formar uma *unidade* em face do(s) filho(s)<sup>111</sup>.

O terceiro que ingressa numa díade pode representar distintos papéis. Pode ser um *mediador*, mantendo o todo unido ao estabelecer ou estreitar os laços entre os outros dois, ou atuando para equilibrar as disputas, através da eliminação de mal-entendidos, persuasão etc<sup>112</sup>. Nesta mesma toada pode desempenhar papéis de *representação* ou de *articulação* entre os polos.

Pode exercer ainda o papel de beneficiário da relação, o *tertius gaudens*<sup>113</sup>, que é aquele que por deter o fluxo de informação pode dele se beneficiar, tanto com um lucro material, como por exemplo, o *comprador* que pode comparar os preços de diversos fornecedores sem que eles o saibam e possam combinar os preços<sup>114</sup>, como imaterial, e.g., o mediador que é louvado e adquire poder e prestígio em razão de uma mediação bem sucedida.

A terceira posição é a divisiva<sup>115</sup>. Nas duas posições precedentes o terceiro se vale de uma tensão existente ou emergente entre os outros dois. Mas ele também pode *criar* esta tensão para dela obter vantagens: *Divide et impera*. Esta tensão pode ser criada a partir da manipulação das partes, por exemplo, quando o terceiro beneficia um e não o outro, como, por exemplo, a ação da colonização belga na região

---

<sup>109</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 94

<sup>110</sup> *Idem*, p. 97

<sup>111</sup> *Ibid*, p. 96

<sup>112</sup> *Ibid*, p. 101-108

<sup>113</sup> *Ibid*, p. 108-115

<sup>114</sup> Simmel observa (p.113) que a posição favorável do terceiro desaparece no momento em que os outros dois se combinam em uma unidade, como observado por Adam Smith: “*As pessoas do mesmo ofício raramente se encontram, mesmo para festas e diversão, mas a conversação sempre termina numa conspiração contra o público, ou em alguma maquinação para elevar os preços*”. SMITH, Adam. **A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 131.

<sup>115</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 115-122

dos Grandes Lagos na África, ao se criar arbitrariamente uma unidade territorial antes inexistente (“Ruanda”) e estabelecer um dos povos autóctones (os “Tutsis”) como superior e politicamente privilegiado em relação ao outro (os “Hutus”), jogando assim com tensões interétnicas que acabariam por desembocar em uma guerra civil e genocídio na década de 1990. A atuação divisiva é típica, por exemplo, em autocracias, nas quais os detentores do poder têm como adversários em potencial não a população, mas os membros da própria elite. Sua segurança, assim, se estabelece em manter seus aliados permanentemente sobressaltados com o ganhar ou perder postos de prestígio.

Simmel vai observar que todas as pessoas estão envolvidas em círculos sociais<sup>116</sup>, mas que estes círculos têm configurações diferentes no tempo e no espaço. Os indivíduos, ele nota,

“se veem inicialmente em um contexto relativamente indiferente à sua individualidade, que os obriga por força do destino e que impõe um envolvimento próximo que àquelas coisas postas acidentalmente quando do nascimento. E, obviamente, este contexto inicial significa a circunstância de começo do desenvolvimento filogenético bem como ontogenético. Mas à medida que se desenvolvem, se movem de relacionamentos associativos de componentes homogêneos para círculos mais heterogêneos. Assim, a família abarca um número de indivíduos que são inicialmente dependentes deste laço inicial no mais alto grau. No entanto, a evolução progressiva implica que cada indivíduo que a compõe construa um laço com pessoas que estão fora do vínculo associativo original e, ao invés disso, possuem uma relação com o indivíduo através da igualdade objetiva das disposições, inclinações, atividades. A associação por força de uma união (*togetherness*) formal é cada vez mais substituída por uma associação de relacionamentos substanciais. Como o conceito superior une o que é comum a um grande número de complexos intuitivos muito variados, o que mais vale do ponto de vista prático une pessoas similares, desde grupos externos e não relacionados. Novas esferas de contato são estabelecidas de modo a colocar aquela posição anterior, relativamente mais natural, com laços mais físicos, em posições mais diversas<sup>117</sup>”.

A liberdade do berço implica assim numa progressiva formação de novos laços, cuja totalidade implica numa rede de socialização (ou *rede social*). Para Simmel, as

---

<sup>116</sup> Os tradutores da edição citada optaram pela expressão “*the intersection of social circles*”, que traduzimos livremente “*a intersecção dos círculos sociais*”. Outra tradução disponível para o inglês feita por Reinhard Bendix, mais antiga (1955), é “*web of group-affiliations*”, que podemos traduzir livremente como “*rede (ou teia) de afiliações grupais*”

<sup>117</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 363-364. Tradução livre.

formas sociais tradicionais, pré-modernas, com pouco espaço para a individualidade, seriam representáveis por círculos sociais concêntricos, ou seja

“Círculos cada mais estreitos - nação, classe social, ocupação, as categorias singulares dentro de cada um – não proveem ao partícipe nenhuma posição especial pois participar do menor deles por si só já implica participar dos maiores. Não obstante, estas afiliações – assim ditas, inseridas umas nas outras – definem seus indivíduos de modo nem sempre unificado, já que sua relação de concentricidade pode ser mecânica ao invés de orgânica, de forma que, apesar do relacionamento, elas influenciam os seus indivíduos como se justapostos de modo independente uns dos outros”<sup>118</sup>

Nas sociedades modernas, após o advento do capitalismo e da progressiva urbanização da vida, o indivíduo adquire mais liberdade associativa, os círculos sociais não mais se sobrepõem, mas se interseccionam. O espaço da vida passou a ir além do vilarejo e da família. Passou a englobar meros conhecidos, pessoas religiões e nacionalidades diferentes, espaços de sociabilidade, trabalho etc, espaços que podem ter sido escolhidos livremente ou herdados, interseccionando sobre o indivíduo, criando o novo desafio de equilibrar todas estas dimensões da sua natureza<sup>119</sup>. Como nota Simmel,

“O número dos vários círculos a que o indivíduo pertence é um dos indicadores da cultura. Se o homem moderno pertence, num primeiro momento, à família de origem, logo ele pertencerá àquela que ele mesmo funda e, deste modo, também à de sua esposa e, ao fim e ao cabo, à sua profissão, que por si, com frequência, integrá-lo-á a múltiplos círculos de interesses (por exemplo, em toda profissão que tem pessoas em posições de direção e subordinação, cada um está no círculo de seu negócio, departamento, escritório especial etc., que inclui superiores e inferiores, e, além disso, no círculo que se forma entre aqueles que ocupam uma mesma posição nos diversos negócios, etc.). Assim, embora tenha consciência de sua cidadania e *status* social, é também um oficial de reserva, pertence a um par de associações e participa de laços sociáveis que atravessam os mais diversos círculos (...)”<sup>120</sup>

Um outro aspecto da sociologia simmeliana aplicado às redes sociais foi a caracterização das modalidades de associação baseada no grau de conhecimento recíproco entre seus membros. Em um capítulo dedicado ao estudo do segredo e das sociedades secretas, Simmel observa que todo relacionamento humano se baseia em *algum* grau de conhecimento recíproco<sup>121</sup>, elaborado de modo subjetivo a partir das

---

<sup>118</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 376. Tradução livre.

<sup>119</sup> idem, p. 372-373

<sup>120</sup> Ibid p. 370

<sup>121</sup> Ibid p. 307

informações conhecidas. “Ninguém pode jamais conhecer absolutamente o outro”, frisa, “pois a imagem formada de alguém é na verdade uma unidade pelos fragmentos que o outro disponibiliza”<sup>122</sup>.

Simmel sustenta que os indivíduos se associam em torno de grupos de interesses em comum (*association for a purpose*), nos quais os membros assumem obrigações recíprocas (a mínima mais comum, por exemplo, é o pagamento de taxas) e o interesse em comum é o que impele a associação. De uns e dos outros membros não se exige mais do que saber que formam essa associação.<sup>123</sup>

Outra modalidade de associação é aquela decorrente da confiança. A confiança somente se opera num terreno mediano entre o conhecimento e a ignorância. “A confiança é supérflua para quem conhece tudo [do outro], e é racionalmente impossível para quem não conhece nada”, sustenta Simmel<sup>124</sup>. O grau de conhecimento necessário varia diante das circunstâncias. Um mercador não precisa saber do cliente mais do que se dispõe de fundos para pagar. Mas, se este mesmo mercador for escolher um sócio, outras informações para além da solvência serão necessárias. A confiança é a base da organização social moderna, como, aliás, frisado por Peyrefitte no capítulo precedente, pelo que sua quebra pela mentira é extremamente gravosa. Como Simmel salienta,

“Tomamos nossas decisões mais importantes baseados num complicado sistema de representações, a maior parte das quais pressupõe a confiança de que não seremos enganados. Se entre nós a mentira fosse um pecado venial (...) e a rigidez da ordem moral não fosse um elemento dissuasório, a estrutura da vida moderna - que é uma ‘economia de crédito’ num sentido muito mais amplo do que se lhe dá o econômico - seria absolutamente impossível”<sup>125</sup>

Além destas relações baseadas na associação, no interesse comum e na confiança, surge também o relacionamento de mero conhecimento (*acquaintance*). O *conhecido*, como a própria expressão denota, é alguém de quem algo se conhece, mas sem grande intimidade. Não se *conhece*, em sentido estrito, a personalidade da pessoa, apenas sabe-se de sua existência e, em algum grau, de sua reputação.

Simmel observa que o campo do conhecimento é o local apropriado da privacidade (*discretion*). As relações humanas, como visto, são construídas sobre

<sup>122</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 308. Tradução livre, grifo no original.

<sup>123</sup> *Idem*, p. 314

<sup>124</sup> *Ibid*, p. 315

<sup>125</sup> *Ibid*, p. 312



sucessivas revelações e ocultações. A privacidade é a fronteira mais ou menos fluida entre o que se pode ou não revelar à revelia do sujeito.

Quando a balança entre conhecimento e ignorância passa a pender cada vez mais no sentido do conhecimento tem-se a hipótese de novas configurações, a amizade e o casamento. A amizade é uma forma de relacionamento em que se permite a ampliação do grau de conhecimento dentro de algumas das esferas, por exemplo, em termos de afeição, intelectuais, religiosos ou de experiências comuns. O casamento é também um espaço de alta intimidade – em esferas além daquelas existentes na amizade – mas também de segredos: o impulso natural dos amantes de se abrirem completamente uns aos outros, apesar de compreensível no início da relação<sup>126</sup>.

Estas considerações não são supérfluas, pois oferecem uma demarcação razoável do grau de conhecimento recíproco em que se baseiam as diversas interações sociais para além da mera representação em díades ou tríades, o que é útil para a compreensão dos desenvolvimentos posteriores da análise de redes sociais.

### 3.2 O PAPEL DOS “LAÇOS FRACOS”

O papel dos laços na eficácia das redes vem sendo estudado desde a década de 1930, quando o psiquiatra americano de origem romena Jacob Moreno (1889-1974) se debruçou sobre o problema do grande volume de fugas de garotas de um determinado internato no Estado de Nova York, num curto espaço de tempo. Analisando as relações existentes entre as fugitivas e as demais internas, Moreno pôde demonstrar que as redes de sociabilidade existentes entre as internas tiveram papel decisivo na transmissão de notícias e incentivos às fugas<sup>127</sup>.

Na década de 1960, o psicólogo Stanley Milgram (1933-1984) conduziu um famoso experimento no qual enviou cartas a 160 cidadãos aleatórios da cidade de Wichita, Nebraska, pedindo que reencaminhassem a correspondência para uma determinada pessoa, sem, entretanto, fornecer seu endereço. Os recipiendários foram

---

<sup>126</sup> C.S. Lewis trabalhará de modo mais aprofundado, mas incabível para os propósitos do presente trabalho, as distinções entre os tipos de amor, calcado nas distinções do vocabulário grego – *philia*, *eros*, *storgé* e *ágape* – no seu “**Os Quatro Amores**” (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017).

<sup>127</sup> FERGUSON, *op cit*, p. 25; MORENO, Jacob. **Who shall survive? A new approach to the problem of human interrelations**. Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Co., 1934

instruídos para que, caso não conhecessem o destinatário final deveriam encaminhar a correspondência para outra pessoa, de sua livre escolha, que talvez a conhecesse: entre 21 e 44 cartas chegaram ao destinatário final, um número significativo se levarmos em conta de que não havia qualquer incentivo para o reenvio. Em média as correspondências passaram pelas mãos de cinco intermediários, resultado que formou o lugar-comum de que seis graus separam qualquer pessoa do planeta.<sup>128</sup>

Em 1973 o sociólogo Mark Granovetter publicou o artigo “*The strenght of weak ties*”, em que sugere a utilização da análise de redes sociais como ferramenta para ligar os níveis *micro* e *macro* de teoria sociológica. A partir do uso da sociometria para analisar o impacto das relações interpessoais na mobilidade social e organização comunitária, Granovetter demonstrou que os laços fracos (*weak ties*) entre os indivíduos propiciam maiores oportunidades de difusão informacional<sup>129</sup>.

Os laços, aqui, se dividem entre fortes e fracos ou ausentes. Laços fortes são aqueles em que há maior intimidade (ou interação) entre os nós da rede<sup>130</sup>. Laços fracos, ao contrário, se apoiam apenas nas relações de conhecimento (ou de baixa interação), num sentido simmeliano<sup>131</sup>.

Focando especificamente a partir da análise de indivíduos em busca de emprego, o pesquisador observou que meros conhecidos (*acquaintances*) eram mais úteis do que amigos íntimos na obtenção de informações relevantes sobre disponibilidade de vagas de emprego. A razão para isso decorria do fato de que os amigos íntimos tendiam a partilhar da mesma rede, ao passo que meros conhecidos forneciam pontes para outras redes.

Como já visto, uma rede é composta basicamente de nós que se ligam entre si por laços. Simmel observou duas formações básicas de nós e laços: as díades e as tríades, não fazendo diferença para fins de análise da estrutura a adição de novos nós.

---

<sup>128</sup> FERGUSON, *op cit*, pp 24-29.

<sup>129</sup> Segundo Granovetter, “a força de um laço é uma combinação (provavelmente linear) da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confidência mútua) e serviços recíprocos que caracterizam o laço” (GRANOVETTER, M. S. *The Strength of Weak Ties*. **American Journal of Sociology**, V. 78, maio de 1973, 347-367.). Tradução livre.

<sup>130</sup> Na linguagem da análise de redes chamam-se “nós” quaisquer unidades que representem o elemento individual em análise. Podem ser pessoas, organizações, empresas, países etc.

<sup>131</sup> Cf. GRANOVETTER, *op cit*, p. 355

“Sejam considerados dois indivíduos – podemos chamá-los de A e B – e dado o conjunto  $S=C, D, E...$ , todo de pessoas com laços com um ou ambos”, hipotetizou Granovetter, “quanto mais fortes os laços entre A e B maior a proporção de indivíduos em S aos quais ambos estão ligados por um laço forte ou fraco”. Esta sobreposição de amizades seria **mínima** quando A e B não tiverem laço algum, **provável** quando ambos tiverem laços fortes e **intermediária** quando A e B tiverem laços fracos.<sup>132</sup>

Diversas modalidades de laços entre os nós podem ocorrer em tríades<sup>133</sup>, sendo que Granovetter considera apenas uma como altamente improvável, a chamada “Tríade Proibida”, em que nós (C, B) têm laços fortes com outro nó (A) mas não têm *absolutamente nenhum* entre si<sup>134</sup>.

Granovetter introduz o conceito de *ponte* como sendo a linha que liga dois nós de redes distintas, sendo a única forma através da qual podem fluir informações ou influência. Via de regra, assevera, laços fortes não formam pontes (já que a probabilidade seja de que os nós com laços fortes façam parte da mesma rede), fazendo-o apenas se *nenhuma* das partes tiver outro laço forte (algo improvável). Desta forma, todas as pontes são, também, laços fracos<sup>135</sup>.

A importância dos laços fracos é assim revelada na medida em que a formação de pontes encurta as distâncias e atinge um maior número de pessoas. Os infinitos laços de socialização servem como conduítes para a disseminação de informação, “*desejada ou não*”<sup>136</sup> como bem e sagazmente sintetizado num poema de Mario Quintana: “*Não te abras com teu amigo / Que ele um outro amigo tem. / E o amigo de teu amigo / Possui amigos também...*”<sup>137</sup>

Granovetter assevera, também, que diferentes partes da rede social podem ter densidades diferentes, conforme o maior ou menor grau de força entre os laços. Em redes egocêntricas<sup>138</sup> a existência dos laços fracos significa ampliação de alcance. Na pesquisa conduzida por ele pessoas em busca de emprego tinham mais probabilidade

<sup>132</sup> GRANOVELTER, *op cit*, p. 349. Tradução livre.

<sup>133</sup> Charles Kadushin, em obra introdutória sobre o tema, conta dezesseis possibilidades triádicas. Cf. KADUSHIN, Charles. **Understanding Social Networks: Theories, Concepts and Findings**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 24

<sup>134</sup> GRANOVELTER, *op cit*, p. 350

<sup>135</sup> *Idem*, p. 351

<sup>136</sup> KADUSHIN, *op cit*, p. 8

<sup>137</sup> QUINTANA, Mario. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 224

<sup>138</sup> Redes egocêntricas são formadas por um indivíduo, no centro, seus contatos diretos e os contatos diretos de seus contatos diretos.

de encontrar informações relevantes com conhecidos do que com amigos, pois enquanto o círculo íntimo (denso) compartilhava em regra as mesmas informações e contextos, os laços fracos, através de pontes, traziam informações e contextos de outros ajuntamentos (*clusters*).

Obviamente isto não equivale a dizer que laços fortes são inúteis. Em uma revisão posterior da teoria (1983), Granovetter adverte que não é necessário dispensar os amigos e formar uma vasta rede de conhecidos: “*laços fracos fornecem informações para além do seu círculo, mas laços fortes são mais propensos a prestar assistência e são mais acessíveis*”<sup>139</sup>. A importância dos laços fortes é reforçada alhures, quando Granovetter comenta resultados de pesquisas em comunidades carentes que demonstram a importância dos laços fortes no apoio recíproco em condições de pobreza<sup>140</sup>.

No mesmo trabalho ele demonstrou, ainda, a importância dos laços fracos na disseminação de ideias. Ele citou, dentre outras, pesquisas que demonstravam que muitos dos elementos de cultura popular adolescente (piadas pornográficas, “causos” sexuais, humor ofensivo) não eram transmitidos pelos meios de comunicação de massa, mas circulavam e se tornavam amplamente conhecidos, de todo modo<sup>141</sup>. Ele frisa, entretanto, que enquanto o fluxo das ideias pode ser explicado pela hipótese, na medida em que os laços fracos *possibilitam* o fluxo de informação, mas não explicam sua adoção.

Duas outras noções, complementares, se apresentam como importantes. Uma é o conceito de *centralidade* na rede. Este fenômeno se verifica quando um maior número de laços converge para – ou se origina de – um determinado nó. O número de conexões é chamado “grau”. Considerando que na geometria das redes as pontes representam o caminho mais curto, via laços fracos, entre dois nós, os nós com maior centralidade representam caminhos importantes, donde se depreende uma possível

---

<sup>139</sup> GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**. V. 1, 1983, pp. 201-233 (p. 209)

<sup>140</sup> *Idem*, pp. 212- 213

<sup>141</sup> Apesar de ter sido escrito antes do advento da *internet* – as redes de computador já existiam, entretanto, usando as mesmas premissas já expostas – o fenômeno citado por Granovetter é hoje exemplificado pelos *memes* da internet, “unidades de conhecimento humorístico” da internet, assim batizados por apropriação do termo cunhado em 1976 por Richard Dawkins no seu livro “O gene egoísta” para descrever um fenômeno da replicação de uma unidade de conhecimento básica, análogo ao que é o *gene* para a genética. Cf. DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 [1976], p. 227-240

popularidade e posição de liderança, vitais para a atividade de intermediação (*broker*)<sup>142</sup>.

Outra noção é a de *distância*. A distância constitui no menor número de nós entre as duas pontas da rede. Os caminhos mais curtos, nas relações sociais, tendem a ser melhores no sentido de manter a mensagem mais íntegra<sup>143</sup>. A brincadeira infantil conhecida como “telefone sem fio” é um bom exemplo de como uma mensagem pode ser alterada à medida que passa por sucessivos nós, ficando assim menos confiável.

As redes estão por todo lugar e podem ser identificadas em qualquer contexto. Como no poema de John Donne, “*nenhum homem é uma ilha*”, e o estabelecimento de relações entre quaisquer unidades dá início a uma série amplíssima, quiçá infinita, de conexões e intersecções.

Os princípios das redes sociais são aplicáveis em qualquer escala, especialmente se se considerar que, a depender do nível de análise, qualquer tipo de unidade pode ser considerada um nó, o que demonstra sua relevância para o estudo das Relações Internacionais.

### 3.3 A ANÁLISE DE REDES NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

No sentido mais simples, uma rede é um conjunto de relacionamentos. Manuela Caiani define a análise de redes sociais como sendo um conjunto de ferramentas metodológicas e conceituais para a medição, descrição sistemática e análise de estruturas de relações. Considerando a maneira como a rede impacta nos atores sociais que nela tomam parte, o centro da análise é a rede como um todo, focando nas díades, tríades e nos sistemas maiores por eles formados<sup>144</sup>.

A análise de redes tem sido utilizada por pesquisadores no campo das ciências sociais para estudar, por exemplo, a formação e as repercussões das redes em processos sociais, permitindo a identificação de padrões, estruturas, comportamentos sociais, bem como a natureza de movimentos, processos de ação coletiva e contramobilização e o papel de grupos de militância política e social<sup>145</sup>

---

<sup>142</sup> KADUSHIN, *op cit*, pp. 31-32

<sup>143</sup> *Idem*, p. 33

<sup>144</sup> CAIANI, Manuela. Social Network Analysis in DELLA PORTA, Donatella (ed). **Methodological Practices in Social Movement Research**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 368

<sup>145</sup> CAIANI, *op cit*, p. 372

Maoz Zeev chama a atenção para o fato de que pesquisadores no campo das Relações Internacionais têm usado a linguagem e a terminologia da análise de redes sociais para discutir aspectos da política internacional sem se darem conta de que existe um método científico neste campo<sup>146</sup>.

Conquanto as definições básicas sobre redes sociais não discrepem entre os autores citados, Zeev descreve a distinção entre *redes relacionais* e *redes de afiliação*. Estas são aquelas redes nas quais regras estabelecem a afiliação de uma unidade a um evento, organização, grupo ou outra coletividade. Aquelas, por seu turno, são as definidas na presença, direção ou magnitude de uma interação entre duas unidades, por exemplo, relações de amizade, vizinhança, alianças<sup>147</sup>.

Ele observa ainda que redes relacionais podem ser simétricas ou assimétricas. Alianças, exemplifica, são simétricas, na medida em que tratados de defesa são recíprocos. Uma rede de comércio, entretanto, é assimétrica, na medida em que as balanças comerciais não são recíprocas.

Discorrendo sobre as contribuições potenciais da análise de redes sociais para as pesquisas de Relações Internacionais, Zeev sustenta que ela pode oferecer um arcabouço para o estudo sistemático das relações indiretas e suas implicações, como, por exemplo, na formação da balança de poder e formação de alianças. A análise de redes também tem o potencial de servir como ponte entre os diversos níveis de análise, fazendo referência ao debate sobre esses níveis de análise nas Relações Internacionais.

Neste ponto, ele sustenta que a análise de redes sociais

“oferece um conjunto de estratégias para se dirigir ao paradoxo no nível de análise ao substituir o progresso de agregação linear (o problema da inferência ecológica) com um conjunto de processos sistemáticos de transformação de um nível para o outro. O elemento básico da análise de redes é a díade. Assim, o que distingue a análise de redes sociais de outras abordagens é que, dado o conjunto de variáveis mapeados em termos de relações diádicas, podemos deduzir estruturas, atributos e processos em diferentes níveis de análise. Este é um processo de dedução não linear. Além do mais, um dado conjunto de relações diádicas pode induzir múltiplas medidas descritivas dos atributos das unidades individuais (tais como medidas de centralidade, prestígio, influência, intermediação [*brokerage*]). Dela também se podem induzir um número de ajuntamentos de unidades

---

<sup>146</sup> ZEEV, Maoz. **Network of Nations: The Evolution, Structure and impact of International Networks, 1816 – 2001**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 5

<sup>147</sup> *Idem*, p. 7

(...). Finalmente, dela também se pode induzir um conjunto de características sistêmicas (como densidade, transitividade, polarização e interdependência). Cada uma destas características tem sua própria lógica interna e se acomoda a diferentes objetivos teóricos e metodológicos. A flexibilidade destas medidas decorre de serem diferentes umas das outras e assim refletirem diferentes atributos de unidades, subgrupos ou da rede como um todo.<sup>148</sup>

A análise de redes sociais é apresentada também como uma abordagem que permite combinar atributos, relações e estrutura em um único “pacote” de pesquisa, permitindo uma análise compreensiva delas<sup>149</sup>.

Tobias Böhmelt, por exemplo, se utiliza do conceito de “laços indiretos” como mecanismo de comunicação entre beligerantes. O conceito é no todo idêntico ao das “pontes” de Granovetter, apesar de o último não constar da sua revisão bibliográfica. Böhmelt revisou uma série de conflitos mediados e observou que o volume de laços indiretos entre Estados em conflitos, seja decorrentes de suas alianças bilaterais tanto quanto de sua participação comum em Organizações Internacionais, por comércio ou por qualquer outra forma de comunicação, aumenta as trocas de informações entre as partes e potencializa as chances de terceiros mediadores obterem sucesso<sup>150</sup>.

### 3.4 REDES SOCIAIS E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Conquanto as pesquisas tanto de Böhmelt quanto de Zeev foquem quase que exclusivamente nas redes de estados, este ressalta a relevância da análise de redes, no âmbito das relações internacionais, para examinar aquelas que ligam atores estatais e não estatais, bem como no levantamento de redes domésticas<sup>151</sup>, ao passo que aquele observa que os pesquisadores deveriam prestar mais atenção à posição dos Estados em redes e ao papel de seus laços indiretos.

“Os resultados empíricos dão forte apoio a minha alegação de que são os laços indiretos, mais que os diretos, entre os estados beligerantes os que mais importam no sentido de se o conflito será mediado ou não. Quanto mais e mais fortes forem os laços indiretos da díade maior o número de potenciais mediadores, permite uma maior efetividade na transmissão e recepção de informação e aumenta, também, a força de pressão do lado da oferta, em termos de influência. Dito de outro modo, em termos de prognóstico de mediação, laços diretos tendem

<sup>148</sup> ZEEV, *op cit*, p. 24

<sup>149</sup> *Idem*, p. 25

<sup>150</sup> BÖHMELT, Tobias **International Mediation Interaction: Synergy, conflict, effectiveness**. Heidelberg: VS Verlag, 2011, pp. 31-52

<sup>151</sup> ZEEV, *op cit*, p. 375

a ser cortados tão logo o conflito irrompa, sendo substituídos por laços indiretos”<sup>152</sup>

A rigor, não existe razão para supor que apenas outros estados tenham a capacidade de exercer este papel nas redes. Como já visto, as várias redes, nos mais diversos níveis de análise, se ligam em por várias vias. No capítulo precedente, por exemplo, foi demonstrado que, além da via oficial, institucional, diversos outros atores, sejam indivíduos, sejam organizações não governamentais (ou mesmo redes *ad hoc* de ativismo formadas em torno de alguma comoção temporária), em especial as transnacionais, têm a capacidade de agir como mediadores em conflitos.

Como afirmam Keck e Sikkink:

“A teoria de redes pode prover um modelo de mudança transnacional que não seja só o de difusão de instituições e práticas liberais, mas um através do qual as preferências e identidades dos atores engajados numa sociedade transnacional são mutuamente transformados através da interação entre eles. Como redes são voluntárias e horizontais, os atores que delas participam o fazem ao ponto de que pode antecipar aprendizado, respeito e benefícios mútuos. Redes modernas não são correias de transmissão de ideais liberais, mas veículos para trocas políticas e de comunicação, com potencial de mútua transformação para os participantes. Neste sentido, a teoria das redes liga a crença construtivista de que *identidades internacionais são construídas* à pesquisa empírica que segue os passos de como esse processo ocorreu, identificando os limites materiais e ideológicos de tal construção naquela configuração histórica e política em particular.”<sup>153</sup>

Redes de ativismo podem se formar em prol de, literalmente, qualquer causa. Como Granovetter frisou, *supra*, a análise de redes é capaz de mostrar ao menos parte do caminho das ideias, mas não o porquê de elas serem ou não aceitas (muito menos um juízo axiológico delas).

Se fizermos uma imagem dicotômica (ou diádica) do espectro político, e.g., entre direita e esquerda, conservadores ou revolucionários, reacionários ou progressistas, encontraremos redes de ativismo em ambas. Temas como aquecimento global (ou a contestação de sua causa antropogênica), controle de armas (ou a defesa da liberdade de se ter e portar armas), abertura (ou fechamento) das fronteiras para refugiados, *Occupy Wall Street* de um lado e *Tea Party* do outro, por exemplo,

---

<sup>152</sup> BÖHMELT, *op cit*, p. 51

<sup>153</sup> KECK; SIKKINK, *op cit*, p. 234



mobilizam redes transnacionais compostas tanto por indivíduos quanto por organizações<sup>154</sup>.

A diferença é que talvez exista uma tendência nos membros de cada facção para ver a articulação de seu próprio lado como espontânea, genuína, orgânica ou natural e a do outro lado, *obviamente*, como fruto de uma vasta conspiração.

Mas as redes de ativismo, de todo modo, não são capazes de dar vazão a um papel de mediador de conflitos, ao menos ordinariamente, pois lhes falta, evidentemente, neutralidade e imparcialidade. Apesar de ter sido anteriormente exposto por Peter Jones que esta condição não é um óbice *per se*, a atuação ativista é mais apropriada no sentido da *transformação* do conflito, conforme demonstrado no capítulo anterior. Para o gerenciamento ou a resolução de conflitos, a atuação de atores mais neutros ou imparciais aparenta possuir maior probabilidade de sucesso.

Conflitos, na visão de Simmel, não são uma força meramente destrutiva (não obstante, causem destruição), mas uma força integrativa da sociedade, com qualidades negativas e positivas, pois mesmo em grupos pequenos (um casal, por exemplo) surgirão discordâncias e controvérsias: não é possível ser harmônico 100% do tempo.

Os conflitos, afirma, permitem que as relações sociais se desenvolvam e evoluam como novas unidades<sup>155</sup>. “*Assim como o cosmos precisa de ‘amor e ódio’, forças de atração e repulsão para que tenha forma*”, diz, “*assim também a sociedade precisa de uma razão entre harmonia e desarmonia, associação e competição, boa vontade e má vontade para que se chegue a determinado destino*”<sup>156</sup>.

---

<sup>154</sup> Benedict Anderson, em “**Sob Três Bandeiras: Anarquismo e Imaginação Anticolonial**” (Campinas: Ed. Unicamp, 2014) oferece uma descrição bem vívida da rede transnacional de interação da intelectualidade anarquista no fim do século XIX e seu impacto em movimentos de libertação nacional. Ver também, os exemplos contemporâneos de ativismo em rede, citados por Manuel Castells em **Redes de Indignação e Esperança** (Rio de Janeiro: Zahar, 2017) e por Clifford Bob em **The Global Right Wing and the Clash of World Politics** (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), bem como a discussão sobre o papel de redes em ações de guerra (ou guerrilha) de narrativas, proporcionada por Fábio Malini e Henrique Antoum em “**A internet e a Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**” (Porto Alegre: Sulina, 2013) e por Flávio Morgenstern em “**Por detrás da máscara: Do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**” (Rio de Janeiro: Record, 2015).

<sup>155</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 230

<sup>156</sup> *Idem*, p. 228

Simmel discorre sobre as modalidades de resolução<sup>157</sup> de um conflito. A guerra, em si mesmo, não é o conflito, mas uma tentativa de solucioná-lo. Ex-aluno de Simmel, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset vai comentar, no final da década de 1920 sobre o que ele enxergava como sendo a puerilidade do pacifismo:

“Essa crença [pacifista] seria incompreensível se não se percebesse o erro de diagnóstico em que se baseia, ou seja, a ideia de que a guerra nasce simplesmente das paixões dos homens, e que, uma vez reprimidas essas paixões, o belicismo será sufocado. (...) A guerra, repetimos, era um meio que os homens tinham inventado para resolver certos conflitos. A renúncia à guerra não elimina estes conflitos. Ao contrário, ficam mais intactos e menos resolvidos do que nunca. A ausência de paixões e a vontade pacífica de todos os homens seriam completamente ineficazes porque os conflitos reclamariam solução e, enquanto não se inventasse outro meio a guerra reapareceria inexoravelmente nesse planeta imaginário só habitado por pacifistas. Não é, pois, a vontade de paz o fator decisivo do pacifismo.”<sup>158</sup>

A resolução do conflito pela *vitória* é o que buscam os beligerantes numa guerra. Mas a vitória, para que seja geradora de *paz*, não se basta. O poder material superior do vencedor depende, ainda que parcialmente, da *aquiescência* do derrotado<sup>159</sup>. A falta desta aquiescência pode manter o conflito ainda em estado de latência – até que outra modalidade de aquisição da paz se imponha – ou mesmo ativo. A falta de aquiescência dos alemães, no sentido psicológico, ao *status quo* pós-Versailles manteve acesa a chama que iria incendiar a Europa em 1939. A falta de aquiescência dos poloneses face aos alemães gerou o mais aguerrido movimento de resistência militar na Europa continental entre 1939 e 1945. E a falta de aquiescência dos poloneses ao *fait accompli* imposto pelos soviéticos após 1945, chancelado pelas potências ocidentais, gerou as condições psicológicas para o surgimento do movimento “Solidariedade”, em 1980, que pôs em xeque a hegemonia soviética.

Outra modalidade de resolução apontada por Simmel é o *compromisso*. Mas o compromisso é improvável se o *objeto* do conflito for indivisível, salvo se uma das partes aceitar uma compensação por sua perda. Esta fungibilidade é puramente subjetiva, e depende, assim, de uma disposição da parte<sup>160</sup>. Esta disposição pode ser trabalhada internamente, mas demanda tempo e persuasão.

<sup>157</sup> “Resolução” aqui sendo empregada em sentido lato, podendo abarcar tanto a “resolução” em sentido estrito quanto a “transformação”, conforme visto no parágrafo anterior.

<sup>158</sup> ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: BibliEx, 2006, p. 214

<sup>159</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 299

<sup>160</sup> *Idem*, p. 300

A *reconciliação*, por seu turno, não envolve uma troca, mas uma disposição íntima. Por este termo Simmel não quer dizer a reconciliação como consequência do compromisso ou por outra razão, mas como causa mesma da resolução do conflito. Esta disposição, a *disposição de perdoar* (mas não necessariamente esquecer), é o seu elemento central.<sup>161</sup>

A *irreconciliação*, por seu turno é também uma maneira de resolver o conflito quando as partes não veem possibilidade de fazê-lo racionalmente. Separam-se, então, rompendo totalmente os laços que as unia<sup>162</sup>. Não é o tipo de rompimento de relações que precede ou que se consuma em guerras, porque nelas *existem laços* de interação, precisamente através dos atos bélicos. No mundo contemporâneo, a hipótese de irreconciliação entre *Estados*, no sentido simmeliano, é virtualmente impossível.

As distinções acima feitas são importantes na medida em que informam quais são as possibilidades de resultados possíveis para um conflito. A possibilidade mesma destes resultados depende, entretanto, de que tipo de rede se está analisando.

Redes estatais (o que inclui as Organizações Internacionais que têm os Estados como membros, como a ONU, a OTAN, o MERCOSUL) são plenamente habilitadas para as quatro possibilidades na medida em que detém força material e social para tanto. Atores não estatais, entretanto, têm capacidades materiais mais modestas. Movimentos de insurgência, decerto, têm a capacidade de conduzir guerras contra forças material e numericamente superiores, e eventualmente podem obter a vitória<sup>163</sup>. Mas este tipo de ator é a exceção, não a regra, especialmente no campo da mediação de conflitos.

Atores não estatais que sejam, digamos, paisanos, não visam à *vitória*, salvo quando atuam em prol de uma das partes, em especial no campo da agitação e propaganda. Suas expectativas realistas podem girar em torno da mediação do conflito, podendo visar o gerenciamento, a resolução ou a transformação dele.

---

<sup>161</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 301

<sup>162</sup> *idem*, p. 304

<sup>163</sup> Para uma história da guerrilha como tática, ver BOOT, Max. **Invisible Armies. An epic history of guerrilla warfare from ancient times to the present.** Londres: Liveright, 2013

Tobias Böhmelt, em obra já citada, revisou a atuação de atores não estatais em processos *Track 2* à luz da análise de redes sociais e chegou a algumas conclusões sobre a efetividade de tais processos<sup>164</sup>.

No que tange ao resultado da mediação de conflitos<sup>165</sup>, Böhmelt considera a dicotomia “bem-sucedido” e “malsucedido” empregada por vários autores como imprecisa. Ele distingue, ao invés, os seguintes possíveis resultados: primeiro, casos em que não se chegou a um acordo de paz e as partes continuaram lutando, incluindo situações em que nenhum tipo de gerenciamento de conflito foi tentado, situações em que a mediação foi tentada e não aceita (por uma ou ambas as partes) ou em que as tentativas (em *Track 1* ou *2*) falharam.

Em seguida, casos em que acordos formais foram negociados e assinados, mas sem garantia prática de que a luta não irromperá novamente. Também, conflitos em que foram realizados acordos e se verificaram diferentes graus de implementação pelas partes, mas sobre as quais ainda há incerteza sobre se cumprirão ou não os acordos. Por fim, conflitos que podem ser considerados resolvidos<sup>166</sup>.

Dos casos analisados Böhmelt formulou as seguintes hipóteses: primeiro, que a diplomacia *Track 1* é beneficiada pela capacidade dos Estados de oferecer recompensas e punições, de forma que seria em princípio mais eficiente para atingir os resultados a que se propuser.

A diplomacia *Track 2*<sup>167</sup>, em que pese poder atuar em circunstâncias que a *Track 1* não consegue, seria limitada na medida em que uma das partes identifique os atores da iniciativa como *longa manus* do seu Estado natal. Além disso, mesmo na configuração *Track 1.5*, lhe faltaria capacidade material para fazer cumprir os acordos. Isto posto, seria menos eficiente.

Por fim, ele observa que a diplomacia oficiosa,

“Para que possa ser efetiva (...) deve ter alguma oportunidade de influenciar os atores oficiais, apresentando suas ideias e resultados às negociações de paz oficiais. (...) Tais interações entre as vias é formada e influenciada através de laços comuns ou relações sociais

---

<sup>164</sup> BÖHMELT, *op cit*, pp. 83-101. Necessário frisar que o autor distingue os *Tracks 1.5* e *2* como gêneros distintos, ao passo que no presente trabalho consideramos o chamado *Track 1.5* como uma espécie do gênero *Track 2*.

<sup>165</sup> Ele não distingue entre os conflitos *intra* e os *internacionais*, mas assumimos que no contexto da obra são considerados *internacionais* os conflitos que geram repercussões para além das fronteiras.

<sup>166</sup> BÖHMELT, *op cit*, pp. 87-88

<sup>167</sup> No sentido que lhe atribuí este trabalho, frise-se.

que ajudam os atores a somar seus recursos individuais para aumentar sua eficiência”<sup>168</sup>

Desta forma, conclui, a diplomacia oficial que possa se valer da diplomacia oficiosa terá resultados mais eficazes que esforços (T1 ou T2) independentes. A evidência por ele colhida reforça a percepção de que capacidade de influenciar, e recursos influenciam positivamente esforços de mediação *para resultados estáveis*, mas a atuação em conjunto com a diplomacia oficiosa potencializa estes resultados por força da soma de recursos, diminuição de incertezas e formação de apoio no nível das bases.

Isto não significa que as iniciativas de Track 2 *devam* ser instrumentalizadas pelas iniciativas Track 1. Em verdade, a atuação de ambas é complementar, como já frisou Mapendere, em obra citada. A rigor, uma via não *depende* da outra para funcionar. O que Böhmelt demonstra, justamente, é que a atuação sinérgica é a que tem maiores probabilidades de render frutos exitosos.

### 3.5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Ao longo deste capítulo foram apresentados os elementos fundamentais do fenômeno das redes sociais, baseados majoritariamente nas ponderações do sociólogo Georg Simmel sobre a estrutura das redes sociais.

Neste sentido, alguns dos conceitos básicos, como o das díades e tríades, laços fracos e pontes foram apresentados, bem como uma digressão sobre a natureza do conflito na sociedade e as possibilidades de sua aplicação no âmbito das Relações Internacionais.

Foram apresentados elementos próprios da chamada análise de redes sociais aplicadas às relações internacionais e explicado como redes sociais podem ser usadas pelo estudioso das Relações Internacionais com grande proveito. Foi demonstrado que a análise de redes sociais é capaz de atravessar os diversos níveis de análise, propiciando ao pesquisador uma visão mais ampla do fenômeno que pretende estudar.

Por fim, a partir das pesquisas de Tobias Böhmelt da análise de redes sociais, foi possível examinar o impacto da diplomacia Track 2 em processos de mediação de conflitos, restando demonstrado que a soma de esforços entre praticantes de Track 1

---

<sup>168</sup> BÖHMELT, *op cit*, *loc cit*.

e Track 2 é capaz de aumentar as possibilidades de sucesso de um processo de mediação.

Ficando demonstrado que os indivíduos – ou, em sentido amplo, as unidades – se interseccionam entre diversas redes sociais, indo de redes horizontais a hierarquias verticais, em diversos níveis, aprofundaremos, no próximo capítulo, na análise de uma rede social específica, a Maçonaria, de forma a poder, no capítulo subsequente, lançar luz sobre o seu papel em processos Track 2 na África Ocidental.

## CAPÍTULO 4

### “UM AMIGO EM CADA NAÇÃO, UMA CASA EM CADA LATITUDE” A MAÇONARIA COMO REDE TRANSNACIONAL

Os círculos sociais se interseccionam, como observou Simmel, e neles um indivíduo exerce simultaneamente papéis diversos: na sua família direta um homem, por exemplo, pode ser pai e marido. Na sua família estendida, será filho, irmão, cunhado, genro, primo. No trabalho pode ser chefe ou subalterno. Tem amigos e conhecidos no trabalho, no futebol, na igreja, no movimento social, no partido político etc.. Influencia-os em alguma medida e é por eles em alguma medida influenciado.

A progressão para a modernidade implicou numa ampliação destes círculos. Como já visto, novas formas de sociabilidade, calcadas em interesses comuns e na voluntariedade, surgiram, em especial no Ocidente. Uma delas, talvez a mais antiga das formas *modernas* de sociabilidade, existe até hoje: é a Maçonaria.

Como tópico acadêmico, o interesse sobre a Franco-Maçonaria (doravante simplesmente “Maçonaria”) é relativamente recente, apesar de muito se ter escrito sobre ela desde seu advento. Ao longo do tempo, era objeto de atenção quase que exclusivamente de prosélitos – sejam “maçonófilos” ou “maçonófobos” - cada qual buscando ressaltar apenas os aspectos que lhes interessava do fenômeno que se desenrolava, jogando sobre ele uma aura mítica<sup>169</sup>.

Essa aura mítica acabou se tornando o elemento que afastou o estudo profissional, acadêmico, do fenômeno maçônico<sup>170</sup>. Já em 1969 o historiador e professor britânico John Roberts alertava contra este desinteresse, sustentando que

O efeito da negligência neste tópico tem sido o empobrecimento da compreensão, pelos historiadores britânicos, da história europeia e mesmo - ainda que num grau menor - da própria. Com certeza há algo de interesse sociológico em uma instituição cujos Grão-Mestres, na Inglaterra, têm sempre sido nobres desde 1721, inclusive sete príncipes de sangue<sup>171</sup>, enquanto, noutros locais, a Maçonaria tem

<sup>169</sup> JACOB, Margaret C. **Living the enlightenment: Freemasonry and politics in eighteenth-century Europe**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1991, p. 221

<sup>170</sup> ROBERTS, John M. **A Mitologia das Sociedades Secretas**. São Paulo: Madras, 2012, p. 21.

<sup>171</sup> Um príncipe de sangue é um descendente legítimo e direto do soberano e, portanto, integrante da linha sucessória numa monarquia.

sido perseguida pelos nazistas, condenada por bulas papais e denunciada pelo *Comintern*.<sup>172</sup>

A historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo observou que em termos historiográficos, no Brasil, a Maçonaria seria essencialmente invisível, e, apesar de ser mencionada nominalmente em várias pesquisas históricas, normalmente associada a uma ou outra biografia, “*o seu registro se assemelha a um daqueles adjetivos inseridos casualmente em uma frase e cuja retirada não faria a menor falta na medida em que pouco contribui para estabelecer o nexó explicativo de uma questão*”<sup>173</sup>. O estudo do fenômeno maçônico, assim, acabou – por boa parte do tempo – restrito a maçons e seus inimigos.

O historiador Felipe Corte Real de Camargo observou, a este respeito, que entre historiadores acadêmicos e maçônicos existe uma barreira, notando que muitas vezes a pergunta “*Você é um acadêmico ou um maçom?*” é formulada como se as categorias fossem mutuamente excludentes. Ele chama a atenção para três fatores nesta discussão: Primeiro, o componente secreto da organização, já que se trata de uma sociedade *iniciática*, isto é, o ingresso depende da participação em uma cerimônia de iniciação de caráter fechado e restrito aos membros, o que limita o escrutínio público.

Segundo, sendo a própria História (apresentada como um *ofício*<sup>174</sup>) uma disciplina relativamente recente, a expansão e a emergência de inúmeros ramos, entrecruzados com outras disciplinas como sociologia e psicologia, fazem com que o tempo a ser destinado para a compreensão em detalhe de certos fenômenos acabe por deixá-los menos atrativos.

O terceiro aspecto diz respeito ao relacionamento entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, “*ou, numa perspectiva mais apertada, entre a Maçonaria e a História ou entre o Maçom e o Historiador*”, o que faz com que preconceções sobre a Maçonaria continuem a obscurecer o historiador e, de outro lado, a ignorância com os marcos

<sup>172</sup> ROBERTS, John M. Freemasonry: possibilities of a neglected topic. *The English Historical Review*. Vol. 84 nº 331, pp. 323-335, 1969. P. 324. Tradução livre.

<sup>173</sup> AZEVEDO, Celia M. M. Maçonaria: História e Historiografia. *Revista USP* Vol. 32, 1997, pp; 178-189

<sup>174</sup> A palavra *craft* (ofício) em inglês serve como um trocadilho, pois é uma das metonímias para “Maçonaria” naquela língua. O autor chama a atenção para o fato de que da mesma forma que a Maçonaria, também o mundo acadêmico tem suas “iniciações”, seus “graus”, suas “etapas”, seus “segredos”, ciosamente protegidos dos forasteiros.



historiográficos pelos maçons faz com que a “História Maçônica” se resuma “à *ruminação eterna dos mesmos tópicos e interpretações*”<sup>175</sup>.

Camargo observa que

“O significado que um ato tem para seu ator é crucial para a interpretação histórica. ‘Decifrar’ este significado é estar ciente do seu ‘aboutness’<sup>176</sup>, da intencionalidade da ação individual, vale dizer, entender os discursos e o conjunto de experiências que permitiram aquele resultado concreto, seja ele um documento, uma revolução ou um recuo. Para interpretar situações históricas é crucial estar familiarizado com os significados e valores partilhados por um grupo em particular. Para promover uma análise *ética*, aquela própria dos ‘outsiders’, devemos conhecer a validade destes códigos, vale dizer, se tornar um ‘insider’ honorário, ser convidado para ter um vislumbre da abordagem *êmica* sobre um determinado objeto”<sup>177</sup>

História e Maçonaria seriam supostamente searas restritas aos seus iniciados (os *establisheds*) nas quais os forasteiros (*outsiders*) pouco têm a contribuir. “*Em história da Maçonaria, quem é o ‘iniciado’ e quem é o ‘forasteiro’?*”, pergunta. “*Serão os maçons os forasteiros, com sua abordagem amadorística de uma área do conhecimento estabelecida? Ou serão os acadêmicos, tentando explicar o que a Maçonaria é na sua própria linguagem cifrada?*”

Outra incompreensão resulta da incompletude das abordagens: abordagens *êmicas* podem ser rejeitadas por pesquisadores como “*idealísticas*’, *‘não científicas*’ ou mesmo *‘ingênuas*”, ao passo que as abordagens *éticas* seriam “*objetivas*’, *‘desapaixonadas*’ e *‘críticas*”, adjetivos que representam juízos de valor que não são capazes de representar a complexidade dos temas em questão<sup>178</sup>.

A filiação de pesquisador à Maçonaria pode ser posta como uma afirmação ou uma dúvida, as quais, por seu turno, trazem consigo os dualismos *established/outsider* e *êmica/ético*<sup>179</sup>. Para Camargo,

<sup>175</sup> CAMARGO, Felipe Côrte Real de. **When History becomes “masonism”:** approaches to **Emic/Etic distinctions, Freemasonry and History**. Artigo apresentado no painel “Mitos” no XV Symposium Internacional de História de la Masonería Española, Lisboa, Portugal. Outubro de 2018 (não publicado – tradução livre)

<sup>176</sup> A ideia de “aboutness” é de difícil tradução, significando, grosso modo, o “tema de que se trata”. Como o anglicismo é utilizado no contexto da Linguística, História, Biblioteconomia e Ciências da Informação, optamos por não traduzi-lo. Cf. GUEDES, Emanuel Edson. **O conceito aboutness na Organização e Representação do Conhecimento**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009

<sup>177</sup> CAMARGO, *op cit*.

<sup>178</sup> *Idem*.

<sup>179</sup> Por *êmico* e *ético*, no contexto do presente trabalho, temos categorias de abordagem, em inglês, “*emic*” e “*etic*”, de “*phonemic*” e “*phonetic*”. “*Em apertada síntese*, [uma abordagem] *êmica*’ se refere a

“No meio maçônico, a afirmação tende a endossar uma certa qualidade no trabalho (established/outsider). Também, a questão diz respeito a uma preocupação com a acurácia da informação (abordagem emic/etic). Entre os acadêmicos, a questão normalmente denota suspeição com o método ou o viés (established/outsider) e a afirmação normalmente significa também a suposição de viés – falta de visão acadêmica – mas também, surpreendentemente, a acurácia da informação fornecida (abordagem emic/etic)”<sup>180</sup>

Uma das consequências mais imediatas desta incompreensão mútua se revela no fato de que o público em geral permanece mal informado sobre o fenômeno Maçônico, suscetível às propagandas dos zelotes de um ou outro campo.

Outra das consequências é aquilo que Camargo nomeou de *Maçonismo*, ou seja, uma paixão excessiva ao se abordarem os assuntos relacionados à organização (como a crença de que possuem algum tipo de conhecimento inacessível à perspicácia ou pesquisa,) ou a imposição de termos *emic* na condução da pesquisa. O *Maçonismo* não é um problema apenas de maçons, ele adverte:

“Considerando que a Maçonaria é discreta ou secreta, suas fontes são, em alguns lugares, inacessíveis, em outros, negligenciadas. Mas minha pergunta é: precisamos deste nível de acesso para entender o fenômeno? Não possuímos conhecimento suficiente para compreender a Maçonaria na qualidade de *player* em eventos históricos? Minha resposta é que sim, temos. (...)”<sup>181</sup>

A virtude estaria num ponto médio. “A criação de termos éticos é uma necessidade da mesma forma que dominar os termos êmicos é imperativo”, de forma a “não sacrificar a forma no altar do conteúdo ou o conteúdo no altar da forma”<sup>182</sup>.

Para compreender, então, como a Maçonaria pode atuar em eventos históricos será necessário, primeiro, esclarecer alguns elementos básicos sobre ela.

#### 4.1 O QUE É A MAÇONARIA?

Fenômeno plural, fornecer uma definição precisa de Maçonaria é um trabalho virtualmente fadado ao fracasso, de modo que um pesquisador pode se sentir tentado

---

*afirmações, terminologias, conceitos ou perspectivas técnicas como usadas e entendidas por aqueles que estão sendo estudados, ao passo que ‘ética’ se refere a afirmações, terminologias, conceitos ou perspectivas técnicas como usadas pelos pesquisadores (na tentativa de interpretar afirmações, terminologias, conceitos ou perspectivas técnicas ‘êmicas’)*. Cf. HANEGRAAFF, Houter J. **Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 157, nota 12. Na mesma nota, Hanegraaff observa que a distinção êmico/ético não é estática e fechada, mas dialética.

<sup>180</sup> CAMARGO, *op cit.*

<sup>181</sup> *idem*

<sup>182</sup> *ibid*

a parafrasear a fala do Ministro Potter Stuart, da Suprema Corte dos Estados Unidos, no julgamento *Jacobellis v. Ohio*:

“Não farei hoje mais nenhuma tentativa de descrever (...) aquilo que entendo abarcado nesta curta definição, e talvez jamais possa fazê-lo de modo inteligível. Mas eu reconheço [o fenômeno] quando o vejo (...)”<sup>183</sup>

Pode-se colacionar uma quantidade ilimitada de definições diversas do fenômeno Maçônico sem que se chegue a um consenso a partir delas<sup>184</sup>. Uma maneira comum passa compilação dos chamados *Landmarks*, espécie de marcos definidores de um tipo de regularidade maçônica. Apesar de todos os compiladores concordarem que os *Landmarks* seriam imutáveis e possuiriam força cogente, nunca se chegou a um consenso sobre sua quantidade, qualidade e origem, que efetivamente varia muito: existem compilações que variam de 3 a mais de 50 *Landmarks* (e como tal variação é possível, sendo eles, supostamente, “imutáveis e invariáveis”, é um legítimo “mistério maçônico”)<sup>185</sup>.

Outra maneira comum é partir da fundação da primeira Grande Loja de Londres para daí compilar datas, locais e pessoas, como se o movimento fosse monolítico e sua história, linear.

Em realidade, sendo a Maçonaria um fenômeno possuidor de grande diversidade quanto aos seus elementos extrínsecos, não faz sentido iniciar uma história da Maçonaria sem antes tentar defini-la a partir da seleção de elementos que se possam considerar intrínsecos.

A distinção entre o que seriam estes elementos intrínsecos e extrínsecos não deixa de ser igualmente tormentosa. Mas optamos por definir como *elementos intrínsecos* o mito fundador, a estrutura de graus e a forma de organização. Como

---

<sup>183</sup> O caso *Jacobellis* (1964) foi um precedente-chave na jurisprudência norte-americana sobre liberdade de expressão. Versava sobre censura contra um filme censurado com base numa lei contra “pornografia *hardcore*”, categoria cuja definição imprecisa estava na raiz das discussões. Em resumo, o ministro Stewart não se sentia capaz de definir a categoria, mas estava convencido de que não era o caso do filme em questão. Para melhor compreensão do contexto original da frase, cf. GEWIRTZ, Paul. On “I know it when I see it”. *Yale Law Journal*, vol. 105, 1996, pp. 1023-1047 e POSNER, Richard. *Law & Literature*. 3 ed. Cambridge: Harvard University Press, 2009, p. 366

<sup>184</sup> Para um apanhado geral da diversidade de definições, cf. KINNEY, Jay. *O Mito Maçônico*. Rio de Janeiro: Record, 2010

<sup>185</sup> Sobre a grande variedade dos *Landmarks*, conferir o verbete no *Dicionário de Maçonaria*, de Joaquim Gervásio de Figueiredo (São Paulo: Pensamento, 2016, p. 216-219), e no *Dicionário da Franco Maçonaria e dos Franco Maçons*, de Alec Mellor (São Paulo: Martins Fontes, 1989a p. 158-161)

elementos *extrínsecos* entendemos os sistemas ritualísticos, as formas administrativas, a ideologia e a qualidade da membresia.

Estas opções permitem distinguir entre a Maçonaria e outras organizações secretas ou discretas paralelas, inclusive organizações paramaçônicas em sentido lato<sup>186</sup>. Permite, ao mesmo tempo, incluir manifestações contemporâneas deste fenômeno que possuem forte relevância social sem entrar em querelas e intrigas interdenominacionais.

Quando descreveu a história da Maçonaria como parte das *Constituições* que escrevera para a Grande Loja de Londres e Westminster em 1723, o pastor James Anderson fez remontar a genealogia maçônica a tempos antediluvianos. Nesta narrativa a Maçonaria remontaria a Adão, a quem Deus forneceu o conhecimento das artes liberais, em especial a Geometria, passada então de geração em geração.<sup>187</sup>

Nesta história estão contidos os elementos centrais do mito fundador maçônico: sua identificação com a Geometria e a arte da construção, com seu clímax na construção do Templo do Rei Salomão. Este evento foi a construção do Templo, pelo esforço conjunto do Rei Salomão de Israel, Rei Hiram de Tiro e Hiram Abiff<sup>188</sup>, arquiteto enviado por Hiram de Tiro para supervisionar a obra. A partir de narrativas contidas na Bíblia e na “História dos Hebreus” de Flávio Josefo, alguns elementos foram acrescentados.

Na narrativa básica, a construção envolveu 80.000 trabalhadores, tanto no canteiro central quanto nas pedreiras em que as pedras eram talhadas e nas montanhas do Líbano onde a madeira era cortada. Hiram Abiff organizou os trabalhos em classes (de aprendizes, companheiros e mestres) conforme a expertise na arte da construção. A posição de um trabalhador na estrutura era averiguada pela posse de certas palavras e sinais, que lhes permitiriam provar seu status em qualquer canteiro de obras do mundo. Aproximando-se do fim da construção, três companheiros,

---

<sup>186</sup> Um problema bastante comum em uma fração da bibliografia consultada, por exemplo, foi o utilizar o termo “Maçonaria” como guarda-chuva para organizações diversas e às vezes apenas vagamente relacionadas, como os Illuminati da Baviera, a Rosacruz, a Carbonária, o Apostolado

<sup>187</sup> ANDERSON, James. **The Constitutions of the Free-Masons, containing the history, charges, regulations & etc.** Londres, 1723

<sup>188</sup> Hiram Abiff (ou Abi) é descrito na Bíblia como sendo filho de uma viúva da tribo de Naftali e pai fenício, mencionado em 1 Rs 7:13-14 e em 2 Cr 2:12-13 (conforme a versão católica n’**A Bíblia de Jerusalém** São Paulo: Paulinas: 1992)

percebendo que não seriam promovidos a mestre, engendraram um plano para extorquir de Hiram os segredos do mestrado, consistentes numa palavra secreta.

Ante sua obstinada recusa, assassinaram-no usando ferramentas do ofício, ocultaram seu cadáver e fugiram em direção ao porto de Joppa, de onde não conseguiram zarpar por conta dos ventos contrários e acabaram, por fim, encontrados e punidos. O corpo de Hiram foi encontrado por uma marca distintiva que os assassinos deixaram na cova. Exumado, o cadáver foi levado para Jerusalém e reinumado no Templo.<sup>189</sup>

É possível sustentar que a história da construção do Templo de Salomão e o assassinato do seu arquiteto, com a subsequente perda da palavra secreta constituem o chamado *mito fundador* da Maçonaria. A morte de Hiram marcou uma ruptura na estrutura do trabalho de construção, o rompimento de um elo que obrigou seus sucessores a se adaptarem. Um mito, na definição de Mircea Eliade, “*conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’*”<sup>190</sup>. A prática do ritual promove (ou promete) um retorno, “*permite reviver o tempo em que as coisas se manifestaram pela primeira vez, constitui uma experiência de importância capital para as sociedades*”<sup>191</sup>.

O mito maçônico não é nem uma cosmogonia nem uma teogonia, mas não é por isso menos mítico, da mesma forma que o são os mitos fundadores nacionais que permitem tornar as nações comunidades imaginadas.

Estes elementos míticos são recontados de forma simbólica numa estrutura básica de três graus. No primeiro, chamado *Aprendiz*, o até então forasteiro passa por uma cerimônia de iniciação, que demarca – utilizando-se a nomenclatura anteriormente usada – o primeiro limiar que separa o *outsider* (“profano”, no linguajar maçônico) do *established*, a separação entre as “trevas e a luz”, entre os “irmãos” e os “profanos” ou “forasteiros”.

---

<sup>189</sup> A menção mais antiga a um terceiro grau remonta a 1730. Em uma revisão sobre as origens da chamada “Lenda Hirâmica”, i.e., a estória da morte de Hiram Abiff, o pesquisador Jan Snoek coletou aproximadamente 50 versões diferentes em circulação ao longo do século XVIII. Cf. SNOEK, Jan. *The Evolution of the Hiram Legend in England and France*. **Heredom: Transactions of the Scottish Rite Research Society**. Vol. 11 (2003), p. 11-54

<sup>190</sup> ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 1998

<sup>191</sup> ELIADE, *op cit.*, p. 29

A este sucede o segundo grau, chamado de *Companheiro*, em que mais elementos simbólicos e alegóricos são apresentados, e culmina no terceiro grau, o de *Mestre Maçom*, que reconta o assassinato do arquiteto Hiram. A encenação ritual do mito atende a uma função observada por Eliade: “*Não se trata de uma comemoração dos eventos míticos, mas de sua reiteração*”<sup>192</sup>. Ou, como disse Cohen,

“O ritual coletivo não é simplesmente produto da criatividade individual espontânea e repetitiva, resultante de estados psíquicos recorrentes. Ao contrário, para a maioria das pessoas é o próprio ritual que recria certos estados psíquicos no espírito dos participantes, e não vice-versa”<sup>193</sup>

Em todos os graus, as ferramentas e conhecimentos básicos dos pedreiros são ressignificados simbolicamente: as ferramentas ganham conotações morais e as alegorias transmitem ensinamentos. Apesar de formalmente horizontal (todos são *irmãos* e estão, assim, “*no nível*”), a Maçonaria possui um duplo elemento vertical: o sistema de graus e o hierárquico-administrativo, ambos expressos pelos adornos: a vestimenta maçônica por excelência, o avental, é acrescido de símbolos à medida que seu dono avança pelos graus. Aqueles que ocupam cargos administrativos e ritualísticos usam aventais e jóias com os símbolos distintivos de seus postos.

A estrutura de três graus não surgiu pronta. Ela foi fruto de uma construção que começou provavelmente em fins do século XVII – quando pessoas alheias à profissão de pedreiro começaram a ingressar nas confrarias de construtores, então estritamente *operativas* – e se concluiu (grosso modo) por volta de 1730<sup>194</sup>.

À medida em que avança nos rituais e graus, o maçom vai sendo apresentado aos símbolos, alegorias, palavras de passe, sinais e apertos de mão que constituem a *lingua franca* maçônica, o que lhe permite se apresentar como maçom (para outro maçom) em qualquer lugar do mundo, independentemente de idioma, religião, nacionalidade ou documentação. A prática fala(ria) por si.

Mas não apenas os sistemas de graus rituais têm relevância na formação dos laços maçônicos. Segundo Abner Cohen,

O que tem importância sociológica nos encontros promovidos pelas lojas não são os rituais formais da Ordem, mas sim os banquetes que se seguem, onde entre fartas bebidas e comidas os membros se

<sup>192</sup> ELIADE, *op cit*, p. 18

<sup>193</sup> COHEN, Abner. **O homem bidimensional. A antropologia do poder e o simbolismo nas sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 16

<sup>194</sup> SNOEK (2003), *op cit*

dedicam a uma verdadeira ‘confraternização’. Essa instituição informal da Maçonaria é talvez o mecanismo fundamental que permite a coesão dos membros de diferentes lojas em uma única organização, abrindo entre eles numerosos canais de comunicação.”<sup>195</sup>

À medida em que o fenômeno maçônico se expandiu pela Europa e pelo mundo novos graus, rituais e sistemas ritualísticos foram surgindo<sup>196</sup>, mas mantendo-se intacto (no essencial) um sistema básico de três graus que giram em torno do mesmo mito fundador.

Do sistema de graus, é preciso esclarecer de pronto que os sistemas dos chamados “altos graus” são aqui considerados como *paramaçônicos*. O exemplo mais popularmente conhecido é o sistema do chamado “Rito Escocês Antigo e Aceito”, que vai até o 33º Grau. Outro é o sistema do chamado “Rito de York”, com 12 graus<sup>197</sup>.

Estes sistemas são paramaçônicos pois seus órgãos administrativos não conferem os três graus básicos e nem têm qualquer ingerência sobre os sistemas administrativos das Lojas. Apesar de normalmente representados graficamente como escadas, eles não se põem em verdade como superiores, hierarquicamente, ao terceiro grau: um maçom do 33º grau, numa Loja, possui os mesmos direitos (e deveres) que qualquer outro maçom do terceiro grau<sup>198</sup>: nenhum direito a mais, nenhum dever a menos.

Os três graus básicos são praticados por maçons no interior de *Lojas*. Chama-se maçom aquela pessoa que recebeu no mínimo o primeiro grau da Maçonaria, apesar de que ordinariamente a plenitude dos chamados “direitos maçônicos” (o direito de votar, ser votado e ser recebido em qualquer Loja) só é adquirido no terceiro grau.

---

<sup>195</sup> COHEN, *op cit*, p. 136

<sup>196</sup> Um exemplo desta variação foi o surgimento dos graus de Maçonaria “templária” que até hoje gera influências dentro da Maçonaria e na sua percepção pelo público em geral. Para uma visão compreensiva do surgimento deste mito, cf PARTNER, Peter. **The murdered magicians: the Templars and their myth**. Nova Iorque: Barnes & Noble, 1993, pp. 89-133

<sup>197</sup> Existem outras dezenas de ritos maçônicos espalhados pelo mundo, com grande diversidade de influências filosóficas, teológicas e ritualísticas. O Rito Escocês Retificado, por exemplo, possui 6 graus. O Rito Moderno, laico, possui 9. O Rito Sueco, restrito a cristãos, possui 12. Em qualquer caso, o número de graus é contado com os três graus simbólicos, que são administrados, em geral, exclusivamente pelas obediências.

<sup>198</sup> Ver, neste sentido, a explicação de Jay Kinney *op cit*, pp. 151-173

A *Loja*<sup>199</sup> é o ajuntamento básico dos maçons<sup>200</sup>, que pode ou não possuir uma sede própria e simbolicamente representa o próprio mundo. Tradicionalmente, uma Loja é composta por, no mínimo, sete maçons que tenham o grau de Mestre. É governada por um dos mestres, eleito diretamente pela assembleia, que ganha no exercício o axiônimo “Venerável Mestre”, e é secundado por dois outros oficiais, também eleitos: Primeiro-Vigilante e Segundo-Vigilante. Nas Lojas, são praticados os rituais dos três graus básicos mencionados<sup>201</sup>.

Como unidades, um certo número de Lojas pode constituir uma unidade maior, corpo administrativo conhecido como “*Grande Loja*”. As Grandes Lojas – que podem se denominar também *Grandes Orientes*<sup>202</sup> – são corpos (“Obediências” ou “Potências” no linguajar maçônico) que exercem jurisdição sobre uma determinada região geográfica, autorizando a criação ou incorporação de novas Lojas, fixando regras gerais sobre a condução dos trabalhos, exercendo competência disciplinar final sobre os maçons individuais e sobre as Lojas e estabelecendo os critérios de reconhecimento e regularidade com os quais estabelece relações exteriores com outras Grandes Lojas. As Grandes Lojas são governadas por um maçom cujo axiônimo é “*Grão-Mestre*”, um cargo eletivo, normalmente com mandato fixo, de duração variável conforme cada Constituição<sup>203</sup>. Por consequência dos poderes que as Lojas podem delegar, as Grandes Lojas somente podem legislar sobre os três graus básicos.

---

<sup>199</sup> “Loja”, é uma tradução aportuguesada da palavra inglesa “*Lodge*”. *Lodge* se traduz em francês “*Loge*”, em espanhol como “*Logia*” e em italiano como “*Loggia*”. Apesar de ser uma tradução tecnicamente correta, “*Loja*”, não é usada em português, como tradução de *Lodge*, fora do contexto maçônico. Fora do contexto maçônico a tradução mais usada é “alojamento”.

<sup>200</sup> KINNEY, *op cit*, p. 147

<sup>201</sup> Os “altos graus” mencionados anteriormente são praticados em ajuntamentos com outros nomes, p. ex., “Capítulos”, “Conselhos”, “Consistórios”, “Comandarias etc.

<sup>202</sup> Alguns corpos sequer adotam a denominação “Grande Loja” ou “Grande Oriente”. À guisa de exemplo, pode-se cotejar a “*Federação Maçônica ‘Direito Humano’*”, com sede na França, o “*Grande Benin*” na República do Benin, o “*Grande Eburnie*” na Costa do Marfim, e o “*Grande Rito Malgaxe*” em Madagascar.

<sup>203</sup> No sistema das Grandes Lojas estaduais brasileiras, por exemplo, geralmente o mandato de um Grão-Mestre é de três anos. No Grande Oriente do Brasil (GOB), quatro. No sistema das Grandes Lojas dos Estados Unidos o mandato é, normalmente, de um ano sendo raras as reeleições (cf. KINNEY, *op cit*, p. 149), ao passo que na Grande Loja Unida da Inglaterra o mandato também é de um ano, mas, por tradição, o Grão-Mestre segue sendo reeleito até que renuncie, fique incapacitado ou morra. O atual Grão-Mestre inglês é o Príncipe Edward, Duque de Kent, empossado em 1967. Nos últimos duzentos anos, apenas um Grão-Mestre renunciou enquanto gozava de boa saúde e sem estar em idade propecta, no caso, o Marquês de Ripon, em 1874, por ocasião de sua conversão do anglicanismo para o catolicismo romano. Sobre este episódio, cf. FREITAS NETO, Edgard da Costa. Do Trono de Salomão à Soleira do Papa: Um ensaio sobre liberdade e tolerância religiosa na Maçonaria. **Revista Ciência e Maçonaria**. V. 2, nº 1, 2014.



Estas *Potências Maçônicas* podem ter jurisdições territoriais sobrepostas, de forma que um mesmo país ou unidade menor (como estados e municípios) pode possuir mais de uma jurisdição maçônica, muitas vezes sem relações formais de amizade ou reconhecimento entre si (que não são impeditivos, *a priori*, de toda forma de comunicação, mas em princípio apenas a intervisitação de membros).

Algumas também exercem jurisdição fora de seus países-sede, normalmente onde exista uma colônia de seus nacionais (em sentido lato) estabelecida, como é o caso da Grande Loja Unida da Inglaterra por todo o globo, ou em países com laços culturais próximos – como as obediências francesas em relação à África Francófona – ou, ainda, onde não exista Maçonaria ativa, como é o caso da Grande Loja Regular de Portugal (GLRP) em relação a Cabo Verde, São Tomé & Príncipe e Angola. Existem, também, Lojas “no exílio”, quando a Maçonaria foi banida oficialmente de determinado país. É o caso da Grande Loja do Irã, país em que as atividades maçônicas foram proibidas pela Revolução Islâmica de 1979, e que tem sede atualmente em Los Angeles.

Há também casos em que esta projeção é exercida à revelia das obediências estabelecidas localmente, à míngua da existência de uma comunidade nacional expatriada, como é o caso da Grande Loja *Prince Hall* da Carolina do Norte, dos Estados Unidos, que estabeleceu Lojas na França, Benin, Camarões, Costa do Marfim e Congo-Brazzaville.

Em termos análogos aos das Relações Internacionais, o “mundo maçônico” é anárquico: não existe nenhuma obediência maçônica que reivindique – ou esteja em posição de reivindicar – jurisdição universal sobre os maçons ou mesmo sobre a maioria deles. Existe, em verdade, um protocolo internacional, não codificado, na qual potências se comprometem a não intervir em assuntos internos umas das outras, e nem extrapolar suas bases territoriais sem a anuência daquela que já exerce jurisdição sobre um determinado território.

Quando isso ocorre, o meio que a obediência ofendida tem de retaliar é o corte ou suspensão das relações de reconhecimento e amizade, que pode gerar uma reação em cadeia de solidariedade. Isto ocorreu em 2019 em face da mencionada Grande Loja Prince Hall da Carolina do Norte, por instalar lojas na França e em países

africanos sem pedir autorização para as obediências locais, em consequência do que enfrenta atualmente um progressivo isolamento institucional<sup>204</sup>.

É possível, assim, definir a Maçonaria como uma prática social (considerando, como observa Camargo, que ela não possui forma canônica<sup>205</sup>) baseada na exploração ritual dos símbolos dos instrumentos de trabalho dos pedreiros, estruturados em três graus básicos, tendo como mito fundador a construção do Templo do Rei Salomão e o assassinato do arquiteto Hiram Abiff, sendo a sua unidade institucional básica um ajuntamento de maçons chamado “Loja”. A falta de qualquer um destes elementos, ainda que presentes outros, retira o caráter essencialmente maçônico da organização analisada (mas sem descartar a possibilidade de ser paramaçônico).

No que tange ao que chamamos de elementos *extrínsecos* da Maçonaria, temos seus sistemas ritualísticos, as formas administrativas, a ideologia e a qualidade da membresia.

Por *sistemas ritualísticos* se pretende, aqui, abrigar de forma ampla e genérica os ritos e rituais praticados pelas organizações maçônicas. Porquanto os três graus básicos, *intrínsecos*, necessariamente remetam ao mito fundador, eles não o fazem todos da mesma forma ou enfatizando os mesmos aspectos (apesar de muitos elementos em comum), uma vez que cada Grande Loja é soberana na edição dos rituais que podem ser praticados sob sua jurisdição<sup>206</sup>. Rituais, como qualquer outro texto, são suscetíveis a modificações, que tanto podem ocorrer por equívocos humanos (e.g., erros de tradução) como por motivações ideológicas (e.g., a retirada das preces, nas lojas ditas adogmáticas).

---

<sup>204</sup> Este episódio, que ainda está em curso, vem sendo abordado pelo autor maçônico Christopher Hodapp em seu *blog* “Freemasons for Dummies”. Cf. HODAPP, Christopher. “Prince Hall North Carolina GM Takes Steps To Calm Diplomatic Amity Issues”. **Freemasons for Dummies**. 17 de fevereiro de 2019. Disponível em <<http://freemasonsfordummies.blogspot.com/2019/02/prince-hall-north-carolina-gm-takes.html>> . Acesso em 01/03/2019

<sup>205</sup> Cf. CAMARGO, Felipe Corte Real de. “The Freemasons are useful o the regime”: An analysis of the representations of Freemasonry in Cinema and its utility on reinforcing or criticizing the establishment. **REHMLAC+ – Revista de Estudios Historicos de la Masoneria Latino Americana y Caribeña**. Vol 10 n. 2, 2018/2019, p. 2

<sup>206</sup> DE HOYOS, Arturo. Masonic Rites and Systems in BOGDAN, Henrik; SNOEK, Jan (eds). **Handbook of Freemasonry**. Leiden: Brill, 2014, pp. 356-358. Ver também, sobre como se opera o enquadramento do ritual maçônico sob os aspectos temporal e espacial, e de como ele propicia um grau de criatividade autorreferente aos seus praticantes, ver também SNOEK, Jan. Framing Masonic Ceremonies in JUNGABERLE, Henrik; WEINHOLD, Jan (eds). **Rituale in Bewegung: Rahmungs und Reflexivitätsprozesse in Kulturen der Gegenwart**. Berlim: LIT, 2006, pp. 87-108

As formas administrativas são aqui referidas sob dois aspectos. No primeiro, a maneira como a obediência se organiza. Em que pese o fato de muitas Grandes Lojas se organizarem de forma idêntica a uma Loja, reunindo-se em assembleia trimestralmente (usualmente próximas dos equinócios e solstícios), com comitês ou comissões para definir questões administrativas do dia a dia, mas com grande poder executivo centrado no Grão-Mestre, outras se organizam de modo mais horizontal, com o poder decisório difundido em órgãos colegiados. Outras ainda chegam a emular a estrutura de um Estado, inclusive com a formação de “poderes” permanentemente estruturados – executivo, legislativo e judiciário – como é o caso, v.g, do Grande Oriente do Brasil (GOB).

O segundo aspecto, menor, é relativo à estrutura de cargos em loja. Fora uma configuração básica, comum a todos, de “Mestre”<sup>207</sup>, “Primeiro Vigilante”, “Segundo Vigilante”, “Secretário”, “Tesoureiro” e “Guarda do Templo”, uma Loja pode ter tantos e variados oficiais quantos os autores do ritual utilizado decidirem, alguns permanentes, outros *ad hoc*, para papéis rituais executados apenas em cerimônias específicas.

Quanto aos dois últimos aspectos extrínsecos, ideologia e qualidade da membresia, as diferenças podem se tornar efetivamente divisivas.

Existe um intrincado sistema de reconhecimento entre obediências, baseado em noções subjetivas de regularidade que são ditadas a partir dos elementos extrínsecos, mas de modo muito mais forte em relação aos aspectos ideológicos e de qualidade dos membros<sup>208</sup>. Reconhecimento e regularidade são conceitos por vezes confundidos: é linguagem corrente chamar de *irregular* um corpo maçônico que não é *reconhecido*. Sustenta-se aqui, entretanto, uma distinção fundamental. O *reconhecimento* é meramente o ato formal de estabelecer relações diretas. A *regularidade* diz respeito à adequação aos padrões intrínsecos e extrínsecos que aquele que se entende como regular estabelece. O reconhecimento pressupõe

---

<sup>207</sup> Normalmente distinguido pelo axiônimo “Venerável” antes do título de Mestre, para distingui-lo do *Grau* de Mestre.

<sup>208</sup> Ver, por exemplo, os Princípios de Reconhecimento definidas pela Grande Loja da Inglaterra em 1929 e os padrões das Grandes Lojas americanas (ver DACHEZ, Roger. **Masonic regularity and recognition: a global issue**. Washington: Westphalia Press, 2016, p. 97 e seguintes) e a “Regra de Doze Pontos”, análoga, usada pela Grande Loja Nacional Francesa, ortodoxa e ligada à inglesa (Grande Loge Nationale Française. **Règle em douze points**. Disponível em <https://www.glnf.fr/fr/regle-en-douze-points-franc-maconnerie-238>)

“regularidade”, mas o inverso não é verdadeiro: duas organizações maçônicas podem adotar os mesmíssimos critérios de regularidade e, ainda assim, não se reconhecerem.

A regularidade é um dos temas mais sensíveis na abordagem *ênica* sobre a Maçonaria<sup>209</sup>. É frequentemente utilizada como definidor de um critério entre Maçonarias “verdadeiras” e “falsas”. A ideia de regularidade é antiga dentro da Maçonaria. Nas *Constituições* de James Anderson ela aparece assim exposta:

“Se um grupo ou número de maçons forme por eles mesmos uma Loja sem a autorização do Grão-Mestre as *Lojas Regulares* não deverão apoiá-los ou reconhecê-los como maçons justa e devidamente constituídos, nem aprovar suas práticas e títulos; ao invés, devem tomá-los como rebeldes até que se curvem à direção prudente do Grão-Mestre, quando este der sua autorização, que deve ser assinada por todas as outras Lojas, como é o costume quando uma nova Loja vier a ser registrada na lista.<sup>210</sup>”

Por este papel definidor da homofilia das redes maçônicas, a regularidade tem um efeito discursivo importante, de forma que a escolha das palavras definidoras denuncia a própria posição ideológica do agente na querela. Por exemplo, ao definir um dado agrupamento como *irregular* um analista (maçom ou não) está, na prática, aceitando uma expressão que já tem um viés e uma carga ideológica estabelecidos.

Em obra que busca reconstruir o debate em torno da “regularidade maçônica”, o maçonólogo (e maçom) francês Roger Dachez observa que

“‘Maçonaria Regular’, sem qualquer outro comentário, significa – por omissão e por padrão - ‘Maçonaria Regular pelos padrões Anglo-Saxões’. Na comunidade maçônica internacional isto sempre foi entendido desta forma, não sendo necessário especificar ‘Maçonaria Regular segundo x ou y’, já que esta distinção não tem sentido nem lugar nas práticas correntes”<sup>211</sup>

Dachez sustenta que a Grande Loja Unida da Inglaterra (UGLE) – sucessora da Grande Loja de Londres e Westminster – subverteu o sentido maçônico original de “regular” com o fito de cancelar a exclusão – como uma espécie de “excomunhão” – do Grande Oriente de França (GOdF) do seu rol de relações em razão de este último ter retirado a obrigatoriedade da crença em Deus como requisito essencial da filiação

<sup>209</sup> BOGDAN, Henrik; SNOEK, Jan, *op cit*, p. 1

<sup>210</sup> ANDERSON, *op cit*, p. 60. Tradução livre. O destaque em itálico consta do original.

<sup>211</sup> DACHEZ, *op cit*, p. 91

maçônica<sup>212</sup>. O uso desta expressão, segundo ele, impõe uma carga semântica negativa contra aqueles que, por exclusão, são “irregulares” e causa no leitor não habituado às discussões maçônicas a impressão de que seria uma não-Maçonaria.

Camargo, aceitando as ponderações de Bogdan e Snoek, adota a terminologia êmica mais favorável usada por ambos os lados: “liberal”, para o campo que provisoriamente chamaremos de “francês”, “regular” para o “inglês”<sup>213</sup>.

A adoção de uma terminologia não binária, entretanto, é capaz de gerar mais confusão na medida em que ela parte de duas visões estritamente êmicas que pouco informam ao leitor *outsider*. Por exemplo, dentro do campo “francês” são adotados, às vezes sucessivamente, epônimos como “continental”, “adogmático”, “secular”, “humanista” etc<sup>214</sup>. “Liberal”, além do mais, possui uma carga semântica própria e equívoca: a Maçonaria inglesa, no seu próprio contexto social, também era em boa medida ‘liberal’.

Propomos, ao invés, a terminologia *ortodoxo* e *heterodoxo* como substitutos – ainda que parciais e frágeis – dos demais termos. Sustentamos que as noções de ortodoxia<sup>215</sup> e heterodoxia guardam uma carga semântica mais neutra que “regular” e menos imprecisa do que “liberal”. Ortodoxia e Heterodoxia, assim, se ligam ao grau de rigor com que se adere a um determinado conjunto de práticas, ou tradições.

O reformador maçônico René Guénon (1886 – 1951)<sup>216</sup>, na sua tentativa de atribuir um corpo doutrinal à Maçonaria, sustentou também a imprecisão da noção de “regularidade”, observando que, se a “regularidade” resulta de uma transmissão ininterrupta de poderes desde uma época mais antiga, então todos os ritos maçônicos contemporâneos teriam elementos de irregularidade. Para ele,

---

<sup>212</sup> Maçons ligados ideologicamente ao GOdF, por seu turno, utilizam os adjetivos “liberal”, “adogmático” ou “continental” para caracterizar sua corrente contraposta à UGLE.

<sup>213</sup> Cf. CAMARGO, Felipe Corte Real de. “Protect the integrity”: regularidade no discurso das relações maçônicas internacionais entre Brasil e Inglaterra (1880-2000). **REHMLAC+ – Revista de Estudos Históricos de la Masoneria Latino Americana y Caribeña**. 2016, vol.8, n.1, pp.131-151e BOGDAN; SNOEK, *op cit, loc cit*.

<sup>214</sup> DACHEZ, *op cit*, p. 93

<sup>215</sup> O sentido de “Ortodoxia”, aqui, não é o mesmo dado por Jean-Marie Ragon na sua obra **Ortodoxia Maçônica** (primeira edição de 1853. São Paulo: Madras, 2006), que usa este termo como sinônimo de uma linha hermética e ocultista de Maçonaria.

<sup>216</sup> Guénon foi m dos pensadores mais influentes da chamada “Escola Tradicionalista”, ou “Perennialista”, junto com Ananda K. Coomaraswamy e Frithjof Schuon, que buscava interpretar as grandes tradições místicas do ocidente e do oriente não segundo uma visão orientalista, eurocêntrica, mas conforme seu valor espiritual intrínseco, partindo daí uma crítica à modernidade iluminista.

“a verdadeira regularidade reside essencialmente na ortodoxia maçônica, e que esta ortodoxia consiste acima de tudo em seguir fielmente a Tradição, em conservar com cuidado os símbolos e as formas rituais que expressam esta Tradição, e que constituem sua roupagem, e em rechaçar toda inovação suspeita de modernidade”<sup>217</sup>

Guénon não advogava a proibição de inovações, ao contrário. Sustentou que o “os rituais podem e devem ser modificados todas as vezes que seja necessário para adaptar-se às condições variáveis de tempo e de lugar mas (...) unicamente na medida em que estas modificações não afetem nenhum aspecto essencial”<sup>218</sup>. A ortodoxia, para Guénon, refere-se assim “ao conjunto do simbolismo considerado como um todo harmônico e completo, e não a este ou aquele símbolo em particular, ou mesmo à uma fórmula em particular, como À G.: do G.: A.: d .: U.:<sup>219</sup>.”<sup>220</sup>.

A definição de Ortodoxia aqui adotada deriva da de Guénon, mas com diferenças significativas. Enquanto Guénon rejeita a análise puramente histórica, exotérica, em prol da esotérica, a análise oferecida neste trabalho não se desvincula daquela. No caso desta dicotomia, ela gira em torno de três proibições ortodoxas: a proibição da iniciação de ateus, de mulheres e a proibição de tomada pública de posição política. Elas se referem, *in casu*, ao mesmo tempo, aos aspectos dos elementos extrínsecos ideológicos e relativos à qualidade da membresia.

Pode-se considerar estas proibições como ortodoxas, pois elas remontam às Constituições de Anderson, quando ali se estabelece que um maçom não pode ser “um estúpido ateu ou um libertino irreligioso”, a obrigação de o candidato à iniciação ser “um homem de verdade, nascido livre e na idade da razão, vedados escravos, mulheres, homens escandalosos ou imorais” bem como o estabelecimento de que “nenhum ressentimento e disputa pode ser trazido para dentro da Loja, muito menos discussões sobre religiões, nações ou política de estado (...)”<sup>221</sup>.

Escritas na Inglaterra hanoveriana, estas proibições refletiam seu tempo e seu lugar: ateus eram suspeitos, pois os juramentos em nome de Deus, sendo a base dos contratos em geral e do vínculo maçônico em particular, seriam nulos sem o vínculo

<sup>217</sup> GUÉNON, René. **Estudos sobre a Franco-Maçonaria e o Companheirismo**. São Paulo: IRGET, 2009, p. 157.

<sup>218</sup> *Idem*, p. 158

<sup>219</sup> “À G.: do G.: A.: d .: U.:” é uma fórmula maçônica que significa simplesmente “À Glória do Grande Arquiteto do Universo”.

<sup>220</sup> *Ibid.*, p. 159

<sup>221</sup> ANDERSON, *op cit*, respectivamente páginas 50, 51 e 54. Tradução livre de excertos.

subjetivo com o poder maior<sup>222</sup>. Dentro das práticas rituais esta ideologia se reflete na realização de preces, na abertura do Volume da Lei Sagrada<sup>223</sup> em todas as sessões e nas invocações ao Grande Arquiteto do Universo<sup>224</sup>.

As mulheres, por seu turno, não sendo titulares de cidadania e liberdade civil plenas não poderiam contrair obrigações<sup>225</sup>. Por fim, recém saída de um período turbulento de guerras civis e perseguições religiosas e socialmente assombrada com a irresignação jacobita da qual muitos maçons partilhavam<sup>226</sup>, a Maçonaria não podia se dar ao luxo de ser associada a facções<sup>227</sup> sem se expor a perseguições.

A Maçonaria ora chamada de Heterodoxa tem origem imediata na cisão ocorrida em 1877, entre a UGLE e o GOdF, quando esta proclamou a liberdade de consciência como valor absoluto e, em ato contínuo, passou a admitir ateus, suprimiu o Volume da Lei Sagrada como item obrigatório nas Lojas sob sua jurisdição e, igualmente as preces de abertura e encerramento dos trabalhos e a invocação do “Grande Arquiteto do Universo”. Esta decisão refletiu uma progressiva mudança na sua base social: de organização, que, com a fase autoritária do 2º Império (1852-1860)<sup>228</sup> passou a

---

<sup>222</sup> É a posição, por exemplo, de Francis Hutcheson, no seu “**A System of Moral Philosophy**” (Londres: 1755. Tomo 2, pp. 313-314)

<sup>223</sup> O Volume da Lei Sagrada, pela tradição maçônica, é o livro sagrado que a Loja, pela vontade dos seus membros, escolhe. Nas Lojas cujos membros são em sua maioria cristãos, é a Bíblia. Se judeus, a Torá. Se muçulmanos, o Corão, e assim sucessivamente.

<sup>224</sup> “Grande Arquiteto do Universo” é a designação genérica atribuída na Maçonaria a Deus. A construção é propositadamente genérica para ser inclusiva e foi provavelmente inspirada por escritos quer de São Tomás de Aquino, quer de Joao Calvino, ou mesmo da Bíblia (cf. Hb 11:10 e 1 Cor 3:9-11), cf. WEBB, Thomas Smith; FREITAS NETO, Edgard da Costa. **O Monitor dos Franco Maçons (1818)**. Salvador: Curtipiu Publicações, 2017, p. 54. Para Guénon (*in* “**Considerações** [...]”, p. 173), “*constitui unicamente um símbolo iniciático, que devemos tratar como todos os outros símbolos, e do qual devemos, em consequência, procurar antes de tudo fazer uma ideia racional*”.

<sup>225</sup> Em uma obra dedicada à questão da iniciação feminina na Maçonaria, Jan Snoek observa que antes das Constituições de Anderson não existiam impedimentos para que mulheres fossem iniciadas na arte da construção com pedra, e, de fato, existiram várias que o foram. Mas sendo a *Franco-Maçonaria* um *club* de cavalheiros, não um ajuntamento real de pedreiros, a interdição para as mulheres se tornava, para eles, imperativa. SNOEK, Jan. **Initiating Women in Freemasonry: The Adoption Rite**. Leiden: Brill, 2012, pp. 9-14.

<sup>226</sup> O Jacobitismo foi um movimento político filo-católico que tinha por objetivo a restauração da dinastia Stuart no trono inglês, da qual foi apeada pela Revolução Gloriosa de 1688 que depôs o Rei Jaime II (último rei católico romano da Inglaterra) e o enviou, com seu filho, para o exílio na França. Jaime II foi sucedido por duas filhas que morreram no trono sem deixar sucessores, com a subsequente acessão da casa de Hanover em 1714. Os Jacobitas sustentavam o direito do Rei Jaime II (que morreu em 1701) e do seu filho Jaime e protagonizaram um certo número de rebeliões ao longo do século XVIII.

<sup>227</sup> Cf. FREITAS NETO, *op cit*, p. 11

<sup>228</sup> O 2º Império Francês como um todo durou de 1851, data do autogolpe promovido pelo presidente Luís Napoleão, coroado em 1852 como Imperador Napoleão III) a 1870, com a derrota francesa e captura de Napoleão na Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris. Cf. PRICE, Roger. **Napoleon III and the Second Empire**. Londres: Routledge, 2001.

receber cada mais membros alinhados com visões progressistas em termos sociais e políticos e anticlericais em termos religiosos.

Apesar de o fenômeno não ser novo – as Lojas francesas antes da Revolução de 1789 tinham progressistas<sup>229</sup> suficientes para chegarem mesmo a ser acusadas de tramar a Revolução – ele se acentuou fortemente nesse período. A proibição católica contra a Maçonaria, que data de 1738 e vinha sendo renovada periodicamente, contribuiu para afastar os católicos e conservadores das Lojas<sup>230</sup>.

A Constituição do GOdF promulgada em 1849 previa em seu Art. 1º que seu fundamento era a “*crença em Deus e na imortalidade da alma*”. Em 1865, este artigo foi emendado, proclamando-se a absoluta liberdade de consciência como direito individual e a proibição de exclusão em razão de crença. A contradição, em termos, implícita, foi posteriormente explorada pelo círculo liderado por Frédéric Desmons<sup>231</sup>, que logrou aprovar a supressão da obrigatoriedade da crença em Deus ou na alma. Quando ao risco de isolamento, Desmons sustentou: “*Não se temam ou receiem, irmãos, o isolamento maçônico internacional*”<sup>232</sup>. O GOdF se declarou agnóstico, e cada Loja individualmente decidiria se consagraria ou não seus trabalhos ao Grande Arquiteto do Universo<sup>233</sup>.

Como organização, o GOdF adotou a *laïcité*, a versão francesa e radical do princípio da laicidade, como principal bandeira de luta<sup>234</sup>, se declarou republicano e se engajou publicamente em todo tipo de debate político.<sup>235</sup>

---

<sup>229</sup> Adoto o termo “progressistas” para abarcar uma categoria genérica política à esquerda que crê no progresso social.

<sup>230</sup> O Padre Jesuíta espanhol e Professor de História Contemporânea da Universidade de Saragoça José Ferrer Benimelli oferece a mais completa e honesta história da condenação da Maçonaria pela Igreja Católica no século XVIII em seu **Os arquivos secretos do Vaticano e a Franco-Maçonaria: história de uma condenação pontifícia** (São Paulo: Madras, 2010, 832 pgs), obra de referência sobre o assunto.

<sup>231</sup> Désmons, futuro vice-presidente do Senado, era, à época, pastor protestante

<sup>232</sup> Sobre todo o período da transição mencionado, cf. DACHEZ, *op cit*, pp. 33-42

<sup>233</sup> BAUER, Alain; MOLLIÉ, Pierre. **Que sais-je? Le Grand Orient de France**. Paris: Puf, 2012, p. 45

<sup>234</sup> A maneira francesa de encarar o princípio da separação entre o estado e a religião é mais radical do que a maneira anglo-saxã, uma distinção que tem sua raiz nas diferentes versões do iluminismo. Para uma apresentação geral dos fundamentos de ambos os modos, cf. HIMMELFARB, Gertrude. **The Roads to Modernity: The British, French, and American Enlightenments**. Nova Iorque: Vintage Books, 2004

<sup>235</sup> BAUER; MOLLIÉ, *op cit.*, p. 46-48



Esse momento coincidiu com o advento da III República Francesa (1870-1940), período histórico marcado pela predominância política dos radicais, anticlericais e progressistas no governo.

O ativismo político e o agnosticismo militante marcam, assim, duas posições ideológicas presentes na heterodoxia maçônica. Uma terceira posição diz respeito à qualidade dos membros.

Como visto, na fase moderna a Maçonaria somente aceitava homens. Não obstante as proibições implícitas ou explícitas, já no século XVIII, episódios pontuais puseram a regra em xeque: Em uma invectiva contra a Grande Loja de Londres, o escritor maçônico Laurence Dermott ironizou a iniciação por aquela do Cavaleiro D'Eon, um nobre francês conhecido por andar travestido e se identificar socialmente como mulher: “*e num evento posterior, em Westminster, ao que parece eles iniciaram uma mulher chamada Madame D'E...*”<sup>236</sup>. Casos esporádicos de iniciações (reputadas irregulares) de mulheres são registrados nos séculos XVIII e XIX: Elizabeth Aldworth, uma jovem da nobreza iniciada na Irlanda por volta da década de 1720; a Condessa Ilona Hadik-Barkóczy, iniciada numa Loja húngara em 1875; a Condessa Julia Apraxin-Batthyany, iniciada numa Loja espanhola em 1880<sup>237</sup>.

Na França, em algum momento próximo da metade do século XVIII, começaram a surgir as chamadas “*Lojas de Adoção*”: sociedades paramaçônicas<sup>238</sup>, vinculadas a uma Loja, com rituais femininos. Estas “*Lojas de Adoção*” se tornaram bastante populares, em especial junto à aristocracia, até o estouro da revolução, mas ainda permaneceram relevantes ao longo do século XIX<sup>239</sup>. Nos EUA, ao longo do século XIX, ordens paramaçônicas mistas e femininas também surgiram, muitas das quais existem até hoje, como a chamada “*Ordem da Estrela do Oriente*”.

<sup>236</sup> DERMOTT, Laurence; ISMAIL, Kenny. **Ahiman Rezon**. Londrina: A Trolha, 2016, p. 101

<sup>237</sup> SNOEK (2012), p. 201

<sup>238</sup> Por “paramaçônica” entendemos toda organização que, conquanto não possua algum dos elementos intrínsecos, é administrativa ou ritualisticamente ligada à Maçonaria.

<sup>239</sup> Para uma análise mais aprofundada da questão de gênero no âmbito da Maçonaria Francesa, além da obra citada de SNOEK (2012), veja-se a profunda análiseêmica de Alec Mellor, em **Os grandes problemas da atual Franco-Maçonaria**. (São Paulo: Pensamento, 1989b) e a análise ética de Cécile Reváuger em *Género em la masonería francesa, del siglo XVIII a la actualidad*. In ESQUIVEL, Ricardo Martínez; ANDRÉS, Yván Pozuelo; ARAGÓN, Rogelio (eds). **300 años: Masonerías y Masones. 1717-2017. Tomo IV: Exclusión**. Cidade do México: Palabra de Clio, 2017, pp. 13-23. Na mesma obra, conferir também (dentre outras) MATEO, María José Lacalzada de. *Hombres y mujeres por el filo de las heterodoxias, dentro y fuera de la Francmasonería*, pp. 24-44.

Em 1882, Maria Deraismes, militante feminista pioneira, foi iniciada em uma Loja Maçônica que havia se separado do GOdF. Em 1892, ela e outros iniciados, mulheres e homens, fundam a Ordem Maçônica Droit Humain (DH), com o propósito de formar uma obediência mista<sup>240</sup>. Ideologicamente, a DH conservava a mesma base radical, republicana e laica que o GOdF, com um forte conteúdo teosófico.

Na Inglaterra, o movimento de ingresso de mulheres em organizações maçônicas foi liderado por Annie Besant, iniciada na DH em 1902. Em 1908, um grupo de maçons e maçonas<sup>241</sup> insatisfeitos com a ingerência francesa fundou uma organização própria, que era em princípio mista, mas que em menos de cinco anos se tornou exclusivamente feminina, a *Order of Women Freemasons*<sup>242</sup>.

O GOdF se tornou uma organização mista em 2010, depois que um dos seus membros passou pelo processo de transição de gênero para o feminino e requereu a manutenção dos seus direitos maçônicos, o que foi acatado pelo Conselho da Ordem<sup>243</sup>. Outras organizações que fazem parte da sua esfera de influência ideológica como, por exemplo, o Grande Oriente Lusitano, permanecem sendo exclusivamente masculinos<sup>244</sup>.

A maneira de encarar estas proibições, portanto, demarcam a separação entre a Maçonaria Ortodoxa e a Heterodoxa. Ambos os grupos convergem quando se trata dos requisitos intrínsecos, mas divergem nos extrínsecos: dentre as organizações heterodoxas há as que aceitam apenas mulheres, apenas homens, ou que são mistas.

---

<sup>240</sup> Muitos autores categorizam a DH como “co-Maçonaria”. Dentro da categoria utilizada no presente trabalho, considerando os requisitos intrínsecos, entende-se que a organização é legitimamente maçônica.

<sup>241</sup> Apesar de não soar tão bem, a palavra “maçona”, como feminino de maçom, encontra registro no **Dicionário de Termos Maçônicos**, de Pedro Manoel Pereira (Lisboa: Sete Caminhos, 2008)

<sup>242</sup> De se observar que a crença no Grande Arquiteto do Universo foi preservada na versão inglesa, ao contrário da francesa. Cf. PILCHER-DAYTON, Ann Jessica. **Women Freemasons and Feminist causes 1908-1935: the case of the Honourable Fraternity of Antient Masonry**. Tese (Doutorado em Filosofia) Departamento de História: Universidade de Sheffield, 2011, pp. 24 e 31-35

<sup>243</sup> Escrevendo originalmente em 1976, Mellor (1989b, p. 80), analisa a posição da Maçonaria em face do feminismo, e aposta que na Maçonaria Francesa no ano 2000 a Grande Loja, ortodoxa, e o Grande Oriente, heterodoxo, poderiam estar afastados em um sem-número de questões, menos na questão do exclusivismo masculino.

<sup>244</sup> A questão de gênero ganhou um contorno interessante em julho de 2018 quando a Grande Loja da Inglaterra, arquétipo da ortodoxia maçônica, emitiu uma orientação para as suas Lojas jurisdicionadas esclarecendo que qualquer maçom que passe pela transição de gênero permanece com seus direitos maçônicos íntegros, estabelecendo ainda que homens transgênero (isto é, biologicamente do sexo feminino, mas identificados com o gênero masculino) poderiam ser regularmente iniciados. Isto significa que uma mulher transgênero pode frequentar uma Loja maçônica, desde que tenha sido iniciada quando ainda no gênero masculino, bem como um homem transgênero. A respeito: United Grand Lodge of England. **Gender Reassignment Policy**. 17 de Julho de 2018. Disponível em <<https://www.ugle.org.uk/gender-reassignment-policy>>

Das mistas ou que aceitam apenas mulheres há as que mantêm a crença no GADU, ou algum grau de espiritualidade, ou que são agnósticas.

#### 4.2 BREVE HISTÓRIA DE UMA REDE TRANSNACIONAL

À parte das considerações antediluvianas de Anderson, uma parcela considerável dos historiadores está de acordo no sentido de que a Maçonaria moderna é fruto de uma transformação gradual que se operou no seio das corporações de ofício dos pedreiros medievais na Grã-Bretanha<sup>245</sup>. Originalmente destinada a preservar, pela forma ritual, a transmissão dos conhecimentos do ofício aos novos pedreiros, as corporações começaram, em algum momento (provavelmente) entre o fim do século XVI e meados do XVII a aceitar em seus quadros pessoas que não exerciam funções na guilda, normalmente patronos e benfeitores daquela corporação específica.

Estas pessoas passavam, aparentemente, pelas mesmas cerimônias que os aprendizes de pedreiro, pelo que eram consideradas maçons *aceitos*, uma expressão que se incorporou no linguajar êmico maçônico. Ao longo do século XVII, a participação destes maçons aceitos passou a ser mais significativa, existindo indícios de Lojas formadas para a prática puramente *especulativa* da Maçonaria.

Esta Maçonaria dita especulativa teve seu *début* social em algum momento entre 1717 e 1721. A data de 24 de junho de 1717, dia de São João, é tradicionalmente aceita como a data de “nascimento” da Grande Loja de Londres e Westminster, fundada a partir de quatro lojas exclusivamente especulativas que se reuniam em Londres, em sessão realizada na Taverna “O Ganso e a Grelha”<sup>246</sup>.

Depois do seu aparecimento público em meados da década de 1720, a Maçonaria inglesa se espalhou pela Europa continental e pelas colônias. Não tardou

---

<sup>245</sup> Ver, neste sentido, STEVENSON, David. **As Origens da Maçonaria: O século da Escócia. 1590-1510**. São Paulo: Madras, 2009. Também os artigos da primeira parte da obra coletiva editada por BOGDAN e SNOEK, já citada.

<sup>246</sup> Esta data foi estabelecida por James Anderson na *segunda* edição de suas Constituições, datada de 1738. Ela posta em xeque recentemente por pesquisas conduzidas pelos profs. Andrew Prescott e Susan Sommers, que apontaram inconsistências e anacronismos na narrativa. Com base nos dados levantados, os professores estimam que a fundação da Grande Loja de Londres ocorreu em algum momento entre 1717 e 1721. Cf. PRESCOTT, Andrew; SOMMERS, Susan Mitchell. En busca del Apple Tree: Una revisión de los primeros años de la Masonería inglesa in ESQUIVEL, Ricardo Martínez; ANDRÉS, Yván Pozuelo; ARAGÓN, Rogelio (eds). **300 años: Masonerías y Masones. 1717-2017. Tomo V: Cosmopolitismo**. Cidade do México: Palabra de Clio, 2017 pp. 168-191

que das lojas continentais formassem seus próprios quadros e gerassem novas Lojas cada vez mais distantes e independentes de Londres.

Tome-se o exemplo da Maçonaria Francesa. As primeiras Lojas remontam a aproximadamente 1725, compostas majoritariamente dos exilados jacobitas. As Lojas se multiplicaram, muitas vezes de forma desordenada. Em 1728, foi nomeado Grão-Mestre inglês, o Duque de Wharton, que já havia sido Grão-Mestre em Londres no ano de 1723, mas não havia, em sentido formal, uma Grande Loja. Somente dez anos depois um francês seria eleito localmente Grão-Mestre, formando-se aí uma Grande Loja nacional, que a partir de 1773 passou a se chamar “Grande Oriente de França”<sup>247</sup>.

Por toda a Europa e nas colônias, a Maçonaria ganhou uma vida própria, não raro incorporando elementos próprios, nacionais ou idiossincráticos. Desenvolveram-se rituais os mais variados: fúnebres, de jantar, de casamento. As Lojas, que no início se reuniam em tavernas ou em residências particulares, passaram adquirir ou locar espaços próprios para reunião.

Até o fim do Século XVIII havia Lojas maçônicas em profusão na Europa, América do Norte e Caribe, frequentadas por militares, funcionários públicos, fazendeiros e burgueses. Algumas poucas se instalaram na África e na Ásia, sempre em entrepostos comerciais ou colônias, voltadas exclusivamente para o público europeu com funções coloniais. Na América Latina, sendo uma prática proibida (ainda que nominalmente) nas metrópoles católicas Espanha e Portugal, as Lojas atraíam as elites e classes médias locais, *criollas*, nativistas e anticoloniais.

Em menos de cem anos a organização nascida numa taverna londrina havia se espalhado por todos os continentes e cada fração, por seu turno, criou novos braços, mostrando uma natureza rizomática.

A popularidade da Maçonaria variava conforme o país e conforme o período. Enquanto na Europa continental setecentista, era um fenômeno mais comum entre aristocratas e nas classes altas urbanas, na Inglaterra e nos EUA, especialmente neste último, se expandiu para as classes médias urbanas e rurais, e mesmo entre classes populares. No diário que escreveu sobre sua viagem de 1798 para a Filadélfia (onde acabou sendo iniciado na Maçonaria), Hipólito José da Costa<sup>248</sup> registrou que o

---

<sup>247</sup> BAUER; MOLLIER, *op cit*, pp. 7-13

<sup>248</sup> COSTA, Hipólito José da. **Diário de minha viagem para Filadélfia (1798-1799)**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004, p. 39. Hipólito da Costa, que depois veio a se tornar proprietário do primeiro

cozinheiro negro, do navio em que estava embarcado era maçom, o que é um indício convincente do grau de penetração da Maçonaria naquela sociedade<sup>249</sup>.

A popularidade pode ser observada pelos números. Apesar de um forte decréscimo do número membros em razão do chamado “Escândalo Morgan”, de 1826<sup>250</sup>, a Maçonaria seguiu com forte capilaridade social. Em estudo sobre a posição da fraternidade durante a Guerra Civil americana, o historiador Michael Halleran cruzou dados de filiação das Grandes Lojas com os do Censo de 1860 e observou em muitos estados mais de 5% da população masculina livre (branca) era membro de uma Loja. Em três estados, os maçons eram mais de 10% desta população<sup>251</sup>.

De 1840 até aproximadamente a década de 1930, os EUA vivenciaram a chamada “Era de Ouro do Fraternalismo”, com uma explosão de organizações fraternais que emulavam a Maçonaria e que atraíram milhões de homens e mulheres em busca de sociabilidade e assistência social. O pesquisador David Beito, por exemplo, observou que, numa fase histórica em que o *Welfare* estatal era virtualmente inexistente, as Lojas, por cotização de seus membros, ofereciam pecúlios, pensões, auxílio financeiro, construíam e mantinham escolas, orfanatos, hospitais, cemitérios e pensões, suprindo não apenas seus membros, mas suas comunidades<sup>252</sup>.

---

jornal brasileiro, o Correio Braziliense, foi um maçom extremamente ativo, chegando a ser preso pela inquisição portuguesa por conta disso. Foi um nó central numa rede maçônica que se estendia entre Inglaterra (onde se tornou secretário pessoal de Augusto Frederico, Duque de Sussex, filho do rei George III e Grão-Mestre da Grande Loja Inglesa), Portugal e Brasil até o tempo da independência. Para maior aprofundamento, ver também COSTA, Hipólito José da. **Narrativa da Perseguição**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001 e BUVALOVAS, Thaís. **Hipólito da Costa na Filadélfia (1798-1800)**. São Paulo: Hucitec, 2011

<sup>249</sup> Registros paroquiais, censitários e de jornais demonstram que boa parte dos negros componentes das lojas Prince Hall em Boston eram trabalhadores braçais, sem propriedades imóveis. Cf. HINKS, Peter; KANTROWITZ, Stephen. **All Men Free and Brethren: Essays on the History of African American Freemasonry**. Ithaca: Cornell University Press, 2013

<sup>250</sup> William Morgan (1774- aprox.1826) era um maçom na cidade de Batavia, estado de Nova Iorque. Após romper com sua loja por motivos não esclarecidos, lançou um livro antimaçônico. Após ter sido preso em razão de dívidas não pagas, desapareceu misteriosamente, tendo sido seu sumiço atribuído à ação concertada de maçons da sua Loja. A indignação pública e a campanha antimaçônica que se seguiu deram origem ao primeiro partido político alternativo ao Partido Democrático e ao Partido Republicano dos EUA, chamado *literalmente* “Partido Antimaçônico” (*Anti-Masonic Party*). Sobre o tópico e seus desdobramentos, ver HACKETT, David G. **That Religion in which all men agree: Freemasonry in American culture**. Berkeley: University of California Press, 2014, especialmente pp. 112-119

<sup>251</sup> HALLERAN, Michael. **The Better Angles of our Nature: Freemasonry in the American Civil War**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010, p. 44

<sup>252</sup> Sobre o papel social do *welfare* promovido pela Maçonaria e outras associações fraternais, cf BEITO, David. **From mutual aid to the Welfare State: Fraternal societies and social services, 1890-1967**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.

Desde a década de 1960, entretanto, as mudanças culturais e a expansão dos serviços de seguridade social estatais têm provocado um acentuado declínio da sociabilidade maçônica no ocidente<sup>253</sup>. Compilando dados das Grandes Lojas que remontam a 1924, a Masonic Service Association of North America observou que em 1959 o sistema das Grandes Lojas americanas atingiu seu ápice em número absoluto de membros: 4.103.161. Em 2017, o pior número: 1.076.626<sup>254</sup>.

Na Grã-Bretanha houve também uma queda acentuada: a Grande Loja Unida perdeu quase 150.000 membros nos últimos vinte anos e possui hoje 200.000 membros. Na França, no Brasil e na África, entretanto, o número de membros tem se mantido estável ou crescido timidamente<sup>255</sup>.

Não obstante, permanece verdade, *cum grano salis*, o que escreveu Albert Gallatin Mackey, um dos escritores maçônicos mais famosos do século XIX, quando afirmou:

“O Imperador Charles V se gabava de que o Sol nunca se punha em seu vasto Império. Isto também pode ser dito da Maçonaria. O orbe, em sua revolução, encontra a cada hora um venerável local, casa de um maçom ou domicílio de uma Loja que possa iluminar com seus raios de luz e calor”<sup>256</sup>.

---

<sup>253</sup> ÖNNERFORS, Andreas. **Freemasonry: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Ver, sobre o declínio *em geral* das formas tradicionais de sociabilidade no Ocidente, cf. PUTNAM, Robert. **Bowling Alone: The collapse and revival of american Community**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000. Kinney (*op cit*, p. 327-328) atribui este declínio a seis grandes fatores: o declínio demográfico das famílias nucleares, o desaparecimento gradual das esferas sociais separadas para homens e mulheres, o aumento na demanda de horas extras no capitalismo contemporâneo, a informalização progressiva da sociedade, o decréscimo da crença religiosa e a balcanização dos grupos etários: A “*greatest generation*”, nascidos na década de 20 e 30 que aderiram entusiasticamente às formas de fraternalismo ao voltarem da guerra não conseguiram transmitir o mesmo entusiasmo à geração “*boomer*” que lhe seguiu, e menos ainda aos seus netos “*millenials*”.

<sup>254</sup> Masonic Service Association of North America. **Masonic Membership Statistics**. Disponível em <<http://www.msana.com/msastats.asp>>

<sup>255</sup> A falta de dados precisos torna o cálculo impreciso. O Brasil possui atualmente cerca de 210.000 maçons nos seus três principais ramos: (GOB, Grandes Lojas Estaduais e COMAB), segundo o pesquisador. As três obediências são exclusivamente masculinas, e não existem dados disponíveis de obediências mistas ou femininas (as quais têm visibilidade social quase nula, sendo possível supor uma irrelevância estatística). A França possuía em 2014, aproximadamente, 175.000 maçons e maçonas, divididos em aproximadamente dez obediências principais. A maior, o GOdF, possui aproximadamente 50.000 (0,3% mulheres). A *Droit Humain* possui 17.000 (67% de mulheres). A Grande Loja Feminina, exclusivamente feminina, tem 14.000. A Grande Loja da França (masculina) tem 39.000 e a Grande Loja Nacional Francesa, 35.000. A comparação de diversas edições da *List of Lodges* publicada pela Conferência de Grão-Mestres da América do Norte mostra um crescimento no número de membros e de Lojas na África entre 2011 e 2018.

<sup>256</sup> MACKEY, Albert. G. **The mystic tie**. 10 ed. Nova Iorque: Masonic Publishing and Manufacturing Co, 1867, p. 24. Tradução livre.

### 4.3 A FORMA DA REDE MAÇÔNICA

Utilizou-se, numa passagem deste capítulo, do adjetivo “rizomático” para definir o fenômeno maçônico. O rizoma é um tipo de caule que cresce horizontalmente e de onde brotos podem ramificar de qualquer ponto. A analogia foi usada, antes, por Manuel Castells em obra já mencionada, para caracterizar movimentos sociais em rede<sup>257</sup>. As Lojas e as Grandes Lojas são constituídas pelos indivíduos maçons. Onde quer que haja maçons, ainda que desvinculados a uma Grande Loja, eles podem (se se [re]conhecerem como tais) congregar-se em uma Loja. Se a Loja, ou Grande Loja toma rumos com os quais não concordam, podem romper seus laços e formar novas.

A natureza de rede se evidencia do quanto já exposto: maçons ligam-se entre si em lojas, que por sua vez se ligam em grandes lojas e estas, no reconhecimento mútuo, entre grandes lojas. Apesar de a comunicação formal entre indivíduos e Lojas, as Lojas entre si e com Grandes Lojas, e estas entre si depender de aspectos institucionais que esbarram às vezes nos requisitos extrínsecos, no nível individual a ligação é direta e não burocrática, pois se baseia no compartilhamento pessoal dos requisitos intrínsecos.

Um dos autores maçônicos mais influentes na história da Maçonaria americana, Thomas Smith Webb, assim escreveu, em 1797:

A Maçonaria é uma ciência que não está confinada a nenhum país em particular, mas difundida por todo o orbe terrestre. Onde quer que as artes floresçam, ela florescerá junto. Aliados a isso, os seus sinais sagrados e invioláveis, cuidadosamente preservados pela Fraternidade ao redor do mundo, fazem da Maçonaria uma linguagem universal, o que em si traz muitas vantagens. O circunspecto chinês, o árabe feroz, o selvagem americano, todos abrirão seus braços para um irmão britânico, francês ou alemão. Saberão ainda que, para além dos laços comuns de humanidade, há ainda uma obrigação mais forte que os leva a bons ofícios ainda mais atenciosos.

Diante dela, o espírito furioso do sacerdote se moderará; um irmão, homem de moral, mas persuadido por ideias diferentes, agirá com respeito e consideração. A influência maçônica, compatível assim com a mais sã política, amortece as disputas que amarguram a vida e azedam o temperamento humano, zelando-se assim pelo bem comum, principal objetivo da Ordem.

Olhando assim este sistema, sua utilidade se mostra bastante óbvia. Os princípios universais da Arte unem os homens das mais opostas tendências, dos mais distantes países e das mais contraditórias

---

<sup>257</sup> A analogia do rizoma também é usada por Gilles Deleuze e Félix Guattari para exemplificar seu sistema epistemológico, mas não há a pretensão de utilizar esse conceito neste contexto no presente trabalho.

opiniões em um laço indissolúvel de afeto, para que um maçom encontre um amigo em cada nação e uma casa em cada latitude.<sup>258</sup>

A Maçonaria emerge, assim, como uma *comunidade imaginada*, aproveitando-se do conceito cunhado por Benedict Anderson para definir o conceito de nação. “*Ela é imaginada*”, diz o historiador inglês,

“porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”<sup>259</sup>.

Estas comunidades, observou, não se distinguem por critérios de falsidade/autenticidade, mas pela maneira como são imaginadas<sup>260</sup>. A comunidade imaginada é, também, *limitada*, pois “*mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações*”<sup>261</sup>.

Elas são soberanas na medida em que não se submetem a poderes externos, e.g., de um país ou religião específica, mas às vontades do corpo político que as personificam e são, por fim,

“imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como urna profunda camaradagem horizontal.”<sup>262</sup>

O conceito de Anderson já havia sido aplicado, antes, em relação à Maçonaria por Kees van der Pijl, que identificou nela uma comunidade imaginada da burguesia transnacional:

“A Maçonaria garantiu uma cobertura para o desenvolvimento desta nova identidade na qual a exploração dos membros pelos da sua própria comunidade é uma premissa. Ao ingressarem em lojas maçônicas mercadores e outros de outra forma envolvidos em relações econômicas de longa distância, como advogados e contadores, perceberam a alienação primordial da comunidade, que é a precondição para as relações de mercado, exploração do trabalho assalariado e cidadania em abstrato. Ainda, a Maçonaria reabilitou laços transnacionais antigos com suas referências às guildas medievais e mitos de origens templárias e outras ordens cavaleirescas; mas, como Trevor Burnard nota, ao contrário das associações de tipo guilda, aristocráticas, redes como a Maçonaria

<sup>258</sup> WEBB; FREITAS NETO, *op cit*, pp. 29-30

<sup>259</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32

<sup>260</sup> *idem*, p. 33

<sup>261</sup> *ibidem*, p. 33

<sup>262</sup> *ibid*, p. 34



não eram ‘fortalezas destinadas a manter um mundo hostil à distância’. Ao contrário, era ‘um domínio esparramado e espacialmente incontinuo aberto, intercalado e mesclado com o ambiente’<sup>263</sup>

Van der Pijl argumenta que o caráter transnacional da Maçonaria permitiu, a partir do século XVIII, a criação de um ambiente próprio para a formação de classe burguesa dentro de uma mentalidade lockeana, fornecendo o mecanismo de união de classe. A ideia de fraternidade, por seu turno, aliviava as pressões da competitividade, ao passo que o segredo permitia o fluxo seguro de informação<sup>264</sup>. Para ele, como para Gramsci, a Maçonaria era o partido da burguesia<sup>265</sup>.

Não é possível, entretanto, deduzir uma unidade de classe na Maçonaria quando sequer existe unidade nos elementos extrínsecos dela, e os seus elementos intrínsecos são por demais vagos, vagos o suficiente para poderem ser reinterpretados com liberalidade. Em algumas condições de tempo e lugar, de fato, algum ramo da Maçonaria podia ser plenamente identificado com o estado, como no caso da Itália pré-fascista (contexto das observações de Gramsci) ou na III República Francesa. Destas identificações, entretanto, não é possível inferir que o papel de partido seja o único - ou o mais importante, pelo que se entende que a análise materialista, centrada unicamente em relações de classes, não explica a contento o fenômeno, infinitamente mais complexo, na medida em que as Lojas, variando de acordo com o local e o período histórico, não são sociologicamente monolíticas.

Como observou Stefan-Ludwig Hoffman, a noção tradicional de que as Lojas consistiam essencialmente em espaços de comunicação da burguesia socialmente ascendente, mas politicamente inócua, consistindo na ideologia emancipatória desta classe tem sido contestada por recentes estudos. Ele afirma:

“A significância particular da Maçonaria reside no fato de que aristocratas e elites burguesas se associaram umas às outras, com monarcas eventualmente assumindo papéis de liderança. (...) Em locais de residência real e cidades fortificadas, o percentual de

<sup>263</sup> VAN DER PIJL, Kees. **Transnational Classes and International Relations**. Londres: Routledge, 1998, p. 99

<sup>264</sup> *idem*, passim.

<sup>265</sup> cf. GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos Vol. IV**. Lisboa: Seara Nova, 1978, pp. 29-35. Esta posição parece ser comum à análise marxista sobre a Maçonaria, que se reflete no fato de que Cuba se tornou o único país socialista na esfera sino-soviética durante a Guerra Fria em que a Maçonaria não foi proibida. Bin Xiao, revisando as obras completas de Karl Marx e Friedrich Engels, encontrou 21 referências à Maçonaria, espalhadas por todo o período produtivo dos autores. Da análise destas referências esparsas resta que Marx e Engels consideravam a Maçonaria, senão com desdém, um perigo para a unidade da classe proletária por permitir a confraternização com a classe patronal. cf. XIAO, Bin. Analysis of the freemasons in the light of the “Complete Works of Marx and Engels”. **World Review of Political Economy**, Vol. 3, nº1, 2012 pp. 83-99.

aristocratas entre os membros das lojas era alto, ao passo que em grandes cidades comerciais como Hamburgo, Frankfurt e Leipzig era baixo. A estrutura social diferia de cidade em cidade e de Loja em Loja. Em lojas em Berlim, Königsberg ou Breslau, aristocratas, servidores civis e oficiais militares predominavam. Em cidades universitárias como Göttingen, eram majoritariamente professores”<sup>266</sup>

A aristocracia somente foi se retirando aos poucos das Lojas, coincidindo com o período histórico do declínio em geral desta classe, de forma que apenas nos fins do século XIX burgueses e burocratas se tornaram o grosso da membresia. Esta mescla de origens e posições sociais diferentes, observa Hoffman, demonstra que a Maçonaria não era uma “contra-elite” em face da aristocracia<sup>267</sup>.

De fato, quando se olha para a Maçonaria na Europa, pode-se perceber uma composição de aristocratas e profissionais da burguesia (incluindo profissionais liberais, como advogados) e da burocracia estatal, bem como clérigos e militares. Mas, em outros locais, como na América do Norte, era um espaço frequentado *também* por pequenos proprietários rurais, militares de baixa patente e, ainda que em lojas separadas, negros livres<sup>268</sup> (como o cozinheiro da corveta em que Hipólito da Costa navegou a caminho da América) e índios<sup>269</sup>.

O segredo era (é) um elemento-chave para a compreensão do poder agregador desta rede. A passagem pelo processo de iniciação demarca uma linha de separação entre os de dentro e os de fora. Internamente, a ideologia igualitária do fraternalismo (todos os membros são “irmãos”, suas esposas, “cunhadas” e os filhos, “sobrinhos”) permite que membros de classes, religiões e nacionalidades distintas possam se sentar juntos como iguais, pelo menos no enquadramento tempo-espacial da reunião. *“Neste sentido, o segredo media a oposição entre as reivindicações humanistas gerais e as distinções sociais e morais: igualitária para dentro e elitista para fora”*<sup>270</sup>

<sup>266</sup> HOFFMAN, Stefan-Ludwig. **The politics of sociability: freemasonry and german civil society 1840-1918**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2010, p. 20. Ênfase no original. Tradução livre.

<sup>267</sup> Idem, p. 21

<sup>268</sup> Em 1775, um grupo de homens afro-americanos livres (i.e., não submetidos à escravidão) foram iniciados numa Loja maçônica ligada a um regimento de infantaria irlandesa em Boston. Estes homens, sob a liderança de um maçom afro-americano chamado Prince Hall deram origem a uma linhagem de obediências maçônicas, hoje chamadas de “Grandes Lojas Prince Hall”, voltada prioritariamente para afro-americanos. A história de Prince Hall será retomada no próximo capítulo.

<sup>269</sup> Sobre o papel e a disseminação da Maçonaria entre diversas tribos indígenas norte-americanas nos séculos XVIII e XIX, cf. PORTER, Joy. **Native American Freemasonry: Associationalism and Performance in America**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2011. Porter observa que os índios, ao contrário dos negros, costumavam ser bem-vindos em lojas “brancas”.

<sup>270</sup> HOFFMAN, *op cit*, p. 23

Para Reinhard Koselleck, o segredo desempenhou um papel integrador para as Lojas:

“Após a iniciação, o segredo criava uma comunidade de gênero novo. O templo real foi construído e preservado mediante o segredo: o arcanum era o ‘cimento’ da fraternidade. A participação comum no mesmo arcanum garantia de antemão a igualdade dos irmãos e conciliava as diferenças entre os estados. O segredo ligava todos os seus cúmplices numa nova esfera, independentemente do lugar onde tivessem sido iniciados e de sua posição na hierarquia existente. (...) O segredo separava os irmãos e o resto do mundo exterior. Assim, pela rejeição de todas as ordens sociais, religiosas ou estatais vigentes, desenvolveu-se uma nova elite que se concebia como ‘humanidade’”<sup>271</sup>

Sob este signo, “*formou-se o arcabouço da Internacional Moral, composta por comerciantes, viajantes, filósofos, marinheiros, emigrantes — em suma, pelos cosmopolitas unidos à nobreza e aos oficiais.*”<sup>272</sup>. Ele é necessário pois demarca, além da fronteira entre o iniciado e o profano, a fronteira entre o indivíduo e o estado.

O antropólogo Abner Cohen sustentou que existe uma forte articulação entre o elemento político e o elemento simbólico. Não que o simbólico decorra do político, mas por uma mútua constituição. Analisando as dinâmicas da comunidade *creole* em Serra Leoa, nas décadas de 1960 e 1970, ele observou que a comunidade, que sofria a perda de poder político e social, passou a se aglutinar em torno de associações simbólicas em busca de unidade – uma das quais foi a Maçonaria<sup>273</sup>.

Simmel, já se viu, observou que os indivíduos podem se associar por interesses comuns, tanto de desígnios quanto pura e simplesmente por gostos em comum. Uma torcida organizada de futebol exemplifica bem uma associação por gosto. Os indivíduos precisam interagir e o segredo é um elemento do processo de associação.

Analisando especificamente os processos das chamadas Sociedades Secretas, Simmel vê que

“enquanto o segredo é a condição social que caracteriza a relação recíproca dos elementos de um grupo, ou se junta com outras formas relacionais da totalidade do relacionamento, também pode ser estendido para um grupo como unidade através da criação da “sociedade secreta”.<sup>274</sup>

<sup>271</sup> KOSELLECK, Reinhard. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. 3 reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015, p. 69-70.

<sup>272</sup> *Idem*, p. 71

<sup>273</sup> COHEN, Abner. **O homem bidimensional. A antropologia do poder e o simbolismo nas sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

<sup>274</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 336

Uma sociedade secreta, para Simmel, se constitui sobre algumas relações internas. A primeira delas é a *confiança* entre seus membros, necessária para a *proteção* do grupo como um todo. Este pode ter sua existência mesma escondida, ou, sendo conhecida, não o serem a membresia, seus objetivos ou certas regras e práticas específicas.<sup>275</sup>

Segredos, entretanto, não duram para sempre. No caso da Maçonaria, desde 1730, com a publicação de “*Masonry Dissected*” por Samuel Prichard, centenas de *exposés* - livros que contavam detalhes dos rituais da Maçonaria (verdadeiros ou falsos) - já foram publicados<sup>276</sup>.

O processo de iniciação envolve um juramento de silêncio. O juramento e a ameaça de punição – real ou moral, simbólica – são elementos fortes que reforçam no membro este dever. Simmel observa que a interação humana é condicionada pela habilidade de falar, mas moldada pela habilidade de silenciar. Esta capacidade é condição *sine qua non* para que a comunicação não degenera em uma desordem caótica<sup>277</sup>.

A comunicação escrita, por seu turno, implica necessariamente na renúncia a qualquer garantia de segredo, por ser, aparentemente, sua própria antítese. Por isso durante muitos anos, apesar dos *exposés*, os rituais maçônicos não eram escritos, mas memorizados. Mas a escrita também é segura, no sentido de que aparenta ser inequívoca: todavia pode ser *esotérica*, isto é, possuir uma interpretação exterior (exotérica) acessível a todos e outra, interna, restrita aos iniciados, escondida à vista de todos, como observou Leo Strauss sobre a obra maçônica do filósofo Gotthold Lessing, “*Ernst und Falk*”<sup>278</sup>. “*A palavra escrita é clara quando não se trata de um segredo, mas obscura e ambígua quando o é*”, afirma Simmel<sup>279</sup>.

Simmel observa que o segredo não é apenas um *meio* de proteger o grupo e o indivíduo, mas às vezes é um *fim*, quando, por exemplo, trata da proteção de um conhecimento esotérico – doutrinal, teórico, místico ou religioso<sup>280</sup>. Segredo e

---

<sup>275</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 337

<sup>276</sup> Paradoxalmente, estas exposições são praticamente os únicos registros escritos da evolução do ritual maçônico na primeira metade do século XVIII.

<sup>277</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 340

<sup>278</sup> STRAUSS, Leo. Exoteric Teaching. **Interpretation: a Journal of Political Philosophy**. Vol. 14 n. 1, janeiro de 1986, pp. 51-61

<sup>279</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 344

<sup>280</sup> *idem*, p 345

individualidade se correlacionam no processo social coletivo, já que o impulso pelo pertencimento social pode ser satisfeito *dentro* do segredo, mas ao mesmo tempo a expansão do número de membros e a reiteração o põe em risco. O indivíduo busca segurança no grupo, mas se afasta do grupo se este o põe em perigo<sup>281</sup>

A *iniciação* é outro aspecto marcante nas sociedades secretas. Os rituais de iniciação nas sociedades secretas dão acesso simultaneamente à comunidade e aos segredos (ou parte deles) da comunidade. Simmel observa que a iniciação introduz o indivíduo, também, numa hierarquia, de graus e postos que às vezes ele não compreende de plano<sup>282</sup>. O processo de iniciação maçônico, tipicamente, marca o ingresso *objetivo* do novo membro como também sua vinculação *subjetiva* com a comunidade imaginada, que recebe o novo “irmão”.

A importância subjetiva da cerimônia de iniciação não pode ser desmerecida calcada apenas em interpretações objetivas, materialistas, da realidade. A iniciação marca, nas palavras de Mircea Eliade, uma “*mudança de regime ontológico do iniciado*”:

"o homem não se considera 'acabado' tal como se encontra no nível natural da existência: para se tornar um homem propriamente dito, deve morrer para esta vida primeira (natural) e renascer para uma vida superior, que é ao mesmo tempo religiosa e cultural. (...) Isto quer dizer que (1) só se torna homem completo depois de ter ultrapassado, e em certo sentido abolido, a humanidade 'natural', pois a iniciação se reduz em suma a uma experiência paradoxical, sobrenatural, de morte, ressurreição ou de segundo nascimento, (2) os ritos iniciáticos comportando as provas, a morte e a ressurreição simbólicas foram fundados pelos deuses, os heróis civilizadores ou os antepassados míticos: esses ritos têm, portanto, uma origem sobre humana, e ao realizá-los o neófito imita um comportamento sobre-humano, divino."<sup>283</sup>

O *ritual* é, talvez, o elemento mais distintivo da sociedade secreta sobre a sociedade em geral. Sociedades secretas são hiper-ritualizadas. No caso da Maçonaria, ele observa, não existe uma reivindicação da condição de *sociedade secreta*, mas tão somente das formas rituais. Sua principal característica social não é o rigor com que o ritual é conduzido, mas com que é protegido. O ritual, aponta,

---

<sup>281</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 346

<sup>282</sup> *idem*, p. 347

<sup>283</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 152-153

reivindica o indivíduo. Todo o conjunto de pessoas no espaço-tempo do enquadramento do ritual está unido na sua execução e, sem essa unidade de desígnios, o ritual naufraga<sup>284</sup>. Seu simbolismo atíça sentimentos que vão além dos racionais e individuais, formando a unidade da sociedade secreta, tanto em termos sociológicos quanto em termos subjetivos<sup>285</sup>. Simmel observa que, assim, a sociedade secreta busca espelhar o mundo “real”, criando um mundo alternativo<sup>286</sup>.

O ritual fornece, entretanto, uma medida de rigor e outra de liberdade, oferecendo uma contraparte em relação ao mundo “real”. Simmel observa, à guisa de exemplo, que os maçons americanos, vivendo num país com grande liberdade política e social, viviam rituais mais uniformizados, com menos liberdade de adaptação local, do que, por exemplo, os maçons alemães, que tinham na sociedade em geral menos liberdade mas cujas Lojas possuíam grande diversidade ritual<sup>287</sup>.

A falta de liberdade impele, em reação, uma afirmação libertária. Seu excesso, uma afirmação de ordem.

“O esquematismo objetivamente restritivo, por vezes completamente sem sentido, dos rituais numa sociedade secreta não está no todo em contradição com uma liberdade quase anárquica, com a liberação das normas da esfera maior que a cerca, mas ao contrário: a expansão das sociedades secretas é, como regra, indício da falta de liberdades públicas e regulamentações policiais, de opressão política, uma reação da demanda por liberdade. Ao revés, a segmentação ritual interna destas sociedades aponta para a liberdade como sua contraparte exigida pela natureza humana”<sup>288</sup>

Simmel analisa, na sequência, em que sentido as sociedades secretas representariam modificações quantitativas essenciais em relação às formas de

---

<sup>284</sup> Por exemplo, o filósofo Joseph de Maistre, uma curiosa combinação de reacionário católico e maçom, assim escreveu nas suas *Memórias sobre a Maçonaria* dirigida ao Duque de Brunswick, Grão-Mestre da Maçonaria da “Estrita Observância”, em 1782: “*Trinta ou quarenta pessoas silenciosamente enfileiradas ao longo das paredes de um aposento atapetado em preto ou em verde, distinguidas por roupas extravagantes, não podendo falar sem permissão, raciocinarão sabiamente sobre qualquer assunto proposto. Fazei cair as tapeçarias e as roupas, apagai uma vela nova, permiti somente mudar de lugar: ireis ver estes mesmos homens precipitarem-se uns sobre os outros; não mais se entenderão, ou conversarão sobre mexericos ou mulheres. E logo o estrato mais razoável da Sociedade mergulhará nisso sem se questionar em que sua atitude é igual à do resto*”. DE MAISTRE, Joseph. **La Franc-Maçonnerie: Mémoire au Duc de Brunswick (1782)**. Paris; Editions DAujourd’hui, 1980, pp. 87-88, Tradução livre.

<sup>285</sup> SIMMEL, *op cit* p. 348

<sup>286</sup> *Idem*, p. 349

<sup>287</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 350

<sup>288</sup> *Idem*, loc cit

socialização em geral. Ele observa de plano que a sociedade secreta é secundária à sociedade em geral: aquela surge necessariamente no seio desta<sup>289</sup>.

A sociedade secreta é marcada pela sua separação, formalidade e autoconsciência. O segredo é uma característica, como outras características, próprias ou de outros grupos, também se apresentam. A sociedade secreta está posicionada dentro de um círculo maior, um círculo que, por ser maior e abrangente, não necessita se afirmar perante ela. Ela é que precisa se afirmar, tendo o segredo como marco divisor. A sociedade secreta é, no todo, artificial, no sentido que ela não ocorre naturalmente. É sempre fruto de uma afirmação expressa de vontade de seus membros, sendo, portanto, o contrário das sociedades ditas instintivas, que surgem da mera conjunção dos seus elementos.

Em face do seu isolamento em relação aos círculos sociais, torna-se necessário que seus membros possuam sinais de reconhecimento para que possam fazer valer sua condição. No caso da Maçonaria, há um certo conjunto de palavras, apertos de mão e sinais que, funcionando em concerto e de certa forma ritualística validada pelos costumes não escritos, exercem esta função. Sem eles, diz Simmel,

“Uma associação cujas subdivisões estejam localizadas em várias paragens diferentes não teria meios de excluir alguém não autorizado de obter os benefícios e comunicações destinados apenas aos devidamente habilitados.”<sup>290</sup>

Esta separação também expressa um valor: ao não se confundir com o outro é possível sentir-se de alguma forma superior. Este “ranço aristocrático” é comum a qualquer grupo que se enxergue como claramente distinto do “resto”: A posse de um elemento comum permite que até um grupo de estudantes, amigos entre si, possa se ver como uma elite sobre os demais, desorganizados. Apesar de nem todo segredo ser aristocrático, a aristocracia depende do segredo<sup>291</sup>.

Simmel chama a atenção para o aspecto dos graus de iniciação que separam o recém iniciado do núcleo da sociedade. Como regra geral, observa, o recém iniciado faz um juramento de sigilo. Só que a recepção, por si só, não se completa na cerimônia de iniciação: o processo de integração é paulatino, mormente pelo fato de que o recém iniciado ainda está muito próximo do status de forasteiro que possuía até há pouco.

---

<sup>289</sup> *Ibid*, p. 351

<sup>290</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 352

<sup>291</sup> *idem*, p. 353

Neste caso, existe entre ele e o segredo, existem membros intermediários, que medeiam a passagem do novo “irmão” de fora do grupo para dentro do grupo<sup>292</sup>.

À acentuação da separação entre “os de fora” e “os de dentro” corresponde uma acentuação da solidariedade interna, uma vez que a discórdia interna traz o risco de colapso do grupo. Simmel considera que de todos os laços que um indivíduo, aqueles assumidos por meio da sociedade secreta assumem pontos de contato distintos. Ele diz:

“Em contraste com as sociedades secretas fica evidente que aquelas demandas [familiares, governamentais, religiosas, econômicas, de classe e de amizade] estão em competição umas com as outras pela energia e o interesse do indivíduo, de forma que, em cada círculo, os indivíduos colidem, pois cada pessoa é cobrada pelos interesses de outros círculos. Estas colisões, partindo do isolamento sociológico da sociedade secreta, são nela mais limitadas. Seus fins e modos de atuar exigem que se deixem os interesses divergentes no umbral da porta.”<sup>293</sup>

O segredo une os participantes e facilita sua concórdia. Mas o grau de coesão, geralmente, depende do grau de centralização. Simmel observa que sociedades de criminosos, contrastando com a anarquia protagonizada por seus membros, tende a ser fortemente centralizada.

Comparando exemplos históricos Simmel nota que sociedades secretas se expõem a riscos quando desprovidas de uma autoridade central. Mas ele observa, no caso dos maçons, que não existe uma autoridade central na Maçonaria, considerada como um todo (Lojas e Grandes Lojas têm seus núcleos de autoridade). O poder daquela ordem decorre das relações interpessoais de seus membros e não da centralização do poder”

“O poder relativo da Maçonaria evidentemente não se relaciona com sua expansão e seus recursos materiais se devem, sem dúvida, à ampla autonomia de elementos, que não possuem nem uma organização unitária nem uma autoridade central. Reduzidos os elementos comuns aos princípios e modos de reconhecimento, é pela identidade e pelas relações interpessoais, e não pela centralização, que os elementos são mantidos unidos como poder”<sup>294</sup>

A centralização, o desconhecimento e o segredo levam por vezes à construção da fantasia da existência de “superiores desconhecidos”, mestres ocultos que

---

<sup>292</sup> *Ibidem*, p. 355

<sup>293</sup> *Ibidem*, p. 357

<sup>294</sup> SIMMEL, *op cit*, p. 358



controlam as cordas das atividades das sociedades. Isto foi verdade no caso de algumas sociedades, aponta Simmel, e servia para aumentar a tensão entre líder e liderado, na medida em que aquele se ocultava. Esta coesão pelo comando unitário transferido a um *foco imaginário* encontraria seu paroxismo nas sociedades secretas<sup>295</sup>.

No que tange à Maçonaria, o tema da existência de superiores ocultos é um *topos* antigo e recorrente tanto em grupos maçônicos como, principalmente nos antimaçônicos. Estes alegam que os maçons de “grau baixo” nada sabem do que se passa nos “graus altos”, atribuindo a estes últimos poder de controle absoluto sobre a fraternidade. Por exemplo, a Maçonaria da dita “Estrita Observância”, que existiu na Alemanha e França na última metade do Século XVIII, por muitos anos trabalhou sob a premissa de que possuiria Superiores Desconhecidos, premissa esta adotada por seus adversários mas refutada por um de seus membros mais destacados, Joseph de Maistre, que alegou, em carta para o Grão-Mestre, Duque de Brunswick, o seguinte:

Aqui nos detemos por uma das questões de Vossa Alteza Soberana.  
– Temos Mestres [ocultos]?

Não, Monsenhor, não os temos. A prova é curta, mas decisiva. É que não os conhecemos. Entramos livremente na Ordem: não se conhece outro vínculo além das nossas vontades. O que cada um de nós jurou ao entrar deve ser mantido; é a que se limitam nossas obrigações. Como poderíamos ter assumido qualquer compromisso tácito com tais superiores ocultos, se caso de nós os conhecermos [tais compromissos ou superiores], e nos desagradassem simplesmente nos demitiríamos?

Além do mais, fala-se aqui em nome de todos os homens que levam o título de Maçom(...), sem dúvida nós reconhecemos um Superior: é aquele que nosso sufrágio elevou à cabeça da Ordem (...)<sup>296</sup>

A Maçonaria não é - hoje, ao menos na maior parte dos países - uma sociedade *secreta* em sentido estrito, na medida em que sua existência é conhecida e suas Lojas têm endereços fixos. Seus membros, entretanto, podem ou não ser discretos quanto à filiação. Isso varia muito conforme as condições locais<sup>297</sup> e as disposições

<sup>295</sup> idem, p. 359

<sup>296</sup> MAISTRE, *op cit*, p. 62

<sup>297</sup> Há ainda em certos países um antagonismo latente em face da Maçonaria. Nos últimos anos destacam-se um atentado a tiros e explosivos contra uma Loja Maçônica na Turquia em 2004, que matou duas pessoas (<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2004-mar-10-fg-turkey10-story.html>), ameaças terroristas contra um congresso de maçons africanos, que seria realizado em Dakar em fevereiro de 2018 (<http://www.godf.org/index.php/actualite/details/liens/position/nom/Prise-de-position/slug/communiqu-du-26-janvier-2018-sngal-atteinte-grave-la-libert-dexpression>) e a depredação de um templo maçônico por manifestantes do movimento *gilet jaune*, na França, em março de 2019 (<https://www.rt.com/news/453477-yellow-vests-masonic-lodge/>)

individuais. Também existem momentos de exibição pública: Lojas maçônicas em alguns países realizam paradas públicas em datas especiais. Cerimonias fúnebres são realizados publicamente em cemitérios quando da inumação de algum membro falecido. Também em manifestações públicas: maçons e maçonas franceses desfilaram com seus adornos nos protestos públicos que seguiram ao ataque contra o jornal *Charlie Hebdo* (no qual dois dos mortos eram membros ativos do GOdF).

É possível presumir, assim, que, entre os maçons, a presença destas características forje um senso de pertencimento e unidade que tem ao menos o potencial de forjar vínculos – por propinquidade ou por homofilia – entre seus membros.

Propinquidade e homofilia são duas características similares em análise de rede. Propinquidade é a proximidade entre os nós numa rede. Kadushin, citando pesquisas na área, observou que os indivíduos tendem a ficar amigos daqueles que estão geograficamente próximos. Pessoas que compartilham a mesma vizinhança, estudaram nas mesmas classes no mesmo período, serviram juntos no mesmo pelotão ou, dentro do contexto do presente trabalho, conviveram na mesma Loja.

O princípio da propinquidade é aplicável, qualquer que seja o nível de análise da rede, sejam as unidades indivíduos, organizações ou países<sup>298</sup>. Por exemplo, duas organizações maçônicas que operem numa mesma região geográfica têm grandes possibilidades de possuir, entre si, pontos de contato, se não institucionais, através da homofilia entre seus membros.

A homofilia, ou seja, a existência de interesses, valores e gostos comuns, é uma espécie de propinquidade. Às vezes, trata-se do compartilhamento de experiências comuns ou similares, por exemplo, pessoas que estudaram na mesma escola ou serviram no mesmo batalhão, mas em anos diferentes. Por exemplo, o caso dos negociadores navais indianos e paquistaneses, citado por Peter Jones e narrado anteriormente no presente trabalho. A proximidade, aqui, é *subjetiva*<sup>299</sup>.

No nível de análise institucional, a homofilia entre Grandes Lojas se verifica pelo grau de ortodoxia ou de heterodoxia. Lojas ortodoxas se ligam a outras Lojas ortodoxas, bem assim as heterodoxas entre si. Entre maçons individuais, as razões

---

<sup>298</sup> KADUSHIN, *op cit*, p. 18

<sup>299</sup> *Idem*, pp. 19-20

de homofilia no nível individual são mais evidentes e amplas. Quando se reconhecem enquanto tais, dois maçons, mesmo de lojas diferentes, mesmo de gerações diferentes, são capazes de estabelecer um laço entre si decorrente de partilharem uma experiência comum: passaram por uma cerimônia de iniciação mais ou menos idêntica, sabem as mesmas palavras, apertos de mão e sinais. Isto basta, por exemplo, para formar um laço fraco, na menor das hipóteses, estabelecendo-se uma relação definida nos termos de Simmel como “de conhecimento”. A questão da ortodoxia ou heterodoxia, no plano individual, se torna secundária, já que *primeiro* os indivíduos se reconhecem como maçons – e este reconhecimento se dá nas condições *intrínsecas* para só então entrarem em minúcias *extrínsecas*.

A linguagem dos símbolos e do ritual constitui a *língua franca* maçônica; e a *língua*, como bem observou Benedict Anderson, tem a capacidade de “*gerar comunidades imaginadas, construindo solidariedades particulares*”<sup>300</sup>.

Maçonicamente – isto é, por uma abordagem êmica - estes laços são definidos como um “laço místico”, tal como o poeta (e maçom) escocês Robert Burns escreveu em uma poesia de despedida aos “irmãos” de sua Loja, em 1786:

“*Adieu!* Um caloroso e enternecido *Adieu*,  
queridos irmãos do laço místico!  
Vós poucos, privilegiados e iluminados  
companheiros de minha alegria social!  
Apesar de para terras estrangeiras dever viajar  
perseguindo a sorte incerta,  
no âmago do coração e de olhos marejados  
ainda pensarei em vocês, mesmo longe”<sup>301</sup>

#### 4.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

No curso do presente Capítulo, a Maçonaria foi identificada como uma prática social altamente diversificada. Sua diversidade, aliás, tornaria em princípio impróprio tomá-la no singular: *Maçonarias*, talvez, fosse uma maneira mais apropriada para se dirigir às diversas formas extrínsecas de se praticar Maçonaria.

---

<sup>300</sup> ANDERSON. *op. cit.*, p. 189

<sup>301</sup> BURNS, Robert. **The Poems and Songs of Robert Burns vol. VI**. Nova Iorque: Cosimo, 2009, p. 225. No original: “*Adieu! a heart-warm fond adieu / Dear brothers of the mystic tie! / Ye favoured, enlighten'd few / Companions of my social joy; / Tho' I to foreign lands must hie, / Pursuing Fortune's slidd'ry ba; / with melting heart, and brimful eye, / I'll mind you still, tho' far aw*”. Tradução livre

Para atingir um grau de unidade que permitisse a análise do fenômeno de forma geral, optou-se por buscar uma definição de Maçonaria a partir de requisitos considerados *intrínsecos* ao fenômeno: o mito fundador, a estrutura de graus e a forma de organização.

Os requisitos considerados *extrínsecos* (sistemas ritualísticos, as formas administrativas, a ideologia e a qualidade da membresia), por sua vez, são os que conferem a maior diversidade ao fenômeno, que pode ser definida em termos de dois grandes pólos de afinidade: Maçonaria ortodoxa e Maçonaria heterodoxa.

A partir dos escritos de Georg Simmel sobre as funções do segredo e das sociedades secretas, foi possível vislumbrar de que maneira geral uma sociedade secreta – e se admite que a Maçonaria seja uma sociedade secreta, *mutatis mutandi* – se posiciona perante a sociedade e perante seus membros, e como seus membros se posicionam ante ela.

Como fenômeno nascido no século XVIII, a Maçonaria constituiu e foi constituída pelo iluminismo, e, no espaço de um século, já haviam lojas maçônicas ou maçons esparsos, espalhados por todo o globo.

Foi demonstrado que a estrutura de uma sociedade como a maçônica, com seus rituais, juramentos, ideologia, a proximidade ideológica ou física tem o condão de potencializar a formação de laços entre os indivíduos que compartilhem a mesma filiação. Revelado o alcance global da Maçonaria e o mecanismo de formação de laços entre seus membros, é o caso de se cogitar como os laços formados se operam no ambiente extramaçônico.

## CAPÍTULO 5

### “ESTABILIDADE E FORÇA”

### AS REDES MAÇÔNICAS NA ÁFRICA FRANCÓFONA

Reconstruir a história de eventos cercados de segredos apresenta um enorme desafio para o pesquisador. Como compreender a atuação (ou não) de uma sociedade secreta (ou discreta) no âmbito de negociações diplomáticas *Track 2*, as quais, por seu turno, também podem ser cercadas de segredo?

No trabalho de reconstrução do papel da Maçonaria em processos *Track 2* na África Francófona, este capítulo será dividido em quatro partes. Na primeira, será abordada a questão da *maçonofobia*, a repulsa e o ódio pela Maçonaria. Trata-se de um tópico importante na medida em que as relações sociais não são unilaterais: os agentes constituem e são constituídos pelas interações, e a anti-Maçonaria ainda é uma força poderosa de articulação social, inclusive na África.

Em seguida, passar-se-á em revisão parte da literatura acadêmica sobre sociabilidades maçônicas em geral, como parte de um esforço para demonstrar as possibilidades factuais de uma rede de sociabilidade maçônica.

Na sequência, a história e o estado atual da Maçonaria na África em geral e na África Francófona em particular serão apresentados, entrelaçando a história da Maçonaria no continente com o colonialismo, o processo decolonial e o pós-colonial. Por fim, a partir de uma demonstração gráfica de parte das redes maçônicas africanas serão feitas considerações sobre as possibilidades de aproveitamento destas redes em processos *Track 2*.

#### 5.1 TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

O funcionamento das redes, quando mal compreendido, dá azo ao surgimento das chamadas “*teorias de conspiração*” ou, nos dizeres do professor Richard Hofstadter, “*estilo político paranoide*”<sup>302</sup>. Esta questão interessa ao estudo das redes maçônicas por duas razões: primeiro, por se tratar de um modo de interpretar a atuação destas redes; segundo, por se tratar de uma interpretação que pode ser

---

<sup>302</sup> HOFSTADTER, Richard. **The paranoid style in American politics and other essays**. Cambridge: Harvard University Press, 1996 [1964].

instrumentalizada politicamente (e o é, ainda), com relevantes consequências internas e externas (o exemplo paroxístico dele sendo encontrado na Alemanha Nazista).

O estilo paranoide, segundo o professor Hofstadter, é uma maneira de enxergar o mundo e de se expressar. Distingue-se do *transtorno* paranoide na medida em que este é um transtorno mental caracterizado por delírios persecutórios sistemáticos, de conspirações vistas como dirigidas contra si. No “estilo” paranoide, ao contrário, as conspirações são dirigidas contra um país, uma cultura, um povo, um modo de vida etc. Sua articulação, neste contexto, aparenta ser mais racional e desinteressada do que a do paranoico clínico<sup>303</sup>.

O estilo paranoide não é privativo de nenhum espectro político: existe da direita à esquerda, mas é mais prevalente nos extremos – e tende a ser mais extravagante na extrema direita.

O estilo paranoide, argumenta o professor Hofstadter, tem uma genealogia que remonta a duas obras antimaçônicas publicadas em 1797, ambas curiosamente similares: “*Proofs of a Conspiracy against all religions and governments of Europe & etc*”, do médico escocês John Robinson e “*Mémoires pour servir à l’Histoire du Jacobinism*”, do abade jesuíta francês Augustín Barruel.

Ambas as obras trabalham sob premissas idênticas: a sociedade secreta dos Illuminati infiltrou seus membros na Maçonaria e, através dela, promoveu a Revolução Francesa como ponto de partida de um plano concebido para extirpar religiões e reis da Europa. A diferença, sutil (e ilustrativa do estilo paranoide), é que Robinson, protestante, via a ação sub-reptícia dos jesuítas *por trás* dos Illuminati. Barruel, jesuíta, via nos Illuminati uma expressão natural do protestantismo. A Maçonaria, de todo modo, era o *instrumento* ideal para a consecução dos objetivos.

A antimaçonaria é tão antiga quanto a Maçonaria. Em verdade, o registro mais antigo de um texto diretamente antimaçônico precede em quase 30 anos as *Constituições* de Anderson. Em 1698, durante a fase de transição da Maçonaria operativa para a especulativa, um folheto anônimo circulou por Londres alertando o bom povo de Deus contra os maçons nos seguintes termos:

“Eles são o Anti-Cristo que devia vir para afastar os homens do temor a Deus. Por que outra razão se reuniram homens em lugares secretos e se assegurariam através de sinais secretos que ninguém os

---

<sup>303</sup> HOFSTADTER, *op cit*, p. 4

observava, se fosse para fazer a obra de Deus; não são essas as vias daqueles que praticam o mal?”<sup>304</sup>

O segredo se tornou o primeiro ponto de ataque contra a Maçonaria, e o argumento central lançado pelo panfletista anônimo de 1698 segue ativo até os dias de hoje. Ao longo do século XVIII, outros ataques à Maçonaria se sucederam, uns leves, outros pesados: seu secretismo, rituais e adornos foram satirizados por pseudo-organizações (mais assemelhadas a blocos de carnaval), como a “*Ancient Noble Order of the Gormogons*”; o segredo atraiu suspeitas de conspiração, levando os Estados Gerais Holandeses a proibi-la em 1735, mesma data em que *raids* policiais foram conduzidos em Paris e Veneza. Em 1738, o Papa Clemente VIII editou a Bula *In Eminentis*, proibindo aos católicos a Maçonaria com base na suspeita de que o segredo e a confraternização de católicos com hereges e pagãos era intrinsecamente má<sup>305</sup>. As grandes revoluções – americana, francesa – e as obras de Robison e Barruel ajudaram a criar a imagem da Maçonaria como força revolucionária, percepção aprofundada no século XIX pelas revoluções de 1848, a Comuna de Paris (1871) e a Unificação Italiana, que tiveram, entre vários de seus atores, maçons.

No século XIX surgiram novos ingredientes: o caso Morgan nos Estados Unidos (1830), em que o desaparecimento e presumível assassinato de um maçom dissidente, supostamente por seus “irmãos”, catalisou o surgimento de um movimento antimaçônico que chegou a constituir um partido político que formou uma forte oposição contra a presidência de Andrew Jackson (que era ele próprio um maçom ativo).

No último quarto do século, Gabriel Jogand Pagès, um escritor anticlerical e pornógrafo que atendia pelo pseudônimo de Leo Taxil, que havia sido expulso de sua Loja Maçônica por malversação de fundos, apresentou sua “conversão” à Igreja Católica e revelou a existência de uma organização secreta satânica (*literalmente* satânica, com a presença de Satã “em pessoa”). Seus livros foram endossados pelo Papa Leão XIII e fizeram muito sucesso entre os católicos, até que o próprio Leo Taxil revelou que inventara tudo para ganhar dinheiro em cima da credulidade católica<sup>306</sup>.

<sup>304</sup> ROUSSE-LACORDAIRE, Jérôme. **Antimaçonismo**. Lisboa: Hugin, 1999, p. 9

<sup>305</sup> Não é objetivo do presente trabalho aprofundar as razões do antimaçonismo. A história do antimaçonismo católico é abordada de modo exaustivo por José Ferrer Benimelli em obra já citada.

<sup>306</sup> WEBER, Eugen. **Satan Franc-Maçom: la mystification de Leo Taxil**. Paris: Julliard, 1964

As obras de Taxil seriam plagiadas por autores protestantes a partir da segunda metade do século XX, ainda fazendo parte do discurso antimaçônico desta linha.

Os católicos, em que pese terem geralmente abandonado as posições fantásticas como as de Taxil (com exceções notórias entre os grupos integristas e, posteriormente, sedevacantistas) permaneceram, *por princípio*, antimaçônicos. O século XX trouxe para o antimaçonismo os *Protocolos dos Sábios de Sião*, obra apócrifa produzida pelo serviço secreto czarista que apresentava a Maçonaria como instrumento de uma conspiração maior, a judaica<sup>307</sup>.

Os *Protocolos* foram uma força ideológica decisiva na formação do imaginário nazi-fascista sobre a Maçonaria: A proibição da Maçonaria foi um dos primeiros atos do parlamento fascista, na Itália. Durante a Guerra Civil espanhola, por exemplo, mais de cem homens foram fuzilados por falangistas na cidade de Huesca sob a acusação de serem maçons, não obstante a Loja local ter uma dúzia de membros, apenas<sup>308</sup>. O tema da conspiração maçônica esteve presente até no último discurso Francisco Franco, em 1975<sup>309</sup>. Na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazistas, maçons identificados eram enviados para campos de concentração – a Gestapo tinha um Departamento exclusivo para a repressão à Maçonaria. Na “França de Vichy”, listas de maçons foram publicadas por iniciativa do governo e um filme antimaçônico, “Forças Ocultas” (1943), foi produzido em conjunto com os nazistas.

À esquerda no espectro político, a facção bolchevista banuiu o pouco de Maçonaria que existia na Rússia (da qual faziam parte, em sua maioria, membros da facção *menchevique*), e o 4º Congresso da III Internacional proibiu a filiação de membros do partido à Maçonaria<sup>310</sup>.

---

<sup>307</sup> A história dos “Protocolos” é bem contada por Norman Cohn em “**Warrant for Genocide: the Myth of the Jewish World Conspiracy and the Protocols of the Elders of Zion**” (Londres: Serif, 2005), por Will Eisner em “**O Complô: a história secreta dos protocolos dos sábios de Sião**”. (São Paulo: Companhia das Letras, 2006) e por Umberto Eco na ficção histórica “**O cemitério de Praga**” (São Paulo: Record, 2011). Uma das fontes remotas na “genealogia” dos Protocolos é justamente o Abade Barruel, que, em 1806, fez circular um texto em que apontava os judeus como os organizadores ocultos por trás da conspiração illuminati-maçônica.

<sup>308</sup> BEEVOR, Anthony. **The battle for Spain: The Spanish civil war, 1936-1939**. Londres: Weinfeld & Nicholson, 2006, p. 128. Com efeito, “comunismo” e “Maçonaria” eram análogos, para Franco: após a guerra civil a “*Ley de Represión a la Masonería y del Comunismo*” (1940) criminalizou (com eficácia penal retroativa, inclusive) a ambos.

<sup>309</sup> “*Contra España existe una conspiración masónica-izquierdista en la clase política, en contubernio com la subversión comunista-terrorista em lo social*”, afirmou o caudilho no seu último discurso, em 01 de outubro de 1975. Cf. BENIMELLI, José Ferrer. **Maçonaria x Satanismo**. Londrina: A Trolha, 1992.

<sup>310</sup> Como resultado, a Maçonaria foi efetivamente proibida em todos os estados sob a esfera sino-soviética de influência durante a guerra fria, com a notável exceção de Cuba.



Já nas teorias contemporâneas de dominação globalista a Maçonaria ainda tem seu lugar cativo, e no estilo paranoide qualquer pessoa ligada a ela é *evidentemente* um agente – consciente ou não – da vasta conspiração mundial<sup>311</sup>.

Os temas das conspirações de sociedades secretas são relativamente comuns nas artes. É o caso, na literatura, da recente obra de Dan Brown, “*O Símbolo Perdido*” (2009), da obra pioneira no estilo distópico “*O Senhor do Mundo*”, de Robert Hugh Benson (1907)<sup>312</sup>, e da história de *Ferragus*, líder do “Grupo dos Treze”, sociedade secreta criminosa retratada por Honoré de Balzac na sua *Comédia Humana* (1833), que assim os descreve:

“Houve sob o Império, em Paris, treze homens igualmente tocados pelos mesmos sentimentos, dotados de energia assaz grande para serem fiéis à mesma ideia, suficientemente probos para se não traírem uns aos outros, mesmo quando seus interesses se encontrassem em oposição, profundamente políticos para dissimularem os sagrados laços que os uniam, bastante fortes para se colocarem acima de todas as leis, audaciosos a ponto de tudo empreenderem e felizes de modo a obterem êxito, quase sempre, em seus desígnios; corriam os maiores perigos e sabiam calar as suas derrotas; inacessíveis ao medo, não sabiam o que fosse tremer nem diante do rei nem à frente do carrasco nem perante a inocência. Haviam-se associado tais como eram, sem levar em conta preconceitos sociais; criminosos, sem dúvida; mas assinalavam-se por algumas das qualidades que fazem os grandes homens e só se recrutavam entre pessoas de escol.(...) Houve assim, em Paris, treze irmãos que se pertenciam e se desconheciam na sociedade; que se reuniam à noite como conspiradores, não escondendo uns aos outros um só pensamento e valendo-se um após outro de uma fortuna comparável à do Velho da Montanha. Tinham os pés em todos os salões, as mãos em todos os cofres e os cotovelos nas ruas, as cabeças em todos os travesseiros,

<sup>311</sup> O tema do antimacçonismo é vasto, não sendo possível abordá-lo em profundidade no presente trabalho. Para maiores detalhes, recomendam-se, além das obras de John Roberts, Ferrer Benimelli e Rousse-Lacordaire já citadas, também as seguintes. Obras gerais: ESQUIVEL, Ricardo Martinez; ANDRÉS, Yván Pozuelo; ARAGÓN, Rogelio (eds). **300 años: Masonerías y Masones. 1717-2017. Tomo II: Silencios**. Cidade do México: Palabra de Clio, 2017; Sobre Leo Taxil: WEBER, Eugen. **Satan Franc-Maçón: la mystification de Leo Taxil**. Paris: Julliard, 1964. Apresentando a tese de que a Maçonaria foi um instrumento da Inglaterra para subverter a França no século XVIII: FAÏ, Bernard. **La Franc-Maçonnerie et la Revolution Intellectuelle du XVIIIe Siécle**. Paris: Éditions de Cluny, 1935; sobre o imaginário falangista espanhol (subproduto do fascismo): ARRIBAS, Javier Domínguez. **El enemigo judeo masónico en la propaganda franquista (1936-1945)**. Madri: Marcial Pons, 2009 e BENIMELLI, José Ferrer. **Maçonaria e Satanismo**. Londrina: Trolha, 1992. Sobre a Maçonaria sob o nazismo: MELZER, Ralf. In the eye of a hurricane: German Freemasonry in the Weimar Republic and the Third Reich. **Totalitarian Movements and Political Religions**. Vol. 4 nº 2 (2003), 113-132. Sobre o antimacçonismo protestante, ver. DE HOYOS, Arturo; MORRIS, S. Brent. **Is it true what they say about Freemasonry?** Lanham: M. Evans, 2010.

<sup>312</sup> “O Senhor do Mundo”, inclusive, já foi enfaticamente recomendado pelo então Cardeal Ratzinger (depois Papa Bento XVI) e em duas ocasiões pelo atual Papa Francisco, em 2013 e 2015 como “*essencial para a compreensão do mundo contemporâneo*”. Cf. O'BRIEN, Colin. Why Are 2 Different Popes Telling Us to Read “Lord of the World”? **Aleteia**, 08 de abril de 2016. Disponível em <https://aleteia.org/2016/04/08/why-are-two-different-popes-telling-us-to-read-lord-of-the-world/>

e, sem escrúpulos, faziam tudo obedecer à própria fantasia. Nenhum chefe os comandava e ninguém poderia arrogar-se tal poder; prevalecia apenas a paixão mais viva, a circunstância mais exigente”<sup>313</sup>

Na televisão, o seriado de animação “*Os Simpsons*” retratou em um episódio a fictícia “Ordem dos Lapidários”, em cujos quadros o protagonista Homer ingressa, e que seria responsável, dentre outras proezas, por controlar a Coroa Britânica, manter os EUA fora do sistema métrico, manter a Atlântida fora dos mapas, os marcianos escondidos, o carro elétrico fora do mercado e, *last but not least*, alçar o ator Steve Guttenberg ao estrelato<sup>314</sup>. Já a *graphic novel* “Do Inferno” (1988), de Alan Moore (transformada em filme estrelado por Johnny Depp em 2001), coloca uma conspiração maçônica como responsável por acobertar a identidade do notório *serial killer* “Jack, o Estripador” na Inglaterra vitoriana.

Rousseau-Lacordaire apresenta uma tipologia útil sobre as variantes do antimaçonismo: o antimaçonismo político (com vertentes monarquistas, democráticas, socialistas e nazi-fascistas); o antimaçonismo religioso (católico, protestante, ortodoxo e muçulmano) e o antimaçonismo tradicionalista, sustentado por certas correntes esotéricas que enxergam na Maçonaria contemporânea uma deturpação da iniciação tradicional. A tipologia é útil para o leitor que tenha em mente que elas podem se interseccionar em suas razões.

As razões antimacônicas podem fornecer os subsídios para o estilo político paranoide. Quando certos atores-chaves numa determinada circunstância são maçons, ou quando a Maçonaria aparece relacionada a um determinado fenômeno, o paranoide político pode enxergar ali elementos suficientes para concluir pela conspiração maçônica.

Isso recebe parcialmente um contributo importante de parte da historiografia maçonófila, quando esta atua da mesma forma para construir argumentos *pro domo sua* em favor de seus méritos. O método de ambos é normalmente o mesmo: extrair causas a partir de correlações. *Post hoc, ergo propter hoc*.

Hofstadter faz uma observação interessante neste ponto:

“Alguém pode objetar que existem conspirações na história, e que não existe nada de paranoide em notá-las. Isto é verdade. Todo comportamento político requer estratégia, e muitos atos estratégicos

<sup>313</sup> BALZAC, Honoré de. **A comédia humana vol. 8**. São Paulo: Globo, 2013, p. 30

<sup>314</sup> “Homer the Great”, episódio 12 da temporada 6 (1995).

dependem, para que atinjam seus objetivos, de um período de segredo, e tudo o que envolve segredo pode ser descrito, ainda que com um pouco de exagero, como uma conspiração. O que distingue o estilo paranoide não é que os seus expoentes veem conspirações e tramas aqui e ali na história, mas que eles tomam uma “vasta” ou “gigantesca” conspiração como o motor dos eventos históricos. A história, assim, é uma conspiração posta em marcha por forças demoníacas de poder quase transcendente, e o que se sente como necessário para derrotá-la não é a política tradicional de toma-lá-dá-cá, mas uma cruzada total”<sup>315</sup>

A intersecção entre antimaçonismo e estilo político paranoide evidentemente resulta em desconfiança, e por vezes pode criar crises políticas: o primeiro ministro senegalês Macky Sall foi “flagrado” em 2009 lendo um livro sobre a Maçonaria num voo de carreira, o que gerou uma série de especulações públicas no seu país, de maioria muçulmana, ao ponto em que ele precisou negar publicamente qualquer vínculo com a organização<sup>316</sup>. Em 2018, também no Senegal, um grupo religioso não interpretou como coincidência uma visita da cantora Rihanna ao país no mesmo fim de semana em que um Congresso maçônico continental seria realizado em Dacar, e após protestos populares e ameaças terroristas o congresso foi cancelado<sup>317</sup>. Os *Protocolos dos Sábios de Sião*, segundo consta, é uma obra ainda muito difundida e estudada no âmbito do extremismo islâmico, dentro do qual a Maçonaria “*é um nome invocado para se referir às forças por trás da democracia liberal, direitos femininos, liberdades sexuais (...), destinadas a destruir as normas tradicionais*”<sup>318</sup>.

Um exemplo interessante é relatado por Peter Geschiere, em um estudo de 2017, onde se analisou um período recente de “pânico moral” na República de Camarões, em torno da homossexualidade, em que o discurso homofóbico, propagado especialmente por igrejas pentecostais, atribuía a suposta disseminação da homossexualidade no país à imposição por elites coloniais (ou colonizadas) de diferentes formas de “bruxaria”, como a Maçonaria. A associação do segredo, o exclusivismo masculino, o elitismo e uma homofobia culturalmente internalizada com um estilo paranoide geraram em parte considerável da população camaronense a ideia de que a Maçonaria é um instrumento de promoção da homossexualidade no

<sup>315</sup> HOFSTADTER, *op cit*, p. 29. Tradução livre.

<sup>316</sup> PRAGMAN, Jiri. Quand un ancien premier ministre lit "La Franc-maçonnerie pour les nuls". **Hiram.Be Le blog maçonnique**. 14 de fevereiro de 2009. <https://www.hiram.be/blog/2009/02/14/quand-un-ancien-premier-ministre-lit-la-franc-maconnerie-pour-les-nuls/>

<sup>317</sup> BA, Mehdi. Franc-maçonnerie: un tabou sénégalais. **Jeune Afrique**, 27 de outubro de 2018. <https://www.jeuneafrique.com/mag/619513/societe/franc-maconnerie-un-tabou-senegalais/>

<sup>318</sup> MILLAR, Ángel. **The crescent and the compass: Islam, freemasonry, esotericism and revolution in the modern age**. Brisbane: Numen Books, 2015, pp. 128-138.

país, pois seria o instrumento de disseminação de tais ideias e práticas entre as elites locais<sup>319</sup>.

A falha fundamental das hipóteses conspiracionistas, entretanto, é a dependência da presunção de que a Maçonaria e maçons ajam com unidade de propósito. Só que a grande variedade de dissidências e variedades dentro do fenômeno maçônico torna altamente improvável que esta unidade se verifique em nível sistêmico e mesmo em nível local.

## 5.2 REDES MAÇÔNICAS EM UM MUNDO “PROFANO”

De que formas as redes de sociabilidade podem gerar efeitos no “mundo real”, no “mundo profano”? Os eventos sociais são por demais complexos. Muito raramente, senão nunca, possuem causas únicas, preponderantes ou identificáveis. Em geral, são fruto de um misto de vontades (boas ou más), acasos, às vezes de uma “*comédia de erros*”.

O senso comum toma a fraternidade maçônica como notoriamente forte entre seus membros. Mas não é monolítica: como já visto anteriormente, um sem-número de dissidências internas deram origem à grande diversidade de obediências no passado e no presente. Os laços entre seus membros também não são inquebráveis ou superiores a quaisquer outras considerações.

Basta que se tome como exemplo a relação entre Dom Pedro I, José Bonifácio e Gonçalves Lêdo. Os dois últimos representavam facções políticas distintas no Brasil pré-independência e se desgostavam pessoalmente. Mas eram ambos, respectivamente, Grão-Mestre e Grande Primeiro Vigilante do Grande Oriente do Brasil quando o então Príncipe Pedro foi iniciado nas fileiras daquela obediência. Alçado à condição de Grão-Mestre por uma manobra de Lêdo (derrubando, assim, seu amigo Bonifácio), Pedro, já imperador, não hesitou em fechar o Grande Oriente e exilar, sucessivamente Lêdo e Bonifácio<sup>320</sup>. Suas razões parecem ter sido eminentemente políticas, e a elas os laços de fraternidade não conseguiram se opor.

De que forma, pois, a atuação das redes maçônicas já foi observada?

---

<sup>319</sup> GESCHIERE, Peter. A “Vortex of Identities”: Freemasonry, Witchcraft, and Postcolonial Homophobia. **African Studies Review**, Vol. 60 nº 2, 2017, 7–35.

<sup>320</sup> Cf. MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O poder da Maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

No século XVIII, por exemplo, Charles Delafaye, um funcionário de escalão intermediário de origem huguenote, que servia na secretaria de Estado britânica, era o elo central de uma rede de informações e contatos que coletava dados da dissidência jacobita na França através da Maçonaria. Membro de uma loja influente de Londres que formou lojas filiais na França, Delafaye foi capaz de utilizar os laços maçônicos para estabelecer contatos com franceses na Inglaterra e ingleses na França, sendo por eles suprido de informações vitais para o posterior desmonte das articulações jacobitas<sup>321</sup>.

As vantagens desta capilaridade para coleta de dados de inteligência foi observada por outros. Em 1904, por exemplo, rebentou na França um escândalo conhecido como “O Escândalo das Fichas” (*L’Affaire des Fiches*), quando um secretário do GOdF vazou registros que a obediência mantinha sobre militares do Exército e da Marinha – maçons ou não – para barrar a promoção de oficiais e servidores vistos como reacionários ou católicos<sup>322</sup> ou impulsionar a daqueles vistos como leais.

Segundo Larkin,

“A Maçonaria era uma função, mais que um fator no movimento secular da política francesa. A filiação à Maçonaria era mais vista como um meio para um fim. O poder real da Maçonaria está nos níveis locais. Lá é que seus favores ou animosidade podem fazer diferença. As Lojas Provinciais normalmente sabiam mais das questões locais do que os burocratas ou os Ministérios em Paris, cujo ciclo de vida era em geral muito curto para adquirir informação confiável sobre quem é quem no nível das bases. Desta forma, é compreensível que servidores civis ou políticos radicais usassem as Lojas como fonte adicional de informação.”<sup>323</sup>

Esta facilidade em diminuir o custo na aquisição e transmissão de informações funciona também para além da política. Por exemplo, analisando dados de empresas registradas na lista oficial da Bolsa de Valores de Londres, entre 1895 e 1902, e comparando-as com a de empresas não listadas e cruzando os registros de administradores destas empresas com listas de membros de lojas londrinas no mesmo período, o economista Fabio Braggion observou que as redes sociais

<sup>321</sup> BERMAN, Ric. **Espionage, diplomacy & the Lodge**. Oxfordshire: Old Stable Press, 2017

<sup>322</sup> Cf. LARKIN, Maurice. **Religion, Politics & Preferment in France since 1890: ‘La Belle Époque’ and its legacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995 pp. 119-127 e PORCH, Douglas. **The march to the Marne: the French Army 1871-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 85-104.

<sup>323</sup> LARKIN, op cit, p. 119-120.

ajudavam empresas menores e com mais dificuldades de acesso a crédito a obter financiamento externo, ao passo que, para empresas maiores listadas na Bolsa, estas mesmas redes estavam associadas a resultados piores. Para as empresas menores, a ligação de seus administradores com a Maçonaria era uma ferramenta eficaz para *“compensar a assimetria informacional e problemas na execução dos contratos (...), pois a participação em uma rede baixa os custos de coleta de informações e diminui problemas de execução”*<sup>324</sup>. Os dados coletados por Braggion permitiram a ele concluir que a rede social maçônica naquele contexto era especialmente mais forte que outras redes sociais que se interseccionavam.

De modo similar, o economista Robert Burt, analisando um conjunto de lojas na região mineira da Cornualha, no interior da Grã-Bretanha, observou nelas uma grande diversidade de classes entre seus membros – aristocratas, burgueses e pequeno-burgueses, trabalhadores<sup>325</sup>. Sua análise revelou que a rede por eles formada se estendia, especialmente através de “irmãos” migrantes, para fora do país, principalmente Estados Unidos, Austrália e África do Sul, e de “irmãos” visitantes vindos de fora do país, representando uma vantagem comparativa no acesso a informações confiáveis e de primeira mão sobre oportunidades no setor de mineração, no país e fora dele, em relação, por exemplo, aos investidores e especuladores sediados em Londres, que não tinham os mesmos laços. Para Burt,

“Os registros das Lojas Maçônicas sugerem que a Maçonaria, e possivelmente outras organizações fraternais, tinha a capacidade de criar sistemas de redes fortes dentro de pequenas comunidades e estender estas redes por grandes distâncias, nacional e internacionalmente. Neste papel, ela não se pôs apenas ao lado de outras redes filiais, de negócios, religiosas ou culturais, mas, através da socialização regular e dos contatos informais entre os indivíduos, teve a capacidade de ‘fundir’ os outros sistemas consigo. Cadeias de ‘trocas’ localizadas, formadas através de visitas regulares, comunicação e movimentos entre lojas criaram conduítes para o fluxo de informação que transcenderam as divisas regionais e nacionais e tiveram alcance global”<sup>326</sup>.

A intervisitação é um fenômeno ainda presente. A frequência das visitas, por exemplo, pode ser atestada pelos relatórios anuais da Grande Loja de França (GLF). Em princípio sigilosos, na medida em que seu conteúdo é apresentado apenas para

<sup>324</sup> BRAGGION, Fabio. Managers and (secret) social networks: the influence of the Freemasonry on firm performance. **Journal of the European Economic Association** Vol. 9 nº 6, 2011 pp.1053-1081

<sup>325</sup> BURT, Roger. Freemasonry and business networking during the Victorian period. **Economic History Review**. Vol. 56, nº 4, 2003, pp. 657-688

<sup>326</sup> BURT, *op cit*, p. 680

as Lojas e seus membros, milhares de documentos pertencentes a essa obediência francesa (totalizando quase 7GB de material) foram disponibilizados na internet a partir de uma invasão promovida por *hackers*. A maior parte do material consiste em documentos, tais como fichas de filiação, formulários, rituais e relatórios. Nestes, é possível verificar um intenso trânsito de intervisitação entre franceses e africanos, discutindo desde questões ritualísticas até questões sociais e políticas (estas sempre descritas nas atas em sentido geral)<sup>327</sup>.

Um papel que não pode ser desprezado é o de *broker*, a pessoa que, participando simultaneamente de diferentes redes sociais, assume uma posição de mediador entre elas, facilitando o contato entre os nós que não se conhecem ou em que não confiam.

A professora Angela Alonso, por exemplo, discorreu sobre o papel de Joaquim Nabuco na rede abolicionista transnacional, iluminando seu papel de *broker* entre as redes internacionais e a rede nativa<sup>328</sup>. Da leitura do artigo é possível observar que dentre as várias redes abolicionistas existia também uma maçônica. Vários dos nomes citados no artigo, como Victor Schoelcher, José do Patrocínio, André Rebouças e o próprio Nabuco, foram maçons ativos. Schoelcher fez da campanha abolicionista uma das causas políticas públicas do GOdF a partir da década de 1840; em 1857 o GOdF emitiu uma circular entre as demais obediências maçônicas com que tinha contato pedindo uma campanha de pressão internacional contra o Brasil pela abolição da escravatura<sup>329</sup>.

Na virada da década de 1860 a 1870, as Maçonarias brasileiras tinham como ponto em comum o abolicionismo, promovendo campanhas públicas e compras de cartas de alforria<sup>330</sup>. Em julho de 1875, inclusive, o Grande Oriente Unido do Brasil

<sup>327</sup> Cf GRANDE LOGE DE FRANCE. **Compte-Rendu**. Paris, anos diversos

<sup>328</sup> ALONSO, Angela. O abolicionista cosmopolita. **Novos Estudos**. Nº 88, Nov. 2010, pp. 55-70

<sup>329</sup> Esta informação específica é dada pelo historiador franco-argentino Dévrig Mølles, exibindo uma cópia desta circular, no documentário "Terra Masónica".

<sup>330</sup> Textos abolicionistas são encontrados em praticamente toda a imprensa maçônica a partir de 1870. O primeiro discurso público de Nabuco se deu no Grande Oriente do Brasil em 1871, mas versando sobre a *Questão Religiosa*, numa posição anticlerical. Sobre as ligações da Maçonaria com o abolicionismo, cf. MONTEIRO, Elson Luis Rocha. **A Maçonaria e a Campanha Abolicionista no Pará**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009. Sobre a filiação maçônica de Nabuco e outros abolicionistas de destaque, conferir FAGUNDES, Morivalde Calvet. **Subsídios para a história da literatura maçônica brasileira do século XIX**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989, pp 163-171. Em praticamente todos os *Boletins* do Grande Oriente do Brasil publicados entre 1870 e 1880 são noticiadas mensalmente atividades abolicionistas.

proibiu a iniciação de pessoas que tivessem como profissão o comércio de escravos<sup>331</sup>.

Um exemplo deste papel de *broker* é revelado no contexto da Revolução Americana através da figura de Paul Revere. Artesão em Boston, homem de classe média, Revere é lembrado na mitologia nacional americana por ter cavalgado durante a noite, adiantando-se em relação à testa da vanguarda das colunas dos exércitos britânicos para alertar os rebeldes da sua chegada imediata, dando aos americanos tempo de organizar o plano de batalha e derrotar os “casacas vermelhas”. O sociólogo Shin-Kap Han analisou os contatos de Revere e observou que ele era um nó central de contato entre várias redes de grupos patriotas, como Lojas Maçônicas, milícias e grupos de discussões<sup>332</sup>.

Partindo dos conceitos de laços fracos e pontes de Granovetter, e apresentando o conceito de “buraco estrutural” para definir a inexistência de laços diretos entre grupos e partes, Han apresenta o papel do *broker* como análogo ao *tertius gaudens* de Simmel: o *broker* lucra – não necessariamente em termos financeiros, mas também em termos imateriais, em termos como “glória”, “reputação”, “influência” – por facilitar a comunicação. Ao apresentar como Revere se posicionava centralmente em relação aos vários grupos patriotas que foram cruciais na articulação entre elites e bases populares, Han demonstrou a importância de redes e como laços operados no nível micro geram consequências em nível macro.

### 5.3 A MAÇONARIA NA ÁFRICA FRANCÓFONA

A coleta de dados sobre a Maçonaria na África foi um desafio especialmente difícil. Pouquíssimas obediências maçônicas daquele continente possuem sítios na internet. Todos os sítios de obediências africanas pesquisados estão desatualizados há alguns anos. Os dados da pesquisa foram recolhidos de uma série de fontes, aproveitando-se, a partir da “opacidade” da realidade, o paradigma indiciário<sup>333</sup>, cruzando informações obtidas de fontes variadas. Destacamos como fontes primárias as seguintes:

<sup>331</sup> **Boletim Oficial do Grande Oriente e Supremo Conselho Unido do Brasil**. Agosto de 1875.

<sup>332</sup> HAN, Shin-Kap. The Other Ride of Paul Revere: The Brokerage Role in the Making of the American Revolution. **Mobilization: An International Quarterly**: Junho de 2009, Vol. 14, No. 2, pp. 143-162.

<sup>333</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In \_\_\_\_\_ **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 177



1. Informações de reconhecimento disponíveis em sítios oficiais das obediências
2. Informações de reconhecimento disponibilizadas em diversas *Lists of Lodges*, utilizadas como referência pela Conferência Maçônica Norte-Americana e o *Jahrbuch 2017*, órgão equivalente usado pela União das Grandes Lojas da Alemanha;
3. Documentos originais internos da *Grande Loge de France* (GLF) que se tornaram públicos com o chamado “*Masonic Leaks*”, em 2016<sup>334</sup>.
4. Livros e artigos publicados por maçons franceses ou africanos;
5. Comunicações diplomáticas obtidas a partir do *Wikileaks*

Como fontes secundárias, destacamos:

1. Reportagens e notas publicadas na *Africa Intelligence* e na *Jeune Africa*, duas revistas francesas de análise de inteligência e mercado focadas na África;
2. Reportagens e livros sobre história da África em geral que se refiram ao papel da Maçonaria na África.
3. Artigos acadêmicos relacionados ao tema.

Poucos livros se dedicaram em profundidade ao tema da sociabilidade maçônica na África. O antropólogo Abner Cohen estudou as formas de sociabilidade em Serra Leoa nas décadas de 60 e 70 e demonstrou a importância dos laços maçônicos na construção da identidade *creole* local. Convergindo no sentido do que antes havia exposto Simmel, Cohen observou que as redes proporcionadas pela Maçonaria eram essenciais para a coesão da comunidade *creole*, na medida em que se sobrepujam às afiliações religiosas, políticas, profissionais e familiares distintas dos membros daquela comunidade.<sup>335</sup>

A Maçonaria desempenhou um papel relevante dentro do contexto imperial-colonial que estava posto nos séculos XVIII e XIX ao fornecer um meio para o

---

<sup>334</sup> Em algum momento entre o final de 2015 e início de 2016, um *hacker* penetrou nos servidores de informática da GLF e copiou uma quantidade significativa de documentos, disponibilizando-os para *download* público. Dentre o material há conteúdo diversificado como atas de reunião, fichas de membros, rituais, trocas de correspondência com outras obediências. Conquanto o material dificilmente sirva para provar, como o *hacker* pretendia, a existência uma vasta conspiração maçônica para subverter a França, ele oferece um vislumbre raro dos procedimentos internos de uma obediência tradicional.

<sup>335</sup> COHEN, Abner. **O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

desenvolvimento de conexões interculturais, ajudando a sedimentar a influência europeia nas colônias. As Lojas, por sua capilaridade, criaram “*uma rede global com funções práticas e dimensões ideológicas*”, permitindo aos homens se ajustarem em locais desconhecidos, encontrar companheirismo em novos ambientes e assegurar emprego e assistência quando necessário. Por tornar mais fácil a vida daqueles que dirigiam, defendiam e viviam no Império, a Maçonaria “lubrificou” as engrenagens do Imperialismo<sup>336</sup>.

Dentro do contexto colonial atlântico, é bem conhecida a influência da Maçonaria e de Maçons no processo emancipatório das Américas: Os processos de independência dos Estados Unidos, das colônias hispânicas na América do Sul e do Brasil são exemplos de processos históricos em que lojas maçônicas são apontadas ao menos como parte do contexto em que as ideias independentistas e a formação de laços entre os atores-chaves se desenvolveu.

Já o outro vértice do “Triângulo Atlântico” – a África – teve uma história colonial e maçônica diferente. Até a parte final do século XVIII a experiência colonial europeia em África se limitava à instalação de fortificações e entrepostos comerciais através dos quais os europeus adquiriam principalmente escravos para alimentar o tráfico com as Américas.

Enquanto nas colônias britânicas na América as primeiras Lojas maçônicas datam da década de 1730<sup>337</sup>, e as das Antilhas francesas datam da década de 1740, as primeiras Lojas conhecidas em território africano datam do último quarto do século XVIII, com a instalação de uma Loja holandesa na cidade do Cabo, atual África do Sul, em 1772<sup>338</sup>. Os franceses, por seu turno, fundaram a Loja “*St Jacques des vrais amis rassemblées*” em São Luís do Senegal, no ano de 1781.<sup>339</sup>

Quanto aos britânicos, apesar de já haver registros de Grãos-Mestres Provinciais designados para Gâmbia e Gana em 1735 e 1736, respectivamente, a sua primeira Loja efetivamente instalada no continente teria sido a de nº 586 em Bulan,

<sup>336</sup> HARLAND-JACOBS, Jessica. **Builders of Empire: Freemasons and British Imperialism 1717-1927**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013

<sup>337</sup>As Lojas Britânicas, por seu turno, podiam estar subordinadas às Grandes Lojas inglesas (até 1813 havia duas, surgidas de uma cisão em 1751), à irlandesa ou à escocesa.

<sup>338</sup>COOPER, Alan Amos. **The origins and growth of freemasonry in South Africa 1772-1876**. Tese (apresentada para a obtenção do título de *Master in Arts*). Universidade da Cidade do Cabo, 1980

<sup>339</sup>ODO, Georges. **La franc-maçonnerie en Afrique 1781-2000**. Paris: Edimaf, 2017

atualmente em Serra Leoa<sup>340</sup>. A experiência destas primeiras Lojas, entretanto, não era sólida: várias surgiram e desapareceram nos anos subsequentes, premidas pela inconstância no número de membros, que iam e vinham conforme as necessidades do Império.

O número de Lojas na África só se tornaria mais relevante que os entrepostos e fortalezas do século anterior, a partir do século XIX, com o aprofundamento da “partilha da África” e o estabelecimento de colônias mais amplas, inclusive do ponto de vista administrativo. Ao longo do século XIX, dezenas de Lojas maçônicas, majoritariamente francesas e britânicas, foram instaladas mas também (em menor número), lojas belgas, portuguesas, holandesas, espanholas e italianas, sempre invariavelmente subordinadas às Grandes Lojas metropolitanas.

Apenas um local na África, nesse período, possuía uma Grande Loja própria: a Libéria. Localizada na África Ocidental, atualmente fazendo fronteira com Serra Leoa e Guiné-Conakry ao norte e Costa do Marfim a leste e sul, a Libéria é fruto de um experimento colonial *sui generis* no século XIX, onde uma companhia privada norte-americana – a *American Colonization Society* (ACS) – adquiriu território para ali realocar afro-americanos (alforriados ou nascidos livres).

A Maçonaria Libériana descende diretamente da tradição *Prince Hall* da Maçonaria americana<sup>341</sup>, uma tradição que teve grande influência na formação da sociabilidade e de uma identidade política e cultural entre as comunidades afro-americanas no século XIX.

Apesar de se basear nos mesmos sistemas simbólicos e ritualísticos que os da Maçonaria “dos brancos”, o sistema Prince Hall extraía deles subsídios filosóficos e materiais para a população afrodescendente<sup>342</sup>, que foram aproveitados por membros politicamente engajados, incluindo pioneiros do Pan-Africanismo, como Martin Delany, W.E.B. Du Bois e Booker T. Washington. Parte substancial da nascente

---

<sup>340</sup>GOULD, Robert Freke. **History of Freemasonry, vol. IV**. Nova Iorque: Scribner & Sons, 1906, p. 231

<sup>341</sup>Seu nome é uma homenagem a Prince Hall (1735-1807), um afro americano livre iniciado maçom numa Loja militar britânica na Filadélfia, junto com 14 outros homens afro-americanos, no ano 1775. Após a independência dos EUA estes maçons fundaram sua própria Loja, a *African Lodge*, embrião de todo um sistema de Grandes Lojas que até hoje goza de imensa representatividade na comunidade negra dos EUA.

<sup>342</sup>Os discursos do próprio Prince Hall já traziam elementos que antecipavam ideias pan-africanistas e do etiopianismo. Cf. BROOKS, Joanna. Prince Hall, Freemasonry and Genealogy. **African American Review**, vol. 34 nº 2, 2000, pp; 197-216

classe média ilustrada afro-americana congregava em torno das Lojas e dos seus corpos para-maçônicos<sup>343</sup>. “A *Maçonaria negra*”, escreveu Hinks, “*serviu como escola de liderança e veículo de expressão coletiva fora dos canais formais da política*”<sup>344</sup>.

Entre os colonos fundadores da Libéria havia maçons, mas a organização das primeiras Lojas só começou na década de 1860<sup>345</sup>. A Grande Loja da Libéria (*Masonic Order of Libéria*) foi estabelecida em 1867, sendo reconhecida pelas principais Grandes Lojas europeias (inclusive a inglesa). Seu primeiro Grão-Mestre foi Thomas H. Amos, um ex-escravo e missionário nascido na Pensilvânia<sup>346</sup>. A Maçonaria Libériana se tornou o “braço cívico” do Partido *True Whig*, que dominou a política local até 1980<sup>347</sup>, dela fazendo parte praticamente toda a elite econômica e política libero-americana até a sucessão de golpes de estado e guerras civis que devastou o país nas décadas de 1980 e 1990<sup>348</sup>.

A posição social dos maçons e da Maçonaria numa dada sociedade não é, entretanto, uniforme. Abner Cohen observa que, enquanto que doutrinas, rituais e modos de organização maçônicos permanecem de modo geral uniformes ao redor de mundo,

“suas funções sociais e participação na distribuição e manutenção do poder variam segundo as circunstâncias. Em certos casos, o movimento parece integrar grupos ocupacionais, enquanto que em

---

<sup>343</sup>Sobre o papel da Maçonaria Prince Hall na construção da sociabilidade afro-americana ver RÉVAUGER, Cécile. **Black Freemasonry: from Prince Hall to the Giants of Jazz**. Rochester: Inner Traditions, 2015, WALKER, Corey. **A noble fight: African American freemasonry and the struggle for democracy in America**. Urbana: University of Illinois Press, 2008; HINKS, Peter; KANTROWITZ, Stephen. **All Men Free and Brethren: Essays on the History of African American Freemasonry**. Ithaca: Cornell University Press, 2013 e WALLACE, Maurice. "Are We Men?": Prince Hall, Martin Delany, and the Masculine Ideal in Black Freemasonry, 1775-1865. **American Literary History**, Vol. 9, No. 3, 1997, pp. 396-424

<sup>344</sup>HICKS; KANTROWITZ, *op cit*, p. 17

<sup>345</sup><http://grandlodgeofLibéria.org/pages1.php?pgID=36>

<sup>346</sup>GOULD, *op cit*

<sup>347</sup>OLUKOJU, Ayodeji. **Culture and Customs of Libéria**. Westport: Greenwood Press, 2006, p. 22

<sup>348</sup>Segundo a lista compilada por DUNN; BEYAN e BORROWES (2001), pelo menos cinco ex-presidentes do período pré-Guerra Civil foram, também, Grão-Mestres da Grande Loja: Joseph J. Roberts, William D. Coleman, Charles D.B. King, William Tubnam e William Tolbert Jr. O Golpe de Estado perpetrado pelo sargento Samuel Doe, em 1980, trouxe um fim abrupto a esta posição de dominância. A Maçonaria foi posta fora da lei e muitos maçons notórios, entre eles o próprio presidente Tolbert e o Grão-Mestre Reginald Townsend (que também era o presidente do partido *Whig*) foram fuzilados publicamente pelo novo governo. Por uma ironia do destino o próprio Samuel Doe acabou posteriormente levantando a proibição e sendo ele iniciado na Maçonaria. Em 1990, Doe foi deposto, torturado e executado pessoalmente por Charles Taylor, um ex-aliado, num golpe que desembocou numa violenta Guerra Civil. A Grande Loja cessou seu funcionamento durante a guerra: sua sede foi palco de combates e as ruínas foram depois ocupadas por refugiados. Ver a propósito, inclusive referindo ao papel do ritual e do simbólico das diversas sociedades no exercício do poder e da violência, ELLIS, Stephen. **The Mask of Anarchy: The destruction of Libéria and the religious dimension of an African civil war**. Londres: Hurst & Company, 1999.

outros agrupa classes, elites, movimentos de oposição, movimentos de direita – isto é, principalmente grupos que não se podem organizar abertamente em associações formais. Isso não significa que os homens entrem para a fraternidade porque ela funciona como elemento articulador de grupos de interesse. A maioria delas participa exclusivamente por razões pessoais. As razões políticas da fraternidade são não premeditadas ou mesmo inconscientes.”<sup>349</sup>

Mas, em muitas nações africanas no período de pré-independência, as experiências com a sociabilidade maçônica se revelaram importantes para elites emergentes. Kwame Nkrumah, líder anticolonial ganês, foi iniciado maçom numa Loja norte-americana quando vivia em Nova Iorque, e tomou os mecanismos de iniciação, segredo e organização maçônicas como base do seu movimento anticolonial<sup>350</sup>. Kwame Appiah, cujo pai conviveu – nem sempre do mesmo lado – com Nkrumah, dá um indício da importância do papel da sociabilidade maçônica naquele período para ao menos uma parte da sociedade ganesa:

"Uma das organizações mais importantes na vida de meu avô foi a sociedade Asante Kotoko, uma organização Asante moderna engajada em várias atividades, algumas das quais filantrópicas. Igualmente importante, suspeito, era a Loja Maçônica de que foi Mestre (uma foto pendurada na parede da casa de meus pais o mostra em sua indumentária maçônica). Por toda a África, no período colonial, novas organizações sociais, baseadas às vezes - como no caso dos maçons - em modelos europeus importados, e às vezes em sociedades secretas tradicionais, guildas e cultos. (...) Junto com clubes étnicos, organizações religiosas universalistas e sociedades transplantadas, como os maçons, as instituições da Chefia tradicional [chieftaincy], em Asante e em outros locais, passou a exercer cada vez mais funções anteriormente governamentais: mediando disputas entre trabalhadores e empresários, por exemplo.”<sup>351</sup>

Apesar de estar presente em quase todo o continente, tanto através de Lojas autóctones como através de Lojas subordinadas a outras no estrangeiro, foi na África francófona que a Maçonaria desenvolveu um maior grau de institucionalização, que se reflete na maior viabilidade de seu manejo como instrumento de mediação de conflitos *inter* e *intranacionais*. Para compreender o porquê, entretanto, é preciso remontar à história da colonização francesa no continente.

<sup>349</sup> COHEN, *op cit*, p. 134

<sup>350</sup> Cf. HOLDEN, Phillip. Modernity's body: Kwame Nkrumah's Ghana. **Postcolonial Studies**, vol 7 n. 3, 313–332, 2004 e RAHMAN, Ahmad. **The Regime Change of Kwame Nkrumah: Epic Heroism in Africa and the Diaspora**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007, pp. 98-100. Em janeiro de 2018 faleceu o último membro do primeiro gabinete presidencial de Nkrumah, o professor Kwaku Bapui Asante Suas exéquias seguiram o ritual maçônico. Cf. LAMPTEY, Edwin. Top Freemason members pay their last respect to K.B. Asante. **Portal Yen**. <https://yen.com.gh/107260-top-freemason-members-pay-respect-kb-asante.html#107260>

<sup>351</sup> APPIAH, Kwame Anthony **In my father's house. Africa in the philosophy of culture**. Oxford: Oxford University Press, 1993, pp. 169-170.

#### 5.4 DAS “ÁFRICAS FRANCESAS” À “FRANÇAFRIQUE”...

O projeto colonial europeu sobre a África não se desenvolveu de modo uniforme, possuindo nuances e diferenças relativas não apenas ao *modus operandi* geral de cada potência colonial, mas também com as especificidades locais. Em que pese este trabalho não ter a pretensão de produzir uma história geral do colonialismo e descolonização na África, não nos é possível falar do *presente* africano sem nos reportarmos ao seu passado, em especial no que tange à presença europeia – francesa, em especial – no centro-oeste do continente

Apesar de a presença europeia na África subsaariana remontar ao século XVI, a ocupação em larga escala do território e a colonização propriamente dita somente começaram no século XIX. Até então, com poucas exceções (como os territórios do que hoje é a África do Sul), a ocupação se limitava à manutenção de entrepostos comerciais e fortalezas militares que serviam basicamente para intermediar o fluxo do tráfico transatlântico de escravizados.

Com efeito, o mapa da África no início do século XIX consistia numa miríade de “reinos, impérios, cidades-estado” coexistindo com “*numerosas outras formações políticas, baseadas nas linhagens, nas aldeias, nos clãs etc*”<sup>352</sup>.

A passagem gradual do mercantilismo para o capitalismo na Europa e o colapso do comércio escravagista transatlântico gerou uma intensificação da pressão colonial em direção ao interior do continente africano, motivado, sobretudo, tanto pelo interesse em garantir o controle sobre as exportações das matérias primas consideradas necessárias para as fábricas europeias, quanto as pressões fronteiriças internas, movidas pela necessidade de reorganização cultural e econômica dos próprios estados locais.

Como salienta M’Bokolo:

“No contexto da África no século XIX, as fronteiras de Estado conheceram, graças à guerra, uma expansão contínua. Para lá ou para cá do Estado, obteve-se um resultado quase idêntico para as fronteiras econômicas e sociais, pela pressão combinada da demografia, dos modos de produção e das aspirações políticas, como aconteceu na África do Sul; pela pressão dos condicionalismos e dos apetites comerciais, como ocorreu na África Saheliana, Nilótica e Oriental; e, por fim, em todo o continente, pela pulsão da dinâmica

---

<sup>352</sup> M’BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e civilizações. Tomo II – do século XIX aos nossos dias**. Salvador: Edufba, 2011, p. 23.

científica e religiosa associada aos cálculos hegemônicos dos ocidentais. Este processo de globalização insere-se na longa duração, pois se é certo que a colonização fraturou certas redes integradoras, em especial entre as Áfricas Mediterrânea e Saheliana, na sua maioria essas redes acabaram por ser confirmadas ou reforçadas.”<sup>353</sup>

A penetração europeia, de todo modo, ainda não era maciça até por volta de 1880<sup>354</sup>. Sua presença até então, apesar de tímida em termos territoriais, vinha sempre num crescendo, especialmente a partir das “colônias livres” criadas para escravos alforriados ou resgatados depois da proibição do tráfico transatlântico, como Serra Leoa, Libéria e Libreville (atual Gabão).

A década de 1880 inaugurou um período que vai, grosso modo, até as vésperas da Primeira Guerra Mundial, no qual as diversas formas de organização social e política africanas, até então independentes, foram – com pouquíssimas exceções – súbita e radicalmente submetidas ao controle colonial estrangeiro. Velhos estados, como Kongo, Daomé, Asante ou Benim, sucumbiram quase todos à sanha europeia.

No que tange à França, seus interesses coloniais na África remontam ao século 17, com a instalação de entrepostos comerciais no Senegal em 1624. Em 1830, após um *casus belli* ridículo – a afronta ao Cônsul francês em Argel pelo líder otomano local com um espanador de moscas – a França invade Argel e inicia uma progressiva ocupação da Argélia. Em 1881, alegando disputas comerciais a França invade a Tunísia (igualmente uma província do Império Otomano), reduzindo-a ao *status* de colônia<sup>355</sup>.

Na África ocidental, os postos no Senegal serviram como cabeça-de-ponte para a penetração do interior. Até a Conferência de Berlim, entretanto, este avanço para o interior era mais contido, posto que dependia normalmente, mais das decisões dos chefes coloniais locais e *fait accomplis* após conflitos e tratados com lideranças nativas do que de um planejamento central vindo de Paris<sup>356</sup>.

O ponto de virada pôde ser identificado em 1884, na realização da chamada Conferência de Berlim, na qual as potências europeias realizaram a chamada “Partilha da África”, com seus diplomatas debruçando-se sobre mapas nas mesas onde

---

<sup>353</sup> *idem.*, p. 247

<sup>354</sup> *Ibid*, p. 307-308

<sup>355</sup> ALDRICH, Robert. **Greater France: a history of French overseas expansion**. New York: Palgrave Macmillan, 1996, p. 24-35

<sup>356</sup> ALDRICH, *op cit*, p. 36 e seguintes.

apunham linhas imaginárias, decidindo a sorte de milhões de pessoas. A Conferência de Berlim marcou uma verdadeira corrida das potências europeias para abocanhar o máximo de território africano.

Visando a racionalizar a administração econômica das novas colônias, o governo da III República francesa<sup>357</sup> criou em 1894, um Ministério das Colônias, e em vista de melhor organizar o sistema colonial africano, criou em 1895, a *África Ocidental Francesa* (AOF) e, em 1910, a *África Equatorial Francesa* (AEF)<sup>358</sup>.

A AOF integrou as colônias da África ocidental: Senegal, Guiné-Conakry, Daomé (atual Benim), Costa do Marfim, Volta Superior (atual Burkina Faso), Mali, Níger, Mauritânia. A AEF, por seu turno, integrava as colônias na África Central: Gabão, Congo e Chade.

Essas “Áfricas Francesas” eram governadas por oficiais nomeados diretamente de Paris. Ao contrário do sistema colonial inglês, baseado no controle indireto (“*indirect rule*”) das populações nativas<sup>359</sup>, o controle exercido pela metrópole francesa permeava todos os níveis sociais, inculcados da ideologia, exposta por Antoine Sarrault, de que a França tinha uma missão civilizatória que implicava em um *dever* de administrar as sociedades colonizadas para os fins da humanidade. Segundo M`Bokolo, para os franceses

As sociedades africanas tinham de ser reorganizadas: alguns chefes considerados "impostores", isto é, cujo poder era relativamente recente ou que podiam incomodar os europeus, eram afastados; os outros tornavam-se agentes diretos da administração. O sistema era considerado de grande eficácia pelos seus adeptos e coincidia com o jacobinismo centralizador e o racionalismo característicos do espírito francês. Supunha-se igualmente que permitiria uma grande proximidade entre os administradores coloniais e os seus administrados. As críticas incidiam sobre o fato de o sistema ser

---

<sup>357</sup> A III República surgiu na esteira da derrota do II Império na Guerra Franco-Prussiana (1870) e durou até 1940, com a capitulação do governo de Paul Reynaud perante o Exército alemão nazista e a instalação de um governo colaboracionista em Vichy sob a liderança do Marechal Phillipe Pétain.

<sup>358</sup> As colônias na África do Norte, Oriental e Oceano Índico não foram organizadas de modo federativo e centralizado como foram as da África Equatorial e Ocidental.

<sup>359</sup> Segundo M`Bokolo (*op cit*, p. 452/453), “*O Indirect Rule baseava-se em alguns princípios: os povos não são desorganizados; têm os seus próprios modos de administração, as suas instituições e os seus chefes; a sua organização, que é original, está adaptada à sua cultura e, sobretudo, tem o mérito de estar já instalada. Por conseguinte, o colonizador tem todo o interesse em não procurar substituir essa estrutura e os chefes tradicionais reconhecidos, antes neles se apoiar, servindo assim de guia para dar a essas estruturas a possibilidade de evoluírem para uma maior eficácia e de se adaptarem à mudança, nomeadamente econômica. Os administradores coloniais acompanham os chefes, governam através deles. Em teoria, só podem operar ligeiras modificações no funcionamento que encontram, quer para suprimir elementos considerados nefastos, quer para introduzir os elementos que considerem necessários à evolução desejada.*”



excessivamente paternalista, deixar pouco lugar à originalidade africana e, na prática, provocar muitas vezes a desagregação das estruturas existentes, pois, o chefe consuetudinário, tomando-se agente da administração, nem sempre conseguirá manter a sua autoridade própria.<sup>360</sup>

Os franceses, desta forma, se viram diante de sucessivas tentativas de promover a “assimilação” dos nativos aos valores metropolitanos. Exemplo anedótico disso pode ser encontrado no plano da educação. Os franceses espalharam por suas colônias, do Senegal à Indochina, escolas e liceus educacionais, nos quais eram fornecidos aos estudantes nativos os mesmos materiais de estudo usados na metrópole, o que incluía um livro de História cujo primeiro capítulo se iniciava com a seguinte frase: “*Nos ancêtres les Gaulois*(....)”<sup>361</sup>.

Apesar de proclamar a busca pela assimilação dos nativos, a alta administração e postos intermediários eram quase que inteiramente ocupados por franceses brancos, apesar de esporadicamente africanos ou franceses negros conseguirem galgar altos postos<sup>362</sup>, exceções, entretanto, que apenas confirmavam a regra.

A Segunda Guerra Mundial marcou um ponto de inflexão na dominação colonial. A ocupação de metade da França metropolitana pelos nazistas e a organização de um governo colaboracionista em Vichy na outra metade, contraposta pelo movimento da França Livre no exílio, colocou as colônias em encruzilhadas com relação à metrópole. As tentativas do governo colaboracionista do Marechal Pétain de exercer o controle no além-mar, quando bem-sucedidas, foram efêmeras. Até 1943 todas as colônias francesas haviam passado ou para o controle de alguma potência estrangeira ou para o controle da “França Livre” do General De Gaulle.

Figura central neste processo foi o guianense Félix Éboué. Negro, nascido na colônia da Guiana, Éboué ingressou na carreira administrativa colonial e galgou postos na África e no Caribe, onde chegou ao posto de Governador-Geral de Guadalupe, primeiro negro a ocupar tal posto no sistema colonial francês. Quando a

<sup>360</sup> M`Bokolo, *op cit*, p. 453

<sup>361</sup> Cf. DIETLER, Michael. "Our Ancestors the Gauls": Archaeology, Ethnic Nationalism, and the Manipulation of Celtic Identity in Modern Europe. **American Anthropologist**. New Series, Vol. 96, No. 3 (Sep., 1994), pp. 590

<sup>362</sup> Foram os casos, por exemplo, de Blaise Diagne (1872-1934), nascido no Senegal e primeiro negro a ser eleito deputado na França, tendo ainda ocupado o cargo de Vice-Ministro das Colônias, e Félix Éboué (1884 – 1944), nascido na Guiana Francesa, neto de ex-escravos, foi governador-geral do Chade, de 1939 até sua morte, tendo sido o principal responsável por organizar a adesão da AEF às forças de Charles de Gaulle, durante a Segunda Guerra Mundial.

guerra começou, em 1939, servia como Governador-Geral do Chade, na AEF. Com a queda da III República, Éboué foi um *broker*, nó central numa rede de apoio às forças de De Gaulle em toda a AEF, efetivamente derrubando, com forças nativas e apoio militar britânico, os Governadores alinhados com Pétain e Vichy.

Um aspecto que não pode ser desprezado é o fato de que o governo Pétain, alinhado com o antissemitismo e antimaçonismo germânico, iniciou um processo de depuração de maçons nos quadros governamentais, incluindo as colônias. A Gestapo se apropriou, em Paris, dos arquivos de todas as obediências maçônicas, e por toda a França maçons foram demitidos do serviço público e presos (os que estavam nos territórios ocupados pelos nazistas corriam o risco real de serem enviados para campos de concentração). Estas políticas antimaçônicas eram extensivas à administração colonial.

Muitos administradores coloniais eram maçons – Éboué, entre eles<sup>363</sup> – e para além das incompatibilidades ideológicas pessoais, as perspectivas materiais de submissão ao novo governo não se revelavam auspiciosas. O alinhamento destes administradores maçons às forças de De Gaulle foi, num certo sentido, inevitável<sup>364</sup>.

As colônias tomaram parte ativa no conflito. Além do fornecimento de matérias-primas e pontos estratégicos de passagem – Dacar, no Senegal, formava junto com Natal, no Brasil, o chamado “Trampolim da Vitória”, parte da rota aérea de fornecimento de suprimentos da América para o teatro de operações norte-africano e europeu – as colônias contribuíram com sangue: mais de 300.000 soldados africanos serviram no conflito, tanto no teatro de operações do Norte da África como no italiano e no francês.

Após a Guerra, entretanto, a França tratou de tornar a apertar os laços coloniais com a Declaração de Brazzaville, que estendeu às populações colonizadas a cidadania (nominal) francesa, mas rejeitou a possibilidade de independência. As Áfricas Francesas estavam acabando, sendo substituídas por uma “União” Francesa.

---

<sup>363</sup> Éboué serve como um exemplo do grau de familiaridade das conexões maçônicas na administração colonial francesa de então. Ele foi iniciado maçom em 1922, permanecendo ativo no GOdF pelo resto da vida. Sua esposa era membro de uma Loja Mista da Droit Humain. Sua filha Ginette, casada com o futuro líder da independência senegalesa Léopold Sédar Senghor, era membro de uma Loja exclusivamente feminina da GLFF.

<sup>364</sup> JENNINGS, Eric. **French Africa in World War II**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, pp. 39-40 e GINIO, Ruth. **French Colonialism Unmasked. The Vichy Years in French West Africa**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006, pp 51-52

O poder colonial, entretanto, já estava enfraquecido, e logo os movimentos independentistas ganharam força. Entre 1946 e 1954, a França se viu derrotada na Guerra da Indochina, vendo-se forçada a reconhecer a independência dos Vietnã, Laos e Camboja. Em 1955 a Guerra rebentou na Argélia – e duraria até 1962.

No Quai d’Orsay e no Palácio do Eliseu, ficou evidente que a França não conseguiria permanecer com o controle direto das colônias africanas por muito tempo. Insurreições espocavam por toda a África contra o poder colonial europeu, e o apoio material soviético dava maior tangibilidade às forças guerrilheiras.

Já em 1956 foi aprovada uma nova legislação, a *Loi-cadre Defferre*, que permitia ao Poder Executivo francês transferir poderes para administrações locais, cada vez mais dominadas por quadros nativos. Para Tony Chafer, a *Loi-Cadre* refletia uma abordagem realista de relações internacionais, pois

"De um lado, buscou manter o domínio francês pela manutenção do controle de certas áreas estratégicas 'alta política' consideradas centrais para a 'soberania', tais como relações exteriores, defesa e política monetária. Também manteve a influência cultural francesa. O ponto estratégico mais importante aqui foi a língua francesa: se a educação continuaria a ser em francês, então o sistema educacional permaneceria na órbita da influência francesa. (...) De outro lado, a *Loi-Cadre* tirou a administração colonial francesa da linha de frente política ao transferir a responsabilidade para a tomada de decisões impopulares para os Africanos. Isto foi feito pela transferência para as assembleias territoriais locais da responsabilidade orçamentária naquelas áreas de política ligadas ao desenvolvimento econômico e social que apresentavam as mais sérias dificuldades financeiras, e, portanto, políticas, para as autoridades coloniais"<sup>365</sup>

A nova eleição de Charles De Gaulle em 1958 apressou o processo. Um referendo foi realizado na África sobre o desejo ou não de independência (todavia sem data marcada), tendo o velho general colonialista viajado pelo continente pregando o voto no “sim”, ato interpretado como uma estratégia para manter as rédeas sobre os movimentos de independência<sup>366</sup>.

A articulação das elites locais, entretanto, não dependia, em sentido estrito, de diretivas emanadas do Eliseu. Algumas elites locais resistiram e optaram pela independência direta, como foi o caso da Guiné-Conakry. Redes funcionam como vias de mão dupla, já se disse, e se sobrepõem. Segundo M’Bokolo,

<sup>365</sup> CHAFER, Tony. **The End of Empire in French West Africa. France’s successful decolonization?** Nova Iorque: Oxford International Publishers, 2002, pp. 166-167 (tradução livre)

<sup>366</sup> *Idem*, pp. 170-180

“A assimilação favorecia o encontro entre militantes africanos dos diferentes territórios, que se encontravam na Assembleia Nacional em Paris; as diferentes colônias tinham o mesmo estatuto, o mesmo modo de gestão, a mesma estrutura organizacional e eram geridas simultaneamente pelas mesmas leis e decretos; o agrupamento de tipo federal em grandes conjuntos (AOF, AEF, Madagascar) criava uma comunidade de fato da mesma região; por fim, e talvez sobretudo, a frequência das mesmas escolas públicas (...) ou confessionais (...) estabeleceu entre os membros da elite laços de camaradagem e de fraternidade que ultrapassavam os partidos políticos, conferindo-lhes simultaneamente uma cultura comum”<sup>367</sup>

Para Chaffer, as alterações políticas trazidas pela *Loi-Cadre* e pelas estratégias de De Gaulle não eram suficientes para aplacar ou retardar o processo de independência:

"Nada disso sugere que nem o governo francês ou seus servidores civis estavam no controle da evolução rápida da situação política na África Negra, ou foram capazes de visão de longo prazo ou em uma posição de planejar o futuro. Quando olhamos em retrospecto a 'transição bem gerenciada' da França na África podemos perceber que o processo político era majoritariamente reativo do que proativo (...).

Não obstante, o resultado na África Ocidental Francesa foi, do ponto de vista francês, bem próximo do que as elites governantes na França Pós-Guerra desejavam. A transferência de poder foi suave, para líderes africanos simpáticos à França, e de tal modo que permitiu à França manter uma presença significativa e ativa na África Negra após a independência. Seus antigos territórios coloniais na África Ocidental (exceto a Guiné) e na África Equatorial permaneceram firmemente na esfera de influência francesa e foram seus aliados mais leais no cenário internacional no período pós-colonial. Este resultado não foi fruto de um planejamento cuidadoso e um gerenciamento bem sucedido da parte da França, e nem foi simplesmente um feliz acidente.

Um número de fatores foi importante em assentar as fundações da transição suave: dependência econômica, as estruturas institucionais da União Francesa, os laços pessoais forjados entre políticos e oficiais franceses e lideranças políticas africanas e a base ideológica de um discurso progressivista, 'assimilacionista', que manteve o prospecto da integração (ainda que para poucos) dentro de uma República 'una e indivisível' comprometida com os valores de liberdade, igualdade e fraternidade.”<sup>368</sup>

O processo de independência das nações africanas sob influência francesa seguiu uma lógica de balcanização. Segundo M'Bokolo,

“A África das independências foi simultaneamente percorrida por vários tipos de movimentos territoriais contraditórios respeitantes a temporalidades diferentes: movimentos centrífugos, a maioria dos quais decorrentes do passado colonial e encorajados pelos poderes

<sup>367</sup> M'BOKOLO, *op cit*, p. 610

<sup>368</sup> CHAFFER, *op cit*, p. 187-188 (tradução livre)

coloniais, que deram origem a formas mais ou menos agudas de separação; movimentos de reagrupamento, associados na maioria a dinâmicas culturais, comerciais ou políticas de longo prazo, anteriores às colonizações; e, por fim, movimentos ‘nacionalistas’, que se desenvolviam no quadro dos Estados coloniais e que visavam ‘construir nações’<sup>369</sup>

Neste contexto, as nações Africanas anteriormente subsumidas à AEF e à AOF tornaram-se sucessivamente independentes, num período entre 01 de janeiro e 20 de novembro de 1960: Togo, Camarões, Federação do Mali (que ainda no mesmo ano se dividiria em República do Senegal e República do Mali), Daomé (atual Benin), Níger, Volta Superior (atual Burkina-Faso), Costa do Marfim, Chade, República Centro-Africana, Congo (Brazzaville), Gabão e Mauritânia. Iniciou-se, então o período da “*Françafrique*”.

### 5.5 ...E DA “FRANÇAFRIQUE” À “AFRICAFRANCE”

“*Françafrique*” foi uma expressão cunhada pelo líder marfinense Félix Houphouët-Boigny em 1955, para definir os “laços estreitos” entre a metrópole e suas antigas colônias e se tornou um sinônimo da relação promíscua e interdependente entre as elites africanas e francesas<sup>370</sup>. Durante as décadas de 60 e 70 a França se notabilizou pelo grau de controle sobre as antigas colônias. Jacques Foccart, chefe da chamada “*célula africana*” do Eliseu ficou conhecido como “*Monsieur Afrique*”, nó central de uma vasta rede de contatos, amizade e compadrio entre líderes civis e militares africanos e seus correspondentes franceses.

A *Françafrique* era sustentada de diversas formas. Economicamente, as nações africanas que optaram por permanecer em comunidade com a França, tiveram que adotar uma moeda comum, o “Franco CFA”<sup>371</sup>, e acautelarem parte de suas reservas de ouro em bancos franceses<sup>372</sup>. Militarmente, acordos bilaterais<sup>373</sup> garantiram a presença de tropas francesas em diversas bases no continente - notadamente o 6º

<sup>369</sup> M'BOKOLO, *op cit*, p. 649

<sup>370</sup> GLASER, Antoine. **Africafrance: quando les dirigeants africains devienent les maitres du jeu**. Paris: Pluriel, 2017, p. 11

<sup>371</sup> São duas moedas, em verdade: O Franco CFA *Ocidental* (usado em Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Guiné-Bissau, Mali, Níger, Senegal e Togo) e o *Central* (usado em Camarões, República Centro Africana, Chade, República do Congo, Guiné Equatorial e Gabão. A Guiné Equatorial é uma ex-colônia espanhola, distinta da República da Guiné, chamada Guiné-Conakry)

<sup>372</sup> Cf. PIGEAUD, Fanny; SYLLA, Ndongo Samba. **L'armée invisible de la Françafrique: Une histoire du franc CFA**. Paris: La Découverte, 2018

<sup>373</sup> Possuem acordos de Cooperação em Defesa com a França os seguintes países africanos: Camarões, República Centro-Africana, Costa do Marfim, Gabão, Senegal e Togo. A França conduz atualmente operações de contra-insurgência em face de elementos *jihadistas* no Mali, Chade, Burkina-Faso, Mauritânia e Níger, desdobrando tropas de infantaria, cavalaria mecanizada e aviação.

Batalhão de Fuzileiros Navais (6 BIMa), sediado em Libreville, Gabão, as quais agem por vezes como guardas pretorianas dos presidentes nacionais, pontas de lança e forças de reação rápida em intervenções<sup>374</sup> e servindo também de elemento dissuasório contra a presença militar soviética na região durante a Guerra Fria<sup>375</sup>.

Culturalmente, além da promoção da língua, a França mantém programas educacionais e de bolsas de estudo que garantem a formação acadêmica na França de centenas de milhares de jovens africanos por ano, garantindo a manutenção de um grau de influência cultural que se revela hoje capaz (por ora) de contrabalançar o dinheiro chinês que vem sendo despejado no continente à guisa de influência<sup>376</sup>.

A Célula Africana foi uma instituição-chave da presidência francesa, pois era responsável pela mediação dos interesses recíprocos entre África (inclusive mediando tensões regionais) e França. Foccart permaneceu à sua testa por 14 anos – de 1960 a 1974 -, sendo a verdadeira “eminência parda” dos interesses africanos na França e dos franceses em África. Atribui-se a ele o “sinal verde” (ou a articulação direta) para golpes e contragolpes por toda a *Françafrique*.

Foccart serviu no posto durante as presidências de De Gaulle e Georges Pompidou. Foi substituído por um aliado, René Journiac, durante a presidência de Valéry Giscard d'Estaing. Com a vitória eleitoral de François Mitterrand, em 1981, e o retorno do Partido Socialista ao poder, um *outsider* foi colocado no comando da Célula Africana, Guy Penne, que serviu nesse posto até 1986, quando foi substituído pelo filho do próprio Mitterrand. A *Françafrique* era um ponto pacífico entre a esquerda e a direita francesas, ambas divergindo apenas quanto aos seus preferidos em cada país, cada lado construindo suas redes próprias, conforme seus interesses partidários (mas sempre na *Françafrique*).

---

<sup>374</sup> De 122 operações militares realizadas por potências externas na África entre 1960 e 2005, 46 foram realizadas pela França. Cf. YATES, Douglas. French Military Interventions in Africa. *in* KARBO, Tony; VIRK, Kudrat (eds). **The Palgrave Handbook of Peacebuilding in Africa**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, pp. 391-418

<sup>375</sup> Cf. GREGORY, Shaun. The French Military in Africa: Past and Present. **African Affairs** Vol. 99, No. 396, 2000, pp. 435-448

<sup>376</sup> Cf. MBABIA, Olivier. Structural Power toward weak states: France, not China, matters in Francophone Africa. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**. Vol. 3 nº 5, 2014, pp. 11-39

*Estabilidade e força* eram as colunas de sustentação, os dois elementos-chaves da *Françafrique*: estabilidades nacionais que sirvam à – ou se mantenham através da – força da França.

A queda do muro de Berlim (1989) alterou muitas das condições da *Françafrique*. A *Pax Gallica* é agora contestada pela chegada de novos atores em um cenário em que até então atuava de modo quase inconteste. Algumas nações africanas têm demonstrado liderança regional e capacidade material para conduzir operações de “*peacekeeping*”. O capital francês não é páreo para se contrapor à injeção maciça de capital chinês na África Francófona. Os Estados Unidos, a pretexto de monitorar ações de grupos terroristas islâmicos na região, têm começado a ali flexionar seus músculos.

A célula africana foi ostensivamente desativada na presidência de Nicolas Sarkozy, e tentativas têm sido feitas no sentido de alterar o *quid pro quo* nas relações entre as nações, como, por exemplo, a imposição de condicionantes de direitos humanos e democracia para ajuda financeira, apenas com graus limitados de sucesso: *réalisme oblige*<sup>377</sup>.

Um aspecto que hoje se destaca: os laços entre as elites francesas e africanas já não mais permite saber com precisão quem manda em quem. As redes de influência são vias de mão dupla, e as elites africanas aprenderam, desde então, que a França depende mais delas do que o inverso. As forças militares francesas, apesar de ainda poderosas, já estão desdobradas em seu limite máximo. A presença de novas potências estrangeiras e regionais torna a França, pelo menos em princípio, dispensável, mas ainda preferível em face dos laços estabelecidos. Líderes africanos, assim, já influem na política partidária francesa. Se dinheiro e influência franceses podem ditar rumos na política interna de nações africanas, a recíproca é verdadeira<sup>378</sup>. A *Françafrique* se tornou, ou está em vias de se tornar, *Africafrance*<sup>379</sup>.

---

<sup>377</sup> Cf CUMMING, Gordon. ‘A Piecemeal Approach with No Vision’: French Policy Towards Africa under Nicolas Sarkozy. In RAYMOND, Gino (ed). **The Sarkozy Presidency: breaking the mould?** Londres: Palgrave Macmillan, 2013, pp. 104-129

<sup>378</sup> Vide, por exemplo, o indiciamento criminal do ex-presidente Sarkozy, acusado de ter recebido propina do ex-presidente líbio Muammar Ghadaffi para defender interesses líbios perante a comunidade internacional.

<sup>379</sup> Antoine Glaser, em obra já citada, narra nos diversos capítulos como as elites governantes africanas têm, progressivamente, influenciado a política partidária e de estado francesa.

## 5.6 ESTRUTURAÇÃO DA REDE MAÇÔNICA AFRICANA<sup>380</sup>

Dentre as redes utilizadas na construção da *Françafrique* e da *Africafrance* está a Maçonaria. O processo de assimilação envolveu a adesão de elites locais às redes que influenciavam o processo político e cultural francês, dentre as quais as lojas maçônicas.

Os laços maçônicos começaram a se tornar mais fortes provavelmente nos anos 60, quando, nas nações recém-independentes as Lojas Maçônicas começaram a formar Grandes Lojas próprias, nacionais, independentes das matrizes francesas.

Como já visto, a Maçonaria fez parte do projeto colonial, sendo um espaço de sociabilidade para os colonos e aqueles envolvidos na administração colonial, civis ou militares. Aos poucos, tanto nas colônias como na metrópole, negros nativos das colônias ou nascidos na França começaram a ser admitidos nas Lojas. Já se falou de Félix Éboué, e foi também o caso do senegalês Blaise Diagne (1872-1934), primeiro africano eleito deputado na França (em 1914). Diagne foi iniciado maçom quando servia na administração colonial da Ilha da Reunião, em 1899, e em 1922 foi eleito para cumprir um mandato de três anos no Conselho da Ordem do GOdF, primeiro africano a fazê-lo<sup>381</sup>.

No tempo das independências três obediências francesas tinham Lojas na África: GOdF, GLF e DH. As duas primeiras, unissexuais e a terceira, mista. A GLNF começaria a implantar sua influência apenas a partir da década de 1970. Em 1960, o GOdF realizou um congresso para discutir, com as lojas coloniais, suas “independências”.

De Gaulle e Foccart, apesar de não serem pessoalmente simpáticos à Maçonaria, forjados que eram no conservadorismo católico francês<sup>382</sup>, não rejeitaram os laços que ela formava sempre que fosse útil. Mas decerto não dirigiram a progressão desta rede, já que em cada país a experiência maçônica foi diversa.

<sup>380</sup> A cronologia dos eventos maçônicos que será apresentada a seguir foi tirada da obra de Georges Odo, já citada.

<sup>381</sup> O “Conselho da Ordem”, é o órgão máximo da administração do GOdF, composto por 32 deputados eleitos pelas lojas, responsáveis pela administração geral do GOdF. O Grão-Mestre é eleito dentre os membros do Conselho, em eleição fechada.

<sup>382</sup> Alain Peyrefitte narra que Charles De Gaulle, tendo aceitado palestrar como convidado no GOdF, reclamou que “*essa gente não perde uma oportunidade de jogar cascas de banana sob nossos pés*”. Cf. PEYREFITTE, Alain. **C’était de Gaulle Tomo II**. Paris: Fayard, 1997 p. 110. Tradução livre.



Nesta esteira, a partir de 1961, surgiram as primeiras obediências nacionais na África Francófona<sup>383</sup>: Grande Loja da Costa do Marfim, Grande Loja de Camarões se estabeleceram em 1961. Mas o processo não foi uniforme. No Mali, Guiné-Conakry e no Congo-Brazzaville as Lojas, ainda vinculadas às matrizes europeias, fecharam por conta das instabilidades políticas e das suspeitas. No Mali, na Guiné e, posteriormente, na Costa do Marfim governada pelo aliado de De Gaulle, Houphouët-Boigny, maçons envolvidos em atividades políticas foram presos, acusados de conspiração. Alguns, mortos.

No Senegal o GOdF e a GLF mantêm suas presenças, atraindo parte da intelectualidade local. No Togo, por conta das sucessivas crises políticas, os maçons se mantêm funcionando de modo discreto. No Daomé, apesar do presidente Sour Migan Apithy ser membro da organização, as lojas passam por um processo de crise interna, com animosidade entre os membros do GOdF e da GLF, que acabam superadas pela formação de uma obediência nacional, o “Grande Benin”. Em Camarões, a Grande Loja nacional não aceita a existência de Lojas do GOdF no seu território, o que gera animosidade.

Já no Gabão, o presidente Léon Mba e seu chefe de gabinete, Albert Bongo, são maçons já antigos e entusiasmados. Em 1967 eles receberam a carta patente emitida pelo GOdF para fundar a loja *Europafrique*, no palácio presidencial em Libreville. No mesmo ano, entretanto, Mba sucumbe ao câncer e Bongo lhe sucede simultaneamente nos postos de Presidente da República e de Mestre da Loja.

A década de 1970 marca a consolidação da Maçonaria em alguns países. No Senegal, ainda sem obediência própria, funcionam Lojas jurisdicionadas ao GOdF, DH, GLF e GLNF, que trabalham em concórdia a despeito de suas matrizes se reconhecerem ou não. Na Costa do Marfim, o presidente Houphouët-Boigny se retrata da acusação de conspiração feita anos antes e reabilita todos os presos. O GOdF e a GLF reabrem suas lojas, mas a GLCI permanece fechada. No Togo, entre 1972 e 1978, várias obediências estrangeiras abrem Lojas: GOdF, GLNF, GLF, UGLE e Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda.

---

<sup>383</sup> Não são as primeiras obediências africanas, entretanto. A Grande Loja da Libéria, formada por maçons negros de origem norte americana, foi instalada quase cem anos antes, em 1867.

Em Camarões segue a inimizade entre o GOLUC e o GOdF, apesar de tentativas de acordo. No plano internacional, o GOLUC sedia o primeiro congresso maçônico africano em 1979. No Daomé (rebatizado “Benin” em 1975) os primeiros anos são promissores, com a abertura de novas lojas pelo Grande Benin e pela GLNF. Um novo golpe de estado coloca no poder o Cel. Kérékou, que ordena uma batida policial para prender os maçons em julho de 1974. As Lojas fecham de vez, sem perspectiva de reabertura depois de o estado assumir a faceta marxista e de partido único.

No Gabão o presidente Bongo decide ficar fora das querelas entre as obediências europeias e determina o fracionamento da Loja *Europafrique* em outras três, fundando uma obediência nacional, o “Grande Rito Equatorial”, requerendo uma carta patente tanto do GOdF quanto da GLF.

A década de 80 marca outros desafios. No Senegal, as obediências estrangeiras seguem funcionando, mas enfrentam cada vez mais resistência dos clérigos islâmicos, influenciados pela teoria da Maçonaria como elemento criptojudáico. Não obstante, o ambiente ainda permite o desenvolvimento dos trabalhos.

No Togo o funcionamento das lojas é claudicante em face da instabilidade política e das pressões dos clérigos (católicos, desta vez). Não obstante, os maçons locais atuam politicamente para tentar obter moderação entre o governo e oposição. Além do GOdF, GLNF, GLF, UGLE e Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda, passam a funcionar no Togo lojas da DH, da Grande Loja da Alemanha e do Rito Memphis-Misraïm (misto).

Na Costa do Marfim, as tentativas de formação de uma nova obediência nacional dão origem ao *Grande Eburnie*, apoiado pelo GOdF e à Grande Loja Unida da Costa do Marfim (GLUCI), apoiada pela GLF.

No Congo Brazzaville, as atividades maçônicas retornam por permissão do presidente Denis Sassou Nguesso, que fora iniciado em uma Loja da GLNF de Dacar no ano de 1986. GLNF, GLF e GOdF, que competem no cenário europeu, abrem lojas no país. Maçons congolezes do GLF e do GOdF se unem para formar o Grande Oriente e Lojas Associadas. A guerra civil de 1997/99 é encarada por alguns como

uma guerra “entre irmãos”: liderando as facções opostas estão Sassou Nguesso, membro de uma Loja da GLNF, e Pascal Lissouba, membro de uma loja do GOdF<sup>384</sup>.

No Benin as atividades maçônicas retornam em 1983. O Grande Benin passa a manter atividades filantrópicas e emite opiniões públicas sobre a situação política.

No Gabão, o Grande Rito Equatorial promove diversas atividades integrativas da Maçonaria africana, atuando como mediador em disputas locais. Em 1980 a GLNF abre lojas em Libreville e elas se convertem, em 1983, na Grande Loja do Gabão, com o presidente Omar Bongo<sup>385</sup> como Grão-Mestre. Omar Bongo permaneceria como Presidente da República e Grão Mestre da GLG até 2009, quando faleceu, sendo sucedido *em ambos os postos* por seu filho, Ali Bongo, que ainda (em junho de 2019) os ocupa.

O cenário contemporâneo mostra que a África Equatorial e Central, em geral, e a francófona, em particular, é palco de intensa atividade maçônica. Além das obediências nacionais – alguns países possuem mais de uma, em razão de dissensões internas e debates sobre ortodoxia e heterodoxia –, diversas obediências estrangeiras possuem lojas sob sua jurisdição no continente, destacando-se a mista DH, a Grande Loja Feminina da França, a GLNF, além das Lojas próprias, exerce força no sentido de promover a expansão de lojas ortodoxas, mantendo em sua esfera de influência as Grandes Lojas do Gabão, do Togo, do Benin, Congo Brazzaville, Guiné, Mali, Chade e Burkina-Faso.

Vias de mão dupla, as redes maçônicas que ligam a França às suas antigas colônias servem como canal de influência destas sobre aquela, na medida em que permitem a formação de laços paralelos com políticos(as), empresários(as), servidores(as) civis e militares, além de influenciadores em geral, já que as redes maçônicas – masculinas, femininas e mistas – também permeiam a sociedade francesa<sup>386</sup>.

<sup>384</sup> A esposa de Lissouba é membro de uma Loja da Grande Loja Feminina Francesa.

<sup>385</sup> No início dos anos 70 o Presidente Albert Bongo se converteu ao islamismo, uma religião minoritária no Gabão, e alterou seu nome para Omar Bongo.

<sup>386</sup> Cf. COIGNARD, Sophie. **Um État dans l'État: Le contre-pouvoir maçonnique**. Paris: Albin Michel, 2009; COIGNARD, Sophie; GUICHARD, Marie-Thérèse. **French Connections: Networks of influence**. Nova Iorque: Agora, 2000; LECADRE, Renaud; OTTENHEIMER, Ghislaine. **Les frères invisibles**. Paris: Albin Michel, 2001; GLASER, Antoine; SMITH, Stephen. **Ces Messieurs Afrique v.2: Des réseaux aux lobbies**. Paris: Calman-Lévy, 1997

As jornalistas Sophie Coignard e Marie-Thérèse Guichard, por exemplo, sustentam que as redes de contatos funcionam, na França, como o “verdadeiro organograma” do país. As redes, elas dizem, “*não são lobbies, pois vão além da estrita aliança por interesses econômicos, nem meros clubes, já que evitam sinais de institucionalização*”. Citando Régis Debray em suas reminiscências de quando trabalhou com assessor direto de François Mitterrand, elas ilustram da seguinte forma:

“Todos imaginam que as decisões destas pessoas [os ‘profissionais’] são frutos de experiência e considerações ilustradas, ponderadas em detalhe e bem documentadas. Mas elas são, normalmente, fruto de acenos, humores, velhos rancores, queixas ou paixões. Um contato de alguém da cidade natal, uma recomendação de um primo ou de uma cunhada, dada atrás de portas semicerradas, uma palavra rápida num elevador, um acordo de cavalheiros, podem decidir quem será nomeado para chefiar um órgão público, um ministério ou um escritório administrativo com muito mais força do que um currículo impecável ou um caráter atestado. E, não é preciso dizer que se as grandes decisões são tomadas assim, também o são as menores.”<sup>387</sup>

Sendo a Maçonaria uma das redes mais tradicionais da França, não é estranho que se vislumbre o seu acesso como sinônimo de acesso a um canal de poder, seja por grandes agentes, seja por pequenos. Dentro da política Francesa, a escolha de qual rede maçônica ingressar também implica numa escolha política, em um certo grau: As Lojas ligadas ao GOdF costumam tender, em manifestações públicas, mais à esquerda do espectro político, as da GLNF, à direita<sup>388</sup>.

A rede da GLNF dá acesso, ainda, à rede anglófona da Grande Loja Unida da Inglaterra (UGLE) e às Grandes Lojas americanas, já que é a única obediência francesa que tem laços diretos com elas. Também a Grande Loja Unida da Inglaterra mantém lojas próprias no continente, além das redes de reconhecimento. A Grande Loja Regular de Portugal mantém, aparentemente, apenas três Lojas no continente: uma em Cabo Verde, uma em São Tomé e Príncipe e uma em Angola.

Foram tabulados dois grandes conjuntos de dados. O primeiro diz respeito aos países que têm obediências estrangeiras em seu território. O segundo, às relações de reconhecimento entre obediências estrangeiras e locais.

O diagrama exibido na figura 1 demonstra que, no geral, as obediências estrangeiras mantêm lojas próprias em países nos quais foram forjadas relações

<sup>387</sup> COIGNARD; GUICHARD, *op cit*, p. 07, tradução livre.

<sup>388</sup> COIGNARD, *op cit*. Pp 32-36

coloniais com sua sede. É o caso da UGLE, da GLF, da GLNF, da GLFF, do GOdF e da GLRP. Outras, entretanto, se estabeleceram também em países sem laços coloniais prévios. É o caso da francesa Direito Humano, que, além dos países francófonos, abriu lojas na África do Sul e no Congo-Kinshasa, e da Grande Loja *Prince Hall* da Carolina do Norte, que abriu lojas em Camarões, Costa do Marfim, Congo-Brazzaville e Benin (além de lojas na própria França metropolitana).

Os dados mostram que alguns países são especialmente visados. O Togo, por exemplo, possui Lojas de todas as obediências francesas citadas e, tanto em termos proporcionais quanto absolutos, possui a maior “população maçônica” do continente, ao menos dentre os países francófonos.

O único país que oferece uma ponte (isto é, de compartilhamento de território) entre o bloco “anglo-saxão” e o bloco “gaulês” é a África do Sul. O bloco “lusitano” aparece linguisticamente isolado, com a GLRP mantendo lojas exclusivamente em países lusófonos. Do ponto de vista institucional, todavia, existe uma ponte entre a UGLE, GLRP e GLNF, que se reconhecem mutuamente. Assim, o membro de uma destas obediências pode visitar as lojas das outras duas, presumindo-se a possibilidade de comunicação.

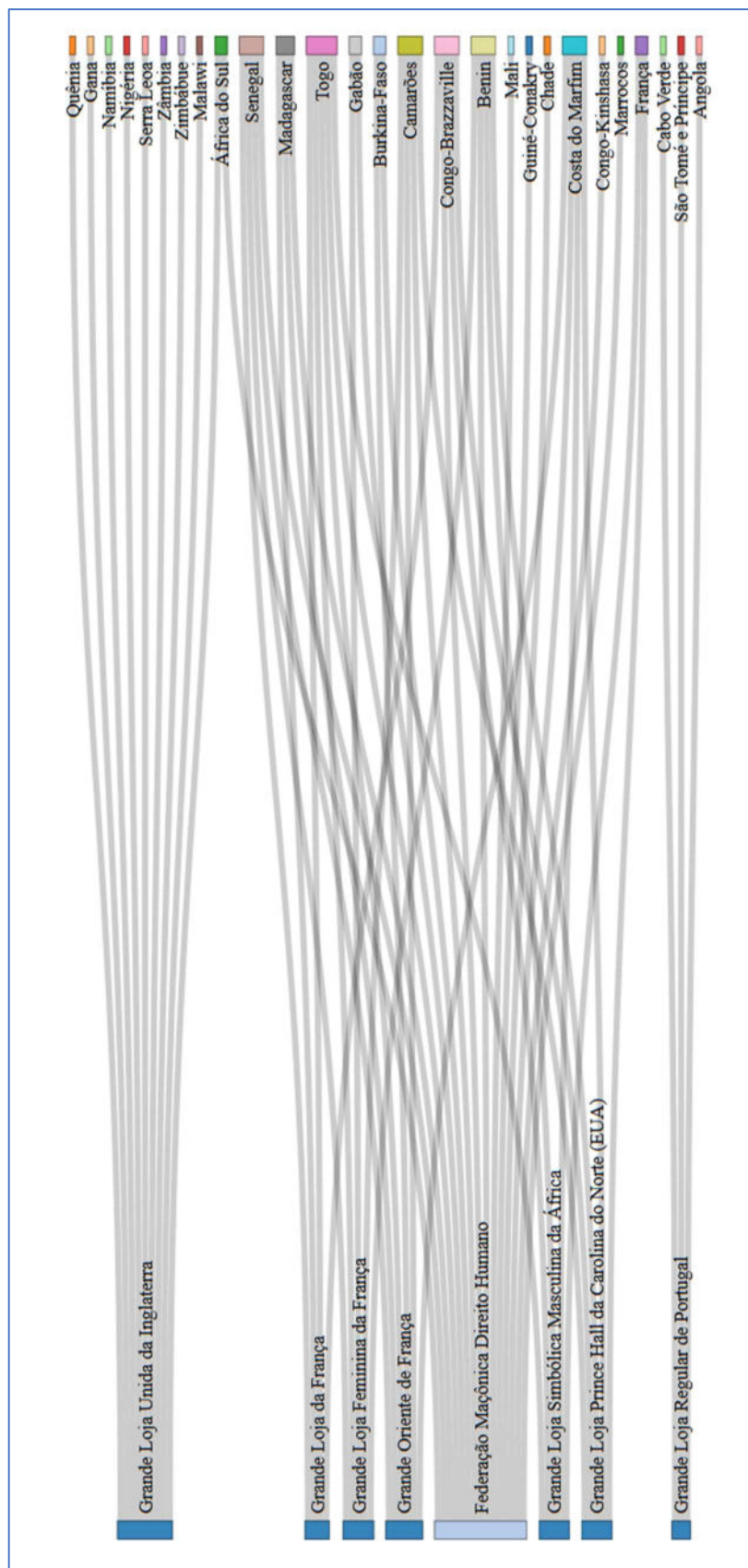


Figura 1 Diagrama Sankey com as obediências estrangeiras e os países africanos em que mantêm lojas (até janeiro de 2019)

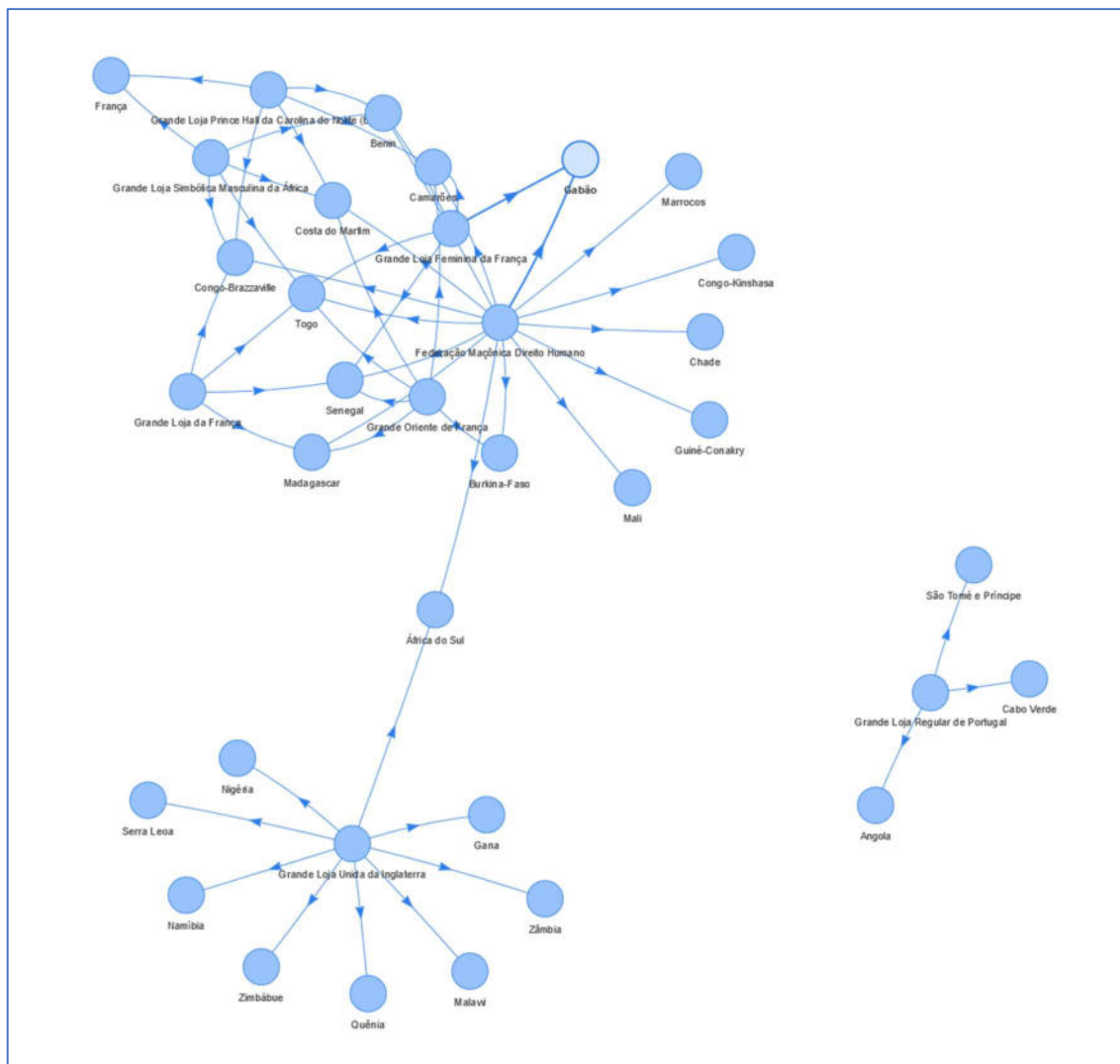


Figura 2 Diagrama em constelação com as mesmas informações da figura 1

Os diagramas não excluem possibilidades de contato decorrentes, entretanto, da proximidade física. Vários dos países são fronteiriços e mantêm relações diplomáticas e comerciais íntimas entre si, decorrente da propinquidade. Isto permite uma maior interação transnacional, com o curso de comerciantes e viajantes, além dos contatos institucionais em organizações (maçônicas ou não) de cooperação regional. Além disso, alguns desses países têm lojas próprias, com seus próprios canais de reconhecimento, como demonstrado no diagrama 3.

O diagrama 3, entretanto, não permite concluir pela inexistência de *todo e qualquer* contato entre as obediências dos blocos ideológicos distintos. Primeiro, porque os dados revelam apenas afinidades homofílicas *entre as organizações*. A *propinquidade* (no caso, o compartilhamento de território) pode gerar contatos institucionais oficiosos entre elas e propiciar a formação de laços entre os indivíduos





O número de membros nesta rede é uma incógnita. Os únicos dados disponíveis são os de algumas das obediências que têm relações com a Conferência das Grandes Lojas dos Estados Unidos e a União das Grandes Lojas da Alemanha, cujos dados ficaram disponibilizados na *List of Lodges (LOL) 2014* e no *Jahrbuch (JB) 2017*, quase todos já ali desatualizados: Grande Loja do Benin: 450 membros<sup>389</sup>; Grande Loja de Burkina-Faso: 375 membros<sup>390</sup>; Grande Loja de Camarões: 222 membros<sup>391</sup>; Grande Loja da Costa do Marfim: 1575 membros<sup>392</sup>; Grande Loja do Gabão: 675 membros<sup>393</sup>; Grande Loja Nacional de Madagascar: 232 membros<sup>394</sup>; Grande Loja Nacional do Togo: 1566 membros<sup>395</sup>; Grande Loja da Guiné-Conakry: 450 membros; Grande Loja do Congo: 696 membros; Grande Loja do Mali: 150 membros.

Existem outras redes maçônicas paralelas. O REHFRAM - *Rencontres humanistes et fraternelles d'Afrique francophone et de Madagascar* – é uma reunião anual realizada desde 1991<sup>396</sup>, em regime de rodízio, entre obediências africanas (em sua maioria heterodoxas) em que são discutidos não apenas temas estritamente maçônicos mas também temas econômicos e sociais regionais<sup>397</sup>. O GFEQA – *Groupe Fraternel d'Etude des Questions Africaines* – fundado em 1975, é um *Think Tank* com sede em Paris que reúne estudiosos, políticos e empresários africanos e franceses, todos maçons ou maçonas, mais ligados ao Partido Socialista Francês. O CLIPSAS - *Centre de Liaison et d'Information des Puissances maçonniques Signataires de l'Appel de Strasbourg* – é uma reunião de obediências heterodoxas signatárias do “Apelo de Estrasburgo”, incluindo algumas africanas<sup>398</sup>.

---

<sup>389</sup> Dados de 2005

<sup>390</sup> Dados de 2007

<sup>391</sup> Dados de 2012

<sup>392</sup> Dados de 2017

<sup>393</sup> Dados de 2011

<sup>394</sup> Dados de 2010

<sup>395</sup> Dados de 2017 (JB). 1500 em 2014 (LOL)

<sup>396</sup> A edição de 2018, que seria realizada em Dacar, precisou ser cancelada por ameaças terroristas de grupos islâmicos. A edição 2019 será realizada no Marrocos.

<sup>397</sup> Alguns dos temas trabalhados nos REHFRAM ao longo dos anos: “Qual o papel da Maçonaria na luta contra o subdesenvolvimento?” (1992); “Quem é o maçom fora do Templo?” (1993); “Como os maçons africanos se preparam para o próximo milênio?” (1995); “Quais os significados das mensagens e práticas maçônicas na África no alvorecer do século XXI?” (1996); “Formação e educação do homem para a evolução da África” (1997); “Pobreza e suas consequências para a democracia na África” (1997); “Justas criação e distribuição de riquezas na África” (1999); “Tradições Africanas e Tradições Maçônicas no limiar do 3º milênio” (2000); “Continuando fora o trabalho iniciado dentro do Templo” (2001) “Meus irmãos e irmãs me reconhecem como tal” (2002)

<sup>398</sup> O CLIPSAS é uma das ONGs com status consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU – ECOSOC.

## 5.7 A REDE MAÇÔNICA EM DUAS SOCIEDADES: GABÃO E CONGO-BRAZZAVILLE

Ao longo destes anos, a Maçonaria se firmou como uma rede de sociabilidade influente na África equatorial e ocidental. Uma medida desta influência pode estar nos chefes de estado e ela filiados. Ao menos dois exercem simultaneamente funções de chefe de estado e chefe de obediência maçônica: Ali Bongo, Grão-Mestre da Grande Loja do Gabão, e Denis Sassou Nguesso, Grão-Mestre da Grande Loja do Congo-Brazzaville.

Além deles, segundo dados de 2016<sup>399</sup> publicados pela revista de inteligência *Jeune Africa*<sup>400</sup> são maçons os seguintes presidentes no continente: Alpha Condé, presidente de Guiné Conakry; Paul Biya, presidente de Camarões, Idriss Déby Itno, presidente do Chade; Faustin Archange Touadéra, presidente da República Centro-Africana<sup>401</sup>; Faure Gnassingbé, do Togo.<sup>402</sup>

Em alguns casos, o relacionamento entre os líderes é pessoal, além de maçônico e diplomático: o falecido Omar Bongo foi casado com uma filha de Sassou Nguesso; este, por seu turno, foi “padrinho” e presidiu a iniciação maçônica do então presidente da República Centro-Africana, François Bozizé<sup>403</sup>, e do presidente do Chade, Idris Déby<sup>404</sup>.

Estatisticamente, os maçons africanos, ao menos nos países cujos dados estavam disponíveis, constituem verdadeiras minorias mesmo quando comparadas com Maçonarias de outros países. Comparando-se, em proporção, com a França, que com 150.000 maçons e maçonas tem 0.2% da população “entre as colunas do

---

<sup>399</sup> Foram citados no presente trabalho apenas aqueles que ainda eram chefes de estado ou governo em janeiro de 2019.

<sup>400</sup> PAURON, Michael. Francs-maçons: les présidents africains sont-ils initiés? *Jeune Africa*, 02 de março de 2016, disponível em < <https://www.jeuneafrique.com/mag/303986/politique/francs-macons-presidents-africains-inities/>>

<sup>401</sup> A reportagem foi publicada ainda no período eleitoral, e a *Jeune Africa* observou que o outro candidato, Anicet Dologuélé, também era maçom.

<sup>402</sup> Também são mencionados como maçons o atual presidente da Libéria, o ex-jogador de futebol George Weah, membro da Grande Loja da Libéria, e sua vice-presidente, Jewel Howard-Taylor, que seria membro de uma Loja feminina. Cf. SYLVESTRE-TREINER, Anna. Franc-maçonnerie: au Libéria, retour à la tête de l'État. *Jeune Afrique*, 07 de fevereiro de 2018. Disponível em < <https://www.jeuneafrique.com/mag/522260/politique/franc-maçonnerie-au-Libéria-retour-a-la-tete-de-letat/>>

<sup>403</sup> Mandato de 2003 a 2013

<sup>404</sup> GLASER, *op cit*, pp. 63-64

*Templo*<sup>405</sup>, os números dos maçons africanos são ínfimos: a melhor proporção – e ainda assim apenas se limitada em comparação com a população masculina – é encontrada no Togo: seus 1566 membros correspondem a aproximadamente 0.04% da população masculina.

Não existem dados estatísticos disponíveis, mas é possível presumir que esta minoria seja também uma elite em termos de poderio político e econômico, na melhor das hipóteses pertencente às classes médias urbanas. Algumas razões justificam esta dedução. Primeiro, a iniciação maçônica se dá por indicação. O candidato é sempre convidado por algum membro estabelecido e passa por um processo de escrutínio que é essencialmente subjetivo. Isto faz com que o ambiente de prospecção de candidatos seja o círculo social mais próximo de cada maçom - familiar, profissional ou de amizades<sup>406</sup>.

Segundo: a filiação implica custos, tanto em taxas administrativas, quanto na mensalidade das lojas, custeio de alfaias ritualísticas e dos jantares e banquetes que invariavelmente se seguem às reuniões, custos que são proibitivos para a maior parte de uma população paupérrima. Uma lista de pessoas associadas a diversas obediências maçônicas Africanas no anexo “C” deste trabalho mostra uma grande quantidade de pessoas das elites locais.

Tome-se o caso do Gabão. Desde a sua independência, em 1961, o país teve três presidentes: Leon Mba, de 1961 até sua morte natural, em 1967; Omar (antes Albert) Bongo, de 1967 até sua morte natural, em 2009, e Ali Bongo, filho de Omar, desde então. Na sua história independente, o Gabão passou apenas por um levante armado, em 1964, rapidamente debelado pelo presidente Mba com a ajuda de paraquedistas e fuzileiros franceses do 6 BIMa<sup>407</sup>.

---

<sup>405</sup> Os templos maçônicos, via de regra, emulam aspectos do Templo de Salomão. Destacam-se, dentre eles, a existência de duas colunas, denominadas *Boaz* e *Jakin* (“estabilidade” e “força”, respectivamente, em hebraico)

<sup>406</sup> Nas fichas vazadas da GLF é possível verificar alguns casos de africanos que se iniciam na França e em seguida pedem transferência para Lojas em seus países de origem, um movimento que pode indicar uma espécie de “drible” das restrições que círculos mais elitistas locais podem impor a novos membros, já que na França o perfil dos membros é sociologicamente mais diverso, sendo presumivelmente mais fácil iniciar-se ali.

<sup>407</sup> Enquanto este trabalho estava sendo escrito, em 7 de janeiro de 2019, um pequeno grupo de militares de baixa patente, aproveitando a ausência de Ali Bongo, internado desde outubro no Marrocos para tratar um acidente vascular cerebral, tentou golpe de estado que foi rapidamente debelado pelas forças de segurança nacionais, ao custo de duas mortes.

A lista de oficiais da Grande Loja do Gabão para a gestão 2016-2018, publicada em um jornal local revela a predominância de membros da alta administração civil nos postos administrativos. Por exemplo, o “organista”, oficial responsável por executar as músicas nas reuniões era Blaise Louembe, ministro de Estado<sup>408</sup>.

Um telegrama enviado em janeiro de 2007 pelo embaixador norte-americano em Libreville ao secretário de Estado, com cópia aos embaixadores das nações vizinhas, ilustra bem as circunstâncias. O embaixador informa ao Secretário as expectativas sobre a formação de um novo gabinete gabonês, conjecturando quantos maçons fariam parte dele. O embaixador sustenta que a filiação a uma das duas obediências é comum entre a elite, incluindo membros da oposição, e não observa rigidamente barreiras partidárias, uma vez que o próprio presidente exerceria influência em ambas as obediências. Como exemplo da importância da Maçonaria para o dia a dia empresarial no país, ele cita o caso de um empresário americano não nominado que atribuíra seu sucesso em lidar com a burocracia às conexões maçônicas que cultivou<sup>409</sup>.

A vasta maioria da população gabonesa faz parte de um dos grupos étnicos Bantu, predominando a etnia Fang. Os Bongo, entretanto, são da etnia dos Pigmeus<sup>410</sup>. Os pigmeus eram os povos que ocupavam originalmente o Gabão antes da invasão Bantu por volta do século XV da era cristã, sendo por estes escravizados ou subalternizados.

O cristianismo é a religião de 88% da população, a maior parte deles, católicos romanos (42%). Os Bongo, após a conversão de Omar na década de 1970, se tornaram islamitas de vertente sunita, uma religião praticada por 6% da população gabonesa.

Não obstante pertencer a um grupo étnico marginalizado e adotar uma religião minoritária, Omar Bongo conseguiu manter o controle da máquina política por mais quarenta anos sem apelar para violações em larga escala de direitos humanos<sup>411</sup>. O

---

<sup>408</sup> Ver anexo B.

<sup>409</sup> Este documento faz parte dos documentos vazados pelo *Wikileaks*. O título do telegrama é “Bongo and Freemasonry in Gabon” e seu ID é 07LIBREVILLE36\_a. Disponível em <[https://www.wikileaks.org/plusd/cables/07LIBREVILLE36\\_a.html](https://www.wikileaks.org/plusd/cables/07LIBREVILLE36_a.html)>

<sup>410</sup> Bongo é também o nome de um dos subgrupos étnicos pigmeus do Gabão.

<sup>411</sup> Está se afirmando isso *em comparação* com estados vizinhos que passaram por guerras civis sangrentas, estados de sítio sistemáticos e casos de massacres e desaparecimentos forçados às centenas. Não obstante, líderes de oposição são periodicamente perseguidos criminalmente no Gabão, normalmente com acusações de crimes comuns, e já se registraram casos de desaparecimento forçado

Gabão é governado de modo autocrático e através de relações de patronato. Até 1990, era governado sob um regime de partido único. O partido governista é o PDG – *Parti Democratique Gabonais*.

Explicações materialistas para o enfeixamento de poder são normalmente encontradas nas condições materiais, nomeadamente dinheiro e militares. Entretanto, para o historiador gabonês François Ngolet a longevidade política de Omar Bongo pode ser explicada pela hábil manipulação do imaginário simbólico gabonês.

Segundo Ngolet, o imaginário popular Bantu enxerga nos pigmeus um povo místico. Como primeiros ocupantes da terra, os pigmeus possuíam conexões com os deuses e espíritos da floresta, de forma que os recém-chegados Bantu recorriam a sacerdotes pigmeus para mediar conflitos e obter proteção. Bongo se aproveitou de sua origem étnica (inclusive de sua baixa estatura) para reforçar esta condição. Através do pertencimento simultâneo a sociedades iniciáticas locais tradicionais como o *Bwiti* e o *Ndjobi*, ou estrangeiras, como a Maçonaria<sup>412</sup>, Bongo assegurou para si uma legitimidade sacerdotal perante a sociedade gabonesa<sup>413</sup>.

A conversão de Bongo ao Islam, afirma Ngolet, ajudou a aprofundar seus laços sobre a elite local, na medida em que muitos se converteram no afã de demonstrar lealdade a ele. Na Maçonaria, Bongo permaneceu Grão-Mestre da Grande Loja do

---

de líderes opositoristas nas décadas de 70 e 80, e protestos estudantis foram dispersados pela polícia em 2009. Em 2007 o Gabão figurou em 102º lugar no índice de liberdade de imprensa do grupo Repórteres sem Fronteiras.

<sup>412</sup> Em um livro de entrevistas publicado em 1998 Omar Bongo diz que foi iniciado maçom ainda quando jovem estudante, na França. Cf. BONGO, Omar. **Confidences d'un africain: entretiens avec Christian Casteran**. Paris: Albin Michel, 1997 e SHAXSON, Nicholas. **Poisoned Wells: The Dirty Politics of African Oil**. Londres: Palgrave Macmillan, 2007, p.68

<sup>413</sup> NGOLET, François. Ideological Manipulations and Political Longevity: The Power of Omar Bongo in Gabon since 1967. **African Studies Review**. nº 43, 2000, pp 55-71. Leon Mba, antecessor de Omar Bongo e primeiro presidente do país, oriundo da etnia Fang, também fora iniciado no Mbwiti e fez desta organização ritual, de caráter interétnico, um fato de unificação do país, cf. FERNANDEZ, James W. **Bwit: an ethnography of the religious imagination in Africa**. Princeton: Princeton University Press, 1982, pp. 350-353. Este pertencimento múltiplo a organizações tradicionais não é uma característica exclusiva do Gabão. William Tolbert Jr, quando presidente da Libéria, foi também presidente da Convenção Batista e membro da sociedade secreta Poro, cf. NORMAN, Maavi. The Quest to Reform the African State: The Case of William R. Tolbert Jr of Libéria, and Jerry Rawlings of Ghana. In JALLOW, Baba G. **Leadership in post-colonial Africa: Trends transformed by independence**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014, p 74. Esta característica, também, ainda segue no presente: Maixent Accrombessi, chefe de gabinete de Ali Bongo e considerado a eminência parda do regime e aspirante à presidência do vizinho Benim, de onde é nativo, além de membro de destaque da GLG, foi recentemente elevado a uma posição de chefia (*Dah*) dentro do Vodum beninense. Cf. “*Maixent Accrombessi, chef vaudou ou futur chef d'Etat?*”. **La Lettre du Continent**, 27/03/2019. Disponível em <https://www.africaintelligence.fr/lc-/premier-cercle/2019/03/27/maixent-accrombessi-chef-vaudou-ou-futur-chef-d-etat,108350864-art>.

Gabão<sup>414</sup> e exerce influência, através de apaniguados, na Grande Loja Simbólica do Gabão (antigo Grande Rito Equatorial), onde se concentram também adversários políticos como Jean Ping<sup>415</sup> e Charles René Mba. Segundo Ngolet

Como consequência desta imbricação entre posições governamentais e filiação maçônica a elite política, que é o grupo social melhor posicionado para desafiar o regime de Bongo se viu presa numa armadilha e obrigada a servi-lo. Seu controle sobre as duas [Grandes] Lojas aumentou seus pontos de contato com os maçons franceses, entre os quais são encontrados proeminentes socialistas e conservadores<sup>416</sup>

Ngolet salienta que a oposição a Bongo e ao “Bongoísmo” provavelmente seguirá o mesmo caminho simbólico, originando-se dentre praticantes de *Bwiti*, *Ndjobi* e Maçonaria. A associação entre os mecanismos simbólicos de iniciação nativos e a Maçonaria foi inadvertidamente realizada por clérigos missionários católicos, que observaram semelhanças gerais entre as práticas rituais de iniciação e de cosmovisão maçônicas e nativas<sup>417</sup>. Ao promoverem tal associação, acabaram fornecendo às elites nativas um elemento de reapropriação das práticas ancestrais através do sincretismo e, ao mesmo tempo, uma língua comum com o colonizador<sup>418</sup>.

Esta língua é também comum para as elites participantes dos diversos subgrupos étnicos que compõem a sociedade gabonesa. Os maçons, afirma o ex-senador e diplomata gabonês Charles René Mba (membro da GLSG e do GFEQA e atualmente na oposição ao governo de Ali Bongo), deveriam sustentar uma “laicidade étnica” na África, a separação entre as etnias e o estado, como condição necessária para o fortalecimento do Estado nacional e a mitigação das tensões étnicas<sup>419</sup>.

<sup>414</sup> Um dado curioso exemplifica o entrelaçamento de relações entre o estado e as Lojas no Gabão. O lema do PDG é “*Dialogue, Tolerance, Paix*”. As três Lojas originais fundadoras da GLG se chamam, respectivamente, “Dialogue”, “Tolerance” e “Paix”.

<sup>415</sup> Ex-cunhado de Ali Bongo. Foi Ministro, Senador e Embaixador, foi presidente da comissão da União Africana em 2008 e 2012. Candidato derrotado à presidência em 2016.

<sup>416</sup> NGOLET, *op cit*, p. 62, tradução livre.

<sup>417</sup> Um exemplo desta associação, mas partindo de um olhar eurocentrado, pôde ser encontrado no estudo proto-etnográfico “*The Secret Tribal Societies of West Africa*”, de H. P. Fitzgerald Marriott, publicado no ano de 1899 na revista maçônica **Ars Quatuor Coronatorum**. Marriott viajara pelo oeste da África e relatou costumes, tradições e rituais observados em diversas sociedades, desde a Costa do Ouro até mais ao sul, na foz do Congo e Angola. Marriott aponta vários pontos em comum entre aquelas práticas de sociabilidade ritual e aquelas praticadas pelos europeus nas Lojas, o que podia ser utilizado, ele salientou, “*em prol do processo civilizador*”. Cf. MARRIOTT, Herbert Phillips Fitzgerald. *The Secret Tribal Societies of West Africa*. **Ars Quatuor Coronatorum** Vol. 12. Nº 1, 1899, pp. 66-97

<sup>418</sup> Cf. GRAY, Christopher. *Missionaries, Masonry, and Male Initiation Societies: The Legacy of French Colonial Interpretations of Gabonese Religious Practice*. **French Colonial History**, Volume 1, 2002, pp. 17-31.

<sup>419</sup> MBA, Charles René. **Mes mots**. Paris: Iggybooks, 2016, pp. 105-107

Evidentemente, esta língua franca também serve para comunicação com os *irmãos* de outros países.

“A Maçonaria reconstrói solidariedades paralelas localizadas nos antípodas das ‘identificações faccionais individuais’”, observou o pesquisador Axel Augé em seu estudo sobre relações entre a lógica étnica e de relações sociais nas elites. Todavia,

“O estudo das redes sociais aplicadas à formação das elites gabonesas evidencia novas configurações relacionais em que a solidariedade étnica, muitas vezes privilegiada nos estudos políticos africanos, aparece como uma solidariedade necessária, mas não suficiente. Solidariedades alternativas são complementares [à relação étnica]. Eles assumem a forma de solidariedade escolar, solidariedades ligadas a associações coletivas (políticas, maçônicas ou associativas) e solidariedades notariais. Dois resultados podem ser destacados no final deste estudo. Primeiro, o elo étnico não está ausente dos relacionamentos mobilizados. Embora apenas fracamente correlacionado, está latente e presente nas reconfigurações relacionais observadas. A relação étnica não é, portanto, uma relação monocausal, mas sim um recurso combinado com outras fontes de solidariedade. Em segundo lugar, a seleção de elites políticas e administrativas depende de uma pluralidade de relacionamentos.<sup>420</sup>

Um paralelo à posição social da Maçonaria no Gabão pode ser traçada no vizinho Congo-Brazzaville. O pesquisador Brett Carter, em um *paper* apresentado perante a *American Political Science Association*, em 2012 sobre a instrumentalização da Maçonaria por Sassou Nguesso no Congo-Brazzaville, observou que o fomento que ele e Bongo faziam à Maçonaria era o oposto do que normalmente se esperaria de autocratas como eles<sup>421</sup>. Autocratas, ele sustenta, costumam se proteger através da divisão. *Divide et impera*, como condição necessária para evitar a formação de complôs contra si.

A formação de redes de sociabilidade, como o fazem Bongo e Nguesso vai no exato oposto deste sentido, pois, no sentido simmeliano, o ato de dividir consiste justamente em reter o fluxo de informação para si, formando entre os pólos a eterna suspeita mútua, o que dificulta, em tese, a formação de complôs ou mesmo o estabelecimento de laços de confiança que podem fortalecer uma oposição.

<sup>420</sup> AUGÉ, Axel. Les solidarités des élites politiques au Gabon: Entre logique ethno-communautaire et réseaux sociaux. *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. 123, no. 2, 2007, pp. 245-268 (p. 265, tradução livre)

<sup>421</sup> CARTER, Brett L. **Unite and Rule: A Theory of Compulsory Elite Social Networks in Autocracies**. Trabalho apresentado na reunião anual da APSA, 2012. Disponível em <<https://ssrn.com/abstract=2105386>>

A Grande Loja do Congo, argumenta Carter, é usada por Nguesso para monitorar aliados e opositores. Sendo um espaço “livre” em termos relativos, opositores, inclusive aqueles no exílio, vêem no seu ingresso uma “válvula de escape” da pressão governamental.

Carter relaciona a fundação da Grande Loja do Congo ao período em que Nguesso esteve exilado em Paris depois de ter perdido as eleições de 1992<sup>422</sup>. No início, em 1995, a GLC era composta quase que exclusivamente de parentes e amigos do círculo íntimo de Nguesso que o acompanharam no exílio parisiense. Após a sua vitória na Guerra Civil, em 1999, a filiação de membros disparou, na medida em que o ingresso na GLC se tornou, na prática, condição *sine qua* para se ocupar um cargo governamental de relevância. Esta condição foi observada de modo similar no Gabão<sup>423</sup>.

É interessante notar que as cerimônias de entronização de Ali Bongo e Nguesso como Grãos-Mestres em suas respectivas Grandes Lojas foram “vazadas” em vídeo para o *Youtube*<sup>424</sup>.

Os vazamentos em si são estranhos na medida em que a filmagem destas cerimônias é, em princípio, proibida, dado o seu caráter *interna corporis*, ao passo que quem as filmou o fez de modo claramente ostensivo. É possível interpretar essa disponibilização do secreto à luz do que Simmel expôs sobre a dialética do segredo: ocultação equilibrada com revelação, com o intuito de mostrar aos demais que você detém aquele conhecimento, que você detém aquele poder. No contexto político-simbólico Gabonês e Congolês, faz todo sentido.

## 5.8 MAÇONS E CONFLITOS NA ÁFRICA FRANCÓFONA

<sup>422</sup> Nguesso havia tomado o poder por meio de um golpe de estado em 1979

<sup>423</sup> Cf. HEILBRUNN, John. **Oil, Democracy, and Development in Africa**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, pp. 211-212. Importante observar que Ali Bongo sofreu um acidente vascular cerebral quando em viagem para a Arábia Saudita em outubro de 2018, e se internou numa clínica no Marrocos, passando o resto do ano sem qualquer aparição pública. Não obstante, foi reeleito Grão-Mestre da GLG em novembro daquele ano. Em janeiro de 2019 um grupo de militares desferiu uma tentativa de golpe de estado. Em resposta, mesmo doente, Bongo fez mudanças de gabinete, aumentando o número de maçons em postos-chaves. Cf. Security chiefs and Freemasons close ranks around Julien Nkoghe Bekale. Africa Intelligence, 16 de janeiro de 2019. Disponível em <<https://www.africaintelligence.com/lce/corridors-of-power/2019/01/16/security-chiefs-and-freemasons-close-ranks-around-julien-nkoghe-bekale,108340545-art>>

<sup>424</sup> Anônimo. **Intronisation d'Ali Bongo Ondimba à la Grande Loge Nationale du Gabon**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IMYkOTxhU5g> ; Anônimo. **Intronisation de Sassou chez les maçons**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c5sDIWWQhck>



A posição dos maçons nas suas sociedades e as redes de ligações a que eles em princípio têm acesso demonstra a viabilidade de seu uso em situações de conflito. Dois casos ilustram esta possibilidade.

Em 1997, Sassou Nguesso retornou ao Congo para disputar as eleições contra o presidente que o sucedeu, Pascal Lissouba<sup>425</sup>. O país vivia desde a queda de Nguesso em 1992 surtos de violência étnica perpetrados por milícias de todos os lados do espectro político. Pouco antes das eleições, Lissouba determinou à milícia Coyote, leal a ele, que desarmasse a milícia Cobra, leal a Nguesso. A guerra civil se tornou aberta a partir daí.

Ambos os lados receberam ajuda externa. A facção de Lissouba foi apoiada pela vizinha República Democrática do Congo (ex-Zaire). A facção de Nguesso foi apoiada por Angola, pelo Chade e por milícias *Hutus* de Ruanda.

Em 1998 uma reunião foi realizada na sede do GOdF, em Paris, com representantes das facções, do GOdF e da GLNF. Pascal Lissouba é um maçom ligado ao GOdF. Nguesso, ligado ao GLNF. Da reunião não resulta nenhum acordo: o conflito passou da fase de maturação e não entrou em um impasse, na medida em que as tropas de Nguesso ganharam terreno e estavam em condições materiais e estratégicas muito vantajosas. Não obstante, um pequeno acordo foi obtido, consistente na soltura, pelas tropas de Nguesso, de alguns prisioneiros que estavam marcados para morrer.

O segundo episódio se passou na Costa do Marfim, em 2000. Segundo o jornal L'Express, Alain Bauer, então Grão Mestre do GOdF, foi acordado em 22 de outubro daquele ano por um oficial do Palácio do Eliseu com a transferência de uma ligação vinda da Costa do Marfim. O país vivia uma eleição complicada, e o ditador Robert Gueï havia se declarado vitorioso no pleito, recusando reconhecer a vitória de Laurent Gbagbo, que recebeu o sufrágio de 59% dos eleitores.

A ligação era de um Coronel marfinense, comandante de uma unidade motorizada da Gendarmeria:

“Fui instruído a avançar sobre a sede do FPM à frente de uma coluna blindada”, diz o oficial, referindo-se à Frente Popular Marfinense de Laurent Gbagbo, o vencedor anunciado de uma eleição presidencial tempestuosa. ‘Essa ordem é contrária às minhas crenças maçônicas.

---

<sup>425</sup> Nas eleições de 1992 Nguesso ficou em terceiro lugar.

Eu preciso do seu conselho'. 'Valores democráticos valem mais do que uma ordem ilegal', diz Bauer. 'Como soldado, estou sujeito ao dever de obediência', responde o policial. 'Se você não é a sua consciência', retorquiu, 'você está despojado de obediência'. No dia seguinte, o ex-chefe do GO descobre, enquanto folheava o jornal Libération, que uma coluna blindada que havia recebido ordens de marchar contra Gbagbo mudou misteriosamente o rumo. 'Pela primeira vez', ele diz, ironicamente, 'senti que estava servindo alguma coisa. Que poder!'<sup>426</sup>

Às vezes, entretanto, redes se contrapõem. Em um telegrama vazado pelo *Wikileaks*, por exemplo, um diplomata norte-americano baseado na embaixada em Paris relata uma conversa que teve com o líder opositor togolês Gilchrist Olympio, em que o mesmo se queixava de que a maçonaria togolesa estava disputando influência com a organização católica Santo Egídio de Roma, dificultando os esforços dos católicos em obter um lugar no processo de transição democrática no país<sup>427</sup>. O velho conflito anticlerical/antimaçônico parece ainda ressoar na política.

Estes episódios ilustram *possibilidades* de uso da Maçonaria como instrumento de diplomacia Track 2. No primeiro caso não houve propriamente a resolução de um conflito, mas o seu manejo, ainda que numa escala bem limitada: milhares de pessoas morreram na Guerra Civil da República do Congo, mas *aqueles*, especificamente, que estavam com a morte marcada foram salvos.

No segundo caso (aceitando que o diálogo tenha sido 'singelo' tal como transcrito pela imprensa) o papel persuasivo, indireto, entre um agente oficial e um oficioso convenceu ao primeiro a recusar uma ordem, recusa esta que, em última análise, repercutiu na política interna e externa da República Marfinense. Pode ser que o "sentimento maçônico" do oficial fosse sincero. Pode ser que, para ele, esta "sondagem maçônica" equivalesse a buscar informações em primeira mão com segurança sobre como a França reagiria ao golpe. Convencido de uma ou outra forma do erro em acatar a ordem de Gueï, a comunicação surtiu o efeito desejado.

Numa situação de conflito, em especial conflitos internos em que agentes estatais utilizam forças irregulares como milícias, o uso de mecanismos oficiosos como laços maçônicos tem o condão de construir pontes de comunicação entre as

<sup>426</sup> HUGUEUX, Vincent; KOCH, François. Francs-maçons: l'Afrique aux premières loges. *L'Express*, 14/04/2008, disponível em < [https://www.lexpress.fr/actualite/societe/francs-macons-l-afrique-aux-premieries-loges\\_472662.html](https://www.lexpress.fr/actualite/societe/francs-macons-l-afrique-aux-premieries-loges_472662.html)> tradução livre.

<sup>427</sup> Embaixada dos Estados Unidos em Paris. **TOGO: MEETING WITH GILCHRIST OLYMPIO: UPBEAT BUT CAUTIOUS**. 1º de Agosto de 2006. ID 06PARIS5182\_a. Disponível em [https://wikileaks.org/plusd/cables/06PARIS5182\\_a.html](https://wikileaks.org/plusd/cables/06PARIS5182_a.html)

partes. Não há garantia alguma de qualquer das partes, o do mediador, atingir seus objetivos no todo ou em parte. Mas, se em ambos os campos existem maçons, é possível presumir que dali existe a possibilidade de uma língua comum ser falada.

## 5.8 CONCLUSÕES PRELIMINARES

O presente capítulo buscou demonstrar como as redes maçônicas se formaram no continente africano, especialmente na África Francófona, e como eles se desenvolveram.

Um perfil do pensamento antimaçônico foi apresentado com o objetivo de ilustrar como a Maçonaria é vista pelos seus opositores, uma visão que pode impactar na receptividade de uma possível tentativa de mediação maçônica. Por exemplo, a condição maçônica de um mediador pode ser explorada politicamente para gerar a desconfiança contra ele.

Também se apresentou um breve relato das relações coloniais e pós-coloniais da França com a África subsaariana, como suporte ao relato das relações *maçônicas* pós coloniais.

Se pôde observar graficamente que as lojas podem se juntar por proximidade ou por afinidade. Estes dois conceitos, por vezes sobrepostos, se aplicam com mais intensidade, possivelmente, aos indivíduos, que não necessariamente se interessam – ou concordam – com questões políticas de suas obediências, e preferem viver a fraternidade *in personae*.

Das redes maçônicas africanas observou-se um maior grau de centralidade na Grande Loja do Gabão e de Camarões, discorrendo-se sobre algumas peculiaridades da Maçonaria na primeira.

Por fim, a vista de dois casos de utilização de redes maçônicas para fins diplomáticos ilustrou as possibilidades de utilização da rede para fins de diplomacia *Track 2*.

**CAPÍTULO 6**  
**“OPUS SUPERROGATORUM”**  
**CONCLUSÃO**

Em uma pouco conhecida obra, escrita entre 1776 e 1778, em princípio para um público interno, o filósofo alemão Gotthold Lessing tratou das funções da Maçonaria. Através do diálogo entre dois amigos, “Ernst” e “Falk”, cujos nomes dão título à obra, Lessing pôde discorrer sobre problemas, tais como patriotismo e cosmopolitismo e os deveres do maçom.

Na conversação, os dois reconhecem que as constituições e a sociedade civil são meios criados pelos homens para congregar os homens. Mas, imperfeitas por natureza, estão sempre sujeitas a conflitos, entre si ou com os seus componentes. Um governo mundial seria uma impossibilidade, mas mesmo as “frações ideais” – que Lessing identifica em termos étnico-nacionais – também são sujeitas a conflitos.

Em verdade, mesmo unidades aparentemente homogêneas – mesma etnia, mesma nacionalidade, mesma religião e mesma classe social – estão sujeitas a conflitos.

Para Lessing,

As divisões, entretanto, não são sagradas, vale dizer: se a lei não pode proibi-las (proibição inócua se as divisões decorrem *necessariamente* da operacionalização da Constituição) também não pode obrigá-las. Assim, se os deveres do crente, do estadista e do chefe de família os impelem à divisão, a harmonia social pode ser preservada se “os melhores e mais sábios membros de cada estado estejam dispostos a ir acima e além do chamado dos seus deveres ordinários (*opus supererogatum*)”<sup>428</sup>.

Por “deveres ordinários” Lessing quer dizer aquilo que já é parte do conjunto de deveres normais: ser caridoso, ser patriota, ser um súdito fiel, ser piedoso etc. Os deveres supererogatórios, aqui, decorrem da percepção da condição humana e da busca de um equilíbrio entre os deveres patrióticos e os cosmopolitas.

---

<sup>428</sup> FREITAS NETO, Edgard da Costa. Cosmopolitismo, patriotismo e imaginário maçônico em “Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer”, de Gotthold Lessing (1778-80). **Revista Ciência e Maçonaria**. Vol. 6, nº1, 2019, pp. 57-64. A citação em itálico está em LESSING, Gotthold Ephraim. **Philosophical and Theological Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 196

Para Lessing, os maçons estariam bem posicionados para exercer este múnus na medida em que ele enxergava a Maçonaria como comunidade em si mesma que transcende as divisões nacionais, religiosas e sociais.

Como uma rede transnacional, a Maçonaria reúne numa comunidade imaginada homens (e mulheres) de todas as etnias, crenças ou nacionalidades, unidos por uma linguagem simbólica e mítica de caráter fraterno e cosmopolita.

A possibilidade de mediar conflitos intestinos ou internacionais não é prerrogativa de estados, através de seus agentes estatais. Pessoas e organizações podem, e com frequência atuam em níveis micro e macro, criando condições para que conflitos sejam enfrentados e, eventualmente, resolvidos.

A chamada “*diplomacia Track 2*” é o mecanismo através do qual cidadãos e organizações podem, independentemente de seus estados, tentar exercer algum tipo de influência sobre o curso de ações em outros países.

No nível das elites, ações de Track 2 tornam possível o início de processos de mediação, visando a gerenciar ou resolver conflitos, na medida em que criam um ambiente produtivo de diálogo interrompido pela escalada do conflito ou pela incompreensão mútua.

No nível das bases, ações de Track 2 tornam possível a transformação dos conflitos a partir de uma mudança de mentalidade, atingindo as raízes psicológicas profundas do conflito.

Redes, neste contexto, são os conduítes de informação. Redes podem atingir elites e massas, levando e trazendo informações. Redes de pessoas ou de organizações influenciam e são influenciadas, e na medida em que atingem objetivos revelam-se também redes de poder, sendo o poder entendido como a capacidade de convencer alguém a fazer ou deixar de fazer algo.

A Maçonaria é uma das mais antigas redes sociais do ocidente. Espalhou-se por todo o mundo nos séculos XVIII e XIX e ainda demonstra hoje uma capilaridade que poucas organizações têm.

Sendo uma comunidade imaginada, uma *fraternidade* imaginada, a Maçonaria tem o potencial de mobilizar sentimentos de fidelidade e boa vontade que não são usualmente encontrados em outras organizações.

Na África, apesar de a Maçonaria se encontrar mais restrita no nível das elites, seus laços, fortes e fracos, se espalham por todo o mundo. É teoricamente possível a um maçom pôr em prática a teoria do mundo pequeno explicitada por Stanley Milgram, em seu experimento de redes sociais de 1967, em que poucos nós separam qualquer indivíduo do mundo. Por esta razão é possível a sua instrumentalização com o objetivo de estabelecer laços de comunicação em condições como as de conflito.

Apesar de algumas Maçonarias serem fortemente instrumentalizadas pelos governos dos países em que atuam – e o Congo-Brazzaville parece ser o exemplo mais paroxístico de uma “rede social compulsória”, a realidade é que redes de comunicação são sempre vias de mão dupla. Seus símbolos e rituais possuem uma mensagem cosmopolita e libertária inequívoca – ainda que o indivíduo maçom não o seja. Neste contexto, “*entre irmãos*” os símbolos deixam de ser subjetivos e individuais e, como afirma Cohen, se tornam objetivos, aparecendo aos membros como um elemento externo à psique e que constroem o comportamento.

Desta forma, a experiência na África francófona mostra que a Maçonaria é uma das redes que podem ser mobilizadas em prol de processos Track 2. Isto não quer dizer que ela sempre seja mobilizada, ou que ela sempre *possa* ser mobilizada ou mesmo que, mobilizada, sua participação renda frutos positivos. Quer dizer apenas que se alguém desejar explorar as oportunidades maçônica de formação e utilização de laços, seja em nível local, nacional ou internacional, esta estrutura existe e demonstra potencial de utilização.

Evidentemente as condições reais de cada situação e de cada localidade irão ditar a utilização da rede. A capilaridade maçônica parece se mostrar especialmente útil para superar dificuldades de comunicação entre partes, atuando especialmente para forjar novos laços e relações comunitárias e inculcar nas elites políticas uma mudança na percepção do cálculo de custo/benefício do conflito e a promoção de uma cultura de paz, elementos das teorias de mudança trazidas por Peter Jones

A eficácia da Maçonaria como vetor de diplomacia Track 2 depende, assim, dos laços entre seus membros. Laços “*fortes*”, “*fracos*” ou “*pontes*”, na linguagem ética do pesquisador de redes sociais. “*Laço místico*”, na linguagem êmica do maçom.

**BIBLIOGRAFIA**

- ACCIOLY, Hildebrando. **Manual de Direito Internacional Público**. 20<sup>a</sup> ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ALDRICH, Robert. **Greater France: a history of French overseas expansion**. New York: Palgrave Macmillan, 1996
- ALONSO, Angela. O abolicionista cosmopolita: Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional. **Novos Estudos**, 88. pp. 55-70, 2010
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- \_\_\_\_\_. **Sob Três Bandeiras: Anarquismo e Imaginação Anticolonial**. Campinas: Ed. Unicamp, 2014
- ANDERSON, James. **The Constitutions of the Free-Masons, containing the history, charges, regulations & etc**. Londres, 1723
- APPIAH, Kwame Anthony **In my father's house. Africa in the philosophy of culture**. Oxford: Oxford University Press, 1993
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- ARRIBAS, Javier. **El enemigo judeo-masónico en la propaganda franquista (1936-1945)**. Madrid: Marcial Pons, 2009
- AUGÉ, Axel. Les solidarités des élites politiques au Gabon: Entre logique ethno-communautaire et réseaux sociaux. **Cahiers internationaux de sociologie**, vol. 123, no. 2, 2007, pp. 245-268
- AZEVEDO, Celia M. M. Maçonaria: História e Historiografia. **Revista USP** Vol. 32, 1997, pp; 178-189
- BALZAC, Honoré de. **A comédia humana vol. 8**. São Paulo: Globo, 2013
- BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937
- \_\_\_\_\_. **Judaísmo, Maçonaria e Comunismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

BAUER, Alain. Relations internationales et franc-maçonnerie. **Revue Internationale et Strategique**. n° 54 p. 21-232. 2004

BAUER, Alain; MOLLIER, Pierre. **Que sais-je Le Grand Orient de France?**. Paris: Puf, 2012

BAUER, Alain; ROCHINGNEUX, Jean-Claude, **Les relations internationales de la Franc-Maçonnerie Française**. Paris: Armand Colin, 2010

BEAUREPAIRE, Pierre-Yves. "Cinéma et propagande anti-Francis-maçons" **Histoire par l'image**. Disponível em: < <http://www.histoire-image.org/fr/etudes/cinema-propagande-anti-francis>> acesso em 02 de março de 2019

BEEVOR, Anthony. **The battle for Spain: The Spanish civil war, 1936-1939**. Londres: Weindfeld & Nicholson, 2006

BEITO, David. **From mutual aid to the Welfare State: Fraternal societies and social services, 1890-1967**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003

BENIMELLI, José A. Ferrer. **Maçonaria x Satanismo (2 vols)**. Londrina: A Trolha, 1992

BENIMELLI, José A. Ferrer. **Os arquivos secretos do Vaticano e a Maçonaria**. São Paulo: Madras, 2009

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1993

BERCOVITCH, Jacob; KREMENYUK, Victor; ZARTMAN, I. William. **The SAGE Handbook of Conflict Resolution**. Londres: SAGE Publications, 2009

BERMAN, Ric. **Espionage, Diplomacy & the Lodge: Charles Delafaye and the Secret Department of the Post Office**. Oxfordshire: Old Stable Press, 2017

BOB, Clifford. **The Global Right Wing and the Clash of World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

BÖHMELT, Tobias. **International Mediation Interaction: synergy, conflict, effectiveness**. Heidelberg: VS Verlag, 2011

BONGO, Omar. **Confidences d'un africain: entretiens avec Christian Casteran**. Paris: Albin Michel, 1997



BOOT, Max. **Invisible Armies. An epic history of guerrilla warfare from ancient times to the present.** Londres: Liveright, 2013

BRAGGION, Fabio. Managers and (secret) social networks: the influence of the Freemasonry on firm performance. **Journal of the European Economic Association** Vol. 9 nº 6, 2011 pp.1053-1081

BRANCO, Carlos. Non-Governmental Organizations in the mediation of violent intra-state conflict: the confrontation between theory and practice in the Mozambican peace process. **Janus, e-Journal of International Relations.** Vol. 2, nº 2, pp. 77-95, 2011

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)

BRECHT, Bertolt. **Questions from a worker who reads (1935).** Disponível em <https://www.marxists.org/subject/art/literature/brecht/>

BROOKS, Joanna. Prince Hall, Freemasonry and Genealogy. **African American Review**, vol. 34 nº 2, 2000, pp; 197-216

BULL, Hedley. **A sociedade anárquica: Um estudo sobre a ordem na política mundial.** São Paulo: Ed. Unb, 2002

BURNS, Robert. **The Poems and Songs of Robert Burns vol. VI.** Nova Iorque: Cosimo, 2009

BURT, Roger. Freemasonry and business networking during the Victorian period. **Economic History Review.** Vol. 56, nº 4, 2003, pp. 657-688

BUVALOVAS, Thaís. **Hipólito da Costa na Filadélfia (1798-1800).** São Paulo: Hucitec, 2011

CABLE, James. **Gunboat Diplomacy 1919-1991: Political applications of limited naval force. 3 ed.** Londres: Palgrave Macmillan, 1994

CAIANI, Manuela. Social Network Analysis in DELLA PORTA, Donatella (ed). **Methodological Practices in Social Movement Research.** Oxford: Oxford University Press, 2014

CAMARGO, Felipe Corte Real de. "Protect the integrity": regularidade no discurso das relações maçônicas internacionais entre Brasil e Inglaterra (1880-2000). **REHMLAC+**

– **Revista de Estudios Historicos de la Masoneria Latino Americana y Caribeña.** 2016

\_\_\_\_\_. “The Freemasons are useful o the regime”: An analysis of the representations of Fremasonry in Cinema and its utility on reinforcing or criticizing the establishment. **REHMLAC+ – Revista de Estudios Historicos de la Masoneria Latino Americana y Caribeña.** Vol 10 n. 2, 2018/2019

\_\_\_\_\_. When History becomes “masonism”: approaches to Emic/Etic distinctions, Freemasonry and History. Artigo apresentado no painel “Mitos” no **XV Symposium Internacional de História de la Masonería Española**, Lisboa, Portugal. Outubro de 2018 (não publicado)

CARTER, Brett L. Unite and Rule: A Theory of Compulsory Elite Social Networks in Autocracies. **Trabalho apresentado na reunião anual da APSA**, 2012. Disponível em <<https://ssrn.com/abstract=2105386>>

CASTELLANI, José. **A Ação Secreta da Maçonaria na Política Mundial.** São Paulo: Landmark, 2012

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017

CHAFER, Tony. **The End of Empire in French West Africa. France’s successful decolonization?** Nova Iorque: Oxford International Publishers, 2002

CHATAWAY, Cynthia. J. Track II Diplomacy from a Track I perspective. **Negotial Journal.** Vol 14 nº 3: pp. 269-287, 1998

CHIGAS, Diana. Track II (Citizen) Diplomacy. *in* BURGESS, Guy; BURGESS, Heidi **Beyond Intractability. Conflict Information Consortium**, Universidade do Colorado. Agosto de 2003. Disponível em <http://www.beyondintractability.org/essay/track2-diplomacy>. Acesso em 01/05/2019, 15:49

CHURCHILL, Winston; **Memórias da Segunda Guerra Mundial. Vol. 1.** Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017

COHEN, Abner. **O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

- COHN, Norman. **Warrant for Genocide: the Myth of the Jewish World Conspiracy and the Protocols of the Elders of Zion**. Londres: Serif, 2005
- COIGNARD, Sophie. **Un État dans l'État. Le contre-pouvoir maçonnique**. Paris: Éditions Albin Michel, 2009
- COIGNARD, Sophie; GUICHARD, Marie-Thérèse. **French Connections: Networks of influence**. Nova Iorque: Algora, 2000
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. **Modernity and its malcontents: Ritual and Power in post-colonial Africa**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993
- Conference of Masonic Grand Lodges Secretaries of North America. **List of Lodges**. Pantagraph: Bloomington, 2014
- COOPER, Alan Amos. **The origins and growth of freemasonry in South Africa 1772-1876**. Tese (apresentada para a obtenção do título de Master in Arts). Universidade da Cidade do Cabo, 1980
- COSTA, Hipólito José da. **Diário de minha viagem para Filadélfia (1798-1799)**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004
- \_\_\_\_\_. **Narrativa da Perseguição**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2001
- ÇUHADAR, Esra; DAYTON, Bruce. Oslo and Its Aftermath: Lessons Learned from Track Two Diplomacy. **Negotiation Journal**. V.28, nº 2. Abril de 2012. Pp. 155-179
- CUMMING, Gordon. 'A Piecemeal Approach with No Vision': French Policy Towards Africa under Nicolas Sarkozy. In RAYMOND, Gino (ed). **The Sarkozy Presidency: breaking the mould?** Londres: Palgrave Macmillan, 2013, pp. 104-129
- DACHEZ, Roger. **Masonic Regularity and Recognition: a global issue**. Washington: Westphalia Press, 2016
- DAVIDSON, William D.; MONTVILLE, Joseph V. Foreign Policy according to Freud. **Foreign Policy**. Nº 45, pp. 145-157. 1981
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- DE HOYOS, Arturo. Masonic Rites and Systems in BOGDAN, Henrik; SNOEK, Jan (eds). **Handbook of Freemasonry**. Leiden: Brill, 2014
- DE HOYOS, Arturo. MORRIS, S. Brent. **Is it true what they say about Freemasonry?** Lanham: M. Evans, 2010

DE LOS REYES, Guillermo. De masonería, control y otras lealtades fraternales: el rescate de Porfirio Díaz por um Hermano masón. **REHMLAC+ – Revista de Estudios Historicos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña**. Vol 7, nº 2, pp 92-112. 2015

DE MAISTRE, Joseph. **La Franc-Maçonnerie: Mémoire au Duc de Brunswick**. Paris: Éditions d'Aujourd'hui, 1980

DENOËL, Yvonnick; GARRIGUES, Jean. **Histoire secrete de la corruption sous la 5e Republique**. Paris: Nouveau Monde, 2014

DERMOTT, Laurence; ISMAIL, Kenyio. **Ahiman Rezon**. Londrina: A Trolha, 2016

DIETLER, Michael. "Our Ancestors the Gauls": Archaeology, Ethnic Nationalism, and the Manipulation of Celtic Identity in Modern Europe. **American Anthropologist**. New Series, Vol. 96, No. 3 (Sep., 1994)

DUNN, E.; BEYAN, A.; BURROWES, C; **Historical Dictionary of Libéria**. Lanham: Scarecrow Press, 2001

DUROSELLE, Jean-Baptiste. **Todo Império perecerá: Teoria das Relações internacionais**. Brasília: ed. UnB, 2000

ECO, Umberto. **O cemitério de Praga**. São Paulo: Record, 2011.

EISNER, Will. **O Complô: a história secreta dos protocolos dos sábios de Sião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 1998

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

ELLIS, Stephen. **The Mask of Anarchy: The destruction of Libéria and the religious dimension of an African civil war**. Londres: Hurst & Company, 1999.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: making feminist sense of international politics**. 2ª ed. rev. e atual. Berkeley: University of California Press, 2014

ESQUIVEL, Ricardo Martinez; ANDRÉS, Yván Pozuelo; ARAGÓN, Rogelio (eds). **300 años: Masonerías y Masones. 1717-2017**. (5 Tomos). Cidade do México: Palabra de Clio, 2017

EUCLIDES. **Os Elementos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009

FAGUNDES, Morivalde Calvet. **Subsídios para a história da literatura maçônica brasileira do século XIX**. Caxias do Sul: EDUCS, 1989

FAÿ, Bernard. **La Franc-Maçonnerie et la Révolution Intellectuelle du XVIIIe siècle**. Paris: Éditions de Cluny, 1935

FERGUSON, Niall. **The Square and the Tower: Networks, hierarchies and the struggle for Global Power**. Londres: Penguin Books, 2018

FERNANDEZ, James W. **Bwit: an ethnography of the religious imagination in Africa**. Princeton: Princeton University Press, 1982

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. **Dicionário de Maçonaria**. São Paulo: Pensamento, 2016

FREITAS NETO, Edgard da Costa. Cosmopolitismo, patriotismo e imaginário maçônico em “Ernst und Falk: Gespräche für Freimaurer”, de Gotthold Lessing (1778-80). **Revista Ciência e Maçonaria**. Vol. 6, nº1, 2019, pp. 57-64

\_\_\_\_\_. Do Trono de Salomão à Soleira do Papa: Um ensaio sobre liberdade e tolerância religiosa na Maçonaria. **Revista Ciência e Maçonaria**. V. 2, nº 1, 2014

GARDINIER, David E.; YATES, Douglas A. **Historical Dictionary of Gabon**. Lanham: Scarecrow Press, 2006

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GERTNER, Villar A. The Beagle Channel frontier dispute between Argentina and Chile: Converging domestic and international conflicts. **International Relations**, V. 28 nº 2, 2014, pp. 207–227

GESCHIERE, Peter. A “Vortex of Identities”: Freemasonry, Witchcraft, and Postcolonial Homophobia. **African Studies Review**, Vol. 60 nº 2, 2017

GEWIRTZ, Paul. On “I know it when I see it”. **Yale Law Journal**, vol. 105, 1996, pp. 1023-1047

GINIO, Ruth. **French Colonialism Unmasked. The Vichy Years in French West Africa**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" in \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GLASER, Antoine. **AfricaFrance: quand les dirigeants africains deviennent les maîtres du jeu**. Paris: Fayard/Pluriel, 2017

GLASER, Antoine; SMITH, Stephen. **Ces Messieurs Afrique v.2: Des réseaux aux lobbies**. Paris: Calman-Lévy, 1997

GOULD, Robert Freke. **History of Freemasonry, vol. IV**. Nova Iorque: Scribner & Sons, 1906

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos** Vol. IV. Lisboa: Seara Nova, 1978

Grande Loge Nationale Française. **Règle em douze points**. Disponível em <https://www.glnf.fr/fr/regle-en-douze-points-franc-maconnerie-238>

GRANOVETTER, Mark. S. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, V. 78, maio de 1973, 347-367

\_\_\_\_\_. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**. V. 1, 1983, pp. 201-233

GRAY, Christopher. Missionaries, masonry and male initiation societies: the legacy of french colonial interpretations of gabonese religious practices. **French Colonial History** v. 1 (2002) p. 17-31

GREGORY, Shaun. The French Military in Africa: Past and Present. **African Affairs** Vol. 99, No. 396, 2000, pp. 435-448

GUEDES, Emanuel Edson. **O conceito aboutness na Organização e Representação do Conhecimento**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009

GUÉNON, René. **Considerações sobre a Iniciação**. São Paulo: IRGET, 2010

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a Franco-Maçonaria e o Companheirismo**. São Paulo: IRGET, 2009

HAAS, Peter M. Introduction: epistemic communities and international policy coordination. **International Organization**. Vol. 46. Nº 01, dezembro de 1992 (pp. 1-35)

HABERMAS, Jürgen. **The structural transformation of the public sphere.** Cambridge: The MIT Press, 1991

HACKETT, David G. **That Religion in which all men agree: Freemasonry in American culture.** Berkeley: University of California Press, 2014

HAFNER-BURTON, E., KAHLER, M., MONTGOMERY, A. Network Analysis for International Relations. **International Organization**, 63(3), 559-592, 2009

HALLERAN, Michael. **The Better Angles of our Nature: Freemasonry in the American Civil War.** Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2010

HAN, Shin-Kap. The Other Ride of Paul Revere: The Brokerage Role in the Making of the American Revolution. **Mobilization: An International Quarterly**: Junho de 2009, Vol. 14, No. 2, pp. 143-162.

HANEGRAAFF, Houter J. **Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012

HARLAND-JACOBS, Jessica. **Builders of Empire: Freemasons and British Imperialism 1717-1927.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013

HEILBRUNN, John. **Oil, Democracy, and Development in Africa.** Cambridge: Cambridge University Press, 2014

HINKS, Peter; KANTROWITZ, Stephen (eds). **All Men Free and Brethren: Essays on the History of African American Freemasonry.** Ithaca: Cornell University Press, 2013

HIMMELFARB, Gertrude. **The Roads to Modernity: The British, French, and American Enlightenments.** Nova Iorque: Vintage Books, 2004

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997

HODAPP, Christopher. "Prince Hall North Carolina GM Takes Steps To Calm Diplomatic Amity Issues". **Freemasons for Dummies**. 17 de fevereiro de 2019. Disponível em <<http://freemasonsfordummies.blogspot.com/2019/02/prince-hall-north-carolina-gm-takes.html>> . Acesso em 01/03/2019

HOFFMAN, Stefan-Ludwig. **The politics of sociability: Freemasonry and german civil society 1840-1918.** Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2010

HOFSTADTER, Richard. **The paranoid style in American politics and other essays**. Cambridge: Harvard University Press, 1996

HOLDEN, Phillip. Modernity's body: Kwame Nkrumah's Ghana. **Postcolonial Studies**, vol 7 n. 3, 313–332, 2004

HUGEUX, Vicent; KOCH, François. Francs-maçons: l'Afrique aux premières loges. **L'Express**. Paris, 14 de abril de 2008. Disponível em: < [https://www.lexpress.fr/actualite/societe/francs-macons-l-afrique-aux-premieres-loges\\_472662.html](https://www.lexpress.fr/actualite/societe/francs-macons-l-afrique-aux-premieres-loges_472662.html) >. Acesso em 02 de março de 2019

HUSEK, Carlos Roberto. **Curso de Direito Internacional Público**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: LTr

HUTCHESON, Francis. **A System of Moral Philosophy**. Tomo 2. Londres: 1755.

JACOB, Margaret C. **Living the enlightenment: Freemasonry and politics in eighteenth-century Europe**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1991

JENNINGS, Eric. **French Africa in World War II**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015

JONES, Peter. **Track two diplomacy in theory and practice**. Stanford: Stanford University Press, 2015

KADUSHIN, Charles. **Understanding Social Networks: Theories, Concepts and Findings**. Oxford: Oxford University Press, 2012

KANT, Immanuel. **Prolegómenos a toda metafísica futura**. Lisboa: Edições 70, 1988

KECK, Margareth; SIKKINK, Kathryn. **Activists Beyond Borders: Advocacy networks in international politics**. Ithaca: Cornell University Press, 1998

KEOHANE, Robert. **After Hegemony: cooperation and discord under de world political economy**. Princeton: Princeton University Press, 1984

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph S. Transnational relations and world politics: an introduction. **International Organization** V. 25 n.3. Verão de 1971. pp. 329-349

\_\_\_\_\_. Transgovernamental relations and international organizations. **World Politics**. V. 27 n° 1. Outubro 1974 pp. 39-62

KHADIAGALA, Gilbert; LYONS, Terrence (eds). **Conflict management and African Politics**. Oxfordshire: Routledge, 2008



- KINNEY, Jay. **O Mito Maçônico**. Rio de Janeiro: Record, 2010
- KIPLING, Rudyard **O homem que queria ser Rei e outras histórias**. São Paulo: Abril, 2010
- KOSELLECK, Reinhard. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. 3 reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015
- LARKIN, Maurice. **Religion, Politics & Preferment in France since 1890: 'La Belle Époque' and its legacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995
- LECADRE, Renaud; OTTENHEIMER, Ghislaine. **Les frères invisibles**. Paris: Albin Michel, 2001
- LEDERACH, John Paul. **The Moral Imagination: The art and soul of building peace**. Oxford: Oxford University Press, 2005
- LEHMAN, Joseph G. An Introduction to the Overton Window of political possibility. **The Mackinac Center for Public Policy**, 08 de abril de 2010. Disponível em <https://www.mackinac.org/12481> . Acesso em 06/05/2019
- LEPAGE, Marius. **História e doutrina da Franc-Maçonaria: A Ordem e as Obediências**. São Paulo: Pensamento, 1993
- LESSING, Gotthold Ephraim. **Philosophical and Theological Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005
- LEWIS, Clive Staples. **Os Quatro amores**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **Os Bruzundangas**. Belo Horizonte: Garnier, 1998
- LUCIMA, Okello (ed). **Protracted conflict, elusive peace: Initiatives to end the violence in northern Uganda**. Londres: Conciliation Resources, 2002
- M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações. Tomo II**. Salvador: Edufba, 2011
- MACKEY, Albert. G. **The mystic tie**. 10 ed. Nova Iorque: Masonic Publishing and Manufacturing Co, 1867
- MALINI, Fábio; ANTOUM, Henrique. **A internet e a Rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013

MAPENDERE, Jeffrey. Track one and a half diplomacy and the complementarity of tracks. **COPOJ – Culture of Peace Online Journal**. V. 2 N.1, 2006, PP. 66-81

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Hedra, 2010

MARRIOTT, Herbert Phillips Fitzgerald. The Secret Tribal Societies of West Africa. **Ars Quatuor Coronatorum** Vol. 12. N° 1, pp. 66-97, 1899

MBA, Charles René. **Mes mots**. Paris: Iggybooks, 2016

MBABIA, Olivier. Structural Power toward weak states: France, not China, matters in Francophone Africa. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**. Vol. 3 n° 5, 2014, pp. 11-39

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona 2014

\_\_\_\_\_. **On the Postcolony**. Berkeley. University of California Press, 2001

\_\_\_\_\_. **Sair da Grande Noite: ensaios sobre a África descolonizada**. Mangualde: Edições Pedagogo, 2014

MELLOR, Alec. **Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons**. São Paulo: Martins Fontes, 1989a

\_\_\_\_\_. **Os grandes problemas da atual Franco-Maçonaria**. São Paulo: Pensamento, 1989b

MELZER, Ralf. In the eye of a hurricane: German Freemasonry in the Weimar Republic and the Third Reich. **Totalitarian Movements and Political Religions**. Vol. 4 n° 2 (2003)

MILLAR, Ángel. **The crescent and the compass. Islam, Freemasonry, Esotericism and Revolution in the modern age**. Brisbane: Numen Books, 2015

MONTEIRO, Elson Luis Rocha. **A Maçonaria e a Campanha Abolicionista no Pará**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009

MONTVILLE, Joseph. The arrow and the olive branch: a case for track two diplomacy. In VOLKAN, Vamik et al. **The Psychodynamics of International Relationships: Unofficial diplomacy at work**. Lexington Books, 1991

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. **O poder da Maçonaria: História de uma sociedade secreta no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MORENO, Jacob. **Who shall survive? A new approach to the problem of human interrelations**. Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Co., 1934

MORGENSTERN, Flávio. **Por detrás da máscara: Do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MORGENTHAU, Hans. **Política entre as Nações**. Brasília: Editora UnB, 2002

N'GOLET, François. Ideological manipulations and political longevity: the Power of Omar Bongo in Gabon since 1967. **African Studies Review**. V.43 n° 02 pp. 55-71. Set. 2000

NAN, Susan Allen. Track One-and-a-Half Diplomacy: Contributions to Georgian-South Ossetian Peacemaking. In FISHER, Ronald J. (ed) **Paving the Way: Contributions of Interactive Conflict Resolution to Peacemaking**. Lanham: Lexington Books, 2005

NAN, Susan Allen; DRUCKMAN, Daniel; EL HERR, Jana. Unofficial International Conflict Resolution: Is There a Track 1½? Are There Best Practices? **Conflict Resolution Quarterly** Vol. 27 n. 1, Outubro de 2009, pp. 65-82

NATHAN, James. **Soldiers, Statecraft and History: coercive diplomacy and International Order**. Santa Barbara: Praeger, 2002, p. 2

NGOLET, François. Ideological Manipulations and Political Longevity: The Power of Omar Bongo in Gabon since 1967. **African Studies Review**. n° 43, 2000, pp 55-71

NORMAN, Maavi. The Quest to Reform the African State: The Case of William R. Tolbert Jr of Libéria, and Jerry Rawlings of Ghana. In JALLOW, Baba G. **Leadership in post-colonial Africa: Trends transformed by independence**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014

NYE JR, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. Nova York: Public Affairs, 2005

ODO, Georges **La Franc-Maçonnerie dans les colonies (1738-1960)**. Paris: Edimaf, 2015

\_\_\_\_\_. **La Franc-Maçonnerie en Afrique (1781-2000)**. Paris: Edimaf, 2017

OLUKOJU, Ayodeji. **Culture and customs of Libéria**. Greenwood Publishing, 2006

ÖNNERFORS, Andreas. **Freemasonry: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017

ONUF, Nicholas. **Making Sense, Making Worlds. Constructivism in Social Theory an International Relations**. New York, Routledge, 2013

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro: BibliEx, 2006

PARK, Michael K. Long shot: the prospects and limitations of sports and celebrity athlete diplomacy. **InMedia** nº 6. Dezembro de 2017. Disponível em <http://journals.openedition.org/inmedia/855>. Acesso em 05 de maio de 2019

PARTNER, Peter. **The Murdered Magicians: the templars and their myth**. Nova Iorque: Barnes & Noble, 1993

PAURON, Michael. Francs-maçons: les présidents africains sont-ils initiés? **Jeune Africa**, 02 de março de 2016, disponível em <<https://www.jeuneafrique.com/mag/303986/politique/francs-macons-presidents-africains-inities/>>

PAVIA, José Francisco L. Z. A multi-track diplomacy na prevenção e resolução dos conflitos em África: o caso de Moçambique. **Lusíada. Política Internacional e Segurança**. Nº 6/7, 2012. Pp. 11-50

PAZ-SÁNCHEZ, Manuel. Masones y militares españoles en el Norte de Africa (1923-1936): un proyecto de investigación. in BENIMELLI, José A. **Masonería, política y sociedad**. Madrid, 1989.

PEREIRA, Pedro Manoel. **Dicionário de Termos Maçónicos**. Lisboa: Sete Caminhos, 2008.

PEYREFITTE, Alain. **A Sociedade da Confiança: Ensaio sobre as origens e a natureza do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999

\_\_\_\_\_. **C'était de Gaulle** Tomo II. Paris: Fayard, 1997

\_\_\_\_\_. **The Immobile Empire**. New York: Knopf, 2013

PIGEAUD, Fanny; SYLLA, Ndongo Samba. **L'arme invisible de la Françafrique: Une histoire du franc CFA**. Paris: La Découverte, 2018

- PILCHER-DAYTON, Ann Jessica. **Women Freemasons and Feminist causes 1908-1935: the case of the Honourable Fraternity of Antient Masonry**. Tese (Doutorado em Filosofia) Departamento de História: Universidade de Sheffield, 2011
- PORCH, Douglas. **The march to the Marne: the French Army 1871-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003
- PORTER, Joy. **Native American Freemasonry: Associationalism and Performance in America**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2011
- POSNER, Richard. **Law & Literature**. 3 ed. Cambridge: Harvard University Press, 2009
- POWELL, Colin. The Craft of Diplomacy. *In* MITKOPF, Eugene; McCORMICK, James (eds). **The domestic sources of American foreign policy: insights & evidence**. 5 ed. Lanham: Rowman & Littlefield, 2008
- PRESCOTT, Andrew. SOMMERS, Susan Mitchell. En busca del Apple Tree: una revisión de los primeros años de la masonería inglesa. **REHMLAC+ – Revista de Estudios Historicos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña**. Vol 9 nº 2 pp. 19-46. 2017
- PRICE, Roger. **Napoleon III and the Second Empire**. Londres: Routledge, 2001.
- PRUITT, Dean G. **Whither Ripeness Theory?**. Institute for Conflict Analysis and Resolution. Fairfax: George Mason University, 2005
- PUTNAM, Robert. **Bowling Alone: The colapse and revival of american Community**. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000
- QUINTANA, Mario. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006
- RAGON, Jean-Marie. **Ortodoxia Maçônica**. São Paulo: Madras, 2006
- RAHMAN, Ahmad. **The Regime Change of Kwame Nkrumah: Epic Heroism in Africa and the Diaspora**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007
- READ, Leonard. **I, Pencil: My Family Tree as Told to (1958)**. Atlanta: Foundation for Economic Education, 2019
- RÉVAUGER, Cécile. **Black Freemasonry: from Prince Hall to the Giants of Jazz**. Rochester: Inner Traditions, 2015

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil. 1750-2016**. Rio de Janeiro: Versal, 2017

ROBERTS, John M. **A mitologia das sociedades secretas**. São Paulo: Madras, 2012.

\_\_\_\_\_. Freemasonry: possibilities of a neglected topic. **The English Historical Review**. Vol. 84 n° 331, pp. 323-335, 1969

ROGERS, Everett. **Diffusion of Innovation**. 5ª ed. Nova York: Simon & Schuster, 2003

ROSENAU, James; CZEMPIEL, Ernst-Otto. **Governance without government. Order and change in world politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992

ROSS, Marc Howard. Creating the conditions for peacemaking: theories in practice in ethnic conflict resolution. **Ethnic and Racial Studies** v. 23 n. 6 (2000)

ROTHCHILD, Donald. Unofficial mediation and Nigeria-Biafra war. **Nationalism and Ethnic Politics**, v. 3, n. 3, 1997, p. 37-65

ROUSSE-LACORDAIRE, Jérôme. **Antimaçonismo**. Lisboa: Hugin, 1999

SALINGER, Pierre. **America held hostage: the secret negotiations**. Garden City: Double Day, 1981

Security chiefs and Freemasons close ranks around Julien Nkoghe Bekale. **Africa Intelligence**, 16 de janeiro de 2019. Disponível em <<https://www.africaintelligence.com/lce/corridors-of-power/2019/01/16/security-chiefs-and-freemasons-close-ranks-around-julien-nkoghe-bekale,108340545-art>>

SHAXSON, Nicholas. **Poisoned Wells: the dirty politics of african oil**. Palgrave Macmillan, 2007

SIMMEL, Georg. **Inquiries into the Construction of Social Forms v.1**. Leiden: Brill, 2009

\_\_\_\_\_. **The sociology of Georg Simmel**. Glencoe: The Free Press, 1950

SISK, Timothy. **International Mediation in Civil Wars: bargaining with bullets**. Oxfordshire: Routledge, 2009

SLAUGHTER, Anne-Marie. **Recueil des Cours** n. 285. Academia de Direito Internacional de Haia. Haia: Martinus Nijhoff, 2001

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017

SNOEK, Jan. Framing Masonic Ceremonies in JUNGABERLE, Henrik; WEINHOLD, Jan (eds). **Rituale in Bewegung: Rahmungs und Reflexivitätsprozesse in Kulturen der Gegenwart**. Berlin: LIT, 2006

\_\_\_\_\_. **Initiating Women in Freemasonry: The Adoption Rite**. Leiden: Brill, 2012

\_\_\_\_\_. The Evolution of the Hiramic Legend in England and France. **Heredom: Transactions of the Scottish Rite Research Society**. Vol. 11 (2003), p. 11-54

SOUZA, Salmo Caetano. A natureza dos bons ofícios e da mediação. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**. v. 104, p. 449-475. 2009

STEVENSON, David. **As origens da Maçonaria: o século da Escócia (1590-1710)**. São Paulo: Madras, 2009

STRAUSS, Leo. Exoteric Teaching. **Interpretation: a Journal of Political Philosophy**. Vol. 14 n. 1, janeiro de 1986, pp. 51-61

SUNSTEIN, Cass. **Conspiracy Theories and other dangerous ideas**. Simon & Schuster, 2014

SYLVESTRE-TREINER, Anna. Franc-maçonnerie: au Libéria, retour à la tête de l'État. **Jeune Afrique**, 07 de fevereiro de 2018. Disponível em <<https://www.jeuneafrique.com/mag/522260/politique/franc-maconnerie-au-Liberia-retour-a-la-tete-de-letat/>>

TOUVAL, Saadia; ZARTMAN, I. William. International Mediation: Conflict resolution and power politics. **Journal of Social Issues** vol. 41, nº 2. Pp. 27-45, 1985

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: Ed. UnB, 2001.

TÜFEKÇI, Zeynep. **Twitter and tear gas: the power and fragility of network protest**. New Haven: Yale University Press, 2017

United Grand Lodge of England. **Gender Reassignment Policy**. 17 de Julho de 2018. Disponível em <<https://www.ugle.org.uk/gender-reassignment-policy>>

VAN DER PIJL, Kees. **Transnational Classes and International Relations**. Londres: Routledge, 1998

- VON MISES, Ludwig. **Ação Humana: Um tratado de economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010
- WALLACE, Maurice. "Are We Men?": Prince Hall, Martin Delany, and the Masculine Ideal in Black Freemasonry, 1775-1865. **American Literary History**, Vol. 9, No. 3 (Autumn, 1997), pp. 396-424
- WALKER, Corey D. B. **A Noble Fight: African American Freemasonry and the Struggle for Democracy in America**. Urbana: University of Illinois Press, 2008
- WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. Addison Wesley, 1979
- WAUTHIER, Claude. L'étrange influence des francs-maçons en Afrique francophone. **Le Monde Diplomatique**. Paris, Set. 1997. Disponível em: < <https://www.monde-diplomatique.fr/1997/09/WAUTHIER/4414> > acesso em 02 de março de 2019
- WEBB, Thomas Smith; FREITAS NETO, Edgard da Costa. **O Monitor dos Franco Maçons (1818)**. Salvador: Curtipiu Publicações, 2017
- WEBER, Eugen. **Satan Franc-Maçon: la mystification de Leo Taxil**. Paris: Julliard, 1964
- WEBER, Max. **Economy and Society: a new translation**. Cambridge: Harvard University Press, 2019
- WHITE, Owen. Networking: Freemasons and the Colonial State in French West Africa, 1895-1914. **French History**, março 2005
- WIGHT, Colin. **Agents, Structures and International Relations: Politics as Ontology**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.
- VEREINIGTE GROSSLOGEN VON DEUTSCHLAND. **Jarhbuch – Bruderschat der Freimaurer**. Berlim: VGLvD, 2017
- XIAO, Bin. Analysis of the freemasons in the light of the "Complete Works of Marx and Engels". **World Review of Political Economy**, Vol. 3, nº1, 2012 pp. 83-99
- YATES, Douglas. French Military Interventions in Africa. in KARBO, Tony; VIRK, Kudrat (eds). **The Palgrave Handbook of Peacebuilding in Africa**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018, pp. 391-418
- ZEEV, Maoz. Network of Nations: The Evolution, Structure and impact of International Networks, 1816 – 2001. Cambridge: Cambridge University Press, 2011



## AUDIOVISUAIS

**TERRA MASÓNICA: around the world in 80 lodges.** Documentário. Direção e produção: Bourlard Tristán. Bélgica: Nexus, 2017. 120 min (1 DVD)

**MAÇONARIA: SEGREDOS REVELADOS.** Documentário. Direção e Produção: Ashley Morris e Matt David. Inglaterra, 2018. 240min (5 episódios – Netflix)

Anônimo. **Intronisation d'Ali Bongo Ondimba à la Grande Loge Nationale du Gabon.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IMYkOTxhU5g>

Anônimo. **Intronisation de Sassou chez les maçons.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c5sDIWWQhck>

**ANEXO A**  
**LISTA DE ORGANIZAÇÕES MAÇÔNICAS NA ÁFRICA FRANCÓFONA**

<b>País</b>	<b>Potência</b>	<b>Data de Fundação</b>	<b>Número de Membros</b>	<b>Número de Lojas</b>
<b>Benin</b>	<b>Grand Bénin de la République du Bénin</b>	<b>1967</b>	<b>~450</b>	<b>13</b>
	<b>Grande Loge de Benin</b>		<b>~450</b>	<b>21</b>
<b>Burkina Faso</b>	<b>Grande Loge du Burkina Faso</b>	<b>1997</b>	<b>375</b>	<b>10</b>
<b>Camarões</b>	<b>Grande Loge Unie du Cameroun</b>	<b>1962</b>	<b>500</b>	<b>10</b>
	<b>Grande Loge du Cameroun [222]</b>	<b>2001</b>	<b>222</b>	<b>6</b>
<b>Congo Brazzaville</b>	<b>Grand Orient et des Loge Associées du Congo</b>			
	<b>Grande Loge du Congo</b>	<b>2000</b>	<b>696</b>	
	<b>Grand Orient du Congo Brazzaville</b>			
<b>Costa do Marfim</b>	<b>Grande Loge Unie de Côte d'Ivoire</b>			
	<b>Grande Loge Côte D'Ivoire</b>	<b>1989</b>	<b>1515</b>	<b>29</b>
<b>Gabão</b>	<b>Grande Loge Symbolique du Gabon<sup>429</sup></b>	<b>1975</b>		<b>14</b>
	<b>Grande Loge du Gabon</b>	<b>1983</b>	<b>627</b>	<b>25</b>
	<b>Grande Loge Féminine du Gabon</b>			

<sup>429</sup> <https://www.glsq.info/histoire-et-organisation/>

<b>Guiné Conakry</b>	<b>Grande Loge Nationale Guinéenne</b>	<b>1998</b>	<b>450</b>	
<b>Madagascar</b>	<b>Grande Loge Symbolique et Traditionnelle de Madagascar</b>			
	<b>Grand Rite Malgache</b>			
	<b>Grande Loge Nationale de Madagascar (294)[232]</b>	<b>1996</b>	<b>294</b>	<b>9</b>
<b>Mali</b>	<b>Grande Loge Nationale Malienne (150)</b>	<b>1999</b>	<b>150</b>	
	<b>Droit Humaine du Mali</b>		<b>46</b>	<b>1</b>
<b>Marrocos</b>	<b>Grande Loge Unie du Maroc</b>	<b>2005</b>	<b>~100</b>	<b>~10</b>
	<b>Grande Loge du Maroc</b>	<b>164</b>	<b>250</b>	<b>10</b>
	<b>Grande Loge Reguliere du Royaume du Maroc</b>	<b>2000</b>	<b>~100</b>	<b>7</b>
<b>Niger</b>	<b>Grande Loge du Niger</b>			
<b>Senegal</b>	<b>Grande Loge du Sénégal</b>	<b>1993</b>		<b>12</b>
<b>Togo</b>	<b>Grande Loge Nationale Togolaise (1566)</b>	<b>1972</b>	<b>1566</b>	<b>48</b>

**ANEXO B**  
**LISTA DE OFICIAIS DA GRANDE LOGE DU GABON (2016-2018)<sup>430</sup>**

<b>Cargo Maçônico</b>	<b>Nome</b>	<b>Posição “Profana”</b>
Grão Mestre	Ali Bongo Odimba	Presidente da República
GM de Honra	Albert Alewina Chavihot	Diretor <sup>431</sup> da Sunu Assurances Vie Gabon
GM Adjunto	Jean Alevinat	Presidente do Conselho de Administração da ANINF <sup>432</sup>
Grande Orador	Joseph Owondault-Berre	Presidente do Conselho de Administração do Ecobank Gabon <sup>433</sup>
Comissão de Relações Exteriores	Jérôme N'Goua-Bekale	Ex-Ministro dos Transportes, Presidente do Conselho de Administração da SEPBG <sup>434</sup>
Responsável pelo Arco Real	Paul Toungui	Ministro de Assuntos Estrangeiros <sup>435</sup>
Grande Chanceler	Michel Mboussou	Médico. Diretor Geral da Caisse Nationale d'Assurance Maladie et de

<sup>430</sup> Conforme jornal “La Loupe” de 15 de novembro de 2016. Disponível em [http://cocom.rggov.org/veille/2\\_2016/files/v20161115%20GRANDE%20LOGE.pdf](http://cocom.rggov.org/veille/2_2016/files/v20161115%20GRANDE%20LOGE.pdf)

<sup>431</sup> <http://www.afrimoneyfinance.com/entreprise/3421>

<sup>432</sup> <http://www.gabonactu.com/communique-final-du-conseil-des-ministres-du-12-novembre-2015/> e <https://twitter.com/alexbernardbong/status/664937598222245888>

<sup>433</sup> [http://www.sgobac.org/jcms/ess\\_6871/fr/ecobank-gabon](http://www.sgobac.org/jcms/ess_6871/fr/ecobank-gabon)

<sup>434</sup> <http://lunion-archives.org/web.11/dmdocuments/N11962-24-25-10-2015-018.pdf>

<sup>435</sup> <http://www.jeunefrique.com/192106/politique/r-publique-ma-onnique-gabonaise/>

		Garantie Sociale <sup>436</sup> . Esposo de Senadora
Grande Secretário	Jean-François Thardin	Diretor da Agence Nationale des Bourses du Gabon <sup>437</sup>
Comissário para o Desenvolvimento dos altos graus do REAA	Maixent Nkani Accrombessi	Chefe de Gabinete do Presidente <sup>438</sup>
Comissário de Contas	Joël Ogouma	Membro do Bureau Político do PDG <sup>439</sup>
GM Provincial Atlântico	Jacques-Denis Tsanga	Governador de Estado <sup>440</sup> , atual Ministro de Águas e Florestas <sup>441</sup>
GM Provincial Continental	Reteno Ndiaye	Diretor de Legislação e Contencioso da Direction Generale des Impots Gabon <sup>442</sup>
GM Provincial Sub- equatorial	Bernard Moukayi	Ex presidente da unidade local da UNESCO <sup>443</sup>
Grande Tesoureiro	Serge Mickoto	Diretor Geral do Fonds Gabonais d'investissements

<sup>436</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Michel\\_Mboussou](https://fr.wikipedia.org/wiki/Michel_Mboussou) e <http://info241.com/michel-mboussou-enfin-ejecte-de-son-trone-de-directeur-general,3193>

<sup>437</sup> <http://www.jeuneafrique.com/143075/politique/gabon-massard-ohayon-et-thardin-agents-tr-s-sp-ciaux-du-pr-sident/> e [http://www.cirmf.ga/?page\\_id=957](http://www.cirmf.ga/?page_id=957)

<sup>438</sup> <http://www.jeuneafrique.com/auteurs/m.nkaniaccrombessi/>

<sup>439</sup> <http://www.gabonactu.com/joel-ogouma-elu-membre-du-bureau-politique-du-pdg-a-lambarene/>

<sup>440</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Jacques-Denis\\_Tsanga](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jacques-Denis_Tsanga)

<sup>441</sup> <https://lalibreville.com/serie-portrait-de-jacques-denis-tsanga-nouveau-ministre-eaux-forets-poste-cle-gabon/>

<sup>442</sup> <http://www.gabonactu.com/communiqu-final-conseil-ministres-7-juin-2016/>

<sup>443</sup> [http://portal.unesco.org/fr/ev.php-URL\\_ID=11679&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/fr/ev.php-URL_ID=11679&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)

		stratégiques (FGIS). Eleito um dos 50+ gaboneses <sup>444</sup>
Encarregado de Missões	Alex Bernard Bongo Odimba	Diretor Geral da ANINF <sup>445</sup> . Meio-Irmão do Presidente.
Grande Hospitaleiro	Marcel Mboulet	Diretor Geral do CIDEC
Secretário do Rito de York:	Jean-Denis Amoussou	Presidente da Necotrans-Gabon <sup>446</sup>
Secretário do Ritual de Emulação	Francis Codjie	
Grande Primeiro Vigilante	Jean-Louis Radega	Servidor Público aposentado <sup>447</sup>
Grande Segundo Vigilante	Bernard Mbangangoye	Diretor da Gabon Telecom <sup>448</sup>
Grande Mestre de Cerimônias	Jean-lié Massala	Diretor de Regulação da zain Gabon Telecom <sup>449</sup>
Grande Organista	Blaise Louembe	Ministro da Juventude, já tendo ocupado outros postos ministeriais <sup>450</sup>
Grande Orador Adjunto	Leonárd Andjembe	Senador pelo PDG <sup>451</sup>
Grande Secretário de Relações Exteriores	Jean Bambi	Engenheiro, Professor universitário <sup>452</sup>

<sup>444</sup> <http://www.jeuneafrique.com/138856/economie/serge-thierry-mickoto/>

<sup>445</sup> <http://reseautelecom.com/alex-bernard-bongo-ondimba-nous-avons-pris-la-mesure-du-potentiel-des-jeunes-gabonais-dans-le-developpement-des-applications-numeriques/>

<sup>446</sup> [https://www.africaintelligence.fr/lc-/decideurs/2015/06/17/jean-denis-amoussou-nomme-a-la-presidence-de-necotrans-gabon\\_108078265-bre](https://www.africaintelligence.fr/lc-/decideurs/2015/06/17/jean-denis-amoussou-nomme-a-la-presidence-de-necotrans-gabon_108078265-bre)

<sup>447</sup> <https://www.linkedin.com/in/jean-louis-radega-0b4a1136>

<sup>448</sup> <http://www.lenouveaugabon.com/telecom/1003-8818-gabon-telecom-porte-plainte-contre-x-pour-le-sabotage-de-son-cable-sous-marin-sat-3>

<sup>449</sup> <http://www.jeuneafrique.com/192106/politique/r-publique-ma-onnique-gabonaise/>

<sup>450</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Blaise\\_Louembe](https://en.wikipedia.org/wiki/Blaise_Louembe)

<sup>451</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9onard\\_Andjemb%C3%A9](https://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9onard_Andjemb%C3%A9)

<sup>452</sup> <https://raiffet.org/wp-content/uploads/2016/10/Actes-du-colloque-RAIFFET-Libreville-GABON-2005.pdf>

Grande Arquivista	Eric Georges Diouf	Assessor da Secretaria de Governo <sup>453</sup>
Grande Tesoureiro Adjunto	Emmanuel Degbey	Contador, representante da Delta Grant Thornton <sup>454</sup>
Grande Hospitaleiro Adjunto	Jean-François Ndongou	Presidente do Conselho Nacional de Comunicação <sup>455</sup>
Grande Intendente	Jacques Lambotin	Cônsul da França em Tchibanga <sup>456</sup>
Grande Intendente	Gilbert Mikala Ifouara	
Grande Intendente	Paul Sossa Simawango	
Grande Experto	Lin Mombo	Presidente do Conselho da Agência Reguladora de Telecomunicações <sup>457</sup>
Grande Experto	Barnabé Mebale Mba	
Grande Experto	Joseph Agnandji	
Grande Porta Estandarte	Leonárd Bakenda	Coronel do Exército.
Grande Cobridor	Louis Barrys Ogoula Olingo	Doutor em Geopolítica. Diretor geral da GABONTOUR

<sup>453</sup> <http://www.sgg.gouv.ga/1-sgg/551-le-cabinet-du-sgg-back/>

<sup>454</sup> [http://www.grantthornton.ga/en/17-partners/31-en-emmanuel\\_degbe/](http://www.grantthornton.ga/en/17-partners/31-en-emmanuel_degbe/)

<sup>455</sup> [https://www.gl9news.com/Jean-Francois-Ndongou-nomme-president-du-CNC\\_a24614.html](https://www.gl9news.com/Jean-Francois-Ndongou-nomme-president-du-CNC_a24614.html)

<sup>456</sup> [https://www.gl9news.com/Gabon-Nyanga-Tchibanga\\_a5601.html](https://www.gl9news.com/Gabon-Nyanga-Tchibanga_a5601.html)

<sup>457</sup> <http://www.gabonactu.com/tag/lin-mombo/>

**ANEXO C**  
**NOMINATA DE MEMBROS DA GFEQA 2015/2016<sup>458</sup>**

<b>Posição</b>	<b>Nome</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Vida Profana</b>
Presidente Fundador	Nicolas Amedegnato	Togo	Membro da associação filantrópica “Les Amis du Togo”
Presidente de Honra	Michèle André	FR	Senadora pelo Partido Socialista (2001-2017) – membro da DH <sup>459</sup>
Presidente de Honra	Guy Penne	FR	Secretário Geral da “Célula Africana” na gestão Mitterrand. Senador pelo Partido Socialista <sup>460</sup>
Presidente de Honra	Nouréini Tidjani-Serpos	Benin	Ex-Diretor geral para a África da UNESCO <sup>461</sup>
Presidente de Honra	Richard Yung	FR	Senador desde 2004, primeiro pelo Partido Socialista, agora pelo REM <sup>462</sup>
Presidente	Roger N’Gbama	Costa do Marfim	Pesquisador, chefe do grupo de África Subsaariana, central e Grandes Lagos do Institut Prospective et Sécurité en Europe

<sup>458</sup> GFEQA. **Fraternité Europe Afrique: Bulletin de liaison du GFEQA**. Ano 18, n. 166, fevereiro de 2016, p. 2

<sup>459</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Mich%C3%A8le\\_Andr%C3%A9\\_\(femme\\_politique\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Mich%C3%A8le_Andr%C3%A9_(femme_politique))

<sup>460</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Guy\\_Penne](https://fr.wikipedia.org/wiki/Guy_Penne)

<sup>461</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Noureini\\_Tidjani-Serpos](https://fr.wikipedia.org/wiki/Noureini_Tidjani-Serpos)

<sup>462</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Richard\\_Yung](https://fr.wikipedia.org/wiki/Richard_Yung)



Secretária	Françoise Croze	FR	Diretora do MBA da Paris Business School. <sup>463</sup>
Tesoureiro	Serge WORTHALTER	FR	Advogado em Paris, especialista em Direito Internacional com atuação na África <sup>464</sup>
Secretário adjunto	David KINDOMBI LOLA	Congo	Empresário no ramo de sistemas de informática
Tesoureiro Adjunto	Alexis KAMTCHE	Camarões	Diretor no Grupo Accor
Diretora de Eventos	Aline CHANOT	FR	
Delegado de Solidariedade	Antoine AKAKPO		
Imediato	José CATEIN		
Encarregada de Relações com Obediências Maçônicas	Mireille RAUNET	FR	Consultora da OCDE
Encarregada das Relações Externas com outras Fraternidades Europeias	Denise OBERLIN	FR	Ex-Grã Mestre da GLFF

<sup>463</sup> <https://www.linkedin.com/in/croze-scardulla-francoise-6a5880/?originalSubdomain=fr>

<sup>464</sup> <https://www.net-iris.fr/contrat-expert/auteurs/4-serge-worthalter.php>

## ANEXO D

## LISTA DE DIGNATÁRIOS MAÇÔNICOS AFRICANOS (2008-2017)

País	Potência	Nomes	Fonte
Benin	Grand Bénin de la République du Bénin	Gaston Nougbodohoué <sup>465</sup> (SGM)	CR2008
		Pierre Mévi <sup>466</sup> (GM)	CR2010
		Alfred Kangni (Del do GM)	CR2012
		Augustin de Campos <sup>467</sup> (Past GM)	CR2014
	Grande Loge de Benin [450]	Vincent Kuassi Nik(c)oue <sup>468</sup> (GM) Mathieu Aimé Lawson <sup>469</sup> (GS) Eustache Kotingan <sup>470</sup>	JB2017 LOL 2014
Burkina Faso	Grande Loge du Burkina Faso (350) [375]	Alain Roger Coéfé <sup>471</sup> (GM) Dieudonné Batá (GChan) Jean Claude Nabyouré <sup>472</sup> (GS) Jean Baptiste Iboudo <sup>473</sup> (Repr der VGLvD)	JB2017
		Djibrill Yipènè Bassolé <sup>474</sup> (GM)	LOL 2014
Camarões	Grande Loge Unie du Cameroun	Albert Dooh-Collins <sup>475</sup> (SGM)	CR2008/2010
		Denis Bouallo	CR2012/2013
		Koule Njanga Theodore <sup>476</sup> (GM)	2018 <sup>477</sup>
	Grande Loge du Cameroun [222]	Pierre Moukoko Mbonjo <sup>478</sup> (GM) Henri Moubitang <sup>479</sup> (GS)	LOL 2014

<sup>465</sup> Falecido em 2015. Secretário Geral da Maersk Line no Benin.

<sup>466</sup> Ex Ministro da Justiça (statesman yearbook 1995)

<sup>467</sup> Advogado

<sup>468</sup> Posto desafiado em 2011. Adversário Eustache Kotingan

<sup>469</sup> Diretor Geral da BENINVEST ASSURANCES

<sup>470</sup> Grande Mestre Provincial em 2015. Membro do Conselho da Caisse Nationale de Sécurité Sociale e das Industries Cotonnières Associées

<sup>471</sup> Ex-Ministro do Comércio, Transportes e Comunicações.

<sup>472</sup> Membro do Lions Clube

<sup>473</sup> Biólogo, professor da Universidade Politécnica de Bobo-Dioulasso OU diplomata aposentado (homônimos?)

<sup>474</sup> Político e Diplomata. Ministro da Segurança (2000-2007) e de Relações Exteriores (2007-2008 e 2011-2014) [wiki]

<sup>475</sup> Deputado, empresário de mídia (2009)

<sup>476</sup> Ex-Presidente da Cameroon Airlines. Servidor Público de longa carreira

<sup>477</sup> <http://www.gluconline.org>

<sup>478</sup> Ministro das Comunicações (2004-2006) e das Relações Exteriores (2011-2015)

<sup>479</sup> SubDiretor da AES Sonel, diretor geral de uma empresa de consultoria em Eletricidade

<b>Congo Brazzaville</b>	<b>Grand Orient et des Loge Associées du Congo</b>	Gabriel Zambila <sup>480</sup> (TRGM)	<i>CR2008</i>	
		Noël Merlin Nkouka <sup>481</sup>	<i>CR2010</i>	
		Joseph Mana Foua (GM)	<i>CR2014</i>	
	<b>Grande Loge du Congo (696)</b>	Denis Sassou N'Guesso <sup>482</sup> (GM) Armand Moyikoua <sup>483</sup> (GS) Sébastien Souza Sayeto <sup>484</sup> Jean-Dominique Okemba <sup>485</sup>	<i>JB2017</i>	
		<b>Grand Orient du Congo Brazzaville</b>	François Gondí <sup>486</sup> (SGM)	<i>CR2008</i>
			Donatien Kivouvou <sup>487</sup> (assistente do GM)	<i>CR2010</i>
			Eric Pantou <sup>488</sup>	<i>CR2012/2013</i>
		Laurent Tengo <sup>489</sup>	<i>CR2014</i>	
	<b>Costa do Marfim</b>	<b>Grande Loge Unie de Côte d'Ivoire</b>	André Stéphane (TRG Chanc) Nuan Aliman Amichia <sup>490</sup> (GM)	<i>CR2008</i>
			Robert Mambe <sup>491</sup>	<i>CR2010</i>
Amematekpo Jacob <sup>492</sup> (GM Adj)			<i>CR2012</i>	
Joseph Kouamé Kra <sup>493</sup> (GM)			<i>CR2013</i>	
Pierre Serime Akpa <sup>494</sup> (GR Chanc Adj)			<i>CR2014</i>	
<b>Grande Loge Côte D'Ivoire (1515) [1000]</b>		Hamed Bakayoko <sup>495</sup> (GM) Michel Rosier <sup>496</sup> (GS) Ali Diomande <sup>497</sup> (Repr der VGLvD)	<i>JB2017</i>	

<sup>480</sup> Senador. Buscou a presidência da CLIPSAS

<sup>481</sup> Ministro da Economia Florestal e do Meio Ambiente

<sup>482</sup> Presidente (1979-1992 e desde 1997). Pai de Edith Bongo, falecida esposa do falecido Omar Bongo (Gabão). Sucedeu (derrubou) Pascal Lissouba, também maçom

<sup>483</sup> Reitor da Universidade Estatal Marien Ngouabi, única do país.

<sup>484</sup> Deputado.

<sup>485</sup> Vice-Almirante e sobrinho de N'Guesso - <https://www.jeuneafrique.com/306754/politique/congo-lissouba-sauve-par-son-tablier/>

<sup>486</sup> Agência de Comunicação Interface

<sup>487</sup> Diretor territorial da ADOMA

<sup>488</sup> Advogado. Ver - <http://www.congopage.com/Franc-maconnerie-Comment-Sassou-a>

<sup>489</sup> Secretário da Associação Geopolítica Africana, em Brazzaville

<sup>490</sup> Advogado. Falecido em 2012. Lista de homenagens fúnebres enorme.

<sup>491</sup> Governador de Estado

<sup>492</sup> Presidente do Conselho de Administração do Access Bank CI e Conselheiro Especial do Governador de Abidjan

<sup>493</sup> Falecido em 26/06/2017. Chefe político local.

<sup>494</sup> Administrador da SILS Technology

<sup>495</sup> Ministro do Interior (2011-2017) e da defesa (desde 2017). Wiki

<sup>496</sup> Chefe de Gabinete do Ministério do Interior

<sup>497</sup> Conselheiro da Presidência da República

		Alain Donwahi <sup>498</sup>	
		Clotaire Magloire Coffie <sup>499</sup> (GM)	<i>LOL2014</i>
<b>Gabão</b>	<b>Grande Loge Symbolique du Gabon<sup>500</sup></b>	Claude Ayo-iguendha <sup>501</sup> (SGM)	<i>CR2008</i>
		Antoine Embinga Ondounda <sup>502</sup> (SGM)	<i>CR2010</i>
		Charles René M'ba <sup>503</sup>	<i>CR2012</i>
		Augustin Adandé <sup>504</sup>	<i>CR2013</i>
		Jean-Baptiste Bikalou <sup>505</sup> (GM Adj)	<i>CR2014</i>
	<b>Grande Loge du Gabon (627)</b>	Ali Bongo Odimba <sup>506</sup> (GM) Jean-François Thardin <sup>507</sup> (GS)	<i>JB2017</i>
		Albert Alewina Chavihot <sup>508</sup> (Pro GM)	<i>LOL 2014</i>
		Maixent Accrombessi	
		Laccruche Alihanga <sup>509</sup>	
<b>Guiné Conakry</b>	<b>Grande Loge Nationale Guinéenne (450)</b>	Abdoul Kabèlè Camara <sup>510</sup> (GM) Mamady Conde <sup>511</sup> (GS)	<i>JB2017</i>
<b>Madagascar</b>	<b>Grande Loge Symbolique et Traditionelle de Madagascar</b>	Jean-Albert Andrianansolo (PGM) Léon Ramiandrisoa (GMA) Fidèle Razakazafy (GM)	<i>CR2008</i>
		Yvan Couderc,	<i>CR2010</i>
	<b>Grand Rite Malgache</b>	Michel Rakotondrainibé (SGM)	<i>CR2008</i>
	<b>Grande Loge Nationale de Madagascar (294)[232]</b>	Alain Soumoudronga (GM) Jean-Pierre Sanchis (GS) Christian Razafrindakoto	<i>JB2017 LOL2014</i>

<sup>498</sup> Grão-Mestre Provincial e ex- ministro da Defesa

<sup>499</sup> Falecido em 31/01/2017 em acidente de carro. Pompa Fúnebre contou com mensagens de Sassou NGuesso e Ali Bongo e do Presidente Alassane Outtara. <http://www.jeunefrique.com/399029/societe/franc-maconnerie-grande-loge-de-cote-divoire-perd-fondateur/>

<sup>500</sup> <https://www.glsq.info/histoire-et-organisation/>

<sup>501</sup> Diretor Geral do Banque Internationale pour le Commerce et l'Industrie. Legião de Honra da França;

<sup>502</sup> General, Cmte da Polícia Nacional

<sup>503</sup> Ex Ministro, Ex-Senador e Ex-Cacique do Partido Democrático Gabonês (governista), passou para a oposição

<sup>504</sup> Senador

<sup>505</sup> Diretor Geral da PetroGabão. Ver <http://gabonreview.com/blog/franc-maconnerie-jean-baptiste-bikalou-stop/>

<sup>506</sup> Presidente da República. Sucedeu ao pai em ambos os postos.

<sup>507</sup> Diretor Geral da *Agence nationale des bourses du Gabon*

<sup>508</sup> Autor?

<sup>509</sup> <http://fr.africatime.com/gabon/articles/gabon-les-nouveaux-hommes-du-president>

<sup>510</sup> Ministro das Relações Exteriores (2007-2008). Vice-Ministro da Defesa

<sup>511</sup> Ministro das Relações Exteriores (2004-2005 e 2006-2007)

<b>Mali</b>	<b>Grande Loge Nationale Malienne (150)</b>	Boubacar Keita <sup>512</sup> (GM) Mohamed Abdoulaye Diop <sup>513</sup> (GS)	<i>JB2017</i>
<b>Marrocos</b>	<b>Grande Loge Unie du Maroc</b>	Zakaria Mekouar (TRGM)	<i>CR2008/2010/2012</i>
		Ali Skalli	<i>CR2010</i>
		Mohamed El Khourouj	<i>CR2013</i>
	<b>Grande Loge du Maroc</b>	Larbi Saïd (T. III F) Aziz Smirès (GM)	<i>CR2008</i>
		Kamal El Fahdi	<i>CR2012</i>
	<b>Grande Loge Reguliere du Royaume du Maroc</b>	Abdelhaq Bensaad (GM) Salah Cherradi (GS)	<i>JB2017</i>
Yassine Nouini (GM)		<i>LOL2014</i>	
<b>Níger</b>	<b>Grande Loge du Niger</b>	Mamadou Talata Doula (GM) Noël Degbey (GS)	<i>JB2017</i>
<b>Senegal</b>	<b>Grande Loge du Sénégal</b>	Armand Agbogba (GM) El Hadj Ibrahima Ndao <sup>514</sup> (GS) Mar Gueye	<i>JB2017</i>
		Yerim Thiam <sup>515</sup> (GS)	<i>LOL2014</i>
<b>Togo</b>	<b>Grande Loge Nationale Togolaise (1566)</b>	Roggy Kossi Paass <sup>516</sup> (GM) Tétévi Joseph Woamede (GS) Joseph Kossi Kpelly-Hukporti Faure Gnassingbé <sup>517</sup>	<i>JB2017 e LOL2014</i>
<b>?</b>	<b>Grande Loge Traditionelle et Symbolique d'Afrique</b>	Jean-Claude Basse	<i>CR2012/2013/2014</i>

<sup>512</sup> Presidente da República desde 2013

<sup>513</sup> Ministro das Relações Exteriores desde 2014

<sup>514</sup> Presidente da Fondation Kéba Mbaye

<sup>515</sup> Procurador da República

<sup>516</sup> Ex Diretor Geral para o Togo do Banque Internationale pour l'Afrique de l'Ouest

<sup>517</sup> Presidente da República. Iniciado por Denis Sassou NGuesso